OBRAS COMPLETAS

DO

ARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO VII

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1877

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

OBRAS COMPLETAS

DO

CARDEAL SARAIVA

(D. FRANCISCO DE S. LUIZ)

PATRIARCHA DE LISBOA

PRECEDIDAS DE

UMA INTRODUCÇÃO PELO MARQUEZ DE REZENDE

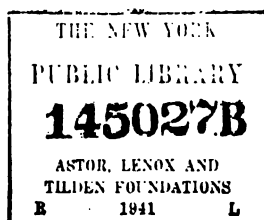
PUBLICADAS POR

ANTONIO CORREIA CALDEIRA

TOMO VII

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1877

TRABALHOS FILOLOGICOS

ESTUDOS PARA A HISTORIA DA LINGUA PORTUGUEZA

ADVERTÊNCIA DO EDITOR

O *Ensaio de alguns synonymos* agora dado á estampa na collecção das obras do Cardeal Saraiva (D. Francisco de S. Luiz) não vem tal como foi impresso em vida do Auctor. Entre os manuscriptos do venerando Prelado se encontrou hum, com o titulo de *Notas e apontamentos,* e nelle esboçados, de certo com o pensamento de enriquecer o *Ensaio* em alguma nova edição, muitos artigos que, por circumstancias que não podemos avaliar, não chegou a aperfeiçoar e polir e pôr em limpo, mas que entendemos dever dar á luz no mesmo estado em que elle os deixou, como elementos preciosos para os que de futuro emprehendão trabalhos desta natureza.

Os artigos addicionados são os que correm desde n.º 381 até o n.º 505.

Outubro de 1877.

V. D.

ENSAIO

SOBRE

ALGUNS SYNONYMOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

ENSAIO

SOBRE

ALGUNS SYNONYMOS

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PREFAÇÃO

Muito tempo ha que se deseja hum *Tratado dos Synonymos da Lingua Portugueza;* e a Academia Real das Sciencias, que com tanto desvelo promove o adiantamento da litteratura nacional, e com igual discernimento escolhe para assumpto dos seus Programmas as materias que melhor podem illustral-a, e leval-a á perfeição, já no anno de 1812 propoz este trabalho, como conducente a tão importante fim, e digno por isso mesmo das applicações dos eruditos.

Nós tomámos a empreza, não de desempenhar completamente hum assumpto tão vasto, e tão difficil; mas de apresentar á Academia hum Ensaio, sobre o qual formando ella o seu juizo, possa indicar-nos os erros e defeitos, que parecerem dignos de correcção, e dirigir-nos por este modo com as suas luzes na continuação de hum trabalho, que julgâmos ser de reconhecida utilidade.

Dizemos de *reconhecida utilidade*, porque sendo incontestavel, que os progressos da razão humana em qualquer ramo das sciencias dependem essencialmente da exacta precisão da linguagem, e que hum Diccionario bem feito

do idioma de qualquer nação, he o mais certo demonstrador do gráo de perfeição, a que tem chegado nessa nação os conhecimentos uteis; claro está, que nem aquella precisão se póde alcançar, sem serem bem determinadas as differenças, ás vezes quasi imperceptiveis, que ha entre os vocabulos reputados por synonymos; nem este Diccionario se poderá jámais dizer bem feito, sem que nelle se notem essas differenças.

As mesmas razões porém, em que se funda a utilidade deste trabalho, são de algum modo as que entre nós o fazem de mui difficil desempenho.

Temos na verdade muitos e illustres classicos, que na idade aurea da nossa litteratura escrevêrão com pureza e elegancia, e até com sufficiente perspicuidade, e nos transmittírão em seus escriptos muitas riquezas da linguagem patria: mas não tivemos então, nem temos tido até o presente abundancia de sabios que escrevessem na lingua Portugueza obras scientificas, e didacticas, em que lhes fosse necessario determinar e fixar com toda a precisão filosofica o valor e differenças dos vocabulos synonymos, e em que por esse modo nos deixassem os subsidios necessarios para o bom desempenho do nosso assumpto.

Em todos os tempos parece que a criação, ou restauração da litteratura e bellas-artes tem precedido á das sciencias severas, e exactas: e esta lei que se observa na Historia litteraria das nações sabias, abrangeo tambem ao nosso Portugal.

Melhorou-se nos reinados dos Senhores D. Manoel e D. João III a nossa lingua: cultivou-se com grande esmero a poesia nacional, a eloquencia, a historia, e outros ramos de litteratura; mas as sciencias que costumâmos chamar maiores, ficárão no misero estado, em que então se achavão geralmente em toda a Europa; e os progressos, que logo depois começárão a fazer em algumas nações

cultas, não podérão superar os redobrados obstaculos, que em Portugal se poserão á sua introducção.

Assim, a lingua ganhou muito na abundancia de vocabulos, na regularidade das fórmas, na harmonia dos sons, e na flexibilidade a todos os estilos: mas mui pouco ou nada adquirio na exacção, e precisão filosofica: porque nem a verdadeira arte de pensar era ainda cultivada, ou pelo menos conhecida, nem a sua intima, e necessaria ligação com a arte de falar, e escrever era demonstrada, como depois o foi pelos esforços e immortaes trabalhos de Lock e Condillac.

Os nossos classicos pois não conhecendo as incomparaveis vantagens da analyse no estudo das faculdades intellectuaes, e de quaesquer outros humanos conhecimentos, nem julgando de absoluta necessidade para a belleza de seus escriptos essa apurada precisão dos vocabulos, em que consiste o principal instrumento da mesma analyse, empregárão as mais das vezes promiscuamente as palavras, que no uso vulgar se tinhão por synonymas, e quasi nos não deixárão soccorro algum para bem determinarmos as suas differenças. E esta foi a maior difficuldade que encontrámos na execução do nosso projecto, e que por certo não achárão em igual grão os que quizerão fazer tão util serviço á lingua Franceza, Ingleza, e Latina.

Debalde para remediarmos esta penuria nos lembrariamos de recorrer aos nossos Diccionarios antigos, ou modernos. A mais ligeira reflexão, que sobre elles se faça, basta para mostrar-nos, quanto seus auctores menosprezárão esta importantissima parte do trabalho, aliàs difficil e arduo, a que consagrárão seus estudos. O mesmo douto compilador de Bluteau, de quem poderia esperar-se mais alguma cousa, e cujo merecimento se não deve jàmais desconhecer, foi tão descuidado neste ponto, que a cada passo encontrâmos nelle vocabulos definidos, ou ex-

plicados huns pelos outros, omittindo totalmente as differenças, ás vezes bem sensiveis, que os caracterizão, e que distinguem as suas significações.

No meio pois desta quasi absoluta carencia de subsidios, que facilitassem o nosso trabalho, eis-aqui o methodo com que procedemos na composição dos artigos, de que consta este Ensaio.

Quando nos classicos de melhor nota achámos expressamente definida a differença de duas ou mais palavras havidas por synonymas, essa auctoridade nos bastou, quasi sem mais exame, para adoptarmos a indicada differença: mas rarissimas vezes tivemos a satisfação de encontrar tão boa e segura guia.

Nos outros casos fizemos extensas analyses dos lugares extrahidos dos nossos bons escriptores, aonde parecia empregarem-se differentes vocabulos com identica significação, ou se contrapunhão huns aos outros, ou se notavão dous ou mais synonymos dispostos em certa gradação, correspondente á differença das idéas, ou sentimentos, que se querião exprimir. E fazendo sobre estas analyses a mais séria reflexão, comparámos o seu resultado, quando nos foi possivel, com a raiz, e etymologia da palavra, que queriamos definir: examinámos as particulas componentes, ou terminativas, e a sua particular força e energia: conferimos os vocabulos semelhantes das linguas analogas, especialmente da Latina, Hespanhola, Franceza, e Italiana: observámos o uso vulgar até das pessoas indoutas, em cuja linguagem se conservão muitas vezes as significações mais primitivas (se assim podemos dizer) e mais originaes: e consultámos finalmente alguns Tratados de synonymos Latinos e Francezes, que tinhamos á mão: formando sobre todos estes fundamentos o nosso juizo, ainda assim não poucas vezes receoso e perplexo.

Quando entendemos que a significação das palavras,

de que tratavamos, correspondia exactamente á significação de outras semelhantes da lingua Franceza, não duvidámos fazer o extracto do proprio artigo, e ás vezes até copial-o formalmente das excellentes obras de Mrs. Girard, e Roubaud, ou de outros escriptores daquella nação, que no mesmo assumpto trabalhárão: e como não julgâmos conveniente á brevidade, nem necessario, notar isso em cada artigo, assim o declarâmos aqui, para que ninguem nos accuse de plagiario, ou de pouco agradecido a quem com a sua riqueza auxiliou o nosso zelo: pois ingenuamente confessâmos, que mui poucas cousas deste Ensaio são propriamente nossas, salvo o trabalho de as arranjarmos, e applicarmos opportunamente a bem da linguagem patria, á qual por suas excellentes qualidades temos a mais estremada affeição.

He bem de crer, que com quanta diligencia empregámos em aperfeiçoar os poucos artigos deste Ensaio não tenhamos a fortuna de merecer em todos elles a approvação dos eruditos: mas quem seriamente reflectir na difficuldade da empreza, na extrema delicadeza e apurado gosto, que ella demanda, e no estado actual da nossa lingua, por certo nos julgará com indulgencia, e talvez achará ainda alguma cousa que nos agradecer. Isto será bastante para animar-nos a continuar o nosso trabalho cada vez com mais desvelo, e com a assiduidade, que as nossas circumstancias nos permittirem.

Na disposição dos artigos não tivemos por necessario seguir a ordem alfabetica; porque não podendo ella verificar-se senão na primeira palavra de cada artigo, pouca ou nenhuma vantagem offerecia ao leitor. Com os dous indices, que vão no fim do Ensaio, suprimos sobejamente o que nisto se poderia considerar de defeituoso.

Finalmente em alguns artigos achará porventura o leitor, que omittimos hum ou outro vocabulo synonymo dos que ahi se explicão. Esta omissão, quando por nós

advertida, nasceo de não sabermos atinar com a verdadeira differença especifica desse vocabulo omittido. Mas se huma falta de tal natureza faz o artigo imperfeito, não faz comtudo menos verdadeiras, nem menos exactas as significações dos vocabulos explicados; e aliàs poderá talvez corrigir-se nos seguintes Ensaios, nos quaes esperâmos que se vá cada vez mais facilitando, e ao mesmo passo apurando o nosso trabalho.

ENSAIO

SOBRE ALGUNS SYNONYMOS DA LINGUA PORTUGUEZA

1

Homem — Varão

Homem exprime propriamente o individuo masculino da especie humana; aindaque ás vezes se toma por toda a especie, sem attenção á differença dos sexos. (He o latim *homo.)*

Varão he o *homem,* que tem valor e virtude; que tem *hombridade.* (Latim *vir.)*

He proprio do *homem* ter paixões, e sentir os seus effeitos: mas o que he *varão* sabe dominal-as, e regel-as.

Arraes, Dial. 9.º, cap. 2.º *Se os* homens *tivessem hum pouco de coração, e fossem* varões, *não temerião a morte.*

Vieira, *Palavra do Prégador empenhada,* &c., § 6.º: *Este mesmo nome* (de varão) *não só significava o sexo, senão tambem o juizo, o valor, a experiencia, e todas as outras qualidades, de que se compõe hum heroe perfeito.*

Non sentire mala sua, non est hominis: *non ferre, non est* viri. (Seneca.)

2

Convicção — Persuasão

A *convicção* dirige-se directamente ao entendimento. A *persuasão* á vontade.

Convencer he reduzir alguem por provas evidentes a reconhecer huma verdade; a não poder negal-a.

Persuadir he determinar alguem a querer, ou a praticar alguma cousa.

Pela *convicção* ficâmos conhecendo claramente a verdade, ou o bem, que se nos propõe. Pela *persuasão* ficâmos movidos e determinados a amar, ou a praticar o que se nos insinua.

A *convicção* he filha só da razão: a *persuasão* depende mais da sensibilidade.

Para produzir a *convicção* basta conhecer bem as relações de huma idéa, de hum facto, ou de huma acção com a verdade, isto he, com os principios; e expor essas relações com precisão, e clareza. Para produzir a *persuasão* basta conhecer as relações, que tem o objecto, de que se trata, com as propensões, interesses, e paixões da pessoa, a quem se fala; e expor essas relações com força, vivacidade, e calor.

A primeira requer o completo conhecimento da materia, e hum juizo solido e profundo. A segunda demanda hum cabal conhecimento do coração humano, e a arte de excitar a sua sensibilidade.

Da união destes dous modos de considerar os objectos he que resulta a divina eloquencia.

Se falta o primeiro, o discurso não terá solidez, e *persuadirá* sem *convencer*. Se falta o segundo, o discurso será desanimado e frio, e *convencerá* sem *persuadir*.

3

Velho—Antigo

Velho refere-se á idade individual da pessoa, ou cousa de que falâmos, e diz-se de tudo aquillo, que tem muitos annos de existencia; que, no seu genero, está em idade adiantada, e talvez não longe do termo da sua duração. Assim, he *velho* o homem que conta setenta ou oitenta annos de idade: he *velho* o vestido, que está gastado do uso: he *velho* o edificio, que tem largos annos, e talvez ameaça ruina, &c.

Antigo refere-se a hum tempo passado, indefinidamente remoto da nossa idade, e diz-se de tudo aquillo, que he, ou parece ser dos seculos passados, do tempo de nossos avós, sem respeito á idade individual do sujeito. Assim chamâmos *antigo* o homem, qualquer que seja a sua idade, quando elle vive, procede, e traja á maneira de nossos avós, e professa a simplicidade e singeleza dos tempos passados. Chamâmos Portuguezes *antigos* os que nos precedêrão hum ou mais seculos: *antigos* monarcas os das primeiras idades da monarquia: *antigos* homens os das primeiras idades do mundo, ou de quaesquer outros tempos remotos da nossa idade, &c.

A *velho* oppõe-se *novo*: a *antigo* oppõe-se *moderno*.

Cicero era mais *velho* que Virgilio, porque vivendo no mesmo tempo, tinha mais idade que elle. Aristoteles he mais *antigo* que Cicero e Virgilio, porque viveo em hum seculo mais remoto da nossa idade, que elles ambos.

4

Velho—Ancião

Velho exprime simplesmente o homem, que tem chegado á idade da velhice.

Ancião ajunta á idéa de *velho* a de auctoridade: he o velho respeitavel, e digno de veneração pela sua sabedoria, e probidade.

5

Quietação — Repouzo — Descanço — Tranquillidade — Socego Paz — Serenidade

Quietação exprime a carencia de movimento.

Repouzo he a cessação de movimento.

Descanço he a cessação de movimento, ou trabalho, que causou fadiga, ou molestia.

Tranquillidade exprime hum estado isento de toda a perturbação, ou agitação.

Socego exprime a *tranquillidade* subsequente ao estado de perturbação, ou agitação.

Paz he o estado de *tranquillidade* a respeito de inimigos, que podem perturbar-nos, ou inquietar-nos.

Serenidade he a tranquillidade, que reluz no exterior; que se mostra nas apparencias.

Falando do homem, *quietação, repouzo,* e *descanço* dizem respeito mais immediato ao corpo: *tranquillidade, socego,* e *paz* referem-se mais propriamente ao espirito: e *serenidade* exprime o estado do espirito, manifestado no semblante, e nas mais apparencias.

Assim, hum homem está em *quietação,* quando se não move: está, ou fica em *repouzo,* quando cessou de fazer movimento: e está ou fica em *descanço,* quando cessou de fazer algum movimento, ou trabalho, que lhe causou fadiga, e cançaço.

Hum homem está *tranquillo,* quando nada perturba ou agita o seu espirito: está ou fica em *socego,* quando depois de perturbado e agitado recobra a sua *tranquillidade:* está em *paz,* quando nenhum inimigo o inquieta: está em *serenidade,* quando o seu semblante, e toda a

sua continencia mostra a *tranquillidade* do seu espirito, e a *paz* do seu coração: quasi da mesma sorte que dizemos estar o ceo *sereno*, quando nas suas apparencias indica não haver perturbação, ou agitação dos elementos.

Póde finalmente o homem estar em *quietação, repouzo,* ou *descanço,* sem gozar *tranquillidade;* e póde viver *tranquillo* no meio dos trabalhos e fadigas.

Mas todos estes vocabulos se applicão tambem ás cousas, e não só ao homem. Assim dizemos que hum corpo está em *quietação, repouzo,* ou *descanço:* e dizemos que o mar está *tranquillo,* que o vento *socegou,* que a republica está em *paz,* que o ceo está *sereno,* &c.

6

Outro – Outrem

Outro diz-se indifferentemente das pessoas, e das cousas. *Outrem* sempre se diz das pessoas.

Outro tem as fórmas adjectivas, e deve por isso mesmo ter claro, ou subentendido hum nome substantivo, a quem se refira a sua significação: v. gr., vi *outro homem:* plantei *outra arvore:* liguei hum metal com *outro,* &c.

Outrem não precisa de nome algum, que o determine, porque elle mesmo leva subentendido o substantivo *homem,* e até parece ser huma contracção de *outro homem.* Assim dizemos, por exemplo, qual de nós tem razão, *outrem* o julgará: quando eu cheguei, já *outrem* tinha tomado o lugar: vós dizeis isso, e *outrem* dirá o contrario, isto he, *outro homem*; *outra pessoa.*

Outro usa-se em ambos os numeros: *outrem* só no singular.

A mesma differença respectiva ha entre *algum,* e *alguem; nenhum,* e *ninguem,* como entre os vocabulos latinos *nemo,* e *nullus.*

7

Documento — Monumento

O *documento* ensina: o *monumento* avisa.

O primeiro instrue, descreve, conta circumstanciadamente, e talvez prova: o segundo dá noticia, traz á lembrança, excita a idéa, aponta o facto.

Para o *documento* he necessaria a escriptura, e essa com alguma extensão. Para o *monumento* basta hum sinal, e se he acompanhado de escriptura, esta deve ser concisa.

Os fastos, chronicas, diplomas, cartas, &c., são *documentos:* as pyramides, as columnas, os obeliscos, os mausoléos, os templos, as medalhas, as lapidas, &c., são *monumentos.*

8

Palavra — Vocabulo — Termo — Expressão

Palavra he em geral a expressão do estado da alma por meio de sons articulados. O homem he o unico entre os animaes, que tem o dom da *palavra,* isto he, a faculdade natural de exprimir os differentes estados da alma por meio de sons articulados. E neste sentido he que os antigos chamavão *animaes mudos* a todos os irracionaes, e reputavão a faculdade de *falar,* como caracter essencial, e distinctivo do homem.

Vocabulo he o som simples ou articulado, com que o homem exprime os differentes estados da sua alma, segundo a *lingua,* em que fala. A *palavra* he natural e commum a todos os homens: o *vocabulo* he particular de cada lingua, nação, ou povo.

Termo he o vocabulo proprio da sciencia, arte, ou dis-

ciplina, de que se trata: he o vocabulo que convem a essa sciencia, arte, &c. Assim, v. gr., *salso argento* são *termos* poeticos, que dizem o mesmo que o vocabulo commum *mar*. O Ethna, porque vomita o fogo, diz-se poeticamente *ignivomo*: *polygono* he *termo* geometrico: *baluarte* he *termo* de fortificação: *arabesco* he *termo* da arte de pintura, &c.

Expressão refere-se mais particularmente ao *modo*, com que declarâmos os differentes estados da alma por meio dos vocabulos; he huma qualidade dos mesmos vocabulos, e póde ser energica, viva, brilhante, picante, nobre, &c. Hum objecto serio e grave pede *expressões* decentes, e nobres: hum objecto ridiculo pede *expressões* comicas e burlescas: na conversação ordinaria servimonos de *expressões* familiares, e singelas, &c.

Em summa: o dom da *palavra* he commum a toda a especie humana; mas cada nação ou povo tem huma collecção de *vocabulos*, que constituem a sua lingua particular; e em cada lingua ha *termos* que são proprios das sciencias, artes, officios, &c. Porém qualquer que seja a lingua, materia, ou estilo, em que falâmos, convem que as *expressões* sejão claras, precisas, justas, energicas, &c.

A pureza da linguagem demanda *vocabulos* auctorisados pelo uso. A precisão, e justeza requer que se empreguem os *termos* proprios da materia de que se trata. A belleza e elegancia depende da graça, energia, nobreza e vivacidade das *expressões*.

9

Precisão — Abstracção

Estes dous vocabulos, no sentido em que se podem considerar como synonymos, convem na noção generica indicada pela sua propria etymologia, e exprimem huma

separação feita pelo espirito, quando considera os objectos de suas idéas. Mas *precisão* exprime particularmente a separação intellectual de tudo o que he estranho ao objecto, para o considerar só por só, na sua justa totalidade, sem confusão, e sem mistura com outro algum: e *abstracção* exprime a separação intellectual de cousas, que na realidade são inseparaveis, attendendo o espirito sómente a huma parte do objecto, que quer considerar, como se delle estivesse separada.

A *precisão* he ordinariamente hum dom da natureza: o seu effeito he a exacção, a clareza das idéas.

A *abstracção* he fructo da applicação, e do estudo: hum dos seus principaes effeitos he generalizar as idéas, e classificar os objectos da sciencia humana, por meio de huma nomenclatura simples e regular.

A *precisão* considera o objecto tal como elle he, separando tudo o que he estranho, ou inutil ao seu conhecimento: leva-nos directamente á verdade; e he por isso mesmo huma qualidade do espirito tão util no estudo das sciencias, como no trato da vida.

A *abstracção,* attendendo a huma só parte, qualidade, ou modificação do objecto, forma hum mundo ideal, a que não corresponde a realidade das cousas, e aindaque por este modo faz mais ampla a extensão do espirito, e descobre algumas vezes verdades uteis; tambem outras vezes dá occasião a erros de grande consequencia, e póde ser nociva tanto para o conhecimento da verdade, como para a direcção dos negocios da vida social.

10

Branco — Alvo — Candido

Branco significa generica e precisamente o que tem côr branca, sem determinar especie alguma, ou gradação

de *brancura*. Assim dizemos papel *branco*, cal *branca*, *branco* rosto, *branca* neve, *branco* leite, &c.

Alvo parece que exprime o *branco* mais vivo, formoso, e talvez brilhante: e por isso dizemos *alva* neve, rosto *alvo*, roupas *alvas* como neve, o *albor* do dia, isto he, a primeira claridade da aurora, nitida *alvura*, &c.

Candido parece mais proprio para significar o branco puro, doce, agradavel; o branco que não fere os olhos. Assim dizemos *candida assucena, candido jasmim;* e no sentido figurado, alma *candida*, isto he, singela, innocente, simples, sem nodoa; coração *candido*, isto he, puro, sincero; *candideza* de pomba, isto he, innocencia, singeleza, simplicidade, &c.

Branco e *alvo* sómente se usão no sentido fysico e proprio: *candido* emprega-se as mais das vezes no translato e moral.

11

Variação — Variedade

Variação exprime mudanças successivas no mesmo sujeito. (Latim *variatio.)*

Variedade exprime multidão de sujeitos com differença, ou diversidade entre si. (Latim *varietas.)*

Ha infinitas *variedades* de caracteres nos homens; mas algumas vezes até no mesmo homem se nota huma frequente *variação* de caracter.

A legislação de hum povo he sempre sujeita a frequentes *variações*. Nas differentes especies da natureza observão-se muitas *variedades*.

Todas as linguas se compõem de huma grande *variedade* de vocabulos; mas estes não são sempre os mesmos, porque o progresso das sciencias, a invenção ou aperfeiçoamento das artes, o augmento das relações de todo o genero, e mil outras causas estão a cada passo produzindo

huma continua *variação* no numero, na composição, e nas fórmas dos mesmos vocabulos.

12

Scepticismo – Pyrrhonismo

Scepticismo he hum systema de filosofia (se este nome se lhe póde dar) que nada affirma.

Pyrrhonismo he hum systema de filosofia, que tudo nega.

O *scepticismo* suspende o juizo sobre todos os objectos. O *pyrrhonismo* affirma positivamente a incerteza universal.

Hum e outro systema encerra em sua propria natureza o principio da sua destruição; porque ambos são mais ou menos dogmaticos. A razão não póde combater a razão, senão empregando o raciocinio, e todo o raciocinio suppõe principios, e suppõe a certeza das regras da logica.

O *sceptico,* se quizer ser consequente, deve ao menos reconhecer o facto primitivo da consciencia; porque o proprio acto da suspensão do juizo sobre todos os objectos he inintelligivel sem a distincção do *eu* que suspende o juizo, e dos objectos, a cujo respeito o suspende.

O *pyrrhonico* ainda he mais contradictorio comsigo mesmo; porque pretende destruir a razão com raciocinios: affirma com certeza, que nada ha certo: esta duvida absoluta e universal envolve necessariamente o dogmatismo.

Se nos he permittido neste lugar indicar as differentes paixões, que tem dado origem a esta estranha filosofia, diremos com o grande filosofo, que nos subministrou este artigo, que o empenho de abalar as verdades da fé, exagerando os foros da razão; ou de firmar o imperio das primeiras, calumniando a segunda—o egoismo sen-

sual, que concentra o espirito na materia; ou o egoismo contemplativo, que se esvaece em sonhos misticos — o orgulho do saber; ou a vaidade de affirmar paradoxos — e finalmente a reacção contra o despotismo da filosofia dogmatica, tem sido quasi sempre as verdadeiras origens do *scepticismo*, e do *pyrrhonismo*, nas differentes épocas da sua existencia, ou renovação.

13

Mulher – Dona – Dama – Matrona

Mulher refere-se ao sexo, e exprime o individuo feminino da especie humana, a femea do homem. Consequentemente se applica para significar as que já chegárão á puberdade, das quaes dizemos, que já são *mulheres*, e tambem, como por excellencia, ás cazadas.

Dona diz tanto como *mulher senhora*. He derivado da raiz *dom*, *dum*, ou *don*, que exprime toda a idéa de elevação, superioridade, dominação, &c., e donde vem, em todos os idiomas, longas familias de vocabulos. Pelo que se extendeo a significação de *dona* a todas as mulheres, que são caracterisadas por algum titulo de superioridade, respeito, &c., como ás cazadas, viuvas, religiosas, idosas, &c. (Vej. *Historia de S. Domingos*, part. 1.ª, liv. 5.º, cap. 22.º, e *Monarquia Lusitana*, part. 5.ª, liv. 16.º, cap. 55.º)

Leitão, *Miscellanea*, dial. 1.º, pag. 29: *Porque o tributo era de donzellas, e não de* donas, *que nunca se disserão moças donzellas, senão mulheres* cazadas, *ou* viuvas, *ou* religiosas, *e não mininas.*

Camões, *Lusiadas*, cant. 7.º, est. 49.ª:

> *Estão pelos telhados e janellas*
> *Velhos e moços,* donas *e donzellas:*

aonde parece, que *donas* e *donzellas* do segundo hemistichio tem a mesma significação respectiva que *velhos* e

moços do primeiro. E daqui entendemos que a significação, que depois se deo ao vocabulo *dona*, tomando-o por mulher *que já conheceo varão*, foi huma significação secundaria, ou accessoria, empregada sem duvida, por eufemismo.

Dama tem a mesma origem que *dona*, e falando propriamente, dá-se-lhe a mesma significação de *mulher senhora*, ou *mulher nobre*. Neste sentido dizemos ainda hoje *damas do Paço, damas da Rainha*, &c., e no mesmo sentido o tomou D. Francisco Manoel nos *Apologos*, pag. 277, dizendo: *Aquellas quatro carroças são* de damas *e* senhoras, *que antigamente se chamavão* donas. Mas assim como *dona* se applicou depois para significar *mulher não virgem*; assim tambem *dama* tomou huma significação accessoria, com a qual se exprimia a *mulher nobre, decentemente galanteada e servida pelo seu namorado*, quando os costumes Portuguezes toleravão esta pratica derivada das leis, e usos da Cavallaria. Depois se usou para significar, ainda mais em geral, *mulher, com quem se tratão amores*. Nesta accepção parece que empregou este vocabulo o mesmo D. Francisco Manoel na *Carta de Guia*, pag. 25 verso, aonde diz: *Quem soube desmentir os ciumes de sua* dama, *quando a teve, por esse mesmo modo desminta os de sua mulher, quando a tenha*. E em outro lugar, pag. 9 verso: *Aquelle amor cego fique para as* damas, *e para as mulheres o amor com vista*.

Matrona diz-se, com toda a propriedade, da mulher, mãi de familias, que he juntamente honesta, como cumpre ao seu estado.

14

Esposo – Marido

Esposo he propriamente o que está promettido para cazar: o que empenhou a sua fé para cazar com huma mulher. *Marido* he o que já está cazado.

Esposo exprime tão sómente a fé, ou fidelidade promettida, o ajuste social, e o vinculo, união, e obrigação, que dahi resulta. E por isso he este vocabulo o unico, que se emprega no sentido espiritual, quando, v. gr., se diz que Jesu-Christo he *esposo da Igreja,* ou *esposo das almas puras.*

Marido designa o estado, e refere-se á virilidade, isto he, aos direitos e superioridade que tem o homem cazado a respeito de sua mulher.

A *esposo* corresponde *esposa,* como hum conjuncto a outro. A *marido* corresponde *mulher,* como a femea ao varão.

15

Occasião – Opportunidade – Conjuncção – Azo

Occasião he a sorte ou caso, que se nos offerece, e de que podemos lançar mão.

Opportunidade he occasião que vem a tempo, ou em lugar conveniente.

Conjuncção he a concurrencia simultanea de circumstancias, v. gr., de tempo, lugar, e disposição de cousas, propria, ou impropria para algum fim.

Azo he occasião commoda, apta, geitosa.

A *occasião,* e *conjuncção* podem ser boas ou más, proprias ou improprias para o que se intenta. A *opportunidade,* e *azo* sempre são a proposito, a geito, a tempo, e em lugar commodo, &c.

16

Rei – Monarca – Principe – Potentado – Imperador

Attendendo ás etymologias destes vocabulos, *rei* he o que rege, dirige, e guia, mandando. *Monarca* he o que governa só, sem ter outrem, que participe com elle do

governo. *Principe* he o primeiro á frente, o cabeça, o chefe. *Potentado* he o que tem hum grande poder, isto he, auctoridade acompanhada de força, sobre huma grande extensão de territorio. *Imperador* he o que manda, e se faz obedecer.

Rei designa propriamente o officio, que he dirigir, reger, e conduzir os povos, que lhe são sujeitos. *Os* reis (diz Arraes, Dial. 5.º, cap. 1.º) *para* reger *e fazer bem a todos subirão ao regno, e de* reger *tomárão o appellido... o que com justiça* rege, *e se* rege, *esse he verdadeiro* rei.

Monarca exprime a especie de governo. O *rei* não he *monarca,* quando os poderes politicos se achão repartidos. Em Lacedemonia havia dous *reis,* e nenhum delles era *monarca,* nem o governo daquella republica era *monarquico.*

Principe refere-se ao lugar e graduação, e exprime propriamente aquelle que he primeiro, que tem o primeiro lugar, que está á frente da classe, &c. O *rei* ou *monarca* tem o primeiro lugar a respeito de toda a nação, e por isso se chama tambem *principe.* O herdeiro da corôa tem o primeiro lugar entre os filhos do rei, e entre todos os subditos, e por isso se lhe dá a mesma denominação. Os chefes perpetuos de hum pequeno povo tambem se chamão *principes.* E finalmente chamâmos *principes* dos poetas, dos oradores, dos filosofos aquelles, que pela opinião geral são tidos como primeiros em merecimento entre os da sua classe.

Potentado he o que tem grande poder, e este poder resulta da auctoridade suprema unida com as forças de hum grande estado. Não basta ser *monarca* para se poder chamar *potentado:* he necessario ser *monarca* muito poderoso, relativamente aos outros da mesma denominação.

Finalmente *imperador*, que entre os Romanos significava simplesmente hum chefe militar, designa hoje, ou hum *principe* grande pela vastidão de seus dominios, ou

hum *principe* grande pela sua vasta supremacia. No primeiro sentido he *imperador*, v. gr., o da Russia, ou o da Turquia; no segundo o de Allemanha. Os primeiros são *potentados* que dominão sobre vastos estados. O segundo he hum grande *principe*, que he juntamente chefe de huma grande confederação de *principes* e *reis*.

17

Inveja — Ciume

Inveja he hum sentimento penoso, causado pelo bem, que outrem possue.

Ciume he hum sentimento penoso causado pela pretenção que outrem tem, ou receâmos que tenha, de possuir hum bem, que julgâmos nosso, ou que aspirâmos a gozar exclusivamente.

A *inveja* he mais geral, que o *ciume*. Afflige-se do bem alheio, aindaque não possa pretendel-o, nem aspirar a elle, nem dahi lhe venha mal algum.

O *ciume* he mais limitado na sua extensão, e sómente domina aquelles, que pretendem, ou podem pretender a posse do mesmo objecto.

A *inveja* he hum sentimento baixo, e abjecto; he o tormento das almas vis: tudo o que póde servir de alguma utilidade, ou vantagem aos outros a irrita, como se o bem alheio fosse mal seu!

O *ciume* tem huma origem menos ignobil: nasce do orgulho, isto he, da idéa vantajosa, que cada hum tem da superioridade do seu merecimento; e olha como inimigo o competidor, que lhe disputa essa superioridade.

A *inveja* róe e consome em segredo o coração que a nutre: envergonha-se da sua propria baixeza, e não ousa apparecer em publico a cara descoberta.

O *ciume*, como he menos vil, não teme manifestar-se

de hum modo sensivel e publico: rompe muitas vezes com impeto, e os seus effeitos são mais estrondosos, e talvez mais funestos.

18

Segurança – Seguridade

Segurança diz-se das pessoas e das cousas (em Francez *sûreté).*

Seguridade sómente se diz das pessoas, e refere-se ao estado do espirito (em Francez *sécurité).*

Segurança exprime a effectiva carencia de perigo, quando não existem, ou estão removidas as causas delle.

Seguridade exprime a tranquillidade de espirito, nascida da confiança que se tem, ou da opinião em que se está, de que não ha perigo.

Póde o homem estar em *seguridade,* quando a sua *segurança* está ameaçada, e ao contrario. E póde huma cidade estar em grande perigo, e consequentemente sem *segurança,* quando os seus habitantes estão em plena *seguridade.*

19

Ronda – Patrulha

Ronda he de gente de pé. *Patrulha* he de gente de cavallo.

D. Francisco Manoel, *Epanaphora Bellica 4.ª*, pag. 472: *A cavallaria do partido de Bargantinhos, pouca e mal armada, como lhe era possivel, fazia a* patrulha *da campanha: com tal nome, que funda em alguma origem estrangeira, quizerão os militares notar a differença da ronda de cavallaria á dos infantes.*

Tambem se chama *ronda,* e não *patrulha,* a das justiças (gente de pé) que andão pela cidade, villa, ou lugar,

para evitar disturbios, e manter a segurança dos habitantes.

20

Paralogismo — Sofisma

Paralogismo he hum raciocinio falso, ou huma argumentação viciosa, que se faz por erro do entendimento.

Sofisma he huma argumentação falsa, que se faz de proposito, maliciosamente, e com artificio, para enganar. He propriamente huma argumentação capciosa e insidiosa.

O *paralogismo* emprega talvez principios falsos como verdadeiros, ou proposições incertas como demonstradas; e talvez erra no modo de deduzir as consequencias: mas quem faz *paralogismos* engana-se a si, antes de enganar os outros: cuida, por erro, que discorre bem, e que tem achado a verdade.

O *sofisma* arranja com tal artificio os principios, os termos das proposições, e a ordem do discurso, que vem a tirar consequencias falsas. Mas quem usa do *sofisma* quer de proposito enganar os outros.

O *paralogismo* nasce dos nossos erros: he hum effeito da fraqueza do entendimento humano.

O *sofisma* nasce da malicia, e má intenção: he hum effeito do interesse que temos de enganar e illudir aquelles a quem falâmos.

21

Aguardar — Esperar

Aguardar he estar á espera. (Latim *exspectare;* Francez *attendre;* Italiano *aspettare.)*

Esperar he ter esperança. (Latim *sperare;* Francez *esperer;* Italiano *sperare.)*

Aguardar he estar olhando, estar em expectação, se vem, ou não, alguem, ou alguma cousa, que ha de vir, ou deve vir, ou que se presume que virá: estar disposto e preparado para receber essa pessoa, ou cousa.

Esperar he aguardar algum bem que desejâmos, e que julgâmos que alcançaremos.

Aguardâmos os successos da vida, e *esperâmos* que a Providencia os encaminhe á nossa felicidade. *Aguardâmos* o momento em que havemos de começar alguma empreza, e *esperâmos* que o seu exito seja feliz. *Aguardâmos* huma pessoa ausente que deve vir, e *esperâmos* que nos traga boas novas.

Hum accusado *aguarda* a sua sentença, e *espera* que ella seja favoravel.

O filosofo *aguarda* a morte, sem a desejar nem a temer. O filosofo christão *espera* huma morte santa, qual a deseja, &c.

Duarte Nunes de Leão, *Origem da lingua Portugueza*, cap. 7.º: «Usâmos (diz) da palavra *sperar* por *expectare*, havendo de huma á outra muita differença; porque *sperar* denota aquella paixão, ou affecto do animo, que he *spes*, que segundo Marco Tullio he *aguardar por algum bem*, e o outro he *aguardar olhando* por alguma cousa, se vem, ou não, e diz-se de *ex*, e *specto, as*, porque quando *aguardâmos* por alguma pessoa, costumâmos olhar se vem».

22

Cara — Rosto — Semblante — Face — Vulto

Cara significa a parte dianteira da cabeça do homem, e de alguns animaes brutos, a qual se compõe de fronte, olhos, nariz, faces, bôca, &c.

Rosto tem huma significação mais ampla, e parece exprimir em geral a parte dianteira, que he juntamente a mais saliente, ou a que mais apparece, ou primeiro se

adverte, tanto no homem, como em outros objectos. Assim dizemos o *rosto* do homem, isto he, a *cara*; o *rosto* do cabo, o *rosto* da ilha, isto he, a parte do cabo, da ilha, mais saliente ao mar, e que primeiro apparece, e se nota; o *rosto* da cidade, isto he, a frente da cidade que primeiro se offerece ao espectador, &c.

Semblante, he a *cara*, ou *rosto* do homem, quando nelle apparece o estado da alma, a expressão dos affectos e paixões. Neste sentido o tomou João Franco Barreto na *Eneida Portugueza*, liv. 6.°, est. 11.ª, quando disse:

> .... *Nisto o* sembrante
> *Se lhe trocou do* rostro *peregrino*;

e Francisco de Moraes no *Palmeirim*, part. 1.ª, cap. 18.°: «*A barba grande e crescida, a pessoa grave, e no* sembrante do rostro *reprezentava tristeza e vida descontente*»; e no cap. 35.°: «*Huma donzella ... vestida de negro, e o* sembrante do rostro *triste*», &c.

Por onde não diriamos com propriedade: *mantêm-se o homem com o suor do seu* semblante; mas sim *do seu rosto; faz afronta á pessoa honrada e de bom entendimento, quem a louva em seu* semblante, mas sim *em sua cara*, em seu *rosto*, isto he, em sua presença.

Tambem analogamente se diz *semblante*, quando falâmos de animaes brutos, em cujo aspecto se pinta o brio, a *braveza*, a *ferocidade*, &c., e deste modo se expressou Camões nos *Lusiadas*, cant. 6.°, est. 61.ª, quando disse:

> *Mastigão os cavallos escumando*
> *Os aureos freios com feroz* semblante.

Face significa propriamente aquella porção da superficie dos objectos, que está voltada para nós, que está defronte de nós, ou á vista dos nossos olhos, e neste sentido geral dizemos a *face* do espelho, a *face* da lua, a *face* do ceo, a *face* do dado, &c. E daqui vem tomar-se, falando do homem, pelo *rosto*, ou mais em particular pela

porção do *rosto,* que desce dos olhos até á barba, ou ainda mais determinadamente pela maçãa do *rosto.* Mas assim como *semblante* he o termo que se emprega com mais propriedade, quando nos referimos á expressão das paixões; assim *face* tem seu particular uso, quando queremos falar das côres, e de outras propriedades, que se percebem pela superficie, ou na superficie dos corpos, e por isso dizemos *face* bella, *faces* córadas, rosadas, *face* pallida, desmaiada, &c.

Vulto parece exprimir o relevo do corpo humano; o seu volume figurado, ou determinado pelos contornos, que lhe são proprios. Neste sentido dizemos: vi hum *vulto,* afigurou-se-me *vulto* de homem, imagem de *vulto,* &c. Toma-se comtudo algumas vezes, na sua significação Latina, por *semblante:* mas *semblante* he mais expressivo, e muito mais proprio.

23

Firmeza – Constancia

Firmeza exprime a qualidade do homem, que segue com coragem os seus designios, e resoluções, quando fundadas em huma razão justa.

Constancia exprime a qualidade do homem, que tem permanencia nos seus gostos, e nos sentimentos do seu coração.

O homem *firme* despreza, ou vence os obstaculos, e difficuldades que se lhe oppõem: resiste ao temor e á esperança: não se deixa dobrar, nem abalar de forças estranhas, nem da violencia, e seducção das proprias paixões. A sua coragem o anima, e sustenta, e o conduz ao fim, que huma vez julgou razoavel.

O homem *constante* não he demovido dos seus gostos por objectos novos: segue sempre, e até ás vezes de seu máo grado, as mesmas inclinações do seu coração: não muda de affectos.

A *firmeza* suppõe huma razão vigorosa, e hum caracter energico. A *constancia* não exclue hum espirito limitado, e huma alma pusillanime.

O homem *firme* nunca póde desapprovar o seu proceder. O homem *constante* póde ter motivos de condemnar a sua propria constancia, e de reprehender-se della.

Á *firmeza* oppõe-se a falta de vigor, a fraqueza de caracter. Á *constancia* oppõe-se a volubilidade dos affectos, a facilidade de mudar de gostos.

A *firmeza* he hum dos dous principaes elementos, de que se compõe o caracter do homem verdadeiramente honrado. O outro he a superioridade, ou elevação da alma, isto he, o imperio das idéas sobre as proprias necessidades, e interesses.

24

Supposição — Hypothese

Estes dous vocabulos, trazidos hum do Latim, e outro do Grego, tem identica significação litteral, e exprimem proposições que se põem como base, para sobre ellas se formarem raciocinios. Mas o uso tem estabelecido entre elles algumas differenças, que o escriptor exacto não deve desprezar.

Primeiramente, *supposição* he do estilo commum: *hypothese* he mais proprio da linguagem filosofica, e usa-se quando tratâmos de materias scientificas.

Em segundo lugar, *supposição* parece exprimir huma só proposição: *hypothese* exprime muitas vezes hum ajuntamento de proposições, ou *supposições* ligadas, que formão hum systema. Os systemas de Copernico, de Descartes, de Leibnitz são *hypotheses*, e não lhe chamâmos *supposições*.

Em terceiro lugar, a *supposição* não exclue a verdade

da proposição, antes muitas vezes a suppõe reconhecida, e confessada; a *hypothese* he ideal e gratuita. Na *supposição* que a nossa alma he livre, deve tambem ser immortal. Na *hypothese* que a terra gyra em roda do sol, explicão-se muito bem os fenomenos do systema planetario. No primeiro caso a *supposição* he huma verdade incontestavel, da qual deduzimos huma consequencia, negada talvez por quem admitte o principio. No segundo caso a *hypothese* he huma *supposição* ideal e gratuita, a qual, se com effeito explica os fenomenos, concluimos que póde ser verdadeira: se os não explica, fica no seu estado puramente ideal e gratuito: e se della se seguem cousas impossiveis, concluimos que he absurda.

Ultimamente *hypothese* sómente tem hum sentido filosofico, ou scientifico, relativo á indagação, ou explicação da natureza. *Supposição* toma algumas vezes huma accepção moral, e em má parte, e exprime huma allegação falsa, huma producção de falsos titulos, &c.

25

Fastos — Annaes — Chronica

Fastos significava originariamente as taboas, ou livros do calendario dos antigos Romanos, aonde se indicavão os dias destinados para as solemnidades religiosas, para as assembléas publicas, para os jogos publicos, para os trabalhos da agricultura, &c. Ajuntou-se depois a cada dia a nota dos acontecimentos mais importantes, que nelle tinhão succedido, as batalhas, os triunfos, os prodigios, o nascimento e morte dos Imperadores, &c. E daqui he que o nome de *Fastos* começou a ter relação com a *Historia*, e a significar o *registro publico e authentico*, aonde com os nomes dos dias, das festas, &c., se notavão tambem summariamente os feitos memoraveis da nação.

Annaes exprime huma narração simples e concisa de factos dispostos anno por anno, sem ornamento, e sem ligação. Alguns dos antigos povos tinhão seus *Annaes publicos*, que assim como os *Fastos* subministrárão depois materia para a *Historia*, quando esta começou a tomar fórmas mais polidas e elegantes.

Chronica he propriamente huma especie de *Historia*, em que determinada a ordem dos tempos, se arranjão debaixo das differentes idades ou épocas os factos que lhe dizem respeito, ou lhe são subordinados. As nossas *Chronicas* descrevem a historia de certo reinado, ou pessoa; mas tambem arranjão os factos, segundo a ordem das suas datas.

O estilo das *Chronicas* he menos conciso que o dos *Annaes*, e mais simples e familiar que o da *Historia* propriamente dita, a qual requer nobreza e elevação, liga os acontecimentos pelas suas causas, effeitos, relações, &c., e não segue precisamente a ordem dos tempos.

26

Historia universal – Historia geral

Historia universal he a *historia* de todos os povos e nações conhecidas, considerada em todas as suas idades, apresentada n'hum só quadro, como a de Bossuet, ou em tantos, quantas são as nações e povos, como a *Historia universal* composta por huma sociedade de litteratos na lingua Ingleza.

Historia geral he a de hum só povo ou nação, mas incluindo todas as suas idades, e todos os ramos da sua administração, e por isso comprehende a historia politica, religiosa, litteraria, militar, &c., como, v. gr., a *Historia geral* de Portugal por Mr. De la Clede.

27

Mutuo — Reciproco

Mutuo he precisamente o que se faz de huma parte e de outra.

Reciproco he o que se faz de huma parte e de outra, em recompensa.

Mutuo exprime a simples idéa de dar, e de receber de ambas as partes: esta troca de acções he voluntaria e livre.

Reciproco exprime a acção de dar ou fazer de huma parte conforme se tem dado ou feito da outra: esta reacção he devida, e talvez exigida.

Se duas pessoas que se avistão a primeira vez, sentem inclinação huma para a outra, esta amizade, ou amor, ou sympathia he *mutua*.

Se huma pessoa faz a outra algum obsequio, favor, ou serviço, e a outra lhe torna em recompensa outro serviço, favor, ou obsequio, a relação, que daqui resulta entre os dous, he *reciproca*.

Os amigos fazem huns aos outros obsequios voluntarios, desinteressados, *mutuos*.

Os amos e os criados satisfazem huns a respeito dos outros obrigações devidas, exigidas, *reciprocas*.

28

Inclinação — Propensão

Inclinação he o pendor, ou tendencia do animo para alguma cousa, v. gr., para as letras, para a vida militar, para huma arte, ou officio, &c.

Propensão parece que diz alguma cousa mais que *in-*

clinação: he hum pendor mais forte, huma inclinação maior, e mais decisiva.

A *inclinação* leva-nos para o objecto: a *propensão* talvez nos faz força, e nos arrasta.

Parece que a *inclinação* póde nascer da educação, da leitura, dos exemplos, de alguma circumstancia casual; mas que a *propensão* tem a sua principal origem na organisação, no temperamento, no natural.

A *inclinação* póde talvez mudar-se, ou corrigir-se com facilidade; mas custa muito a suspender os effeitos da *propensão*, e ainda mais a destruil-a de todo.

29

Chorar – Prantear – Lamentar – Carpir-se

Chorar exprime tão sómente lagrimas.

Prantear exprime vozes queixosas, talvez acompanhadas de lagrimas.

Lamentar exprime *pranto* forte, continuado, ás vezes immoderado, talvez acompanhado de lagrimas e gemidos: ou tambem canto lugubre, em que se *prantêa* alguma grande calamidade.

Carpir-se exprime acções demonstrativas de dor e lucto, como, v. gr., arrancar os cabellos, ferir as faces e o peito, &c.

Vieira, *Palavra de Deos empenhada, Sermão das Exequias da Rainha*, &c., § 2.º, pag. 10: «Note-se muito (diz) a differença das palavras, e a distincção dos affectos. O *plangeret* he *prantear*, e significa *vozes:* o *fleret* he *chorar*, e significa *lagrimas*».

Moraes, *Palmeirim*, part. 1.ª, cap. 6.º: «Ouvia *prantos* de pessoas, que com *palavras* cheias de muita lastima representavão sua dor e sentimento».

E no cap. 21.º: «Começando dentro hum *pranto* de *vozes tristes*», &c.

São bem conhecidas as *lamentações* dos Profetas Jeremias, Ezequiel, &c.: e Arraes, Dial. 10.º, cap. 70.º, falando da compaixão da Virgem Santissima á vista dos tormentos de seu Filho, diz: *Ouvi a Baptista Mantuano em nome da Senhora* lamentando *nesta sua transfixão... Oh fronte serena e divina!* &c., &c.

Finalmente não são menos conhecidas entre nós e na historia de nossas antiguidades as *carpideiras*, de que ainda restão vestigios em algumas povoações de Portugal.

30

Affectos — Paixões

O bem, ou o mal, isto he, o prazer, ou a dor, sentido, ou apprehendido nos objectos pela nossa alma, excita nella commoções, ou movimentos de *attracção* para aquelles, que se lhe representão como bons, ou de *aversão* a respeito daquelles, que se lhe representão como máos: e estas commoções communicão-se ao corpo, e produzem nelle effeitos proporcionados, que se manifestão nos olhos, na côr do rosto, no movimento do sangue, e ás vezes em toda a pessoa do homem.

Quando estas commoções, consideradas em si e nos seus effeitos, são brandas, doces, temperadas, chamão-se simplesmente *affectos*. Quando fortes, violentas, impetuosas, chamão-se mais propriamente *paixões*.

Os *affectos* inclinão a alma suavemente, ou a procurar o objecto como bom, ou a fugir delle como máo. As *paixões* arrastão (por assim dizer) a alma, perturbão-na em suas operações, dominão e tyrannizão a razão, e quasi a fórção a resoluções muitas vezes arriscadas, e perigosas.

A amizade, a compaixão, o amor filial, o reconhecimento, &c., são *affectos*. O amor sensual, a ambição, a colera, a vingança, &c., são *paixões*.

Comtudo, como os *affectos*, passando a ser immoderados e violentos, se transformão em *paixões*, e nos he impossivel fixar o gráo, ou momento, em que se verifica esta transformação; e como por outra parte os *affectos* e *paixões* se excitão, e acalmão pelos mesmos meios, confundem-se muitas vezes estes dous vocabulos, e usão-se indifferentemente na linguagem dos filosofos e dos moralistas.

31

Liberalidade — Generosidade

Liberalidade he facilidade no dar, dando a proposito. Refere-se particularmente á boa distribuição que cada hum faz do seu dinheiro, ou das cousas que tem hum valor pecuniario, áquelles a quem isso se não deve de justiça.

Generosidade he propriamente hum sentimento nobre e desinteressado, que preside a esta distribuição.

O homem, que depois de ter cumprido os seus deveres para com a sua familia; depois de haver feito as despezas, a que a necessidade, ou as circumstancias do seu estado o obrigão, reparte do seu dinheiro, ou dos seus bens, com os outros, a quem não deve, he *liberal*.

O homem que dá sem esperança de reconhecimento; sem receio de ingratidão; que dá ao proprio inimigo necessitado; que dá sem ostentação, e sem vaidade, he *generoso*.

A *generosidade*, que muitas vezes se toma como synonymo de *liberalidade*, tem huma significação, e applicação muito mais ampla. He, falando em rigor, huma qualidade do homem bem nascido, e bem educado, que dá nobreza e lustre a todos os seus sentimentos, e acções.

O homem, que não toma vingança do seu inimigo, podendo tomal-a sem risco, he *generoso*. O homem, que no

meio da dependencia se não dobra a baixezas, tem huma alma *generosa*. O homem, que combatido da adversidade sustenta o seu caracter, procede *generosamente*. O homem, que no meio da geral corrupção de costumes, he exacto observador da lei, e defensor intrepido da virtude, mostra sentimentos *generosos*, e huma alma elevada.

Em summa: o homem *generoso* he estranho ás paixões baixas, e a todas as considerações meramente pessoaes. A belleza propria das acções he a que só o move, e arrebata: a benevolencia geral he sua inseparavel companheira.

Amar a quem nos aborrece he acto de generosidade, diz Vieira, *Sermões*, part. 4.ª, pag. 80; e logo adiante: *Quem ha de trocar a nobreza e fidalguia de huma* generosidade *pela vileza e baixeza de huma ingratidão?*

32

Pedir desculpa — Pedir perdão

Pede desculpa, quem se mostra sem culpa, justificando-se de huma falta apparente.

Pede perdão quem reconhece que commetteo falta, e quer evitar o ser punido.

Pede-se desculpa por attenção, e civilidade. *Pede-se perdão* por arrependimento.

O bom entendimento *desculpa* facilmente. O bom coração *perdôa* promptamente.

33

Observação — Observancia

Observação he a acção de olhar attentamente, de considerar e notar com applicação os fenomenos naturaes, as acções dos homens, os lugares de hum auctor, &c. O que assim faz chama-se *observador*.

Observancia he o acto de cumprir e praticar as leis, mandamentos, regras, e ordens dos superiores: corresponde-lhe o adjectivo *observante.*

Deve o sabio ser curioso na *observação* da natureza, e ao mesmo tempo ser exacto e pontual na *observancia* das leis.

34

Convém – Importa – Releva – Cumpre

Convém á decencia e decóro: *convém* ao estado, qualidade, e condição da pessoa: *convém* ás circumstancias, ao tempo, ao lugar, &c.

Importa á utilidade e proveito. *Releva* o que muito *importa.*

Cumpre á obrigação e dever.

Convém ao homem publico mostrar sizudeza e gravidade em todas as suas acções; trajar com simplicidade e modestia; não entrar nos jogos e divertimentos da mocidade, postoque licitos sejão e honestos, &c.

Importa ao homem de negocio ter em bom arranjo as suas contas; ao mercador e traficante não gastar mais do que permittem os seus lucros. *Releva* ao pai de familias trazer bem administrados os seus bens, bem governada a sua caza; &c.

Cumpre a todo o homem ser justo, honesto, humano, virtuoso: *cumpre* ao prelado, ao pastor, ao mestre dar bom exemplo ás pessoas que lhe estão sujeitas: *cumpre* ao cidadão respeitar e observar as leis, &c.

35

Até aqui – Até agora

Até aqui refere-se ao lugar, e he o Latim *hactenus.* *Até agora* refere-se ao tempo, e he o Latim *adhuc.*

Até aqui chegou a enchente do rio no anno de tantos, e desde então *até agora* ainda não tornou a subir á mesma altura.

36

Paternal – Paterno

Paternal exprime o que he proprio *de pai*, o que pertence á qualidade de pai.

Paterno exprime o que he proprio *do pai*, o que pertence ao pai determinado, e individual da pessoa, de quem se fala.

Assim dizemos, v. gr., que Deos nos ama com amor *paternal*, isto he, com amor *de pai*. E dizemos que o filho herdou os bens *paternos*, isto he, os bens *do pai*, ou de *seu pai*.

Esta differença, com quanto parece subtil, e muitas vezes se desattende na locução vulgar, nem por isso he menos verdadeira, ou menos digna de reflexão em muitos casos.

Quando, por exemplo, dizemos, que tal ou tal pessoa tem as feições *paternas*; que descende de tal caza pela parte *paterna*, ou *materna*; que escreve com pureza e elegancia na lingua *materna*, &c., não podemos substituir *paternal*, ou *maternal* a *paterno* ou *materno*, sem erro e impropriedade.

Ao contrario, quando dizemos, por exemplo, que el-Rei ama os Portuguezes com sentimentos *paternaes*; que hum irmão tem praticado a respeito de outro irmão todos os deveres, ou todos os officios *paternaes*, &c., não podemos usar de *paternos* em lugar de *paternaes*, &c.

37

Castidade – Pudicicia – Continencia – Virgindade – Pureza

Castidade he huma virtude, que regula, e sujeita

auctoridade sagrada da lei os appetites e prazeres carnaes, ainda quando permittidos. Todo o homem deve ser *casto*.

Pudicicia he a *castidade* acompanhada de *pudor*, ou de honesta vergonha. Ella teme, de algum modo, o proprio prazer honesto, e quando cede ao dever, sabe coarctal-o dentro dos mais estreitos limites, e córa de os ver ainda levemente transgredidos. Esta virtude he mais ordinaria no sexo feminino.

Continencia exprime a abstinencia actual dos prazeres da carne. O celibato christão demanda *continencia* perpetua. A viuvez, que não passa a segunda nupcias, deve ser *continente*.

Virgindade exprime huma continencia universal, absoluta, e perfeita, tanto do corpo, como do espirito, que se extende a todos os tempos e momentos da vida. He huma flor delicadissima, que qualquer sopro impuro a embaça, e murcha: hum só instante de fraqueza, hum só pensamento voluntario faz perder o merecimento desta angelica virtude.

Pureza não he propriamente huma virtude particular: he a excellencia, a perseverança, a honra, e o lustre da *virgindade*. Ella suppõe huma alma innocente, candida, intacta, que nem experimentou, nem sentio, e nem ainda conhece o que póde alterar a perfeita integridade da alma e do corpo.

A *castidade* he huma virtude, que todos devemos possuir em qualquer estado, e situação da vida. Faltâmos a ella, quando não domâmos o nosso corpo e o nosso espirito debaixo do jugo saudavel da lei.

A *pudicicia* he hum dos mais bellos ornamentos das mulheres. Ella se perde por qualquer immodestia, com que se gozem os prazeres honestos e permittidos.

A *continencia* he hum dever de todos aquelles, que ou por motivos religiosos, ou por outros quaesquer se tem

consagrado ao celibato. Qualquer acção voluntaria e illegitima a offende.

A *virgindade* finalmente he só propria de algumas almas privilegiadas, que se conservão no meio do mundo, como os meninos Hebreos na fornalha de Babylonia: a innocencia he sua inseparavel companheira: a *pureza* mais absoluta e mais perfeita constitue o seu essencial caracter, e o seu mais nobre ornamento: o mais ligeiro toque deslustra a sua belleza.

38

Distincção – Differença – Diversidade

A *distincção* exclue a perfeita identidade, ou a unidade.

A *differença* exclue a perfeita semelhança.

A *diversidade* exclue a conformidade, e suppõe a quasi total, ou total dissemelhança.

Dous objectos *distinguem-se* pela simples razão de serem dous, aindaque aliás sejão perfeitamente semelhantes. O numero basta para excluir a perfeita identidade.

Dous objectos aliás semelhantes, e comparaveis, *differenção-se* por hum só caracter, nota, propriedade, ou accidente, que não seja commum a ambos. Este caracter particular basta para excluir a perfeita semelhança.

Dous objectos *diversificão* hum do outro, quando ou em nada conformão, ou ha entre elles huma grande, e quasi total dissemelhança.

A natureza offerece ás indagações do filosofo huma infinita variedade de objectos, todos *distinctos* huns dos outros. Conhecer a *differença* dos que parecem mais semelhantes, e *a semelhança ou conformidade* dos que parecem mais *diversos*, são os dous extremos da sciencia, e o mais nobre emprego do espirito filosofico.

39

Ultimo — Derradeiro

Ultimo suppõe distancia: refere-se ao espectador, ou a hum ponto, que se toma para termo de comparação: he o que está *mais além* desse ponto, ou do espectador.

Derradeiro suppõe numero: refere-se á serie: he o que vem atrás de todos, ou depois de todos os seres que a compõe.

Ultimo he o *ultimus* dos Latinos, superlativo de *ultra:* o seu opposto he *citimus,* o que está *mais áquem.*

Derradeiro he o *postremus* dos Latinos: o seu opposto he *primus,* o *primeiro.*

Como porém o que he *derradeiro* na serie se póde considerar como *mais além* do primeiro; e o que he *ultimo* na distancia se póde considerar como o *derradeiro* de todos os pontos, ou porções de espaço, que compõe essa distancia, daqui vem que se usa quasi indifferentemente de hum e outro vocabulo, aindaque em rigor exprimão differentes relações.

40

Extraordinario — Singular

Extraordinario oppõe-se a ordinario, e exprime o que he fóra da ordem commum, fóra da medida ordinaria; notavelmente maior ou menor, que as cousas do mesmo genero.

Singular oppõe-se a plural, e exprime o que he só, unico, diverso de todos os mais; o que não tem concorrente, nem semelhante.

Tudo o que excede as medidas, que o nosso espirito tem dos objectos, he *extraordinario.* Tudo o que não

quadra com os typos ou modelos ideaes, que nós temos dos objectos, he *singular*.

Quando o objecto conforma em substancia com as nossas idéas, mas varía notavelmente nos gráos e dimensões, chamamos-lhe *extraordinario*. Quando não conforma, nem tem analogia com as nossas idéas, chamamos-lhe *singular*.

A estatura de hum gigante, ou de hum pigmeu he *extraordinaria* para nós, assim como a nossa o seria para hum povo de gigantes, ou de pigmeus; porque em ambos os casos he fóra da medida commum. A escriptura será hum prodigio *singular* para hum selvagem, que não tenha idéa alguma desta divina arte.

Todas as acções generosas são *extraordinarias* para huma alma apoucada e baixa. Todos os objectos novos são *singulares* para hum homem ignorante.

41

Morte – Passamento – Transito – Fallecimento

Morte diz só e precisamente cessação de vida.

Passamento, e *transito* exprimem o acto de passar de hum lugar a outro, ou de hum estado a outro.

Fallecimento exprime o acto de fazer falta, acabando.

Morte he o termo proprio para significar o fim commum de todos os seres animados: e por isso se applica ao homem, aos brutos, ás plantas, e a todos os outros seres, em que considerâmos vida.

Passamento, transito e *fallecimento* tem significação differente, e applicavel a differentes objectos; mas usão-se por euphemismo em lugar de *morte*, com o fim de desviar da imaginação o que ella tem de repugnante á natureza, e de disfarçar a idéa triste e melancholica, que o seu proprio nome ordinariamente excita.

Para se obter este effeito são especialmente proprios os dous vocabulos *passamento*, e *transito*, os quaes além de não offerecerem ao nosso espirito idéa alguma desagradavel, até parece que adoção o que a morte tem de terrivel, designando-a como simples *passagem* de huma para outra vida, e avivando deste modo a crença da immortalidade.

42

Sêcco – Árido

Sêcco he o que não tem humidade, ou não tem a que lhe he precisa, segundo a sua natureza, e applicação.

Árido he o que não tem humidade, nem frescura; nem verdura, nem amenidade; antes he ardente, queimado do sol, e talvez esteril, e agreste.

O terreno, que não tem humidade bastante para a boa producção, he hum terreno *sêcco*. Aquelle porém, que não produz verdura alguma, nem tem amenidade, nem he refrigerado por virações frescas e agradaveis, he *árido*. Os vastos e ardentes desertos de Africa são *áridos*. Muitas terras em Portugal são *sêccas*, e por isso menos proprias para certos generos de cultura, &c.

Ambos estes vocabulos se empregão no sentido figurado, exprimindo os differentes gráos da sua significação. Assim, v. gr., chamâmos *sêcco*, ou *árido* o estilo de hum auctor, conforme o maior ou menor gráo, em que o considerâmos falto de ornato, de agrado, de amenidade. E chamâmos *sêcca*, ou *árida*, em estilo devoto, a alma que sente mais ou menos desgosto a respeito das cousas espirituaes; que está em hum estado de maior ou menor insensibilidade, e que apenas produz, ou de todo não produz algum bom desejo, &c.

Correspondem-lhe em Latim *siccus*, e *áridus*, com a mesma differença.

43

Continuação — Continuidade

Continuação refere-se á duração. *Continuidade* á extensão.

Continuação exprime a successão não interrompida da duração, ou a successão não interrompida de actos da mesma natureza.

Continuidade exprime a união, ou ligação não interrompida das partes do corpo, ou do espaço.

O primeiro he o Latim *continuatio:* o segundo he o Latim *continuitas.*

Dizemos *continuação* dos annos, *continuação* do trabalho, da guerra, da paz, &c. E dizemos *continuidade* da planicie, dos montes, do corpo, do espaço, &c.

44

Continuado — Continuo

Estes dous vocabulos, considerados na sua rigorosa significação, devem ter a mesma differença respectiva, que acabâmos de notar entre *continuação,* e *continuidade.*

Continuado quer dizer não interrompido na sua duração. Assim, trabalho *continuado* he aquelle que não he interrompido em algum momento da sua duração; trabalho *continuado* de duas horas; estudo *continuado* de muitas horas a fio; lagrimas *continuadas,* isto he, não interrompidas por algum instante de cessação, &c.

Continuo quer dizer não interrompido na sua extensão: v. gr., ilhas, que existirão, e que hoje estão *continuas* com a terra firme; entre as quaes e a terra firme não ha interrupção alguma, nem cessação de *continuidade;*

valle *continuo*, isto he, não interrompido pela elevação de algum outeiro, ou collina, não cortado por algum monte, &c.

Porém, como a idéa e as relações da duração se não podem de todo separar da idéa e relações do espaço; por isso tambem ordinariamente se confundem, e usão promiscuamente estes dous vocabulos, tomando-se *continuado* pela não interrupção do espaço ou da extensão, v. gr., montes *continuados*, serras *continuadas*, &c., e tomando-se *continuo* com respeito á *duração*, v. gr., trabalho *continuo*, estudo *continuo*, &c.

45

Sofrer — Aturar — Soportar — Tolerar

Sofrer significa absoluta, e genericamente levar, ou ir levando o mal que nos acontece, ou nos fazem.

Aturar he sofrer com repugnancia, e de má vontade; sofrer, porque mais não podemos.

Soportar he sofrer com paciencia, e boa sombra; sofrer de bom grado.

Tolerar he sofrer, não impedindo o mal, quem tem poder para isso; he deixar fazer, dissimulando; sofrer, fazendo semblante de que se não vê, ou se não entende, ou se não sofre.

Sofrer não exprime qualificação alguma do sofrimento, e diz-se de qualquer genero de mal. *Sofremós* os trabalhos da vida, as enfermidades, a pobreza, as injurias, &c.

Aturar exprime o sofrimento forçado. *Aturâmos* até se encher a medida da paciencia; até nos enfadarmos de todo; até chegar o momento de sacudirmos o jugo; até podermos vingar-nos, &c.

Soportar diz sofrimento com conformidade, ou porque o mal he inevitavel, ou porque não considerâmos vontade

deliberada de fazer mal em quem o pratica. *Soportâmos* os defeitos dos nossos amigos; as fraquezas dos nossos semelhantes; o genio das pessoas com quem vivemos; as imperfeições inevitaveis da natureza humana. *Soportâmos* os golpes da adversidade, a saudade dos amigos, a morte dos parentes, &c.

Tolerar exprime sofrimento com dissimulação. *Tolerâmos* hum mal para evitar outro maior.

46

Preoccupação — Prevenção

Preoccupação significa juizo antecipado, que occupa o nosso espirito, e o embaraça de examinar depois as cousas, e de as julgar livremente e com imparcialidade.

Prevenção significa huma disposição do animo, antecipada, e avêssa, que nos não deixa examinar, e conhecer a verdade, para obrarmos e procedermos segundo os seus dictames.

Ambas estas disposições nos impedem o conhecimento da verdade, e o recto procedimento da vida: mas a *preoccupação* reside particularmente no entendimento, e o faz cego: a *prevenção* reside particularmente na vontade, e a faz injusta.

A *preoccupação* mantém-nos no erro, e conduz-nos a outros erros. A *prevenção* suppõe huma inclinação avêssa da vontade, e muitas vezes nos leva a excessos reprehensiveis, e até a crimes.

47

Riqueza — Opulencia

Riqueza he superabundancia de bens da fortuna, de cousas que tem hum valor apreciavel.

Opulencia he grande riqueza com ostentação, e talvez com poder, credito, influencia, &c.

48

Frota – Armada

Frota he numero de navios, que navegão em conserva. Se estes navios são de guerra, e armados, chama-se a collecção delles *frota armada*, ou simplesmente *armada*.

Em outro tempo parece ter sido differente a significação destes vocabulos; porque na *Ordenação Affonsina*, liv. 1.º, tit. 54.º, num. 5, falando-se de navios de guerra, se diz, que *quando som muitos ajuntados em huũ se* chamam *frota*, e *quando são mais poucos*, se dizem *armada*.

49

Altura – Alteza

Altura diz-se mais frequentemente da elevação fisica. *Alteza* exprime sempre a elevação moral.

Dizemos *altura* das montanhas, das arvores, do edificio, &c., e *alteza* dos pensamentos, *alteza* do mysterio, *alteza* do estado, *alteza* das palavras, &c.

50

Infidelidade – Perfidia – Deslealdade – Traição – Aleivosia

Infidelidade exprime simplesmente huma falta de fé; huma violação da fé promettida, ou devida.

A *perfidia* cobre a *infidelidade* com o verniz doloso de huma fidelidade constante: he *infidelidade* negra e pro-

funda: *infidelidade* com dolo, fraude, e simulação: talvez *infidelidade* á promessa feita com juramento.

A *infidelidade* póde ser huma fraqueza: a *perfidia* he sempre hum crime commettido com reflexão.

Deslealdade he propriamente a *infidelidade* do vassallo: *infidelidade* commettida contra hum soberano ou senhor, a quem se rendeo homenagem, ou contra a pessoa que se considera como tal.

Traição he *infidelidade,* ou *deslealdade,* lançando-se nos braços do inimigo, e talvez entregando-lhe a pessoa, a quem se deve fidelidade, ou lealdade, ou entregando-lhe os interesses dessa pessoa, revelando-lhe os seus segredos, &c.

Aleivosia he *traição* sob capa de amizade.

51

Muito – Sobejamente

Muito quer dizer em grande abundancia, em grande numero, em grande quantidade, grandemente, &c., v. gr., colheita *muito* abundante; concurso *muito* numeroso; homem *muito* douto; *muitos* fructos, *muitos* homens, *muito* extenso, *muito* frio, &c. (He o *beaucoup* dos Francezes.)

Sobejamente quer dizer com excesso, com demasia, com nimiedade. (He o *trop* dos Francezes.)

52

Acabar (neutro) – Fenecer – Perecer – Morrer – Finar-se Fallecer

Acabar he chegar ao cabo, fazer fim. He expressão mui generica, que não determina nem a natureza da cousa que *acaba,* nem o modo do *acabamento.* *Acaba* o

dinheiro, o tempo, o trabalho, a lição: *acaba* a vida, a existencia, a extensão, &c.

Fenecer he chegar á extremidade do tempo, ou da extensão, que he propria da cousa que *fenece*. *Fenece* a serra no mar; *fenece* o anno em Dezembro; aqui *fenece* o edificio; *fenece* a vida do homem, &c.

Perecer he chegar ao fim da existencia: *acabar* de todo.

Morrer he chegar ao fim da vida: *acabar* de viver.

Finar-se exprime propriamente o *acabamento* progressivo do ser vivente: he hir-se deteriorando a vida pouco a pouco, hir-se o homem, ou o vivente seccando, estilando, attenuando, até de todo *acabar*.

Fallecer he fazer falta acabando. *Fallece* o dinheiro para as despezas; *fallecem* os recursos; *fallece* o tempo para concluir o negocio; *fallece* o homem, morrendo, &c.

Acaba, ou *fenece* a montanha, ou a serra junto á cidade, e não *perece*, nem *morre*, nem se *fina*, nem *fallece*.

Perece hum edificio, huma cidade, hum movel, *perecem* todos os bens da terra, e não *morrem*, nem se *finão*.

Morre o homem, e não *perece*, &c.

53

Symbolo – Emblema – Divisa – Empreza – Tenção

Symbolo he em geral qualquer imagem sensivel, que representa, ou com que representâmos hum objecto espiritual.

O *symbolo* deve ter alguma ligação com o objecto representado, ou esta seja natural, ou convencional. A pomba he *symbolo* natural da simplicidade; o tigre da ferocidade; a serpente da prudencia, &c. O caducêo he *symbolo* convencional da eloquencia; a oliveira, da paz; o louro, da victoria, &c.

Emblema he propriamente hum quadro composto de huma, ou mais figuras, que representão hum pensamento moral, ou politico.

O *emblema* he rigorosamente huma metafora, ou allegoria, que fala aos olhos; e requer que as figuras tenhão analogia, ou semelhança natural com o objecto representado. A imagem da pomba fazendo o seu ninho dentro de hum capacete militar he o *emblema* da paz. Huma mulher esvelta e leviana, com hum pé no ar, e tocando apenas com a ponta do outro huma roda, ou globo, levando nas mãos hum véo infunado pelo vento, he o *emblema* da fortuna, &c. Hum *emblema*, cujo sentido se não alcança facilmente, degenera em *enigma*.

Divisa he hum symbolo adoptado para discernir e distinguir huma pessoa, ou corporação, designando o seu caracter, o seu sentimento dominante, ou tambem alguma acção notavel e caracteristica, ou finalmente o principal emprego, a que essa pessoa, ou pessoas se destinão. Ordinariamente he a *divisa* acompanhada de huma letra, ou mote, e algumas vezes só a letra ou mote constitue a *divisa*.

O pelicano tirando o sangue do proprio peito para alimentar os seus filhinhos, com a letra «*pela lei e pela grei*», era a divisa de el-Rei D. João II. A esfera acompanhada do mote «*talent de bien faire*» era a aptissima *divisa* do illustre Infante D. Henrique. O Principe Eugenio tomou para *divisa* huma aguia, com esta letra «*natus ad sublimia*», &c.

Empreza he a representação emblematica das façanhas, ou virtudes heroicas dos varões illustres. Huma serie de *emprezas*, allusivas ás acções grandes de hum homem illustre, compõe a sua historia.

Tenção he huma *divisa* allusiva ao pensamento, ou desenho, que alguma pessoa tem, de emprehender feitos altos e gloriosos.

54

Gosto — Sabor

Gosto he hum dos cinco sentidos do homem: o seu orgão principal he a lingua; e por elle percebemos os *sabores* de differentes corpos da natureza.

Sabor he a propriedade, que tem alguns corpos da natureza, de tocar agradavel, ou desagradavelmente o orgão do *gosto*.

55

Verão — Estio

Humas vezes considerâmos o anno como dividido em duas metades, a huma das quaes damos o nome de *verão*, e á outra de *inverno*. Neste caso *verão* comprehende todo o tempo que decorre do equinoccio de Março ao de Setembro, e envolve na sua significação a *primavera* e o *estio*.

Outras vezes considerâmos o anno dividido em quatro partes, ou estações, a que damos os nomes de *primavera, estio, outono* e *inverno:* e neste caso, subdividindo a estação da primavera em duas partes, conservâmos á primeira esse proprio nome, e damos á segunda o nome de *verão*, quasi exprimindo por este vocabulo o que os Romanos chamavão *ver adultum*.

Deste modo nos parece que empregou Vieira o vocabulo *verão*, quando disse na 2.ª part. dos *Sermões*, n.° 498: «De sorte que entre os sinaes do dia do Juizo, e o mesmo dia, ha-de dar Christo de espaço, quanto vay da primavera ao *verão*, ou do *verão* ao *estio*, e dos fructos verdes aos maduros», distinguindo assim *verão* de *primavera*, e de *estio*, como estação de tempo média entre ambas as duas.

56

Complacencia — Deferencia — Condescendencia

Complacencia he huma disposição habitual, que nos inclina a nos conformarmos com as vontades, desejos, e gostos das pessoas, com quem convivemos, para lhes agradar. Do Latim *complacere,* agradar-se alguem *juntamente com* os outros do que lhes agrada a elles.

Deferencia he huma disposição habitual, que nos inclina a acquiescer aos gostos e sentimentos alheios, preferindo-os aos nossos, quando tratâmos com pessoas, a quem julgâmos dever attenção e respeito. Do Latim *deferre,* em hum dos seus sentidos, *primas deferre, deferre honorem,* &c.

Condescendencia he huma disposição habitual, que nos inclina a conceder aos gostos e vontades alheias, descendo do nosso lugar, dignidade, auctoridade, opinião, &c. Do Latim *con,* e *descendere,* palavra por palavra, *descer a par de* outrem, *descer juntamente com* outrem, &c.

Os deveres communs da sociedade obrigão-nos a termos huma justa e racionavel *complacencia* para com todos os nossos concidadãos.

A idade, a qualidade, a dignidade, o merito das pessoas nos impõem o dever da *deferencia.*

As fraquezas, as necessidades, e até os defeitos dos outros demandão a nossa *condescendencia.*

Pela *complacencia* agradâmos aos outros, e fazemo-nos amaveis. Pela *deferencia* rendemos homenagem, e damos honra ao merecimento, á virtude, á superioridade. Pela *condescendencia* mostrâmo-nos indulgentes, flexiveis, benignos.

O homem razoavel e verdadeiramente social gosta de *deferir* aos superiores; de *condescender* com os inferio-

res; de *comprazer* a todos: mas todas estas qualidades tem seus limites fixados pela boa razão, que nos prohibe conformarmo-nos com gostos illegitimos, viciosos, perversos: e por isso a sobeja *complacencia* degenera muitas vezes em baixeza; a *deferencia* em adulação; a *condescendencia* em fraqueza e indignidade.

57

Amarellecer – Empallidecer

Deve differençar-se a significação destes dous vocabulos, do mesmo modo que se differença a côr *amarella* da côr *pallida*, ou do *amarello esbranquiçado*.

58

Preferir – Escolher

Preferir he antepôr huma cousa a outra, ou a outras; pol-a em primeiro lugar, ou acima dellas; ter essa cousa em maior valor.

Escolher he tomar alguem para si huma cousa entre muitas, postas de parte as outras.

Preferir refere-se propriamente ao entendimento, ou discernimento. *Escolher*, á vontade, ou liberdade.

Preferimos o mais digno: *escolhemos* o mais agradavel.

Preferir parece que diz respeito mais directamente á estimação e avaliação da cousa, e que indica o juizo especulativo, que della fazemos. *Escolher* parece que envolve sempre huma relação ao uso que queremos fazer da cousa; e que indica a intenção pratica de a empregarmos para o nosso fim.

Preferimos o que o nosso juizo nos mostra como melhor, e mais apreciavel, ou estimavel entre as pessoas, ou

cousas concorrentes. Se alguma vez *preferimos* o peior, he porque a paixão, ou outra semelhante causa tem preoccupado o nosso juizo e prevenido o seu exame.

Escolhemos humas vezes ao acaso; outras por sentimento; outras por capricho; outras por *preferencia*, e outras até contra a *preferencia*, isto he, contra o proprio juizo que fazemos do verdadeiro valor e merecimento das cousas.

Quando *preferimos* o peior por erro ou corrupção do juizo, a nossa *preferencia* he injusta. Quando *escolhemos* com acerto, guiados pela justa *preferencia*, que o objecto merece, a nossa *escolha* he boa.

Muitas vezes *preferimos* o que não está na nossa mão *escolher*, e então não *escolhemos* para nosso uso o que *preferimos* na especulação.

Todo o homem que tiver bom juizo *preferirá* a tranquillidade da vida particular aos cuidados, agitações e perigos da vida publica: mas nem todos podem *escolher* o modo de vida a seu arbitrio.

59

Apressado — Apressurado

Apressado exprime simplesmente que alguem obra, ou que alguma cousa se faz com celeridade, com expedição, e não de vagar, nem pauzadamente.

Apressurado exprime *apressado* com estreiteza, aperto, e angustia de tempo, ou de espaço, talvez com afflicção. Parece derivado do Latim *pressura*, cuja terminação frequentativa inculca a verdadeira energia deste vocabulo, principalmente em alguns casos, como no lugar de Souza, *Historia de S. Domingos*, part. 1.ª, liv. 5.º, cap. 19.º, onde diz: «*Tirava muito do peito com o folego* apressurado», &c.

60

O por vir — O futuro

Parece que ha entre estes dous vocabulos alguma differença, hum pouco subtil na verdade, mas não indigna de reflexão.

O *por vir* he o que ainda não veio, nem aconteceo, nem he certo que haja de acontecer. O *futuro* he o que de certo ha de ser, ou acontecer, aindaque nós o ignoremos.

O *por vir* não só envolve escuridade relativamente áo nosso conhecimento, mas tambem suppõe a real indeterminação do objecto. O *futuro* tem realidade objectiva (como se exprimem os metafysicos) aindaque nós a ignoremos.

O *por vir* he expressão negativa, e por isso mais generica, mais vaga e mais indeterminada. O *futuro* he expressão positiva, e por isso mais determinada, e menos vaga e incerta.

Só Deos sabe o *por vir;* mas os homens podem predizer com certeza alguns *futuros.*

O receio do *por vir* deve fazer-nos precatados, a fim de evitarmos hum *futuro* desgraçado.

61

Affirmar — Assegurar — Confirmar

Affirmar he simplesmente dizer alguma cousa com certeza; sem mostrar duvida.

Assegurar he affirmar com energia, isto he, com certas expressões, gestos, tom de voz, ou continencia tal, que inculque a nossa intima convicção, e dê a entender aos outros que o que affirmâmos he superior a toda a duvida.

Confirmar he dar novas provas, ou recorrer a novos

testemunhos, que reforcem ainda mais a certeza da nossa *affirmação*, ou da dos outros.

Affirmar refere-se particularmente á certeza de quem affirma, e julga dizer a verdade. Quem *affirma* está convencido do que diz, e dá provas, se necessario he.

Assegurar refere-se á intenção de obter a crença, ou approvação dos outros. Quem *assegura* toma o tom e os modos, que julga mais proprios para influir nas pessoas a quem fala: e não poucas vezes *assegurâmos* as cousas, de que não estamos convencidos, ou ao menos, de que não podemos dar provas.

Confirmar exprime a idéa de ajuntar novas provas ás que já estão dadas, ou novos motivos, que corroborem a *affirmação*.

O verdadeiro sabio *affirma* poucas cousas, e só aquellas de que tem bons e solidos fundamentos.

O dogmatista tudo *assegura*, e parece ignorar os limites do nosso espirito, e as vantagens inapreciaveis de huma duvida e desconfiança razoavel. O seu fim he dominar os juizos dos outros e dobral-os á sua opinião.

O incivil falador mette-se muitas vezes a *confirmar* com a sua auctoridade, testemunho, ou razões, o que em sua presença *affirmão* homens de verdade e de respeito.

Quem tudo *affirma* nem por isso merece grande credito; mas seria temeridade negar o nosso assenso ao homem de juizo e probidade, que nos *assegura* hum facto, aindaque pouco ordinario, com tanto que seja possivel; maiormente se elle o *confirma* com outros testemunhos de igual pezo.

62

Antecipado — Prematuro

Antecipado exprime tamsómente o que he feito antes do tempo, em que seria necessario fazer-se.

Prematuro exprime o que he feito antes do tempo opportuno, conveniente e apto.

O primeiro póde empregar-se em bom ou máo sentido: o segundo sempre se toma em máo sentido.

Em qualquer negocio ou empreza as providencias *antecipadas* podem ser boas, e ás vezes até são necessarias: as *prematuras* podem ser nocivas, e pelo menos são inuteis.

63

Templo – Igreja – Basilica

Convem estes vocabulos em exprimir a idéa generica de hum lugar destinado para o exercicio publico do culto religioso; mas com suas differenças.

Templo refere-se directamente á divindade: *igreja* aos fieis: *basilica* á magnificencia, ou realeza do edificio.

Templo he propriamente o lugar, em que a divindade habita e he adorada. *Igreja* he o lugar, em que se ajuntão os fieis para adorar a divindade e lhe dar culto.

Por esta só differença de relações, ou de modos de considerar o mesmo objecto, se vê que *templo* exprime huma idéa mais augusta; e *igreja*, huma idéa menos nobre: que *templo* he mais proprio do estilo elevado e pomposo; *igreja*, do estilo ordinario e commum.

Pela mesma razão se diz, que o coração do homem justo he o *templo* de Deos: que os nossos corpos são *templos* do Espirito Santo, &c., e em nenhum destes casos se póde substituir a *templo* o vocabulo *igreja*.

Basilica, que significa propria e litteralmente *caza regia*, e que na antiguidade ecclesiastica se applicou ás *igrejas* por serem cazas de Deos, Rei supremo do universo; hoje se diz de algumas *igrejas* principaes, mór-

mente quando os seus edificios são vastos e magnificos, ou de fundação regia. Taes as *basilicas* de S. Pedro, e de S. João de Laterão em Roma; tal entre nós a *basilica* Patriarcal, &c.

Quando falâmos das falsas religiões, damos ás suas cazas de oração, ou o nome geral de *templo*, ou os nomes particulares de *mesquita*, *mochamo*, *synagoga*, *pagode*, &c., segundo a linguagem dos Turcos e Mouros, dos Arabes, Judeos, Gentios, &c. *Igreja*, e *basilica* sómente se dizem dos *templos* dos Christãos, e especialmente dos catholicos Romanos.

64

Momento—Instante

Momento exprime hum brevissimo espaço de tempo. *Instante* he hum espaço ainda mais breve, ou antes (se assim podemos dizer) hum ponto, hum primeiro elemento da duração.

«O *instante* (diz Heitor Pinto, *Dialogo da Justiça*, cap. 1.º) se ha com o tempo da maneira que se ha o ponto com a linha, porque tam indivisivel he hum como o outro; e pois o ponto não he linha, logo nem o *instante* he tempo.»

Além disso, *momento* parece que admitte huma significação mais ampla, tomando-se ás vezes pelo tempo em geral, ou pela conjuncção das cousas: como quando dizemos, que para o bom successo de hum negocio importa muito aproveitar o *momento* favoravel. *Instante* porém sempre se toma na sua significação restricta, pela mais pequena e indivisivel duração do tempo.

Finalmente *momento* tambem se usa em sentido figurado pelo valor, pezo e importancia de hum negocio. *Instante* sómente se emprega no sentido litteral.

65

Diccionario — Vocabulario — Glossario

Diccionario he em geral a collecção dos vocabulos de qualquer lingua, ou dos termos de qualquer arte, sciencia, ou disciplina, dispostos por ordem alphabetica, com as suas significações, e talvez com explicações.

Vocabulario diz-se mais particularmente da collecção dos vocabulos de huma lingua dispostos por ordem.

Glossario sómente se diz dos que tratão dos vocabulos barbaros, ou peregrinos, que se tem introduzido em huma lingua; dos que são de mais difficil, ou menos vulgar intelligencia; dos antigos, ou antiquados, &c.

São bem conhecidos os *Diccionarios* de differentes linguas; o das sciencias e artes; o dos homens illustres; o das heresias, &c.—os *Vocabularios* de Bento Pereira, de Bluteau, &c.— o *Glossario* de Du-Cange, o das *palavras, termos e frazes que antigamente se usárão em Portugal,* a que o seu auctor deo o nome de *Elucidario* pelos motivos que dá na *Advertencia preliminar*, &c.

66

Largura — Largueza

Largura sómente se usa no sentido fysico, e exprime precisamente huma das tres dimensões dos corpos, isto he, a distancia que ha de hum lado a outro de qualquer superficie, sem respeito ao seu comprimento. Assim dizemos, v. gr., a *largura* de hum rio, de huma praça, de huma taboa, &c., quando sómente queremos designar a distancia que ha de huma margem á outra, ou de hum lado ao outro, &c. (Latim *latitudo.)*

Largueza, no mesmo sentido fysico, tem significação menos restricta, e exprime em geral a extensão de huma superficie, ou a capacidade e amplidão de hum espaço. Assim dizemos, v. gr., a *largueza* dos campos vizinhos á cidade, isto he, a sua extensão; a *largueza* de huma praça, que tem capacidade de receber muitos mil homens; a *largueza* de huma caza, que aloja muitas familias, &c.

Mas além disso *largueza* tambem se usa no sentido moral (do Latim *largitas*), v. gr., *largueza* de animo, quando queremos exprimir hum animo amplamente liberal, não acanhado—*largueza* de idéas, de opiniões (como hoje dizemos), isto he, opiniões ou idéas liberaes, largas, despejadas, não estreitas, &c.

67

Para—A fim

Ambos estes vocabulos exprimem a relação das nossas acções com o fim a que as dirigimos, ou com o intento que levâmos em as praticar. Mas *para* refere-se a hum fim mais proximo, a hum intuito mais immediato: *a fim* refere-se a hum fim mais remoto, a hum intuito, que he secundario em ordem, aindaque o não seja na importancia.

O homem bem educado estuda *para* cultivar, ornar e engrandecer a sua razão, *a fim* de fazer-se digno da estimação geral, e alcançar gloria entre os seus contemporaneos.

O homem de probidade respeita os direitos dos outros *para* obter delles igual consideração, *a fim* de concorrer, quanto está da sua parte, para a tranquillidade e boa ordem da sociedade, &c.

68

Geral – Universal

O que he *geral* póde admittir excepções: o que he *universal* não tem nenhuma.

O que he *geral* comprehende o maior numero dos particulares, ou a todos em grosso: o que he *universal* comprehende todos os particulares hum por hum.

He opinião *geral,* que as mulheres são pouco aptas para o estudo das sciencias profundas; mas esta opinião está muito longe de ser *universalmente* adoptada, e muitas mulheres illustres a tem desmentido.

Geralmente fallando, quem he infiel a Deos não he fiel aos homens.—He maxima *universal* que o homem deve viver conforme as leis, &c.

69

Benevolencia – Beneficencia

Benevolencia he a inclinação habitual da nossa alma, que nos faz desejar constantemente o bem e a felicidade dos nossos semelhantes.

Beneficencia he a disposição habitual da nossa alma, que nos inclina a fazer todo o bem que podemos aos nossos semelhantes: he a *benevolencia* posta em pratica: he a vontade e o feliz poder de fazer bem.

O homem *benevolo* he tambem *benefico,* quando póde; e o homem *benefico* he o que tem a fortuna de poder exercitar, quando quer, a sua *benevolencia.*

Estas duas virtudes parece comprehenderem todas as boas qualidades, que se exprimem pelo vocabulo *humanidade.* A estreitissima relação que ha entre ellas, faz que

muitas vezes se tomem hum pelo outro os vocabulos que as significão.

70

Benevolencia – Bemquerença

Se attendermos á formação destes dous vocabulos, acharemos que a significação de ambos he perfeitamente synonyma, não havendo entre elles outra differença, que a de ser o primeiro derivado das duas palavras latinas *bene-velle*, e o segundo das duas portuguezas de identica significação *bem-querer*. Comtudo parece que *benevolencia* se empregará melhor, quando quizermos falar da virtude desse nome, isto he, do sentimento ou disposição habitual, que nos inclina a querermos e desejarmos o bem dos nossos semelhantes: e que *bemquerença* será mais accommodado para exprimir essa disposição do animo, quando tem por objecto alguma pessoa particular e determinada.

71

Imprevisto – Inesperado – Inopinado

Imprevisto he aquillo que acontece, sem que nós o tenhamos previsto.

Inesperado he o que succede, sem que nós o tenhamos aguardado, ou esperado.

Inopinado he o que succede, sem que nós o tenhamos pensado, e sem que nos haja vindo á imaginação.

Quando pois nos succede alguma cousa repentina, ou extraordinaria, na ordem dos acontecimentos, que são objecto da nossa previsão, dizemos que essa cousa he *imprevista*. Quando na ordem dos acontecimentos, que são objecto de nossas esperanças, dizemos que a cousa he *inesperada*. Quando finalmente na ordem dos aconte-

cimentos, que são, em geral, objecto de nossos pensamentos, ou fantasias, dizemos que he *inopinada*.

Todo o homem de juizo deve usar de previdencia no que diz respeito aos negocios importantes da vida, á saude, ao bem da sua caza e familia, aos seus procedimentos moraes, &c. O que nesse genero de cousas lhe succede repentinamente, he *imprevisto*.

Todo o homem aguarda os acontecimentos ordinarios, que são resultado da ordem do mundo e das cousas, e para os quaes costumâmos estar mais ou menos preparados. E todo o homem espera certa ordem de acontecimentos agradaveis, que são objecto de seus razoaveis e moderados desejos. O que neste genero de cousas lhe succede repentinamente he *inesperado*.

Todo o homem finalmente tem hum certo numero de idéas e de fantasias. Tudo o que acontece extraordinario, ou contrario a estas idéas, tudo o que nunca veio ao pensamento desse homem, e parece exceder a sua concepção, he *inopinado*.

A morte he hum acontecimento quasi sempre *imprevisto* para todos nós; porque raras vezes a mettemos em conta nos calculos que fazemos para o arranjo dos nossos negocios e da nossa vida. He *inesperada* para aquelles, que se persuadem gozar de boa saude; porque neste estado não he natural aguardal-a. E só poderia ser *inopinada* para o insensato, que se julgasse isento desta lei fatal, imposta a todo o vivente; porque só este acharia extraordinario e incomprehensivel hum acontecimento tão natural, como certo e inevitavel.

Para o homem que só quer gozar do presente, que nunca pensa no futuro, que lhe não importa o dia de ámanhã, tudo he *imprevisto*.

Para o homem que nada deseja, nada espera, em nada confia, tudo he *inesperado*.

Para o homem, que nada sabe, e em nada pensa, tudo he *inopinado*.

O soccorro, que vos vem de huma mão desconhecida e generosa, quando estamos na miseria e desgraça, he *imprevisto*.

O favor, que longo tempo sollicitámos em vão, e que se nos faz, quando mais remoto o julgavamos, he *inesperado*.

A aleivosia, que nos faz hum homem, que sempre reputámos nosso amigo e honrado, e com quem não tivemos quebra alguma, he hum acontecimento *inopinado*.

72

Sempre — Continuamente

Sempre quer dizer, em qualquer lugar, tempo e occasião, que se offereça e seja opportuna.

Continuamente, quer dizer, sem interrupção.

Devemos preferir *sempre* o nosso dever ao nosso gosto. O homem não póde trabalhar *continuamente*.

Para agradarmos aos outros, convem falar *sempre* bem; mas quem fala *continuamente* não póde deixar de enfastiar a quem o ouve.

He maxima inculcada no Evangelho, que o verdadeiro christão deve orar *sempre;* mas não he possivel, nem póde ser de obrigação orar *continuamente*.

73

Incerteza — Indecisão — Irresolução — Perplexidade

Incerteza exprime o estado da alma, quando lhe falta a luz necessaria para fazer com segurança os seus juizos.

Indecisão he o estado da alma, quando não vê nos

objectos motivos sufficientes que a determinem a formar hum juizo seguro e a fixar a sua escolha. He a *incerteza* nos casos praticos, em que he necessario *decidir* para obrar.

Irresolução he o estado da alma, quando não tem energia bastante para seguir a *decisão* do seu entendimento; para vencer a indifferença da sua vontade; para superar os obstaculos, que se oppõem ao seu proceder.

Perplexidade he indecisão, ou irresolução inquieta.

A *incerteza* diz sómente respeito ao estado intellectual. Os outros vocabulos referem-se á pratica das acções moraes.

Da *incerteza* nasce a *indecisão*, que nos não permitte julgar *decisivamente* o que convem, ou cumpre obrar.

A *irresolução* he propria da vontade. Muitas vezes estamos *decididos* sobre o que devemos praticar, mas *irresolutos* por indolencia, pusillanimidade, insensibilidade, timidez, &c.

Perplexidade suppõe *indecisão* do entendimento, ou *irresolução* da vontade, com inquietação e agitação, nascida da necessidade em que nos vemos de *decidir*, ou *resolver*, e do receio de tomarmos hum partido errado, cujas consequencias nos venhão a ser nocivas.

Remove-se a *incerteza* e *indecisão*, instruindo, illustrando, convencendo o homem *incerto*, ou *indeciso*.

Remove-se a *irresolução*, excitando, estimulando, persuadindo, forçando, arrastando o homem *irresoluto*.

Remove-se a *perplexidade* por hum e outro modo, mostrando ao mesmo tempo, que quem procede, depois de justo exame e deliberação, com recta intenção, e segundo a prudencia, não deve inquietar-se a respeito do bom ou mau successo das suas acções.

A *indecisão*, bem como a *incerteza*, suppõe poucas luzes, ou desconfiança dellas.

A *irresolução* suppõe fraqueza, ou pouca energia de animo, falta de coragem.

A *perplexidade* suppõe de mais o receio do futuro.

74

Desterrar — Exterminar — Degradar

Desterrar he litteralmente *lançar da terra. Exterminar* he *lançar fóra do termo*, ou limites. *Degradar* he *decretar* (do latim *decerno—decretum*, donde o portuguez *degredo)*.

Desterrar pois he lançar alguem da propria terra, ou seja do lugar que lhe deo nascimento, ou do lugar do domicilio, ou do reino a que pertence.

Exterminar he lançar fóra de certo termo, ou limites.

Degradar suppõe que se *decreta* lugar certo e determinado para residencia do *degradado*.

Desterrar diz immediato respeito ao lugar, donde alguem he lançado fóra. *Desterrado* da patria, *desterrado* do reino, &c.

Exterminado refere-se aos limites, dentro dos quaes lhe não he permittido entrar, ou habitar. *Exterminado* da comarca, da provincia, da côrte, &c.

Degradado exprime determinação do lugar, aonde deve residir. *Degradado* para Castro-marim, para Africa, para Angola, para Moçambique, &c.

«O sabio (diz Arraes, Dial. 1.º, cap. 3.º) póde ser peregrino, mas não *desterrado;* podem-no mudar de hum lugar para outro, mas não *degradar*, porque toda a terra he sua patria.»

«O *desterro* (diz Cicero no 2.º *Paradoxo*, traducção de Duarte de Rezende), terrivel he áquelles, que tem seu lugar dentro de algum limite, ou termo, e não aos que cuydam que toda a redondeza da terra he huma soo cidade.»

75

Negligente — Preguiçoso — Indolente — Inerte

Todos êstes adjectivos qualificão o homem de *pouco expedito* em qualquer negocio, ou trabalho, e convem entre si nesta idéa generica: mas o *negligente* he pouco expedito por falta de cuidado: o *preguiçoso* por falta de acção: o *indolente* por falta de sensibilidade: o *inerte* por falta de arte, esperteza, desembaraço.

O *negligente* não tem cuidado, nem vigilancia; não dá valor ás cousas; nada lhe merece huma attenção séria, perca-se o que se perder.

O *preguiçoso* não tem actividade, nem energia, não quer mover-se: a quietação, o repouso he o seu elemento.

O *indolente* nada o estimula: parece que não tem desejos, nem gostos, nem appetites vivos, nem paixões: a apathia he o seu caracter.

O *inerte* não tem arte, nem esperteza para conhecer e discernir os modos e os meios: não sabe o que ha de fazer: fica indeciso e suspenso por ignorancia, ou por falta de uso dos negocios.

O *negligente* he necessario corrigir-lhe a ligeireza do espirito, fazel-o bem conhecer a importancia das cousas, mostrar-lhe as consequencias das suas omissões.

O *preguiçoso* he necessario fazer-lhe perder o amor demasiado da quietação, e convencel-o de que ha hum movimento, actividade e agitação util, que mantém em nós o vigor do corpo e do espirito, e nos isenta dos vicios molles e effeminados, que corrompem o nosso coração e gastão a nossa vida.

O *indolente* he necessario excitar-lhe a sensibilidade;

mostrar-lhe que essa apathia, ou perfeita indifferença filosofica he huma quimera, e que a felicidade do homem não consiste em não sentir affectos e paixões, mas em saber domal-as e regel-as.

O *inerte*, finalmente, he necessario mostrar-lhe o caminho, ensinar-lhe os meios, exercital-o na pratica dos negocios, &c.

76

Prenhe — Gravida — Pejada

Prenhe exprime precisamente o estado da femea, que traz a criança no ventre.

Grávida refere-se ao pezo, que a femea sente, quando anda prenhe.

Pejada exprime o embaraço, incommodo, ou estorvo, que ella experimenta em seus movimentos, no estado de prenhez.

Arraes, Dial. 10.°, cap. 52.° «D'aqui he quadrar mais á sagrada Virgem o nome de *prenhe*, que o de *grávida*, e *pejada*, pois não sentio algum gravame, ou pezadume em seu ventre».

Sem embargo desta judiciosa reflexão, parece que os nossos modernos oradores sagrados recusão hoje o vocabulo *prenhe*, usando em seu lugar de *grávida*, que he menos popular, e tem hum certo ar scientifico. Na linguagem commum das pessoas cultas diz-se quasi sempre *pejada*, falando das mulheres.

Comtudo no sentido figurado prefere-se de ordinario o vocabulo *prenhe* a *grávida*, ou *pejada*, quando dizemos, por exemplo, nuvem *prenhe* de raios, palavras *prenhes*, terras *prenhes* de metaes, &c.; e a razão desta preferencia he, porque em taes casos não intentâmos indicar o gravame, ou pezadume da nuvem, das palavras, &c., mas sim que a nuvem traz dentro de si o raio; que as

palavras envolvem dentro de si, e dão a entender mais do que mostra o seu sentido obvio, &c., &c.

77

Desnaturado — Desnaturalisado

Desnaturado exprime, palavra por palavra, o que decahio da sua natureza, o que degenerou della, o que se despojou, ou foi despojado da natureza que lhe he propria (de *des*, e *natura*).

Desnaturalizado he o que se privou, ou foi privado da sua naturalidade (de *des*, e *natural*).

O primeiro diz-se do homem de costumes estragados, que erra aos sentimentos da natureza, que obra contra o que elles inspirão, que parece haver degenerado do ser de homem. Tal he, por exemplo, o que não tem compaixão dos seus semelhantes; o que não tem amor nem respeito a seus pais; o que os não soccorre em suas necessidades, &c.

O segundo diz-se do cidadão, que a si mesmo se despojou, ou por crimes foi privado dos direitos civis e nacionaes, lançado da sociedade dos seus concidadãos, &c.

78

Victoria — Triunfo

Victoria he a vantagem que se alcança sobre o inimigo na guerra; sobre o competidor na pretenção; sobre o adversario na disputa; sobre o litigante na demanda, &c.

Triunfo significa propriamente a ostentação, que se faz da *victoria*; a demonstração publica em honra do vencedor.

Contiguo — Proximo — Visinho — Confine

Contiguo he o que se toca; ou está em contacto com outra cousa. (Latim *contiguus, de con, e tango.)*

Proximo he o que está muito perto; que está logo depois; que se segue. (Latim *proximus*, superlativo de *prope.)*

Visinho he propriamente o habitante do mesmo lugar, aldeia, villa, ou cidade. (Latim *vicinus*, de *vicus*, e este do vocabulo Celtico *vic.)*

Confine he o que tem limite commum com outra cousa. (Latim *con-finis.)*

Contiguo sómente se diz dos corpos que estão em contacto. Hum homem póde estar *contiguo* a outro; huma caza a outra; hum campo a outro, &c.

Proximo tem significação mais ampla, e diz-se: 1.°, dos *corpos*, v. gr., hum livro, huma banca, hum quarto, &c., *proximo* a outro, ou a outra cousa: 2.°, do *tempo*, o anno *proximo*, o dia *proximo* seguinte, &c.: 3.°, da *ordem do discurso*, o paragrafo *proximo*, a razão *proximamente* dada, o *proximo* argumento, &c.: 4.°, da *semelhança da natureza*, falando do homem, todos somos *proximos;* mas entre os nossos *proximos* são mais *proximos* os parentes, &c.

Visinho diz-se mais particularmente da proximidade de habitação. Os que morão em caza *contigua*, ou na mesma rua, ou no mesmo bairro, ou na mesma villa, &c., são *visinhos*. Duas cazas podem ser *visinhas*, sem serem *contiguas*, nem *confines*, nem *proximas*.

Confine diz-se daquellas cousas que tem hum limite, ou limites communs. Campos *confines;* comarcas, territorios *confines*; reinos *confines:* &c., &c.

80

Afortunado — Ditoso — Feliz

Afortunado he o que he favorecido da fortuna: e nós chamâmos favorecido da fortuna aquelle, que quasi por sorte, ou caso, com mediana diligencia sua, ou sem nenhuma, alcança bens não ordinarios, e ás vezes nem esperados, nem pretendidos.

Ditoso he, segundo a força etymologica do vocabulo, aquelle que goza de muitos bens e riquezas.

Feliz he o que goza de felicidade, e nós dizemos que goza de felicidade o homem, que vive tranquillo e satisfeito na pacifica fruição dos bens, que bastão aos seus desejos.

Assim, tomando estes vocabulos em todo o rigor e propriedade das suas significações, póde o homem ser *afortunado* e *ditoso*, sem ser *feliz;* e póde ser *feliz* no meio da *desdita* e do *infortunio.*

O ambicioso, por exemplo, que chega a conseguir o objecto de seus vastos pensamentos e desejos, que pôde supplantar os seus competidores na carreira das honras; que subindo, por favor da fortuna, até ao cume da humana grandeza avassalla e sobjuga reinos e imperios, e vê ante si ajoelhados os outros homens: este ambicioso, digo, he sem duvida *afortunado;* mas póde não ser *feliz,* e por certo que a *felicidade* raras vezes se encontra acompanhada de tanto apparato.

Pelo contrario o homem modesto, que ama a verdade e a virtude; que sabe dominar as suas paixões e reger os seus desejos; que vive contente com a sua mediocridade, e que reune a tranquillidade do espirito e a paz do coração com a saude e vigor do corpo, póde certamente dizer-se *feliz,* e comtudo não he *afortunado,* nem *ditoso.*

O homem *afortunado* e *ditoso* logo tem parentes, amigos, lisongeiros, adoradores; mas se a *fortuna* o desampara, tudo isto desapparece. Elle está sempre dependente dos objectos externos.

O homem verdadeiramente *feliz* vive as mais das vezes desconhecido, e apenas estimado de poucos: mas elle não depende nem dos louvores do vil adulador, nem dos forçados obsequios do pretendente. A sua *felicidade* está dentro do seu proprio coração.

O homem mau e malvado he muitas vezes *afortunado* no meio dos seus crimes; mas nunca póde ser *feliz*. Pelo contrario o homem virtuoso e verdadeiramente sabio póde ser *feliz* até no meio das perseguições e dos supplicios.

O rei mais poderoso e o homem mais *afortunado* de toda a Asia admirou-se de saber pela voz do oraculo, que o mais pobre dos Árcades era o homem mais *feliz* de toda a terra.

81

Clarão — Claridade — Esplendor

Parece que estes tres vocabulos exprimem differentes gradações de luz, sendo o *clarão* hum como principio de *claridade*, e o *esplendor* a sua maior perfeição. Mas *clarão* tambem se diz algumas vezes de huma luz forte e rapida: *claridade* e *esplendor* suppõe mais duração e permanencia.

O *clarão* faz perceber os objectos: a *claridade* mostra-os distinctamente: o *esplendor* apresenta-os em todo o seu luzimento.

O *clarão* he humas vezes o primeiro assômo da luz nascente (o *clarão* da aurora — o *clarão* do crepusculo): outras vezes he huma luz fraca, que se emprega com pouca actividade sobre os objectos, por estarem a grande

distancia do corpo luminoso (o *clarão* da lua — o *clarão* do archote, que passa ao longe): outras vezes he huma luz fugitiva e de pouca duração, aindaque forte e talvez deslumbrante (o *clarão* do relampago).

A *claridade* he huma luz mais ou menos pura, mas duravel e sufficiente para bem se verem e distinguirem os objectos.

O *esplendor* he huma claridade viva, brilhante, forte e talvez deslumbrante: mas tambem duravel: he a plenitude da luz.

O *clarão* penetra como através das trévas: a *claridade* dissipa as trévas: o *esplendor* he todo luz.

82

Claridade — Clareza

Claridade emprega-se mais ordinariamente no sentido fysico e proprio: *clareza* no sentido figurado e moral.

Assim dizemos, v. gr., a *claridade* do sol, da luz, do dia, &c., e a *clareza* do entendimento, do discurso, das expressões: a *clareza* do sangue, da familia, &c.

83

Clareza — Perspicuidade

Ambos estes vocabulos exprimem huma qualidade essencial do bom discurso, ou seja escripto, ou pronunciado: mas *clareza* parece que se refere particularmente ás idéas, e *perspicuidade* ás expressões.

A *clareza* requer precisão, exacta deducção e boa ordem nas idéas. A *perspicuidade* requer termos proprios e de significação bem determinada, construcção regular, ligação conveniente.

Tem *clareza* o discurso, quando mostra a verdade em toda a sua luz. Tem *perspicuidade* o estilo, quando atravês (digamos assim) dos vocabulos, se vê perfeitamente o pensamento de quem fala, ou escreve.

84

Movel — Movediço

Movel he simplesmente o que póde mover-se: *movediço* he o que se move com facilidade.

A differença bem sensivel destes dous vocabulos basta para nos advertir, que na nossa lingua a terminação em *iço*, nos adjectivos, exprime as mais das vezes a *facilidade* de se produzir a acção, ou de se adquirir o estado, ou propriedade significada pelo adjectivo simples. Assim, v. gr., dizemos:

De alagado	*alagadiço*, isto he, *facil de alagar-se.*
espantado	*espantadiço, facil de espantar-se.*
agastado	*agastadiço*, &c.
dobrado	*dobradiço*.
abafado	*abafadiço*.
encontrado	*encontradiço*.
descontente	*descontentadiço*.
&c., &c.	

85

Conjuração — Conspiração

Conjuração he união de pessoas para algum fim, firmada com juramento.

Conspiração he união de pessoas ou cousas para algum fim.

A *conjuração* suppõe proposito. A *conspiração* póde ser casual.

Conjuração toma-se as mais das vezes em mau sentido; mas não sempre. A nossa feliz restauração de 1640 foi effeito de huma *conjuração*.

Conspiração parece ser de huma significação mais indifferente, aindaque tambem se emprega muitas vezes em mau sentido.

A *conjuração* parece dirigir-se sempre a algum effeito externo: a *conspiração* póde ser sómente em opiniões e sentimentos.

86

Novo – Recente

Novo he o que d'antes não tinha acontecido, ou não tinha sido inventado, ou de que não havia noticia, e tambem o que não tem tido uso, ou tem sido mui pouco usado.

Recente exprime precisamente o que succedeo ha pouco tempo, o que ainda está fresco, ou succedeo de fresco.

Huma lei he *nova* quando se promulga pela primeira vez: hum invento he *novo*, quando d'antes não era conhecido, ou não havia noticia delle: hum vestido he *novo* quando ainda não teve uso, ou só mui pouco.

A lei he *recente* quando foi promulgada ha pouco tempo. O *invento* he recente, quando ha pouco tempo começou a ter voga, ou a ser conhecido do publico. O vestido he *recente*, quando está feito de fresco.

Novo parece que se refere á substancia (por assim dizer) da cousa, do facto ou do sujeito; e *recente* á sua data.

A revolução Franceza offerece-nos muitos exemplos *recentes* dos terriveis effeitos das paixões humanas, quando são violentamente agitadas pelas commoções publicas: mas nenhum destes exemplos he *novo* na Historia das nações.

A doutrina do magnetismo animal he *recente* na Europa; mas muitos dos fenomenos, em que ella se funda, nada tem de *novos*, &c.

87

Preciso — Succinto — Conciso

Todos estes vocabulos caracterizão hum discurso, em que sómente entra o necessario; mas esta idéa generica he determinada em cada hum delles por differenças particulares.

Preciso e *succinto* referem-se ás idéas: *conciso* refere-se á expressão e estilo.

He *preciso* o discurso, quando não entrão nelle idéas algumas estranhas ao objecto de que se tracta. (Veja-se o art. 9.)

He *succinto* o discurso, quando não entrão nelle senão as idéas mais essenciaes e importantes, e essas talvez tocadas pelo maior, e sem desenvolvimento.

He *conciso* o estilo e a expressão, quando no discurso se empregão sómente os termos mais proprios e significativos, e se excluem todas as palavras e circumlocuções desnecessarias.

O discurso *preciso* requer analyse rigorosa, e deducção exacta e severa; e separa cuidadosamente toda a idéa vaga, inutil, superflua, ou de qualquer modo estranha ao seu assumpto, isto he, toda a idéa, que não nasce delle, ou não tende a illustral-o.

O discurso *succinto* contenta-se com as idéas fundamentaes e com os principios genericos, comtanto que sejão solidos e fecundos. Suppõe que o leitor he capaz de desenvolvel-os e de fazer as suas particulares applicações.

O discurso *conciso* escolhe com grande cuidado os vo-

cabulos mais expressivos, e emprega sómente os que bastão para pôr em boa luz o pensamento.

88

Olfato — Cheiro

Olfato he hum dos sentidos do homem, cujo orgão principal he o nariz, e pelo qual elle percebe o *cheiro* dos objectos.

Cheiro he a propriedade, ou disposição que tem alguns corpos da natureza, pela qual fazem impressão agradavel ou desagradavel no orgão do *olfato*.

89

Gabar — Louvar

Gabão-se as forças e a valentia do homem. *Louva-se* e tambem se *gaba* o seu procedimento, o seu saber.

Gaba-se a formosura, a gentileza, a graça, a vivacidade de huma mulher. *Louva-se* a sua honestidade, o seu pudor, a sua virtude.

Gaba-se hum bom traste, hum bom cavallo, huma maquina bem construida, hum edificio formoso e bem arranjado, &c., e nada disto *se louva*.

Pelo que, *gabar* refere-se ás pessoas e ás cousas. *Louvar* refere-se particularmente ás pessoas.

Gaba-se tudo o que he bom no seu genero: *louva-se* tudo aquillo por que o homem se faz benemerito e digno da estimação dos outros homens.

Quem se *gaba* he vaidoso. Quem se *louva* he orgulhoso: por isso nos rimos ordinariamente do homem que se *gaba*, e aborrecemos o homem que se *louva* a si mesmo.

90

Respeito — Deferencia — Reverencia — Veneração — Acatamento

Respeito he a attenção, ou consideração, que se tem, ou se dá a alguem, ou a alguma cousa.

Deferencia he o *respeito* que se têm aos sentimentos, desejos e gostos de qualquer pessoa, preferindo-os aos nossos, por alguma superioridade que julgâmos haver nessa pessoa. (Veja-se o art. 58.)

Reverencia he *respeito* com temor filial.

Veneração he *respeito* profundo e submisso: *respeito* religioso: especie de culto, que se dá ás cousas santas, ou ás que reputâmos como taes, ou aos objectos que julgâmos mais dignos de *respeito* e honra.

Acatamento he todo o acto externo, com que mostrâmos o nosso *respeito, reverencia,* ou *veneração.*

Respeitâmos os outros homens, os seus direitos, as suas infelicidades: respeitâmo-nos a nós mesmos, os nossos deveres, os nossos justos interesses, &c.

Deferimos á idade, ao merito, á virtude, ao saber, quando concedemos aos gostos, opiniões, sentimentos, ou desejos das pessoas, em quem suppômos, ou reconhecemos essas qualidades.

Reverenciâmos os mestres, os pais, os pastores, os magistrados, o soberano: *reverenciâmos* tudo aquillo, em cuja presença estamos como o filho costuma estar diante de seu pai, isto he, com huma especie de temor respeitoso.

Venerâmos a Deos, os santos, as cousas religiosas e sagradas, e tudo aquillo a que tributâmos algum genero de culto, como aos pais, á patria, aos homens de eminente virtude, &c.

Acatâmos finalmente, mais ou menos, todas as pes-

soas e cousas, a quem devemos *veneração*, *reverencia*, *deferencia*, ou *respeito*.

91

Folga — Folguedo

Folga he simplesmente a larga que se dá ao espirito e ao corpo, interrompendo o trabalho, para tomar alguma honesta recreação.

Folguedo he muita *folga*; grande *folga*, *folga* continuada; ou que dura muito tempo; &c.

Por occasião deste artigo não será inutil advertir, que a terminação em *edo* exprime muitas vezes a mesma differença respectiva entre varios outros vocabulos; significando multidão, duração, continuação, ou repetição da mesma cousa significada pelo substantivo simples. Assim, v. gr., derivâmos

De brinco — *brinquedo*, isto he, *grande brinco*, *ou muito brincar*, *ou brincar continuado*.
arvore — *arvoredo*, isto he, *multidão*, *continuação de arvores*.
fraga — *fraguedo*, *fragas continuadas*.
silva — *silvedo*, &c.
vinha — *vinhêdo*.
&c., &c.

92

Onda — Vaga

Onda exprime no seu sentido primario abundancia de agoas, e d'aqui se deriva a accepção secundaria, em que muitas vezes o tomâmos, significando a fluctuação, ou o movimento ondulatorio das mesmas agoas, originado da sua abundancia e fluidez.

Vaga exprime originariamente o grão ruido das agoas violentamente agitadas, e desta significação se deriva a outra, em que o tomâmos por *onda* grande, formada pela violenta agitação das agoas.

Ambos estes vocabulos se usão falando do mar, e dos rios; mas se os considerarmos em sua rigorosa significação, e desacompanhados de epitheto; o primeiro exprime huma ondulação mais branda, e, se assim podemos dizer, mais pacifica, nascida da propria fluidez das agoas, ou de causas accidentaes, mas ordinarias: e o segundo huma ondulação mais agitada, mais forte e mais violenta, nascida do movimento não ordinario, e talvez perturbado e tumultuoso das agoas.

Os ventos fortes fazem empolar as *ondas*, e levantão *vagas*.

O navio corta as *ondas*, e navega por ellas; mas he fortemente embatido, e ás vezes soçobrado pelas *vagas*.

93

Attracção — Gravidade — Gravitação — Affinidade

Ha huma força universal na natureza, que sollicita todas as moléculas da materia, e todos os aggregados dellas a aproximarem-se huns dos outros debaixo de certas leis. Esta força chama-se *attracção*.

Quando considerâmos a *attracção* sollicitando os corpos terrestres, e cada huma das suas particulas, a aproximarem-se do centro da terra, chamâmos-lhe mais ordinariamente *gravidade:* e o mesmo nome damos a essa força considerada nos corpos, de que se compõe cada astro, a respeito desse astro.

A mesma *attracção* considerada nos grandes corpos,

ou astros, de que se compõe o systema do mundo, e sollicitando-os huns para os outros, e todos para hum centro commum, toma o nome de *gravitação*.

Finalmente a mesma força obrando nas mais pequenas moléculas da materia, e em pequenissimas distancias, chama-se *affinidade*.

Considerão ainda os fysicos outras especies de *attracção*, que só se observão em certos corpos, ou em corpos modificados de certo modo: mas estas especies não tem nome particular, e designão-se pelo vocabulo generico de *attracção* respectivamente qualificado, v. gr., *attracção* electrica, *attracção* magnetica, &c.

94

Gravidade – Pezo

Gravidade he a força attractiva, que sollicita os corpos terrestres, e cada huma das suas particulas a se aproximarem do centro da terra. (Veja-se art. 93.)

Pezo he a somma das acções, que essa força exercita sobre cada huma das particulas, de que se compõe hum corpo.

A *gravidade* he igual em todos os corpos, e nas suas mais pequenas particulas. Hum pedaço de ouro, e huma pluma, hum globo de ferro, e outro igual de cortiça, deixados a si a igual altura da superficie de terra, cahirião sobre ella ao mesmo tempo, se o ar lhes não oppozesse mui desiguaes resistencias.

O *pezo* he desigual nos differentes corpos, segundo he maior ou menor o numero de particulas materiaes, que nelles se contém debaixo de igual volume. A cortiça, por exemplo, tem menos pezo que o chumbo, ou o ferro, porque debaixo de hum volume igual contém muito menos particulas de materia *grave*.

95

Obrigação — Dever

A lei liga o homem, impõe-lhe huma *obrigação (obligatio)*. A *obrigação* constitue o homem n'huma *divida*, gera hum *dever*.

A lei prende a liberdade do homem, e não a deixa seguir senão hum caminho: esta he a *obrigação*. A liberdade coarctada pela *obrigação*, deve seguir o unico caminho que a lei lhe indica: este he o *dever*.

Dever he huma acção, que o homem faz, conforme á *obrigação* legal.

Como a *obrigação* nasce da auctoridade da lei, não póde estender-se além dos limites dessa auctoridade: e como o *dever* he huma divida do homem, não póde estender-se além da esfera das suas faculdades, isto he, da sua possibilidade. Assim cessa a *obrigação*, quando a cousa não póde ser mandada, ou quando quem a manda não tem auctoridade para isso: e cessa o *dever*, quando a cousa não póde, ou não deve ser executada.

96

Realizar — Verificar

Realizar he fazer *real*, dar *realidade* ao que d'antes a não tinha, ou parecia não a ter. *Verificar* he fazer, ou mostrar *verdadeiro* o que se duvidava, ou podia duvidar..

Realiza-se huma promessa: *verifica-se* huma narração.

Realiza-se hum plano, hum projecto: *verifica-se* huma allegação, hum facto historico.

Realiza-se huma esperança, hum desejo: *verifica-se* a exactidão de huma experiencia, a justeza de huma demonstração.

Realiza-se e *verifica-se* huma profecia. *Realiza-se*, porque o acontecimento profetizado não tem realidade, quando se profetiza: e *verifica-se*, porque o profeta o vê de algum modo como presente, e o annuncia como tendo realidade, aindaque futura.

97

Mundo — Universo

Mundo significa especialmente a collecção de todos os grandes corpos, que tem o sol por centro dos seus movimentos, e comprehende o mesmo sol, os planetas, os seus satellites, e os cometas. Na linguagem vulgar toma-se muitas vezes pelo só globo terrestre, e tambem pelo *universo*.

Universo comprehende não só o nosso systema planetario, mas tambem todos os outros, que parecem semelhantes; ou essa grande multidão de estrellas, que se nos representão como centros de outros tantos *mundos* disseminados na vasta extensão do espaço celeste.

98

Lisongear — Adular

Lisongear he fazer ou dizer a outrem cousas agradaveis, principalmente em seu obsequio, e louvor, talvez com justiça e verdade, e talvez com affectada complacencia.

Adular he *lisongear* vil e baixamente; lisongear men-

tindo; lisongear de huma maneira servil, grosseira. impudente.

Lisongear toma-se em bom ou mau sentido: *adular* sempre se toma em mau sentido.

O *lisongeiro* póde estar em erro, ou ser exagerado nos seus louvores; mas sempre obra de boa fé: o *adulador* he exagerado de proposito, fala contra o que entende, lisongeia de má fé, e ás vezes até diviniza as paixões e os crimes.

A *lisonja* póde ser agradavel até ao homem modesto: a *adulação* aborrece, e causa fastio até ao orgulhoso.

A *adulação* he para a *lisonja* como a mentira he para o erro.

99

Moça – Donzella – Rapariga

Moça refere-se propriamente á idade, e significa em geral mulher de pouca idade.

Donzella he diminutivo de *dona*, e significa originariamente *moça nobre*. Neste sentido o tomou Camões, quando disse, falando da desditosa Ignez de Castro, *Lusiadas*, canto 3.°, est. 134.°

> *Tal está morta a pallida* donzella,
> *Seccas do rosto as rosas...*

entendendo por *donzella, moça nobre*, linda e mimosa, aindaque já mãi de filhos, bem como os antigos entendião por *donzel* moço nobre, e em particular aquelles, que desde pequenos se criavão com os Reis e Infantes. (*Monarquia Lusitana*, liv. 16.°, cap. 15.°)

Rapariga parece significar mais propriamente *moça* não nobre, *moça* de baixa origem, talvez de serviço. &c.

100

Desnecessario – Inutil – Escusado – Superfluo

He *desnecessario* o que não he necessario, ou deixa de o ser. He *inutil* o que não presta para o fim que se intenta. He *escusado* o que se póde omittir sem risco, ou sem má consequencia. He *superfluo* o que sobeja além do necessario.

Todos estes vocabulos exprimem, ou antes suppõem huma comparação, que o nosso espirito faz entre os meios e o fim que se intenta.

Chamâmos *necessarios* aquelles meios, sem os quaes se não póde obter o fim: mas cessando este, os meios vem a ser *desnecessarios*.

Chamâmos *util* tudo o que serve, o que presta, o que aproveita para o fim, aindaque não seja *necessario*. O que não aproveita, nem presta, nem serve para o fim, que se intenta, n'huma palavra, o que não tem relação com esse fim, he *inutil*.

Muitas cousas, que não são *necessarias*, podem ser *uteis* e convenientes para mais facilmente conseguirmos o fim: mas se essas cousas demandão muito trabalho, ou muita despeza, ou trazem comsigo grandes difficuldades, he *escusado* empregal-as, porque não são indispensaveis, e podem omittir-se sem risco do negocio.

Finalmente muitas vezes temos á mão differentes meios todos *uteis* para o fim que intentâmos. Se hum delles basta e he efficaz para o conseguirmos, os outros sobejão, são *superfluos*.

He *desnecessario* vigiar a praça, quando não ha receio de inimigos. He *inutil* reprehender o homem, que não tem pejo. He *escusado* fazer leis, aonde reinão os bons costumes. He *superfluo* amontoar provas de huma ver-

dade, quando temos dado alguma, que seja demonstrativa e irrecusavel.

101

Concorde—Conforme

Concorde refere-se propriamente ao acordo do animo, da vontade, do coração, e diz-se de duas ou mais pessoas, que tem as mesmas opiniões, os mesmos gostos, os mesmos sentimentos.

Conforme refere-se mais particularmente á identidade, ou analogia das fórmas; e diz-se de duas ou mais cousas, que tem entre si fórmas identicas, ou semelhantes.

Todos os homens razoaveis são *concordes* em adoptar certas maximas de moral. Todos os animaes da mesma especie são *conformes* na sua figura e organisação.

Duas pessoas podem *conformar-se* nas mesmas praticas, sem *concordarem* nos mesmos principios.

Aindaque todos os homens são *conformes* na sua organisação, he raro achar dous, que sejão perfeitamente *concordes* em sentimentos, &c.

102

Juventude—Mocidade

Juventude significa propriamente hum tempo determinado da vida humana, distincto do tempo da infancia, da puericia, da adolescencia, da idade varonil e da velhice. He o tempo da vida do homem, que medeia entre a adolescencia e a idade varonil.

Mocidade toma-se muitas vezes indeterminadamente pelas tres idades da puericia, adolescencia, e *juventude*, como se as comprehendesse todas.

Assim, v. gr., nestas frases: *a mocidade portugueza he apta para o estudo das sciencias, a* mocidade *he dada aos prazeres,* &c., não usaremos com propriedade do vocabulo *juventude,* em lugar de *mocidade.*

103

Acção — Acto

Aindaque estes vocabulos se confundem no uso vulgar, por não ser necessario empregal-os sempre em todo o rigor da exactidão metafysica; nem por isso deixão de ter entre si huma differença bem notavel, que ás vezes será conveniente attender, e que he applicavel a muitos outros vocabulos respectivamente analogos.

Acção he hum vocabulo abstracto, e *acto* he hum vocabulo concreto: isto basta para nos conduzir na indagação da sua differença.

O vocabulo abstracto exprime huma consideração do nosso espirito, que observando os modos, as qualidades, ou as relações semelhantes, que ha em differentes sujeitos, faz dellas huma separação intellectual, e lhes dá huma denominação generica. O vocabulo concreto suppõe sempre hum sujeito em que reside, ou se emprega essa modificação, qualidade, &c.

Acção exprime a modificação, ou o estado da potencia em exercicio. *Acto* he o effeito da *acção.*

Acção he a *operação* da potencia: *acto* he a *obra* que resulta dessa operação.

A potencia, quando está em *acção,* emprega a sua energia, e faz, ou produz alguma cousa: o seu producto he o *acto.*

Os mesmos vocabulos de *operação* e *obra,* de *producção* e *producto* confirmão a nossa explicação, e a illustrão.

O nosso entendimento he huma potencia, cuja *acção* se desenvolve por differentes modos e produz differentes *actos*. O raciocinio he hum *acto* do entendimento, e não lhe chamâmos propriamente *acção*, nem damos esse nome a outros *actos* da mesma faculdade.

Em moral chamâmos *actos humanos* os productos da vontade livre do homem. A consideração intellectual da energia, que a vontade desenvolve para os produzir, e que liga cada hum desses *actos* com a sua causa, he o que chamâmos *acção*.

Por este modo nos parece que se deve, no rigor metafysico, fazer differença entre *moção* e *movimento; reformação* e *reforma; indemnisação* e *indemnidade; oblação* e *offerenda*, &c., &c., aindaque na linguagem vulgar poucas vezes se dê attenção a essa differença.

104

Abrogar – Derogar – Antiquar

Em linguagem de Jurisprudencia, *abrogar* he annullar a lei: *derogar* he annullar parte da lei: *antiquar* he pôr a lei em desuso.

Dizemos que a lei foi ou está *abrogada*, quando todas as suas disposições forão abolidas por outra lei: dizemos que foi, ou está *derogada*, quando alguma parte della foi abolida por outra lei: e dizemos, que está *antiquada*, quando está posta no numero das que não estão em uso.

Abrogar e *derogar* a lei pende de hum acto positivo do legislador, *antiquar* he hum effeito do não uso, ou do costume legitimamente introduzido em contrario.

Abrogar e *antiquar* sómente se diz das leis, constituições, ceremonias, e outras cousas semelhantes: *derogar* tambem se diz analogamente por *diminuir, tirar alguma cousa de*, &c., v. gr., *derogar* a auctoridade, a

nobreza, a dignidade, isto he, diminuir, tirar alguma cousa da auctoridade, da nobreza, &c.

105

Costumar — Soêr — Estar affeito

Costumar exprime propriamente a repetição dos mesmos actos.

Soêr significa tambem a continuação da mesma cousa, ou do mesmo modo de ser ou estar, e isto desde muito tempo. *A palavra* sôem estar (diz a *Monarquia Lusitana*, part. 5.ª, liv. 16.º, cap. 72.º) *denota continuação de tempo antigo.*

Hum homem *costuma* ler todos os dias, *costuma* fazer actos de beneficencia, *costuma* seguir os seus caprichos, isto he, repete muitas vezes estes actos, tem habito, ou *costume* de os fazer.

As pessoas de certas familias *sôem* ser doutas. A residencia dos nossos Soberanos *sohia* ser em Lisboa. Portugal já não he o que d'antes ser *sohia*. As escolas geraes do reino *sôem* ser em Coimbra, isto he, continuão a ser desde tempo antigo, &c.

E por aqui se vê quanto sem razão se despreza hoje este vocabulo, e quasi se vai tirando do uso commum, como antiquado; quando elle tem huma significação bem differente do seu synonymo *costumar;* tem boa e legitima derivação do Latim *solere;* e tem a seu favor o uso dos melhores classicos, e ainda de alguns escriptores modernos, postoque rarissimos.

Estar affeito exprime propriamente huma consequencia do *costume:* he ter adquirido facilidade, geito, e talvez gosto e propensão de fazer alguma cousa, que se *costuma* fazer, ou a que se está *acostumado.*

Quando temos *costume* de fazer qualquer cousa, por

difficil que seja, *affazemo-nos* finalmente a ella, e então não só cessa a difficuldade, mas até muitas vezes fazemos com gosto, o que ao principio nos causava pena, ou molestia. Isto he o que se chama *estar affeito*.

106

Deshonesto – Obsceno

Deshonesto he tudo o que se oppõe á castidade, á pudicicia, á pureza, &c.

Obsceno exprime muito mais que *deshonesto* na mesma ordem de cousas; porque a sua particular energia he significar o que he sujo, immundo, sordido, torpe, &c. (Do Latim *cœnum*, lama, lodo.)

O *deshonesto* offende a castidade, a pudicicia, a pureza. O *obsceno* viola abertamente estas virtudes, ajunta á deshonestidade a torpeza, a immunda grosseria e talvez a impudencia.

Deshonesto diz-se de tudo quanto offende a castidade: pensamentos, lembranças, vistas, acções, &c. *Obsceno* he mais proprio das cousas externas, e que se offerecem á vista; e por isso se diz com particularidade das palavras, livros, paineis, gestos, posturas, &c., e se alguma vez dizemos tambem *pensamentos obscenos*, he porque nos referimos á fantasia, quando ella nos representa imagens, que merecem essa qualificação.

107

Ordir – Tramar – Tecer – Maquinar

Os tres vocabulos *ordir*, *tramar* e *tecer* considerados nas suas significações proprias e primarias, tem diffe-

renças bem sensiveis e bem sabidas, as quaes parece que deverião passar com igual gráo de energia para o sentido metaforico, ou translato.

Ordir he lançar os primeiros fios para a teia: *tramar* he passar outros fios por entre, e através da ordidura: *tecer* abrange o *ordir* e o *tramar*; he fazer o que resulta de ambos; he fazer a teia.

Logo, no sentido figurado parece que *ordir*, *tramar* e *tecer*, v. gr., hum enredo, huma traição, &c., deverião ter a mesma differença, e neste caso o vocabulo *ordir* exprimiria menos que *tramar* e *tecer*; e o vocabulo *tecer* exprimiria mais que *ordir* e *tramar*.

Ordir hum enredo seria lançar as primeiras linhas para elle, dar as primeiras idéas, traçar o primeiro plano, ou desenho.

Tramar exprimiria o enlaçamento do enredo, a acção de o ligar, de combinar todas as suas partes, de lhe dar força e consistencia.

Tecer exprimiria ambas as cousas, e diriamos que *teceo* hum enredo, quem inventou o primeiro plano, quem lhe deo consistencia e força, combinando, ligando, unindo todas as suas partes, e finalmente quem o arranjou completamente desde o principio até o fim.

Comtudo parece que o vocabulo *tramar*, ou por suas articulações asperas, ou por exprimir a parte mais difficil da teia, isto he, o *entrelaçado* dos fios, e lhe dar com isso mais consistencia, he o que no uso vulgar se emprega para significar com mais força e energia hum enredo implicado, e bem concertado para produzir o fim que se intenta.

Maquinar usa-se no mesmo sentido, mas parece que exprime hum modo mais embaraçado, mais profundo, mais artificioso, e talvez mais baixo e mais odioso de armar hum enredo, huma traição, huma empreza criminosa, &c.

108

Reconhecimento – Gratidão

Reconhecimento exprime o acto de tornar a conhecer, isto he, de conhecer bem o beneficio, de repassal-o na memoria de o confessar.

Gratidão exprime o sentimento habitual, que nos inclina a dar graças pelo beneficio.

Reconhecimento refere-se immediatamente ao beneficio; *gratidão*, ao bemfeitor. *Reconhecemos* o beneficio, e somos *gratos* a quem nol-o fez.

O *reconhecimento* parece que depende principalmente do juizo e da memoria: he hum dever de justiça: basta ser justo, para ser reconhecido.

A *gratidão* depende mais da sensibilidade: he hum dever de sentimento: faz-nos caro o bemfeitor, e inspira-nos o desejo de lh'o mostrarmos: he necessario ter o coração sensivel para amarmos a quem nos faz bem.

O *reconhecimento* lembra-se do beneficio: confessa-o: e está prompto a pagal-o por outro.

A *gratidão* lembra-se do beneficio com prazer e sensibilidade: tem gosto em confessal-o: está tambem prompta a retribuil-o; mas nunca chamará a isto paga, nem jamais se julgará desobrigada da sua divida.

O *reconhecimento* emfim he o principio da *gratidão:* esta he o complemento do *reconhecimento.*

Aquelle, que *reconhecendo* o beneficio, cuida em pagal-o por outro, pára se livrar do pezo do *reconhecimento,* he hum *ingrato.* A *gratidão* préza e ama o titulo de devedora, e quer sempre conserval-o, aindaque muito faça em serviço do bemfeitor.

109

Acabar – Cessar – Descontinuar

Acabar diz tanto como *pôr fim*, ou remate a alguma cousa; dar-lhe fim.

Cessar he abandonar o trabalho, ou empreza.

Descontinuar he interromper o trabalho para tornar depois a elle.

Acabar suppõe o trabalho concluido, por não haver mais nada que fazer.

Cessar póde dizer-se do trabalho ainda não *acabado;* mas cuja continuação se abandonou por algum motivo.

Descontinuar suppõe que o trabalho se interrompe, para se voltar a elle em tempo opportuno.

Aindaque o homem prudente não deva emprehender trabalho algum, sem que se julgue com forças para o *acabar;* comtudo convem algumas vezes *descontinual-o* para dar recreação ao espirito, ou ao corpo fatigado; e outras vezes he forçoso *cessar* de o proseguir, porque circumstancias imprevistas obstão á sua conclusão.

110

Crescer – Augmentar-se

Crescer he a expressão propria, com que significâmos aquella operação, pela qual os corpos organisados passão gradual e insensivelmente por todas as differenças de grandeza, desde que começão a ser visiveis, até chegarem á perfeição, que lhes he propria: he o desenvolvimento gradual e insensivel de todas as partes dos corpos organisados: *Crescem* as plantas, os homens, os animaes; *cresce* o cabello, a lã, o pello, a pennugem, &c.

Por analogia parece que se applica este vocabulo com propriedade para exprimir o engrandecimento progressivo e gradual de qualquer cousa, quando este se faz por huma especie de mechanismo interno, ou por causas e modos, que nos são invisiveis. Neste sentido dizemos, que *cresce* a massa em fermentação, *crescem* os dias e as noites, *crescem* os rios, *crescem* no homem os vicios com a idade, *cresce* a violencia das paixões, &c.

Augmentar-se exprime mais particularmente o engrandecimento, que se faz por huma addição de novas quantidades, ou por addição de cousas da mesma especie, e não suppõe que esse engrandecimento seja progressivo, nem gradual, nem insensivel. Assim *augmenta-se* o trigo no celleiro, o dinheiro no cofre, o numero dos homens em huma funcção publica, os bens de huma caza, &c., &c.

A mesma differença parece verificar-se quando empregâmos estes vocabulos no sentido figurado. *Cresce* (por exemplo) o poder de huma nação, quando se desenvolvem os meios proprios, internos, e por assim dizer, organicos do seu engrandecimento, quaes são o melhoramento das leis, o progresso das luzes, a influencia efficaz da religião sobre os costumes, a vigilancia activa do governo, &c., e *augmenta-se* esse poder pela acquisição de algum novo territorio, pela addição de outros estados, por allianças habilmente combinadas, &c.

111

Tomar — Receber — Aceitar

Tomar alguem alguma cousa, he havel-a a si; havel-a á mão; apprehendel-a com a mão. Não envolve, nem suppõe acção estranha, que nos mande, ou dê, ou offereça essa cousa; nem idéa de movimento que a traga a nós. *Tomâmos* o vestido, o chapeo, a espada; *tomâmos*

o livro para ler, a penna para escrever, as armas para brigar; *tomâmos* amor, odio, asco; *tomâmos* occasião, tempo, &c., &c.

Receber he tomar o que se nos dá, ou se nos offerece, ou se nos manda, ou vem a nós. *Recebemos* hum presente, hum favor, huma injuria; *recebemos* hum hospede, huma visita, huma noticia, huma ferida na guerra, etc.; *recebemos* o fôro que se nos paga, o dinheiro que se nos deve, &c.; &c.

Aceitar he receber com agrado e boa sombra, e tambem approvar, assentir, dar consentimento, auctorizar o que se nos offerece, ou propõe. *Aceitâmos* hum obsequio, huma graça, huma offerta; *aceitâmos* as condições de hum contracto, a proposta que se nos faz, a obrigação que se nos impõe, &c.

Aceitâmos a offerta que alguem nos faz do seu prestìmo, e não a *recebemos*, nem *tomâmos*.

Recebemos hum insulto, huma injuria, huma descortezia, e não a *tomâmos*, nem *aceitâmos*.

Finalmente *tomâmos* as armas para ir á guerra, e não as *recebemos*, nem *aceitâmos*, &c.

112

Aventurar — Arriscar

Aventurar he pôr em sorte e ventura. *Arriscar* he pôr em risco.

Aventurar he pôr o negocio, ou cousa de que se tracta, nas mãos da fortuna; sujeital-a ás suas alternativas, e aos seus caprichos: indica huma perfeita incerteza do successo, e suppõe a igual probabilidade, ou antes possibilidade de ser bom ou mau.

Arriscar exprime alguma probabilidade, aindaque remota, de mau successo: he pôr o negocio sobre o *risco*

(se assim podemos dizer) em que se começa a declinar para o mau termo.

Quem joga com hum jogador igual, *aventura-se* a perder ou ganhar. Quem joga com hum jogador mais habil, *arrisca-se* a perder.

Quem entra em hum jogo, em que o caso e sorte decida tudo, *aventura* o seu dinheiro. Quem se expõe a huma viagem maritima difficil e extensa, por causa de commercio, *arrisca* o seu dinheiro e a sua vida.

113

Alvedrio — Liberdade

O primeiro destes vocabulos exprime a faculdade, que a nossa vontade tem de resolver, de decidir e de se determinar depois da deliberação.

O segundo exprime huma propriedade do *alvedrio*, e consiste em que essa determinação da vontade se faz por energia sua propria, sem que a isso seja forçado por genero algum de necessidade.

O *alvedrio* faz que a vontade resolva e se determine com deliberação. A *liberdade* faz que essa acção seja só e toda sua: que a vontade seja senhora absoluta da sua determinação; que nenhuma cousa estranha tenha sobre ella influencia necessaria e inevitavel.

Vieira diz, em alguma parte dos seus Sermões, *a liberdade do alvedrio*, e Heitor Pinto no *Dialogo da Vida Solitaria*, cap. 3.º usa da mesma expressão.

114

Abundante — Abundoso

Abundante he o que actualmente abunda. *Abundoso* he o que tem a qualidade natural, a propriedade,

a força de abundar, ou tambem a plenitude da abundancia.

A terminação em *ante* do participio do presente denota a acção actual, ou o estado da cousa no momento de que se fala; o que acontece e se faz de presente; o facto, ou as suas circumstancias, &c. A terminação em *oso* denota a qualidade, ou propriedade natural, a força, a inclinação, a paixão, o habito; emfim ás vezes a plenitude, perfeição, excesso, &c., de alguma qualidade, ou accidente.

Assim, por exemplo, *estudante* he o que actualmente estuda, ou cursa os estudos: *estudioso* he o que tem inclinação natural, paixão, habito de estudar; he o que tem como a propriedade natural de estudar, ou a plenitude desta inclinação.

Negociante he o que actualmente nogoceia, que tem este estado, ou vida: *negocioso* he o que he naturalmente dado a negocios; que todo se emprega nisso; e o tem de séu genio e inclinação.

Radiante he o que actualmente lança raios de luz: *radioso* he o que tem em si e como de sua natureza a qualidade, a propriedade, a força de os lançar. O sol he *radioso,* ainda quando não está *radiante.*

Amante he o que actualmente ama; o que actualmente está possuido deste sentimento ou paixão: *amoroso* he o que por natureza he inclinado a este sentimento; que facilmente se deixa levar do amor; que tem a propriedade e facilidade natural de amar, &c.

Ha pois a mesma differença entre *abundante* e *abundoso.* A colheita, v. gr., he *abundante;* o terreno he *abundoso.* Se alguma vez dizemos colheita *abundosa,* he para significarmos o excesso, a plenitude da abundancia. Os pastos são *abundantes,* quando queremos exprimir a actual producção de hum paiz, relativamente aos rebanhos, que alimenta: e são *abundosos,* quando quere-

mos exprimir a fecundidade da terra, que os produz em grande abundancia, ou a plenitude da actual producção, &c.

115

Incognito – Desconhecido

Incognito he precisamente o que não he conhecido. *Desconhecido* diz-se tambem daquillo que deixou de ser conhecido; daquillo que outr'ora se conheceo, e de que depois se perdeo o conhecimento.

Terras *incognitas* são aquellas, que nunca forão descobertas, nem conhecidas: mas huma terra, huma villa ou cidade póde haver sofrido taes alterações e mudanças, que venha a dizer-se *desconhecida* daquelles mesmos, que em outro tempo a conhecêrão.

O Messias não era *incognito* aos Judeos; mas foi *desconhecido* delles, quando veio.

Desconhecemos hum amigo, que depois de larga ausencia e varios trabalhos, se nos apresenta demudado. *Desconhecemos* os nossos deveres, quando obrâmos, como se os não conhecessemos, ou como se deixassemos de os conhecer. *Desconhece-se de homem, o que não sabe perdoar*, diz Arraes, Dial. 5.º, cap. 1.º

A particula *in* na composição dos adjectivos exprime muitas vezes a simples negação da qualidade significada pelo adjectivo não composto. A particula *des* nos mesmos casos exprime a separação, a perda dessa qualidade, ou que ella foi tirada ao objecto, ou que o objecto decahio della, &c.

Assim, *ser inanimado* he o que não tem alma: e *ser desanimado* he aquelle que está como se perdêra, ou lhe tirárão a alma.

Informe he o que não tem fórma: *disforme* o que perdeo a fórma que tinha: que a tem alterada, ou afeiada.

Inhabitado he o lugar ermo, que não tem habitadores: *deshabitado* he o lugar que já foi habitado e que agora está sem habitadores.

Inculpado he o homem que não tem culpa: *desculpado* he o que se justificou da culpa que lhe imputavão, que se mostrou isento della, &c., &c.

116

Pedir – Orar – Exorar – Rogar – Supplicar – Implorar Obsecrar – Demandar – Requerer – Exigir

Pedir he de todos estes vocabulos o mais generico, isto he, que não especifica nem a cousa que se pede, nem o modo com que se pede, nem a pessoa a quem se pede. *Pedimos* huma graça: *pedimos* justiça: *pedimos* o que se nos deve: *pedimos* a Deos: aos homens, em juizo, ou fóra delle, &c., &c.

Orar he *pedir a Deos,* diz Vieira, *Sermão do Rozario,* tom. 2.°, pag. 239.

Exorar he demover, conseguir com supplicas; pedir afincadamente de maneira que alcancemos o que pedimos.

Rogar he pedir por graça e mercê.

Supplicar he pedir humildosamente, pedir com submissão, pedir de joelhos.

Implorar he pedir com lagrimas, pedir com grande ardor.

Obsecrar he pedir por alguma cousa sagrada, ou mui respeitavel.

Demandar he pedir por e com direito; pedir em juizo. *Pedir a quem me deve* (diz Vieira, *Sermão do Rozario*, tom. 1.°, pag. 476) *mais he* demandar, *que* pedir.

Requerer he pedir ao magistrado, ao superior, ao principe o que segundo a lei nos deve ser concedido.

Exigir he pedir com auctoridade, pedir como divida, talvez pedir por força. Deos *exige* de nós obediencia e amor—a amizade *exige* correspondencia—o principe *exige* tributos, &c.

117

Superioridade—Auctoridade—Poder—Soberania—Senhorio

Superioridade, no sentido em que aqui o considerâmos, exprime aquella relação, pela qual huma pessoa se considera em mais alto gráo que outra, ou seja nos talentos, ou nas forças, ou na excellencia, ou no poder, ou em qualquer outra cousa. Hum homem he *superior* a outro em litteratura, em virtudes, em gentileza, em nobreza, em valor, &c., &c.

Auctoridade he a *superioridade* legal, isto he, a *superioridade* estabelecida pela lei da natureza, pela lei divina positiva, pela lei humana, ou pela lei da opinião. O pai tem *auctoridade* sobre o filho pela lei da natureza: o bispo sobre os seus diocesanos pela lei divina: o magistrado sobre os seus subditos pela lei humana: o mais velho sobre o mais moço, ou o douto sobre o ignorante pela lei da opinião.

Poder he *auctoridade* com força de se fazer respeitar, e obedecer.

Soberania he *auctoridade* com *poder* independente sobre huma nação, ou povo inteiro.

Senhorio he *auctoridade* com dominio.

118

Infante—Menino—Criança

Infante he o individuo da especie humana, de tão tenra idade, que ainda não fala, ou não pronuncia bem

o que fala (do Latim *infantia*, carencia da palavra). O tempo da *infancia* costuma contar-se desde o nascimento do homem até aos sete annos de sua idade.

Menino ou *menina* he o individuo da especie humana na sua puericia, isto he, desde os sete annos, até que apparecem os sinaes da puberdade.

Criança he o individuo masculino, ou feminino de qualquer especie de animal, emquanto se anda criando, e por isso se diz tambem do animalzinho ainda no ventre da mãi. Hoje quasi que sómente applicámos este vocabulo aos individuos da especie humana; mas o seu uso, em sentido mais extenso, he fundado na derivação, e na auctoridade dos classicos, e não merece ser antiquado.

119

Enganar — Embair — Seduzir — Illudir

Enganar he simplesmente induzir alguem em erro: exprime qualquer genero de *engano*, sem qualificação alguma. *Enganâmos* a outrem innocentemente; *enganâmos* com malicia e de proposito; *enganâmos* com palavras, ou acções, &c. &c.

Embair he *enganar* com impostura, com embustes, com embelecos, com mentiras, &c. Os Judeos dizião de Jesu-Christo que era *embaidor*. Arraes, Dial. 3.°, cap. 34.°, e Dial. 7.°, cap. 20.°

Seduzir he *enganar*, trazendo para o mal com conselhos avessos, com insinuações, com exemplos, &c.

Illudir he *enganar* com falsas apparencias — *enganar* como por jogo e zombaria — *enganar* mostrando os objectos debaixo de côres enganosas e alheias da verdade, &c.

120

Figura — Fórma

A *figura* dos corpos he determinada pelas suas superficies e contornos, isto he, pelos limites externos da sua extensão. A *fórma*, pela construcção e arranjamento das partes.

Dizemos *figura* de homem, de elefante, de leão, *figura* oitavada, quadrangular, oblonga, &c., e dizemos *fórma* solida, macissa, delicada, simples, &c.

Muitas vezes dizemos tambem *fórma* por *figura;* porque em realidade a *figura* depende da *fórma* externa, ou nella mesma consiste; mas não podemos dizer *figura* por *fórma.*

No sentido figurado observa-se huma differença analoga entre estes dous vocabulos. V. gr., empregâmos *figura* para significar o aspecto, ou apparencia externa do negocio, da empreza, &c., quando dizemos que elle ou ella estão em boa ou má *figura:* e usâmos de *fórma* para exprimir tudo aquillo que he susceptivel de algum arranjamento de partes, v. gr., a *fórma* do governo, a *fórma* das eleições, a *fórma* da administração, &c., &c.

121

Breve — Curto

Breve diz-se mais propriamente, quando falâmos do tempo e da duração. *Curto,* quando falâmos da extensão da materia, ou do espaço, considerada na sua longura.

He *breve* a vida do homem, *breve* a duração dos seus prazeres, *breve* huma conversação, &c. He *curto* o ca-

minho, *curta* a distancia, *curto* o vestido, *curta* a régoa, &c.

Comtudo a duração convem com a extensão e espaço na idéa de continuidade; e a extensão e espaço convem com a duração na idéa de successão: por onde, quando considerâmos o tempo com respeito á continuidade, ou o espaço com respeito á successão, as duas noções coincidem perfeitamente, e então usâmos bem, e a proposito, de qualquer dos vocabulos. Por isso dizemos que he *curta* ou *breve* a vida do homem; *curta* ou *breve* a duração dos nossos prazeres, *curta* ou *breve* a distancia, o caminho, &c.

Mas algumas vezes considerâmos a extensão sem respeito algum á idéa de successão, e nesses casos já nos não he permittido trocar os vocabulos: e por isso dizemos, v. gr., que hum vestido he *curto*, que huma cadeia he *curta*, que huma régoa he *curta*, e em nenhuma destas frases podemos usar de *breve* em lugar de *curto*.

A *breve* oppõe-se *longo*. A *curto* oppõe-se *comprido*.

122

Semelhança – Analogia

Dizemos que ha *semelhança* entre dous objectos, quando não conhecemos, ou não sabemos determinar a sua differença. *Semelhança* pois he essa identidade, que nos parece observarmos entre duas cousas, naquillo porque ellas se costumão differençar.

Analogia he huma especie de *semelhança:* he a *semelhança* de razão, que se funda na *semelhança* das cousas, e faz que das causas, effeitos e relações de huma concluamos as causas, effeitos e relações da outra.

Hum homem costuma differençar-se de outro homem pela figura, pelo talhe, pelas feições, pelos dotes do es-

pirito, &c. Se dous homens pois tem, ou nos parece que tem a mesma figura, o mesmo talhe, as mesmas feições, os mesmos dotes de espirito, &c., dizemos que são *semelhantes*, que ha entre elles *semelhança*.

Os planetas parecem-nos *semelhantes* a este globo da terra, que habitâmos; fazem *semelhantes* revoluções diarias á roda do seu eixo, e annuas á roda do sol, &c. D'aqui inferimos por *semelhança de razão*, que assim como na terra ha habitadores, tambem os haverá nos outros planetas. Isto se chama *analogia*, ou discurso por *analogia*.

A *analogia* deve ter por base a semelhança real dos objectos. Quando esta he meramente de apparencia, a *analogia* he falsa e nos conduz ao erro.

123

Justificação — Apologia

A palavra *justificação* exprime litteralmente a acção de fazer justo, isto he, de mostrar justo aquillo, de cuja justiça se duvidava, ou podia duvidar.

A palavra *apologia* exprime litteralmente o discurso que se faz em defensão de alguem, ou de alguma cousa.

A *justificação* pois mostra a justiça: a *apologia* intenta mostral-a.

A *justificação* he o fim da *apologia*, e he tambem o seu effeito e resultado, quando a *apologia* he convincente e victoriosa. A *apologia* he o meio que se emprega para a *justificação*.

Demais, a *justificação* nem sempre suppõe accusação: basta que alguem receie ser accusado, ou se lembre que o póde ser, para tractar de *justificar* o seu procedimento. A *apologia* he discurso em defensa, e consequentemente em rigor suppõe accusação.

O accusado faz a sua *apologia*, quando intenta mostrar-se innocente. O accusador póde alguma vez querer *justificar* a sua propria accusação.

Finalmente, a *justificação* póde fazer-se por factos, instrumentos, testemunhas, e por qualquer outro genero de argumentos, ou provas. A *apologia* he propriamente defensão por meio do discurso, aindaque no uso vulgar nem sempre se toma neste rigor.

124

Erro — Illusão — Allucinação

Todos estes vocabulos exprimem hum juizo falso que fazemos sobre qualquer objecto: mas o *erro* nasce principalmente de não analysarmos bem as idéas: a *illusão* nasce de tomarmos as apparencias pela realidade; a *allucinação* nasce de não estar livre, tranquilla e senhora de si a potencia que julga.

D'aqui vem, que attribuimos mais commummente o *erro* ao proprio entendimento, á sua fraqueza, imperfeição, ou inadvertencia: a *illusão*, aos sentidos, á imaginação, a tudo o que transforma os objectos e lhes dá falsas apparencias: a *allucinação*, á preoccupação, ás paixões, a tudo o que perturba a nossa alma, faz hum certo desarranjo nas potencias intellectuaes, e as offusca, ou obscurece, ou lhes impede o seu livre exercicio.

As idéas obscuras, confusas, inexactas, superficiaes, emfim mal analysadas, induzem-nos em *erro*. Estas causas residem no proprio entendimento.

Os sentidos, a imaginação, as preoccupações, as paixões, os homens *illudem-nos*, ou nos *allucinão*, mas com esta differença, que, quando nos *illudem*, offerecem-nos apparencias mentirosas; abusão dos objectos: quando nos *allucinão*, perturbão a razão, offuscão as suas luzes,

impedem-lhe o exame; abusão, por assim o dizer, da potencia.

125

Beiços – Labios

Beiços são os dous orgãos do rosto do homem, e de alguns animaes brutos, que cobrem os dentes, formão com a sua abertura a entrada da bôca, e com seus variados movimentos fazem na fysionomia humana mudanças mui caracteristicas e mui expressivas dos sentimentos e paixões do homem. (Latim *labium, labia.*)

Labios são extremidades, ou bordas daquelles orgãos. (Latim *labrum, labra.*) E daqui vem, que no sentido figurado dizemos mais ordinariamente os *labios* do que os *beiços*, v. gr., da ferida, da chaga, de hum vaso, &c.

Beiços he mais usado na linguagem vulgar: *labios* na linguagem anatomica e scientifica.

126

O homem – Os homens

Os filosofos (diz hum sabio) *ordinariamente conhecem muito melhor* o homem, que os homens.

Nesta e em outras semelhantes frases, *o homem* refere-se á essencia: *os homens* ao estado. *O homem* entende-se por toda a comprehensão da idéa da natureza humana: *os homens*, por toda a extensão dessa idéa, isto he, pela collecção de todos os sujeitos, a quem ella compete. *O homem* entende-se tal qual elle he, attenta a sua natureza e as suas relações essenciaes: *os homens*, entende-se quaes elles são em realidade, attenta a sua natureza facticia (se assim podemos explicar-nos) e as suas relações accidentaes e artificiaes. *O homem* finalmente

entende-se o typo original da natureza humana: *os homens* entende-se esse typo alterado por innumeraveis accessorios, que ás vezes o tornão quasi desconhecido a si mesmo e aos outros.

Neste sentido dizia outro filosofo «*o homem* he bom, mas *os homens* são maus».

A filosofia diz-nos o que he *o homem;* mas a historia he que nos dá a conhecer *os homens,* e talvez melhor que ella, o tracto e conversação com elles, acompanhado de séria e sizuda reflexão.

127

Mau grado — Apezar — A despeito — Não obstante Sem embargo

Todos estes vocabulos exprimem a relação de huma opposição, ou resistencia inefficaz, que nem se attende, nem impede, que a cousa seja, ou se faça, como a proposição principal enuncia.

Mas a opposição ou resistencia póde vir das pessoas, ou das cousas, e em hum e outro caso póde ter seus gráos. Estas differenças são as que caracterizão a significação particular de cada hum dos ditos vocabulos.

Mau grado suppõe, propriamente falando, opposição ou resistencia de alguma pessoa, que não leva a bem, que não leva em gosto isso de que se tracta; que o terá em desagrado. *Mau grado* vosso farei o que tenho resolvido, quer dizer, *aindaque isso vos desagrade,* &c.: *aindaque o não leveis em gosto,* &c., logremos a vida, *mau grado* á fortuna, &c.

Apezar suppõe opposição mais forte de alguma pessoa, a quem se causará não só desagrado, mas *pezar,* e magoa com isso que se quer fazer. *Apezar* vosso fostes emfim vencido — Sahirei com a minha,

apezar de quem m'o quer contrariar, isto he, *em que lhe pez, &c.*

A despeito suppõe huma grande opposição das pessoas, ou das cousas, e exprime de mais, que essa opposição não só he desattendida, mas desdenhada e desprezada. O homem de coração corrompido pratica o mal *a despeito* do proprio dever, *a despeito* das leis, dos clamores da consciencia, da auctoridade, &c., isto he, *em desprezo* do dever, das leis, &c. Tal nos parece ser a verdadeira energia de *despeito*, que julgâmos derivado do Latim *despectus*, bem como *conceito* de *conceptus*, *respeito* de *respectus*, &c., e tal nos parece ser a sua força de significar no bello periodo de Vieira, *Sermão das Exequias de D. Maria de Ataide*: «Tem-se acreditado a morte com o vulgo de muito igual, pelo *despeito*, com que piza igualmente os palacios dos Reis, e as cabanas dos pastores».

Não obstante exprime huma opposição de cousas, ou de circumstancias, que *obstão* directamente ao intento; que o impugnão de frente; emfim, que lhe põem hum *obstaculo*. O general venceo, *não obstante* a superioridade do inimigo: commettem-se crimes nos templos, *não obstante* a santidade do lugar, &c.

Sem embargo suppõe huma resistencia menor das cousas, ou das circumstancias, que difficultão a cousa; que lhe põem algum *embaraço*, ou impedimento. Os poderosos levão sempre a sua avante, *sem embargo* das protestações dos fracos: o verdadeiro sabio prosegue firme em seu proposito, *sem embargo* das insensatas reflexões do vulgo, &c.

Embaraço diz menos que *obstaculo*, assim como *embargar* menos que *obstar:* e por isso *não obstante* se empregará para exprimir huma opposição mais forte; e *sem embargo*, para exprimir huma opposição menor e mais facil de se vencer.

128

Fecundo—Fertil.

Fecundo refere-se á potencia natural de produzir abundantemente.

Fertil refere-se á actualidade da producção abundante.

Dizemos que hum terreno he *fecundo*, isto he, capaz de dar grande producção: e dizemos que o anno foi *fertil*, isto he, que as terras produzirão bem; que houve abundancia de fructos.

A *fertilidade* ostenta as riquezas da *fecundidade*.

Confundem-se muitas vezes estes dous vocàbulos no uso vulgar, já porque a *fecundidade* e *fertilidade* tem entre si estreitissima e necessaria relação, como causa e effeito; já porque o povo, considerando as terras, não como filosofo, mas sim como cultivador, sómente attende aos resultados da *fecundidade*, que consistem na effectiva producção e se manifestão pela *fertilidade*. Mas o filosofo, o fysico nunca jamais confundirá estes termos, porque sabe que hum terreno, hum animal, ou huma especie de animaes he *fecunda*, quando tem todos os principios necessarios para dar huma abundante producção, ou geração; e que o terreno ou o animal só he *fertil*, quando esses principios se desenvolvem e produzem o seu effeito.

A mesma differença se observa no sentido figurado. O *genio* he *fecundo*, isto he, capaz de criar, de produzir. O escriptor he *fertil* pela abundancia de suas producções. Huma grande verdade he *fecunda* em consequencias. O homem de estado, em tal situação de negocios, mostra-se *fertil* em recursos.

Quem diz que huma nação, v. gr., tem sido *fertil* em grandes acontecimentos, exprime simplesmente, que

nessa nação tem havido muitos desses acontecimentos. Quem diz que ella tem sido *fecunda,* exprime, que a nação tem em si e na sua organisação politica principios proprios para produzirem taes acontecimentos. No primeiro caso, podem estes ser effeito de algum feliz concurso de circumstancias casuaes: no segundo, são sempre resultados da influencia do governo, das leis, dos costumes, do espirito publico, &c.

129

Adjectivo – Epitheto

Na lingua Grega *epitheto* diz o mesmo, que na Latina *adjectivo,* e significão vocabulo *appôsto,* ou *ajuntado* ao substantivo para modificar a sua significação. Neste sentido generico póde-se dizer que os dous vocabulos coincidem exactamente hum com o outro.

Considerando porém o uso mais particular, que se faz de cada hum delles, *adjectivo* he termo da Grammatica e da Logica; *epitheto* he termo da Eloquencia e da Poesia.

As primeiras duas artes considerão o *adjectivo* como exprimindo huma qualidade do substantivo, necessaria para modificar e determinar a sua idéa. As outras duas considerão o *epitheto,* como exprimindo huma qualidade do substantivo, conveniente para vestir, ornar, pintar e pôr vivamente presente a sua idéa.

O *adjectivo* completa a idéa do nome e o sentido da proposição: he necessario. O *epitheto* faz mais viva, mais pittoresca, mais animada a idéa, dá vivacidade e energia ao discurso: he util e conveniente.

O *adjectivo* acaba a imagem do objecto: o *epitheto* dá-lhe o colorido. O espirito justo emprega o *adjectivo* mais proprio: a imaginação brilhante emprega o *epitheto* mais expressivo.

Se tirâmos o *adjectivo*, a proposição muda de termos: se tirâmos o *epitheto*, a proposição fica sem ornato, sem graça, sem energia.

«O homem *justo* he digno da immortalidade», o adjectivo *justo* determina a idéa principal e completa o sujeito da proposição. Tirado esse *adjectivo*, o sujeito muda e a proposição he falsa.

«A *pallida* morte piza com igual despeito os palacios e as cabanas»; o epitheto *pallida* dá huma côr á idéa principal, e quasi pinta aos nossos olhos esse horrido objecto. Tirado o *epitheto*, fica o mesmo sentido, mas a imagem descórada e amortecida.

130

Postulado — Axioma

Significão estes dous vocabulos certas proposições, que se põem como indubitaveis no principio de alguma obra, ou discurso scientifico, para dellas nos servirmos a seu tempo em nossos raciocinios ou demonstrações: mas ha entre elles huma differença mui attendivel.

Postulado he huma proposição, que pomos como certa, e pedimos se nos conceda como tal, porque o adversario a não deve negar.

Axioma he huma proposição, que pomos como certa, por ser evidente em si mesma, e porque o adversario a não póde negar.

Postulado vem do Latim *postulare*, que significa propriamente pedir com direito a que se nos conceda o que pedimos.

Axioma he vocabulo grego, que significa dignidade, auctoridade: enunciado que tem em si mesmo auctoridade; que he digno de fé; enunciado ou proposição por excellencia.

O *postulado* he huma proposiçào, que talvez se demonstrou em outro lugar, ou que de tal modo he recebida e reconhecida por todos, que ninguem a deve pôr em duvida.

O *axioma* he huma proposição, que não precisa de demonstração; porque entendidos os termos, não se póde duvidar da sua verdade.

Quem impugna a primeira, ou ha de duvidar de huma demonstração já feita, ou ha de contrariar o senso commum dos sabios.

Quem impugna a segunda, ou não entende os termos, ou não reconhece verdade alguma nos conhecimentos humanos.

131

Ouvir – Escutar

Ouvir he sentir o som por meio das impressões feitas no orgão do ouvido.

Escutar he prestar ouvido attento: applicar cuidadosamente o ouvido: ouvir com attenção.

Ouvir he o Latim *audire: escutar* he o Latim *auscultare.*

132

Velho – Envelhecido – Envelhentado

Velho he o que tem larga idade, relativamente á sua ordinaria duração.

Envelhecido he o que se tem feito *velho:* ou está como *velho:* ou tambem, analogamente, o que tem durado largo tempo em algum exercicio.

Envelhentado exprime o que está como *velho,* mas refere-se a huma acção estranha, que tem produzido esse effeito.

As modas, costuma dizer-se, que *envelhecem*, antes de serem *velhas*. Os homens *envelhecem* com as afflicções, desgostos, &c.; e essas afflicções e desgostos, as perseguições, os trabalhos, &c., o *envelhentão*.

Envelhecido he, na frase dos grammaticos, participio do verbo *envelhecer*, neutro. *Envelhentado*, do verbo *envelhentar*, activo.

Sousa, *Historia de S. Domingos*, part. 1.ª, liv. 5.º, cap. 2.º «O Padre Fr. Pedro de Montemór, *velho* na idade, e *envelhecido* em virtudes», &c.

Jorge Ferreira, *Ulyssipo*, act. 3.º, sc. 1.ª: «Verdade he que não sou tão *velha*, como trabalhos e desgostos me *envelhentárão*».

133

Enunciar – Exprimir

Enunciar he fazer conhecer, dar a saber a outrem o nosso conceito por meio de palavras.

Exprimir he fazer conhecer a outrem o nosso conceito por qualquer modo, e isso da maneira mais significativa, mais energica e mais propria para imprimir-lhe no espirito a imagem do objecto, que queremos fazer conhecer.

Enunciar vem do Latim *enuncio*, dar a conhecer, produzindo fóra. *Exprimir* vem do Latim *exprimo*, produzir fóra *imprimindo*, gravando, pintando ao natural.

Para *enunciarmos* bem o nosso pensamento, basta expôr o seu objecto em termos claros, intelligiveis, precisos. Para o *exprimirmos* he necessario fazer sensivel o seu objecto, ou empregando termos cheios de força, energia e calor; ou ajuntando aos termos qualquer outro meio, que supprа essas qualidades.

Enunciar pertence á arte de falar. *Exprimir* pertence

á arte de falar eloquentemente, e tambem ás outras artes, em que he essencial a *expressão.*

A primeira contenta-se com desenhar exacta e precisamente a idéa. As segundas dão-lhe côr, vida e alma: pintão a idéa e o sentimento.

O povo *exprime-se* muitas vezes melhor do que se *enuncia,* porque sabe pouco para se enunciar bem; e sente profundamente para pintar ao vivo o seu estado d'alma.

O estrangeiro, que não sabe a lingua para se *enunciar* bem, serve-se muitas vezes do gesto, ou de imagens sensiveis, e *exprime* por esse modo com mais energia o seu pensamento, &c.

134

Linguagem – Lingua – Idioma – Dialecto

Linguagem exprime em geral qualquer meio natural ou artificial, de que nos servimos para communicar aos outros os nossos pensamentos. O gesto, a palavra, a pintura, a escriptura, &c., são especies de *linguagem.*

Lingua he outra especie de *linguagem:* he o modo particular de communicar os nossos pensamentos por meio da palavra.

Todas as *linguas,* tendo por objecto pintar as idéas, devem seguir certas leis constantes e invariaveis, sem o que a pintura não será verdadeira, nem fiel. Estas leis constituem o que se chama *Grammatica universal.* Mas assim como na arte da pintura os artistas, havendo de representar o mesmo objecto, se accommodão comtudo ás maneiras, fórmas e estilo particular da sua escola, assim tambem na pintura do pensamento, os differentes povos, sem se desviarem das leis fundamentaes da natureza, seguem todavia suas particulares maneiras, fórmas e estilo, cujas regras constituem a *Grammatica particu-*

lar de cada *lingua*. As *linguas*, consideradas debaixo deste segundo aspecto, tomão o nome de *idiomas*, derivado de hum vocabulo grego, que significa o que he *proprio* e peculiar de alguem, ou de alguma cousa. Assim dizemos *a lingua Portugueza*, ou *o idioma Portuguez*, significando no primeiro caso, em geral, a applicação que os Portuguezes, bem como os outros povos, fazem do dom da palavra, para communicarem os seus pensamentos: e significando no segundo caso, em particular, as fórmas, maneira, e estilo nacional e proprio, com que executão o quadro do pensamento e modificão as leis da Grammatica universal pelas da sua propria Grammatica.

Dialecto he o *idioma* de hum povo, que fala huma *lingua* commum a outros povos, mas que tendo os mesmos vocabulos, a mesma construcção, e até as mesmas fórmas substanciaes, differe comtudo delles, ou na pronunciação, ou em algumas fórmas meramente accidentaes, ou em certos usos peculiares e subalternos. A *lingua* Grega nos offerece, nos seus differentes *dialectos*, hum exemplo bem sensivel do que aqui dizemos.

Linguagem he de todos estes vocabulos o mais generico. Tudo o que exprime os nossos pensamentos he huma especie de *linguagem*.

Os outros tres vocabulos convem com *linguagem* na idéa commum de exprimir o pensamento; mas determinão além disso o modo dessa expressão, que he por meio da palavra. Elles mesmos porém differem entre si, segundo o particular respeito, com que os empregâmos.

Lingua refere-se em geral ao modo, com que huma nação exprime pela palavra os seus pensamentos, seguindo as leis fundamentaes da Grammatica universal. Todas as *linguas* tem vocabulos que exprimem substancias, qualidades, relações, &c. Todas as *linguas* tem huma syn-

taxe, huma prosodia, &c. Os diccionarios mostrão os vocabulos de que se compõe huma *lingua*, &c., &c.

Idioma exprime hum modo particular de considerar as *linguas*, isto he, com relação aos usos particulares, que modificão a Grammatica universal. Nem todos os *idiomas* declinão os nomes por casos: nem todos tem o mesmo numero de proposições, adverbios, &c.: nem todos tem o mesmo systema de tempos, &c., &c.

Finalmente quando huma nação se compõe de muitos povos, que tiverão a mesma origem, ordinariamente esses povos falão huma *lingua* commum, isto he, composta dos mesmos vocabulos, das mesmas fórmas geraes, da mesma syntaxe: mas ás vezes cada povo adopta certas variedades accidentaes, que não constituindo differente *idioma*, fazem comtudo hum differente *dialecto* do mesmo *idioma*. Taes forão, como dissemos, os Gregos, e taes são ainda hoje alguns povos da Italia, da Allemanha, &c.

135

Sociavel – Social

A terminação em *avel* nos adjectivos portuguezes exprime quasi sempre a idéa de potencia, virtude, força capacidade, e propriedade natural da pessoa ou cousa. He a terminação latina *abilis*, que significa litteralmente «*o que possue a virtude de...*».

Assim dizemos *amavel, respeitavel, estimavel*, &c., o que possue a potencia, a virtude, a propriedade, a dignidade de se fazer amar, respeitar, estimar, &c.

A terminação em *al* exprime ordinariamente a idéa do que he dependencia, accessorio, pertença, effeito, ou circumstancia de alguma cousa. Assim dizemos *natural* o

que pertence á natureza, ou lhe diz relação, &c.; *moral*, o que diz respeito aos costumes, ou delles depende; *casual*, o que he, ou parece effeito do acaso; *substancial*, o que pertence ou diz respeito á substancia, ou he accessorio della, &c., &c.

Segundo pois a differença destas terminações, *sociavel* quer dizer o que tem potencia, força, capacidade, ou virtude natural de viver em sociedade; o que tem disposições naturaes que o sollicitão para o estado de sociedade. *Social* quer dizer o que pertence, diz relação, ou respeito á sociedade; o que he dependencia, accessorio, effeito, ou circumstancia do estado de sociedade.

O homem he *sociavel*, e por isso em nenhuma parte da terra se tem descoberto homens, que não vivão no estado *social*, mais ou menos desenvolvido, mais ou menos aperfeiçoado.

Todas as disposições fysicas e moraes mostrão que a natureza o sollicita para o estado de sociedade, de tal maneira que elle não poderia viver, nem conservar-se, nem desenvolver as suas mais nobres faculdades fóra desse estado. O homem pois he essencialmente *sociavel*. O pretenso *estado natural*, que alguns auctores parece terem querido pintar-nos como estado primitivo do homem, he huma quimera.

O homem porém não póde conceber-se no estado de sociedade sem certas relações com os seus semelhantes, sem certos deveres para com elles. Essas relações e deveres são *sociaes*. Nesse mesmo estado, e á proporção que elle se vai aperfeiçoando, desenvolvem-se no coração humano certos sentimentos, o homem adquire certas virtudes, governa-se por leis, usos, praticas e opiniões, &c. Estas opiniões, usos, leis, virtudes, &c., são *sociaes*. A amizade, a generosidade, o amor da gloria, &c., são sentimentos *sociaes*.

136

Oppugnar – Expugnar

Oppugnar he atacar para render, v. gr., huma praça, huma fortaleza, huma cidade.

Expugnar he render e tomar: render vencendo, e tomando á força de armas

Do Latim *oppugnare*, e *expugnare* com a mesma differença de significação.

137

Impugnar – Propugnar

Impugnar he pugnar contra. *Propugnar* he pugnar a favor, pugnar defendendo, contra os que *impugnão*.

Usão-se sómente no sentido figurado. *Impugnâmos* huma opinião, hum ponto de doutrina, hum parecer, &c., quando disputâmos contra elle. E *propugnâmos* a favor dessa opinião, parecer, ou doutrina, quando a defendemos contra os que a *impugnão*.

138

Émulo – Competidor – Rival

Émulo significa precisamente aquelle, que reputando-se inferior a outrem em qualquer genero de merecimento, faz esforço por o igualar: ou talvez, que julgando-se igual, trabalha pelo exceder.

Competidor he o que achando-se, ou reputando-se em igualdade de circumstancias a respeito de outrem, aspira á mesma cousa, e esforça-se a conseguil-a. (Do Latim *com-*

petere, pedir, ou pretender ao mesmo tempo, em concorrencia.)

Rival he aquelle, que não só entra em competencia com outrem sobre o mesmo objecto, mas combate, se necessario he, e emprega todos os meios para supplantar o seu contrario, e ficar senhor do objecto da sua rivalidade. (Do Latim *rivalis*, donde *rivalitas*, que se toma sempre em mau sentido.)

O *émulo* nem deprime o seu adversario, nem lhe diminue o merecimento, antes muitas vezes o exalça para conseguir maior gloria igualando-o, ou superando-o.

O *competidor* pretende o mesmo lugar, o mesmo emprego, a mesma distincção, o mesmo objecto, porque se julga igual ao seu competidor; mas como esse objecto se não póde dividir, supporta com bom animo a decisão da sorte, se lhe he adversa, e espera nova occasião de entrar na liça.

O *rival* não se satisfaz senão vencendo: quer ser feliz a despeito do seu rival, e em detrimento delle: disputa a prêa com todo o esforço e por todos os meios, até abater e humilhar o seu contrario.

A *emulação* he mui propria dos corações generosos. O mancebo nas escolas, o militar nos exercitos, o sabio nas academias póde ser animado deste sentimento, sem offensa da honra e da virtude. Hum bom governo deve excital-o entre os cidadãos para os animar a cousas grandes.

A *competencia* aos empregos, honras e distincções publicas póde muito bem conciliar-se com o honrado desinteresse, moderação e modestia. A nenhum homem he vedado sentir a sua propria dignidade e merecimento, e pretender por meios razoaveis e legitimos aquillo que o póde fazer util á sociedade e a si mesmo.

A *rivalidade* he incompativel com a benevolencia que devemos aos nossos semelhantes. He huma paixão vio-

lenta, que produz a cada passo inimizades e odios inextinguiveis, e que não poucas vezes tem arruinado nações inteiras. A *rivalidade* participa algum tanto da *inveja;* mas não he vil como ella, antes tem a sua origem no orgulho e altivez natural do coração humano.

Cicero e Hortencio forão *émulos* na carreira da eloquencia. Os candidatos que se apresentavão na eleição de algumas magistraturas romanas erão *competidores.* Cezar e Pompeo forão *rivaes* na pretensão do supremo imperio.

Dous artistas eminentes podem ser *émulos.* Dous sabios que concorrem a algum premio academico são *competidores.* Dous amantes da mesma mulher são *rivaes.*

O *émulo* vai ordinariamente após o seu *émulo.* O *competidor* a par do *competidor.* O *rival* contra o seu *rival.*

139

Orgulho – Vaidade – Presumpção – Vangloria

O *orgulho* he o sentimento habitual, que resulta em nós da alta idéa que fazemos da grandeza e superioridade do nosso merecimento, e que nos inclina a julgarnos dignos do respeito, admiração e louvor dos outros, e talvez a menosprezal-os.

A *vaidade* he o sentimento habitual, que nos inclina a fazer alardo e ostentação dos nossos merecimentos, ou reaes, ou imaginarios, e a pretender por elles os applausos dos outros.

A *presumpção* he o sentimento habitual, que nos inspira huma confiança excessiva, e talvez temeraria, nas nossas forças, e nasce de nos attribuirmos talentos, ou qualidades que não temos, ou que só temos em gráo muito inferior ao que pensâmos.

A *vangloria* he o sentimento habitual, que nos inclina

a nos estimarmos em muito, e a pretender a estimação dos outros, por nos suppormos com merecimento para isso; mas fazendo consistir esse merecimento em cousas pequenas, futeis, frivolas e talvez estranhas; em dotes meramente exteriores; emfim em qualidades taes, que não fazem o homem melhor, nem constituem o verdadeiro e solido merecimento.

O *orgulhoso* pensa exageradamente do seu merecimento.

O *vaidoso* gaba-se e jacta-se de ter merecimento.

O *presumpçoso* confia nimiamente em si.

O *vanglorioso* faz consistir o seu merecimento em cousas, que ou lhe não pertencem, ou nada valem.

O *orgulhoso* quer parecer contentar-se com a alta estima, que tem de si mesmo: affecta isenção e talvez sobranceria a respeito dos outros, mas nem por isso deseja menos que o estimem e respeitem, nem julga que haja outrem, que melhor o mereça.

O *vaidoso* derrama-se nos louvores proprios: he mais dependente da opinião e dos applausos dos outros: quer que todos se occupem delle e do seu merecimento, e não perde occasião de alardear o que tem, ou de affectar o que não tem.

O *presumpçoso* confia tudo de si, porque avalia exageradamente as suas forças: de tudo fala, e em tudo dogmatisa com ar magistral: rejeita os pareceres, os conselhos, os auxilios alheios; e não poucas vezes vê malogradas suas emprezas, porque ellas são em realidade superiores aos seus meios.

O *vanglorioso* he definido pelo seu proprio nome: põe a sua gloria em cousas vãs: applaude-se, por exemplo, da nobreza da sua familia, dos seus avoengos, dos seus protectores, dos seus dinheiros, dos seus amigos: gaba-se de ser festejado, comprimentado, querido, &c., emfim quer supprir o merecimento real, que lhe falta, pela

posse, ás vezes imaginaria, de vantagens, que o não supprem. He o grou da fabula enfeitado com alheios ornamentos.

140

Immune – Isento – Immunidade – Isenção

Immune he vocabulo de significação negativa: exprime o que não tem cargo. (Do Latim *immunis,* isto he, *sine muniis,* o contrario de *com-munis,* cargo, que a todos toca.)

Isento he vocabulo de significação positiva: exprime o que he tirado, separado, remido da obrigação, ou cargo commum. (Do Latim *eximo,* tirar, livrar, exceptuar de...)

Parece pois que *immune* he propriamente o que de si mesmo, e como por sua propria natureza, ou por alguma qualidade inherente, não he obrigado aos cargos communs, ou não he sujeito a certos onus, ou goza de certas prerogativas, que o distinguem do commum: e *isento,* o que sendo obrigado a esses cargos e onus, e pertencendo, por assim dizer, ao commum; he comtudo exceptuado, separado, distinguido por privilegio e graça.

Esta differença acha-se igualmente nos substantivos *immunidade* e *isenção.*

Immunidade exprime huma qualidade do objecto: esta he a força da sua terminação. *Isenção* exprime huma acção.

Immunidade suppõe huma propriedade particular no objecto, hum destino especial, huma especie de consagração, que como de sua natureza põe esse objecto fóra da regra geral, que abrange a todos os mais.

Isenção suppõe huma acção estranha, que por graça e favor dispensa o objecto da obrigação commum, a que aliás era sujeito.

Os templos são *immunes,* gozão de *immunidade,* pela

sua consagração e especial destino, como lugares, em que Deos habita e he adorado.

Muitos cidadãos são *isentos*, tem *isenção* de alguns cargos e obrigações communs, por privilegios, que os principes lhes concedêrão, em attenção a seus relevantes serviços.

Algumas destas *isenções* tem sido, em differentes tempos, concedidas aos ministros da Religião, com respeito ao seu caracter, á sua consagração, e á dignidade, que os distingue do commum dos cidadãos. Por este motivo, póde ser, tomárão tambem o nome de *immunidades*.

Por isso mesmo que *immunidade* exprime huma qualidade; a sua significação recahe mais propriamente sobre os objectos, que della gozão, e não requer necessariamente hum complemento. Pelo contrario *isenção* não tem sentido determinado, emquanto se lhe não ajunta esse complemento. Os lugares sagrados gozão de *immunidade*. Os bens ecclesiasticos tem gozado *isenção de alguns tributos*, &c.

141

Seara – Mésse

Seara quer dizer os pães já nascidos nos campos, ou crescidos, mas ainda não maduros: e ás vezes se toma pelos campos semeados, principalmente de grãos frumentaceos. (Latim *seges.)*

Mésse quer dizer os pães já maduros, e a ponto de se colherem: ou tambem a propria ceifa. (Latim *messis.)*

As *searas* estão boas, quando os pães nascem bem, ou se vão criando e crescendo bem. As *mésses* são abundantes, quando os pães estão bem criados e chegados á sua madureza, e só falta ceifal-os e recolhel-os.

Seara diz relação mais immediatamente á *sementeira*

e ás suas proximas consequencias: do Latim *sero*. *Mésse*, á *colheita* e ao objecto della: do Latim *meto*.

Seara he termo maïs usual, tanto no sentido proprio, como no figurado. *Mésse* he menos vulgar, e por assim dizer, mais scientifico, e emprega-se com especialidade no sentido religioso, isto he, quando se fala da *mésse evangelica*, alludindo ao lugar do Evangelho de S. Matheus, IX, 37.° Assim Lucena, *Vida de Xavier*, liv. 3.°, cap. 9.° «sendo pois ... grande a copia da *mésse*, e igual a falta dos obreiros», &c.

142

Usura — Onzena

Usura exprime em geral o avantajado lucro, que se tira do uso de alguma cousa, e mais em particular o avantajado lucro, que se tira de alguma negociação, e especialmente do dinheiro, que se dá a outrem a ganho.

Onzena exprime *usura* immoderada e illegitima.

Usura não envolve necessariamente a idéa da illegitimidade do lucro. *Onzena* encerra necessariamente essa idéa.

Usura he por consequencia empregado muitas vezes em bom sentido. *Onzena* sempre significa huma acção criminosa.

143

Absolver — Remittir — Perdoar

Absolver he litteralmente desligar o accusado dos laços que o prendião.

Remittir he desistir, em todo, ou em parte, daquillo que com direito se podia exigir de alguem.

Perdoar he, segundo a força do vocabulo, dar ou doar

perfeitamente; dar sem restricção e sem reserva. (Do Latim *per-dono.)*

Absolver he acto de hum juiz justo, ou propicio. O seu effeito he restituir o accusado, ou penitente á sua innocencia, e ao gozo dos seus direitos e da sua liberdade.

Remittir he acto de moderação, pelo qual alguem renuncia ao seu direito, e deixa de exigir em todo, ou em parte, o que se lhe devia.

Perdoar he acto de generosidade, ou de clemencia. O seu effeito he extinguir a especie de separação que ha entre o offensor e o offendido, ou entre o inferior que quebrantou a lei, e o superior que zéla a sua observancia.

Absolve-se o accusado. *Remitte-se* a divida, a pena, ou parte della. *Perdoa-se* o crime e a pena.

144

Systema — Theoria

Systema exprime propriamente a ordem e arranjamento que se dá a hum certo numero de cousas, ou de factos, para fazerem como hum todo: he a unidade, que se introduz na multiplicidade de cousas ou de factos.

Theoria exprime propriamente o conhecimento real ou hypothetico dos principios, pelos quaes se explicão esses factos, as suas causas, razões e effeitos, e sua reciproca dependencia, e se discorre sobre outros semelhantes.

O arranjamento que o celebre naturalista Sueco deo aos diversos e infinitamente variados productos da natureza, reduzindo-os a certo numero de classes, ordens, generos e especies, he hum *systema*.

A explicação, que deo Condillac, de todos os fenomenos do espirito humano, pretendendo achar na sensação a primeira razão, ou principio de todos elles, he huma *theoria.*

Toda a humana sciencia depende essencialmente dos factos: he necessario arranjal-os para evitar a confusão: este he o *systema.* He necessario depois explical-os por principios simplices e luminosos: esta he a *theoria.*

Neste sentido não he facil confundir *systema* com *theoria.* Mas *systema,* na linguagem scientifica, toma-se tambem muitas vezes por hum arranjamento de principios, com que se pretende explicar huma serie de factos, e então parece synonymo de *theoria.*

Comtudo ao vocabulo *systema,* nesta accepção, tem-se ajuntado huma idéa accessoria, que o distingue da *theoria,* e que em certo modo o faz suspeito na linguagem dos sabios.

Chamão *systema* esse arranjamento e combinação de principios, quando os principios consistem em proposições geraes e abstractas, em hypotheses arbitrarias, ou em factos suppostos, e ainda não verificados pela observação e experiencia. E chamão *theoria* esse arranjamento e combinação de principios, quando os principios são deduzidos de factos reaes, ou antes consistem em certos factos principaes, bem verificados e escolhidos, em que se assomão (por assim o dizer) todos os outros, e que os ligão entre si, mostrão as suas relações e os explicão, fazendo talvez conhecer a dependencia que tem da causa, ou causas, que os produzirão.

Com respeito a esta differença deveráõ chamar-se *systemas,* v. gr., o de Espinosa, o de Leibnitz, o de Mallebranche, e tantos outros dos antigos e modernos filosofos, que successivamente se tem ido arruinando, como edificios magnificos elevados sobre bases vacillantes e mal seguras. E deveráõ chamar-se *theorias,* v. gr., as

de Newton, a de Condillac, e as de muitos fysicos e chimicos modernos sobre differentes objectos destas sciencias.

Os *systemas* fundados em principios abstractos, em hypotheses arbitrarias, &c., quasi sempre conduzem ao erro. As *theorias* fundadas em factos, ainda quando não são boas, sempre nos põem no caminho da verdade, e raras vezes os seus desvios nos levarão a consequencias perigosas.

145

Começo – Principio – Exordio

Começo he aquillo que se concebe, ou he primeiro na extensão ou duração de qualquer objecto. Assim o *começo* do anno he o seu primeiro dia, ou mez: o *começo* da vida, os primeiros annos della: o *começo* do edificio, os primeiros fundamentos que se lanção para o sustentar, &c.

Principio tem significação mais extensa, e refere-se não só á duração e extensão, mas tambem á origem e causa intellectual, ou moral de alguma cousa ou acção. Pelo que não só dizemos *principio* do anno, do caminho, do trabalho, &c., entendendo por *principio* o mesmo que *começo;* mas tambem dizemos, v. gr., *principio* do discurso, isto he, a primeira verdade em que elle se funda, a qual muitas vezes não tem sido o *começo* do mesmo discurso: *principio,* de qualquer sciencia ou arte, isto he, as verdades fundamentaes dessa sciencia, ou arte, que não são *começos* della, &c.

Exordio significa particularmente aquelle preambulo ou entrada de qualquer obra, fala ou discurso, na qual o orador ou escriptor costuma preparar os seus leitores ou ouvintes para as cousas que ha de dizer-lhes. E por

aqui se vê a differença que ha entre *começo, principio* e *exordio;* porquanto não havendo discurso, fala ou livro que não tenha seu *começo,* e que se não funde em algum *principio,* ha comtudo algum, que não tem propriamente *exordio.*

146

Futil — Frivolo

Attendendo ao valor primitivo, que estes vocabulos tem na lingua latina, parece que *futil* he o que facilmente se derrama, se dissipa, se evapora: e *frivolo* o que facilmente se quebra e se faz pedaços.

Por onde *futil* significa hum pouco mais que *frivolo.*

Dizemos que he *futil* huma cousa vã, que não tem realidade, que se desvanece como hum sopro, como o vapor fugitivo. E dizemos que he *frivola* huma cousa de pouca monta, de pouco valor, de pouca consistencia, de pouca solidez.

O homem *futil* será aquelle que fala e obra sem razão, e sem reflexão; em frase vulgar, que não diz cousa com cousa, que tudo faz no ar, que nem sabe o que diz, nem o que faz: e o homem *frivolo* será o que diz cousas de pouca importancia, que se occupa de objectos de mui pouco valor, &c.

Hum raciocinio *futil* será aquelle que he vazio de sentido e de razão, que só consta de palavras: e hum raciocinio *frivolo* será aquelle que tem pouca força e solidez, que facilmente se desfaz, que não tem fundamento algum seguro.

Os bens da vida são *frivolos,* tem mui pouca consistencia. As nossas *esperanças* são muitas vezes *futeis,* só existem na nossa fantasia, e dissipão-se como o fumo, &c.

147

Achar — Descobrir — Inventar

Achar he dar com alguma cousa, topar com ella, ou seja conhecida, ou não, e ou se ande em busca della, ou não.

Descobrir he litteralmente *achar* huma cousa, que estava coberta, ou encoberta, ou escondida, ou que não era conhecida. He tirar o véo, a cobertura a alguma cousa.

Inventar he *achar*, ou *descobrir* novas relações, novos usos, novas combinações e novas applicações de objectos já conhecidos.

Achar he expressão mais vaga e mais indeterminada que *descobrir*. Não determina, se o que *achámos* era ou não já conhecido, nem se o buscavamos, ou não. *Achámos*, v. gr., em caza huma pessoa, que hiamos buscar, e *achámos* ahi outra, ou outras, que não buscavamos. *Achámos* huma cousa que estava coberta, ou escondida; e *achámos* outras, com que topámos, e que estavão patentes. *Acha* a justiça o criminoso, que se tinha escondido, e que ella buscava, e acha no mesmo lugar, ou pelo caminho, pessoas ou cousas, que nem se buscavão, nem estavão escondidas, &c.

Descobrir exprime que o objecto, que se *descobre*, estava coberto, ou escondido, ou não era conhecido; mas deixa ainda indeterminado, se o buscavamos de proposito, ou se o *descobrimos* por acaso. Cabral *descobrio* por acaso a terra de Santa Cruz até então encoberta e incognita aos Europeos. Bartholomeu Dias *descobrio* o Cabo da Boa Esperança, que de proposito hia buscar, e que era o objecto da sua viagem, &c.

Inventar refere-se especialmente ao uso e applicação das cousas já achadas, descobertas, ou conhecidas, e exprime a acção daquelle que, quasi sempre por meio do proprio trabalho, chega a produzir algum resultado novo, e ainda não existente para nós, na natureza, ou nas artes. O primeiro que observou a virtude do iman, e a sua communicação ao ferro com a mesma direcção respectiva aos polos da terra, foi *descobridor*. O primeiro que fez applicação destes fenomenos já conhecidos á arte de navegar foi *inventor*.

Além das differenças indicadas, se observarmos o uso particular destes tres vocabulos na Historia das sciencias e das artes, parecerá que *achar* se refere mais ordinariamente ás verdades intellectuaes, ou ás relações das idéas; *descobrir*, aos fenomenos, aos factos, aos individuos da natureza; e *inventar* á applicação e uso desses individuos.

Acha o geometra a resolução de hum problema: *descobre* o chimico hum novo individuo, ou huma nova propriedade nos individuos já conhecidos: *inventa* o artista huma nova combinação e applicação das cousas já conhecidas, v. gr., huma nova maquina, &c.

Tem-se procurado *achar* a quadratura do circulo; a chimica moderna tem feito utilissimos *descobrimentos:* e estes tem occasionado importantes *inventos* nas artes.

Achar, descobrir e *inventar* podem ser, e tem sido algumas vezes effeitos do concurso de circumstancias casuaes: mas o acaso favorece muito mais os que *achão* ou *descobrem,* do que os que *inventão. Inventar* demanda as mais das vezes hum genio combinador, e capaz de profunda reflexão. O *inventor* trabalha por combinar e applicar utilmente o que outros antes delle *achárão,* ou *descobrirão.*

148

Sinal — Indicio — Mostra

O *sinal* significa, e talvez representa e exprime o objecto.

O *indicio* indica, aponta, denota, denuncia o objecto.

A *mostra* faz ver o objecto, aindaque não na sua totalidade; dá a ver huma parte delle.

As palavras são *sinaes* das idéas. As nuvens grossas e carregadas são *indicio* de chuva: as lagrimas são *mostras* de sentimento.

O *sinal* he ou por natureza, ou por instituição ligado com a cousa significada. O *indicio* parece não ter tão necessaria ligação com o objecto indiciado. A *mostra* suppõe presente o proprio objecto, mas não o dá a ver todo, não o faz conhecer na sua totalidade.

Em rigor pois *mostra* diz mais que *sinal*, e *sinal* diz mais que *indicio*, aindaque nem sempre no uso vulgar se observão estas differenças.

Sinal póde referir-se ao passado, ao presente e ao futuro. *Indicio* parece mais proprio do presente, ou do futuro, e talvez do passado proximo. *Mostra* he rigorosamente expressivo do objecto presente.

149

Lisonja — Lisonjaria

A differença destes dous vocabulos deve deduzir-se da terminação do segundo.

A terminação em *aria* exprime em muitos vocabulos portuguezes a idéa de multidão de objectos da mesma especie, ou de continuação e frequencia do mesmo ob-

jecto, talvez com variedade e talvez com prolixidade e sobegidão.

Assim, por exemplo, dizemos de escravo, *escravaria,* isto he, multidão de escravos: de chapa, *chaparia:* de pedra, *pedraria:* de especie, *especiaria:* de droga, *drogaria:* de calma, *calmaria,* isto he, continuação de calma: de caza, *cazaria:* de honra, *honraria,* &c.

Assim tambem damos a mesma terminação aos nomes de ruas, ou lugares, em que habitão muitos officiaes do mesmo officio, ou muitos homens da mesma profissão, v. gr., a *mouraria,* a *judiaria,* a *ferraria,* &c.

E assim terminâmos finalmente muitos nomes de fabricas, ou officinas, em que se trabalhão de continuo obras pertencentes a huma arte, officio, ou mister, como v. gr., *padaria, carpintaria, correaria, cordoaria,* &c.

Lisonja pois exprime a significação simples deste vocabulo: e *lisonjaria* exprime frequencia e continuação de *lisonjas,* talvez com excesso e prolixidade, que chega a causar aborrecimento.

150

Caução – Penhor – Hypotheca – Fiança

Dar *caução* he empregar algum meio de assegurar a outrem, que havemos de cumprir os deveres, ou dever que temos para com elle, ou que lhe não havemos de fazer o mal, que elle porventura receia de nós.

Dar *penhor* he dar ao crédor a posse de alguma cousa movel, cujo valor iguale, ou exceda o valor da divida, para que elle a guarde até ao nosso pagamento, e por ella venha a indemnisar-se, no caso de não solução.

Dar *hypotheca* he assignar ao crédor huma porção dos nossos bens de raiz, e dar-lhe direito a pagar-se por elles da divida, no caso que nós faltemos á solução.

Dar *fiança* he apresentar huma terceira pessoa que voluntariamente se obrigue por nós á satisfação da divida, ou ao cumprimento do dever, no caso que nós o não cumpramos.

Penhor, hypotheca, fiança são especies de *caução,* e até em linguagem juridica se chamão *caução* pignoraticia, *caução* hypothecaria, *caução* fideijussoria, assim como se chama *caução* juratoria a que consiste no juramento de quem a dá, &c.

151

Postura — Geito — Attitude

Postura he o estado do corpo relativamente ao lugar; o acto de estar em lugar. He termo generico, que se diz dos corpos animados ou inanimados, e exprime simplesmente, e sem qualificação alguma, o effeito da *loco-posição.* Hum corpo, v. gr., póde estar em *postura* recta, obliqua, firme, vacillante, commoda, incommoda, &c. Hum homem póde estar em pé, deitado, estendido, assentado, &c. Tudo isto são *posturas* diversas, ou diversos modos com que o corpo está em lugar.

Geito parece exprimir mais alguma cousa que *postura,* e significar *postura apta,* conveniente, commoda, *bem lançada.* Deriva-se (segundo o nosso parecer) do Latim *jacio, jactum,* assim como de *objicio* objeito, de *projicio* projeito, &c., que hoje dizemos *objecto* e *projecto;* e por isso diz tanto como *lançamento* apto, *postura* commoda, *assento* conveniente de qualquer corpo. Os nossos classicos o empregárão muitas vezes com a significação de *attitude,* quando este vocabulo não era ainda adoptado em nossa linguagem.

Attitude he termo das artes do desenho, e significa mais particularmente *postura expressiva:* por onde se

applica com toda a propriedade ás figuras animadas, quando se querem exprimir os affectos, paixões, ou estados da alma.

A *attitude,* tomada neste sentido, he para a *postura* o que o *semblante* he para o *rosto.* O *semblante* he o *rosto com expressão:* a *attitude* he a *postura com expressão.*

152

Estar certo – Estar seguro

Estar certo he hum estado do entendimento. *Estar seguro* he hum estado do animo.

Estar certo refere-se ás verdades especulativas: exprime a adhesão do espirito ás verdades reconhecidas como taes: he o resultado da evidencia.

Estar seguro refere-se ás cousas praticas: exprime a confiança que temos no objecto: he o resultado da seguridade.

Estamos certos de hum facto, porque *estamos seguros* do caracter de quem nol-o referio.

Estamos certos dos principios de qualquer sciencia, e das consequencias que delles se derivão por huma ordem necessaria. *Estamos seguros* de algumas maximas da moral, que nos não guiarão erradamente; da amizade de alguma pessoa, que nos não trahirá; da providencia de Deos, que nos não desamparará, &c., &c.

Tomando os dous vocabulos *certo* e *seguro* com relação aos proprios objectos, e não ao nosso estado, achâmos entre elles a mesma differença.

Huma proposição he *certa:* huma negociação he *segura.* A proposição he conforme á verdade: a negociação não póde ser de prejuizo. A proposição he tal que demanda o assenso do nosso espirito: a negociação he tal que merece a nossa confiança, &c.

158

Espada — Gladio

No sentido proprio *espada* deveria exprimir a arma portugueza deste nome, e as armas semelhantes de qualquer outra nação: e *gladio* deveria exprimir a arma que os Romanos designavão pelo vocabulo *gladius*, e cuja fórma nem foi sempre a mesma, nem he exactamente conhecida.

E postoque ordinariamente se não faça esta differença, comtudo alguns casos ha, em que ella he conveniente e até necessaria.

Assim, por exemplo, se tivessemos de traduzir este lugar de Vegecio, *de Re Militare*, liv. 2.°, cap. 15.°: *Habent . . . gladios majores, quos spathas vocant, et alios minores, quos semispathas nominant*, não poderiamos deixar de empregar os dous vocabulos *gladio* e *espada*, senão usando de hum circumloquio extenso e escusado.

Da mesma sorte será conveniente usar de *gladio*, quando alludirmos aos usos bellicos dos Romanos, e julgarmos necessario exprimir com precisão a idéa que elles significavão por *gladius*, sem nos mettermos a determinar a fórma dessa arma, sobre a qual os antiquarios não tem huma opinião bem assentada. E por este motivo nos parece a proposito o vocabulo *gladio* na traducção dos *Martyres* por Filinto Elysio, liv. 6.°, aonde diz:

«De traz dos Vexillarios vão Hastatos
«Com *gladios* na segunda fórma», &c.

No sentido figurado usâmos de *gladio* para significar o poder supremo, o que os jurisconsultos chamão *jus*

gladii. Deste modo o usou Barros, D. Francisco Manuel, Vieira e outros, e até alguma vez será mais conveniente que *espada,* quando falarmos do *poder espiritual,* ou porque *gladio* tem hum ar mais scientifico, se assim nos he permittido explicar-nos; ou porque a sua menor vulgaridade desviará em certo modo da imaginação a idéa de sangue, que he de todo alheia desse poder.

Os Francezes usão neste sentido do vocabulo *glaive,* e nunca de *épée.*

154

Opaco – Sombrio

Opaco he o corpo que não deixa passar a luz; que não he transparente.

Sombrio he o lugar onde ha sombra, e talvez o corpo que faz sombra.

Opaco refere-se á contextura interna do corpo, á disposição das suas partes.

Sombrio refere-se ao effeito externo, que produz o corpo *opaco.*

155

Olhar – Ver – Esguardar – Avistar – Enxergar
Lobrigar – Divisar

Olhar he lançar os olhos; applicar o orgão da vista.

Ver he o effeito do *olhar:* he apprehender com a vista o objecto, a que se lançárão os olhos: he sentir a impressão, que o objecto fez no orgão da vista.

Esguardar he *olhar* e *ver* attentamente: *ver* examinando, attentando, reflectindo.

Avistar he chegar a *ver;* alcançar com a vista; encontrar com os olhos, ou o objecto que está ao longe, ou o

que passa rapidamente, ou o que quasi nos escapava no meio da multidão.

Enxergar he *ver* apenas; *ver* quanto basta para perceber o objecto, sem *divisar* ou distinguir as suas particularidades; entrever.

Lobrigar he *avistar*, ou *enxergar* no meio da escuridade, ou da confusão.

Divisar he *ver* discernindo e distinguindo.

Olhâmos, v. gr., para o mar com o fim de *vermos* e observarmos o que nelle se passa: *avistâmos* ao horisonte alguns corpos fluctuantes, e d'ahi a pouco *enxergâmos* a sua fórma e o seu velame, e reconhecemos que são navios. Approximando-se mais, começâmos a *divisar* cada huma das suas partes, a figura dos vasos, a fórma e côres das bandeiras, o trajo dos marinheiros, e outras particularidades, que nos dão a conhecer se os navios são mercantes, ou de guerra, a que nação pertencem, &c., e talvez no meio da confusão da chusma *lobrigâmos* alguma pessoa que nos he conhecida, &c.

156

Annuo – Annual

Annuo he o que dura hum anno; o que gasta hum anno inteiro; o que se faz por todo hum anno. A terra faz a sua revolução *annua* em roda do sol. Ha plantas que tem huma duração *annua*.

Annual he o que pertence ou diz respeito ao anno; o que se faz cada anno; o que vem ou acontece em cada hum anno. Dizemos solemnidade *annual*, festa *annual*, funcção *annual* a que se faz, ou se repete cada anno: e dizemos fôro, legado, pagamento, &c., *annual*, o que se satisfaz, ou paga em cada hum anno.

O trabalho *annuo* do lavrador he largamente compensado pela colheita *annual* dos fructos, que a terra lhe produz em abundancia.

Das revoluções *annua* e diaria da terra em roda do sol, e em roda do seu proprio eixo resulta a differença das estações *annuaes*, &c.

157

Ledice — Alegria — Jubilo — Exultação

Exprimem todos estes vocabulos hum estado agradavel da alma, que transluz, ou se manifesta no semblante e no gesto, e resulta da apprehensão, gozo, ou esperança de algum bem verdadeiro ou imaginario. E nisto são synonymos, differençando-se tamsómente pelos seus differentes gráos.

Ledice he esse estado da alma, que transluz no semblante e no gesto, mas de hum modo doce, suave, tranquillo e sereno. O amor honesto causa *ledice:* a innocencia he *leda:* o pacifico contentamento que nasce da posse de huma fortuna mediocre, mas segura; do equilibrio das paixões; e do livre, mas rasoavel gozo das nossas faculdades, nunca póde ser desacompanhado da *ledice*. (He o Latim *laetitia.)*

Alegria he o mesmo estado da alma, que se manifesta no exterior, mas de hum modo mais vivo e mais animado. (He o *alacritas,* ou *laetitia gestiens* dos Latinos.)

Jubilo he *alegria* muito mais viva, que se mostra por sons e vozes proprias, por gritos, por acclamações.

Exultação finalmente he o ultimo gráo da *alegria:* he a *alegria* que não cabe no coração, que rompe em saltos, em danças, &c. *Exultar* he propriamente *saltar de alegria*.

158

Limar — Polir — Brunir

No sentido fysico *limar* he tirar com a lima as asperezas e desigualdades de huma superficie.

A obra *limada* conserva e mostra os vestigios da lima, se não he *polida*. *Polir* pois he fazer desapparecer o trabalho da lima; apurar ainda mais a superficie, tirando-lhe essas mui pequenas desigualdades; fazel-a ainda mais liza, e talvez dar-lhe lustre, fazel-a luzidia.

Brunir he *polir* de hum certo modo, principalmente os metaes; dando-lhes o ultimo gráo do lustre, e huma côr escura como a do espelho. Parece que desta côr *bruna* nasceo o verbo *brunir*.

No sentido figurado sómente se usão os dous primeiros vocabulos *limar* e *polir*.

O estilo, v. gr., de hum escriptor he *limado,* quando he exacto, correcto, igual: e he *polido,* quando he elegante, luminoso e talvez brilhante.

Hum homem he *limado* no seu tracto, quando não tem grosseria alguma, nem aspereza em suas maneiras: e he *polido,* quando nellas mostra urbanidade, elegancia e apurado gosto.

159

Côr — Colorido

Côr he em geral a impressão feita no orgão da vista, e d'ahi communicada á alma, pela luz reflectida da superficie dos corpos: he o que faz sensiveis á vista os objectos do universo. A variedade daquellas impressões he que constitue a differença das côres.

Colorido não he sensação particular de alguma determinada côr: he, por assim o dizer, huma sensação complexa, que resulta do todo das côres naturaes, ou artificiaes de cada objecto, e da sua combinação e mistura, relativamente aos differentes aspectos da sua posição.

160

Fartura — Saciedade

Fartura exprime propriamente *repleção,* estado da potencia que não admitte mais; que não póde levar mais; aonde não cabe mais. (Latim *saturitas.)*

Saciedade exprime propriamente o estado do homem, ou do animal, que tendo quanta basta disso de que está saciado, não deseja, não appetece mais. (Latim *satietas.)*

O que está *farto* não póde levar mais, está repleto. O que está *saciado* não tem vontade de mais; não tem appetite.

Fartura refere-se directamente á demasia das cousas: *saciedade* refere-se directamente ao estado da alma, e he muitas vezes o effeito da fartura.

A *fartura* impossibilita de levar mais, aindaque haja appetite: a *saciedade* tira o appetite, não quer mais.

Fartar a paixão he conceder-lhe tudo quanto ella póde querer, até não poder mais. *Saciar* a paixão he conceder-lhe o que basta para a satisfazer. A paixão *insaciavel,* aindaque *farta* seja, nunca diz: *basta.*

No uso vulgar confundem-se muitas vezes estes dous vocabulos; comtudo *saciedade* parece mais polido, e usa-se mais falando de objectos moraes: *fartura* parece mais proprio, quando se fala das paixões grosseiras e dos gostos sensuaes.

161

Perfeito — Completo

Perfeito he o que está inteiramente feito; que tem tudo o que lhe he proprio, a que nada falta.

Completo he o que tem a plena união de tudo o que póde ter; que reune todos os gráos possiveis de perfeição; a que nada se póde ajuntar.

Perfeito vem do Latim *per-ficio,* fazer acabadamente, e exprime a idéa do que está de todo feito, acabado, consummado.

Completo vem do Latim *compleo,* encher de todo; e exprime a plenitude inteira e absoluta; o ajuntamento pleno de tudo o que a cousa póde admittir.

A obra *perfeita* pois he aquella que reune tudo o que deve ter: e a *completa* he aquella que reune tudo o que póde ter. Na *perfeita* nada falta, nada se póde exigir: na *completa* nada se póde acrescentar, nada ha que desejar.

O objecto *perfeito* dá-nos simplesmente a idéa da perfeição. O objecto *completo* offerece-nos o seu modelo.

Cicero foi hum *perfeito* orador; mas póde ser (diz elle mesmo) nunca jamais se vio hum orador tão *completo* como o que eu finjo na minha idéa, e descrevo neste tratado «*atque ego in summo oratore fingendo talem informabo, qualis fortasse nemo fuit*», &c.

162

Arder — Inflammar-se — Incendiar-se — Abrazar-se Queimar-se

Arde o corpo combustivel, quando se lhe péga o fogo. *Inflamma-se,* quando levanta chamma.

Incendia-se huma caza, hum edificio, huma cidade, quando o fogo e a chamma toma ala, e se propaga extensamente e com rapidez.

Abraza-se o corpo, quando está todo repassado do fogo e feito braza.

Queima-se, quando por força do fogo, ou do incendio, se reduz a cinzas.

Huma faisca basta ás vezes para fazer *arder* e talvez *inflammar* o corpo combustivel, que a toca, e para *incendiar* por este meio qualquer grande edificio. O *incendio abraza* tudo, e por fim até chega a *queimar* as proprias pedras.

Arde e *inflamma-se* o pavio de huma bugia: *arde* e talvez *se inflamma* o lenho que se põe no lume: *arde* qualquer corpo combustivel, quando he tomado do fogo, &c.

Incendia-se huma caza, hum edificio, huma cidade inteira. *Incendio* suppõe sempre hum grande fogo, que toma ala, faz progressos rapidos, communica-se e ganha os corpos visinhos.

Abraza-se hum corpo qualquer, ou huma massa de corpos, quando se penetrão e repassão do fogo em toda a sua substancia, sem que appareça a chamma acima da sua superficie, e nisto se distinguem os corpos *abrazados* dos *inflammados*.

Queimão-se finalmente os corpos combustiveis, quando consumido tudo o que alimentava o fogo restão sómente cinzas, ou residuos incombustiveis.

No sentido figurado e moral dizemos, que hum homem *arde* em ira, em colera, em amor, quando se lhe tem pegado o fogo destas paixões: e que se *inflamma*, quando esse fogo rompe fóra e se faz sensivel pelos seus effeitos. Dizemos tambem que o amor divino he como hum *incendio* no coração devoto, quando este nobre sentimento se tem apossado do ho-

mem todo, de todas as suas faculdades; quando parece que quer sahir da sua esfera e communicar-se a tudo o que se lhe approxima. E dizemos finalmente que hum coração está todo *abrazado* em amor, ou em outra paixão, quando em realidade se acha todo penetrado e repassado da sua violencia, &c.

163

Lume — Fogo

Lume exprime propriamente o que dá luz e claridade: *fogo* o que causa calor, ou queima.

Como communmente se crê que a luz e o calor nascem do mesmo principio, não admira que no uso vulgar se confundão estes dous vocabulos, e se diga, v. gr., que o *lume* queima, e que o *fogo* alumia.

Mas no sentido figurado he sempre necessario notar a differença que ha entre elles, para applicarmos hum ou outro, segundo as qualidades que queremos designar nos objectos.

Assim dizemos por exemplo o *lume* da razão, e não o *fogo*, porque a razão he a *luz* que nos guia em nossas acções. Dizemos o *fogo* da mocidade, e não o *lume*, porque a mocidade he a idade das paixões, e as paixões dão *calor* ao homem, e ás vezes o abrazão e consomem. E dizemos o *lume* ou o *fogo* dos olhos, o *lume* ou o *fogo* da eloquencia, porque os olhos ora scintillão como *lume*, ora mostrão e talvez communicão o *ardor* da paixão; e porque a eloquencia deve ser *luminosa* e *ardente*: *luminosa*, para illustrar o entendimento e convencer-nos; e *ardente* para inflammar a vontade e persuadir-nos.

164

Chamma – Flamma – Labareda

Chamma he a parte mais subtil e luminosa do fogo, que se levanta acima da superficie do corpo que arde.

Flamma tem a mesma significação, mas he mais pictoresco, porque a articulação *fl* exprimindo de algum modo a ondulação da chamma, quasi põe diante dos olhos o seu objecto: he mais poetico.

Labareda exprime grande *chamma*, que sobe muito ao alto, e faz grandes linguas de fogo.

Dizemos a *chamma* da bugia, e as *labaredas* do incendio.

165

Coragem – Valor – Bravura – Intrepidez – Hardimento Heroismo

Coragem significa a qualidade do homem, que tem coração, que tem animo: he a força e vigor da alma, que em todas as circumstancias da vida nos faz superiores ás fraquezas humanas. He termo mui generico, que se usa em differentes occasiões: v. gr., supportar as dores com *coragem;* sofrer as adversidades com *coragem;* ter *coragem* para despender em qualquer negocio; defender a verdade com *coragem;* atacar o inimigo com *coragem,* &c. Á *coragem* oppõe-se *pusillanimidade.*

Valor he a qualidade moral do homem, que se expõe aos perigos, quando he necessario; e designa especialmente a *coragem* marcial, o nobre ardor com que combatemos o inimigo na guerra, sem temer os perigos a que isso nos expõe. O seu opposto he *cobardia.*

Bravura he a *coragem* momentanea, impetuosa do soldado, talvez com mistura de furia e colera.

Intrepidez he o *valor* ousado e arrojado: afronta e desafia o perigo presente, fica firme á vista delle, e talvez se sacrifica, se necessario he. A *intrepidez* mal empregada he *temeridade*.

Hardimento he a *coragem*, com que tomâmos e sustentâmos emprezas grandes, e talvez arriscadas: e não exclue a idéa do interesse, honra, ou gloria, que d'ahi nos póde provir. O navegante, v. gr., que se expõe a todos os perigos de novos e nunca navegados mares para ampliar a esfera dos humanos conhecimentos, e alcançar reputação e celebridade, mostra *hardimento*.

Heroismo he a qualidade moral do homem, que propondo-se algum objecto grande e util, o prosegue com firmeza e perseverança, só por amor delle mesmo, sem temer as difficuldades, ou os perigos, que a maior parte dos homens temem, e sem ter respeito algum ao seu proprio individuo, ou a quaesquer considerações pessoaes.

Qual será porém o objecto, que obrigue o homem a tão rara e generosa renuncia?— He algum daquelles, que merecem ser amados por si mesmos, independentemente de todas as considerações individuaes. He Deos, ou a religião — o honesto, ou a virtude — a verdade, ou a sciencia — o bello, ou as artes — o bem geral, ou a humanidade — a liberdade e o poder nacional, ou a patria.

O homem que apprehende alguma, ou algumas destas grandes idéas com toda a força da intelligencia, e com todo o calor e vivacidade do sentimento, e faz dellas a idéa dominante e directora da sua vida, seguindo-a com coragem, com perseverança e com firmeza, he hum *heroe*: tal he o typo ideal do verdadeiro *heroismo*.

166

Civilisado — Policiado — Polido

Hum povo he *civilisado,* quando tem deixado os costumes barbaros, quando se governa por leis. He *policiado,* quando, pela obediencia ás leis, tem adquirido o habito das virtudes sociaes. E he *polido,* quando em suas acções mostra urbanidade, elegancia e apurado gosto.

No povo *civilisado* reinão as leis. No povo *policiado* reinão os bons costumes. No povo *polido* reina a urbanidade e gosto, que he consequencia do luxo.

As leis estabelecem a *civilisação* entre os povos barbaros, formando os bons costumes. Os bons costumes aperfeiçoão as leis, e algumas vezes as supprem, entre os povos *policiados.* A *polidez* exprime no tracto e acções a perfeição das virtudes sociaes: e quando he falsa, como muitas vezes acontece, contenta-se de fingir e affectar essas virtudes.

Os Gregos começárão a *civilisar-se* antes de Licurgo e Solon: *policiarão-se* no seculo destes dous celebres legisladores: e *polirão-se* no seculo de Pericles.

167

Primeiro — Primitivo — Primévo

Primeiro he em geral aquelle ente, que está ou se considera á frente de huma serie delles; pelo qual começâmos a contar huma serie de entes da mesma, ou de differente natureza: he o que precede a todos ou no tempo, ou na ordem, ou no lugar, ou na dignidade, &c. Assim Adam, v. gr., he o *primeiro* homem, isto he, precede a todos em tempo; está á frente de toda a serie dos

homens, &c. Entre as decadas de Barros a que precede a todas na ordem he *primeira*. Entre as cazas de huma cidade são *primeiras* em lugar as que encontrâmos antes de quaesquer outras ao entrar nessa cidade. O primeiro em dignidade entre os vassallos d'el-Rei he o principe, &c. Deos he causa *primeira* em tempo, em ordem, em dignidade, &c.

Primitivo he o *primeiro* ente de huma serie, considerado com relação aos differentes estados successivos por que passou, ou com relação a outros entes, que delle successivamente se derivárão. A lingua, v. gr., que falárão os primeiros homens, e que he *primeira,* porque precedeo a todas, he tambem *primitiva,* se as que hoje se falão são derivadas della, isto he, se ella, passando por differentes estados, e sofrendo varias alterações, produzio as linguas de hoje, que nesse caso se devem considerar como dialectos dessa lingua *primitiva.* A disciplina *primitiva* da Igreja he a que se observava nos primeiros seculos, e que tendo-se transformado de muitos modos segundo o pedião os tempos e as circumstancias, se reduzio por ultimo áquella que hoje observâmos, e que he derivada da *primitiva,* &c.

Priméво diz precisamente o que he da *primeira* idade, ou das primeiras idades. As leis *priméвas* da monarquia são as que havia na primeira idade da monarquia: homens *priméвos* são os das primeiras idades do mundo, &c.

168

Cheiroso – Odorifero

Cheiroso he todo o corpo que lança cheiro; ou o tenha de si mesmo, ou se lhe tenha apegado de outros corpos.

Odorifero he o corpo que de si mesmo e de sua natureza lança cheiro, ou o produz; e tambem o lugar, ou terra que produz cheiros, aromas, &c.

Dizemos que huma flor he *cheirosa*, ou *odorifera*: que hum homem adamado vem, ou está todo *cheiroso*, e não *odorifero*: e que a Arabia he *odorifera*, e não *cheirosa*, &c.

169

Veste – Vestido – Vestidura – Vestimenta – Trajo

Veste parece ser de todos estes vocabulos o mais generico, e por isso dizemos as *vestes* usuaes, as *vestes* sagradas, as *vestes* reaes, &c.

Vestido tem significação menos extensa, e exprime tamsómente as *vestes* usuaes e ordinarias, com que cobrimos o corpo por necessidade, ou commodidade. No *trajo* actual dos Portuguezes a cazaca, a vestia, o calção, meias, sapatos, &c., pertencem ao *vestido*.

Vestidura parece que exprime as *vestes* ordinariamente sobrepostas ao *vestido*, e pelas quaes distinguimos na ordem civil, ou ecclesiastica, e nas funcções solemnes os empregos e dignidades das pessoas. Assim o manto ou oppa real, a capa magna, a béca, &c., são *vestiduras* do rei, do bispo, do magistrado, &c.

Vestimenta exprime especialmente as *vestes* sagradas, que se usão no exercicio publico do culto religioso. A casúla, dalmatica, capa de *asperges*, estola, &c., são *vestimentas*.

Trajo exprime não só o que he essencial do vestir, mas tambem a fórma delle, a maneira de o usar, e certos ornatos que o acompanhão, como fitas, pedraria, collares, toucado, espada, &c. Assim dizemos *trajo* nacio-

nal, *trajo* estrangeiro, *trajo* de ceremonia, de theatro, &c., isto he, tudo o que pertence ao vestir, ao modo de vestir, e ao aceio e ornato do corpo, &c. Parece ser propriamente o *habillement* dos Francezes.

170

Valor — Estimação — Preço

O *valor* mede-se pela utilidade da cousa.

Estimação tomado na accepção mais generica, em que se póde considerar como synonymo de *valor*, he propriamente o juizo que fazemos da utilidade da cousa, e por consequencia determina o seu *valor relativo*.

Preço he o *valor* estimado em moeda, ou em cousa equivalente. O *preço* determina o *custo* da cousa.

As virtudes e os talentos tem em todos os tempos e circumstancias hum grande *valor* real, que em certo modo he independente da consideração dos homens: mas os governos, ou os individuos, por ignorancia, ou por corrupção, nem sempre querem reconhecer esse *valor*, e por isso negão muitas vezes ás virtudes e talentos a *estimação* que lhes he devida.

O *preço* não se mede sómente pelo *valor*, ou pela *estimação*, mas tambem pela maior ou menor abundancia ou raridade da cousa, e pela maior ou menor facilidade ou difficuldade de a obter.

Muitas cousas tem grande *valor* real, e não menos *estimação*, as quaes ou não tem *preço* algum, porque não entrão em commercio, nem se podem avaliar por comparação aos objectos delle; ou o tem mui pequeno, porque *custão* pouco a obter.

171

Atrás — Após — Depois

Atrás exprime huma relação de situação, ou ordem, isto he, exprime a posteridade de lugar de huma pessoa ou cousa a respeito de outra, quer estas estejão em quietação, quer estejão em movimento. Assim dizemos, v. gr., ficou *atrás* da porta, está *atrás* da parede, &c., significando posterioridade de lugar em estado de quietação; e dizemos: desejava hir *atrás* delle, acodem huns *atrás* dos outros, significando a mesma relação em estado de movimento.

Após exprime tambem a relação de posterioridade de lugar; mas suppõe sempre as pessoas, ou cousas em estado de movimento. Assim dizemos, v. gr., anda *após* a fortuna, leva todos *após* si, querem hir *após* elle, &c., e não podemos dizer com propriedade ficou *após* a porta, edificou a caza *após* a igreja, está *após* o bosque, &c.

Depois exprime a posterioridade de tempo: v. gr., falou-me *depois* de jantar, veio *depois* do tempo ajustado, vai *depois* de ámanhã, &c., nas quaes frases não podemos substituir com propriedade as palavras *atrás*, ou *após*.

Comtudo como entre as idéas de tempo e de lugar ha alguns pontos de contacto, e podemos considerar o tempo como huma successão de instantes que vem huns *após* os outros; e o lugar ou lugares como huma successão de espaços, que se seguem huns *depois* dos outros; não admira que algumas vezes se usem estes vocabulos promiscuamente, e que até o mais polido dos nossos classicos diga, v. gr., hum breve publicado *após* os primeiros *após* estas palavras fez muitas vezes sobre si o sinal

da cruz, exemplo dos que hão de vir *atrás* nós, &c., &c., aonde *após* e *atrás* se devem entender com a significação de *depois*, &c.

172

Na verdade—Na realidade

Tomando-se estas duas expressões em todo o seu rigor, *na verdade* refere-se ao que nós pensâmos do objecto, segundo idéas claras e exactas; *na realidade* referese ao que o objecto he em si mesmo segundo a sua natureza.

Na verdade refere-se ao mundo intellectual: *na realidade* ao mundo real.

Na verdade quer dizer, segundo as relações claramente percebidas entre as nossas idéas: *na realidade* quer dizer, segundo as relações reaes que os objectos tem entre si.

Na verdade a virtude he o unico meio que o homem tem para alcançar a felicidade propria da sua natureza. *Na realidade* o homem virtuoso, se bem examinarmos o seu coração, he sempre feliz.

Na primeira destas frases exprimimos a relação claramente percebida entre a noção da virtude e a noção de meio apto para alcançarmos a felicidade. Este he o mundo intellectual. A frase tem verdade *formal*, segundo a linguagem metafysica.

Na segunda queremos exprimir a relação real que ha entre o homem virtuoso e o estado de felicidade. Este he o mundo real. A frase tem verdade *objectiva*, se com effeito he boa a applicação, que fazemos das nossas idéas á realidade dos objectos.

Como porém o filosofo nada possa conhecer da realidade das cousas, senão por meio das suas idéas; nada da realidade absoluta, mas só da realidade relativa; nada

emfim do que as cousas são em si mesmas, mas só do que são com respeito a nós, e aos nossos conhecimentos; d'aqui vem, que se usão promiscuamente as duas expressões *na verdade* e *na realidade*, attribuindo nós sempre aos objectos as propriedades, ou relações, que vemos claramente envolvidas nas idéas, que delles fazemos.

173

Fulgurante — Fulminante

Fulgurante vem do Latim *fulgur*, o relampago. E *fulminante* vem do Latim *fulmen*, o raio.

He pois *fulgurante* o que a vezes lança brilho, clarão, esplendor, fulgor, como o relampago; e he *fulminante* o que lança coriscos, raios, golpes, mortes.

A espada he *fulgurante* quando brilha e lança fulgor; he *fulminante* quando dá golpes e espalha a morte.

Fulgurante póde dizer-se em bom sentido de tudo o que lança brilho e esplendor «os vestidos bordados *fulgurando*», diz João Franco Barreto, *Eneida*, cant. 9.°, est. 6.°, e não diria bem *fulminando*.

Fulminante sempre se diz em mau sentido: v. gr., *fulminando* anathemas, *fulminando* castigos, *fulminando* mortes, e não se diria bem nestes casos *fulgurando*.

174

Pobreza — Indigencia — Penuria — Inopia

Pobreza exprime estreiteza de posses e haveres: he o estado do homem, ou familia, que apenas tem o necessario para viver.

Indigencia diz mais que pobreza: he o estado do que

não tem o necessario para viver; que tem falta das cousas necessarias á vida.

Penuria he extrema *pobreza,* grande *indigencia:* estado da pessoa, ou familia, a quem a cada passo estão faltando as cousas mais indispensaveis á vida; que padece fomes, &c.

Inopia refere-se especialmente á falta, ou total carencia do soccorro, ajuda, ou auxilio, que se deseja, ou de que se necessita. (Do Latim *ín-ops.)*

175

Som — Tom

Som exprime tudo o que he objecto do sentido do ouvido; e significa genericamente a percepção da impressão que faz no ouvido o ar, o outro corpo elastico como o ar, movido de hum certo modo.

Tom exprime mais particularmente o *som apreciavel;* o *som,* que tem hum valor; a sua maior ou menor elevação *calculavel.*

Toma-se o *tom* dos instrumentos musicos, mede-se, calcula-se, divide-se, &c.; mas não se póde fazer outro tanto ao *som* do tiro de huma peça de artilheria, de hum córpo que cahe, do martello que bate, do madeiro que estala, &c.

Em linguagem musica chama-se *tom* o intervallo, que separa hum *som* apreciavel de outro na escala diatonica, e por isso se diz que a oitava de *ut* a *ut* consta de cinco *tons,* e dous *semitons,* &c.

176

Hir — Andar — Caminhar — Marchar

Hir significa simplesmente passar de hum lugar para outro, de qualquer modo que se faça a passagem.

Andar he mudar progressivamente de situação. *Anda* tudo o que tem hum certo curso e progressiva successão.

Caminhar he fazer caminho: he *hir*, ou *andar*, vencendo huma certa porção de espaço ou distancia, que nos vai progressivamente approximando do lugar ou termo, para onde *caminhâmos*.

Marchar parece que he propriamente *andar*, ou *caminhar* compassadamente, vencendo em iguaes tempos iguaes porções de espaço.

Hir diz necessaria e expressa relação a hum determinado ponto, a que a pessoa ou cousa se dirige: v. gr., *hir* á igreja, ao paço, a caza do amigo, ao theatro, &c.; e figuradamente *hir* a saude para melhor, *hir* o negocio para peor, &c.

Andar parece que não envolve a mesma relação, ao menos expressamente. *Anda*, v. gr., quem passeia dentro de caza, e não *vai*, nem *caminha*: *anda* o tempo, os astros, o relogio, e não *vão*: *anda* a roda, e não *vai*, nem *caminha*.

Comtudo como *andar* suppõe hum movimento progressivo; se neste marcâmos certos pontos, e considerâmos a distancia, que ha entre elles, como hum caminho que se deve correr para o corpo chegar ao termo assignalado; então dizemos com propriedade, v. gr., que o sol *vai*, ou *caminha* do nascente para o poente; que o relogio *vai*, ou *caminha* das duas para as tres horas; que o tempo *vai*, ou *caminha* para o verão, para o inverno, &c., &c.

177

Nunca — Jámais

Nunca he o Latim *nunquam*, em nenhum tempo. *Jámais* he o Latim *unquam*, em tempo algum, vez alguma.

Nunca leva comsigo mesmo a negação; faz a proposi-

ção negativa. Este homem *nunca* me tractou mal; *nunca* me desgostou; *nunca* me lisongeou, &c.

Jámais pode regularmente a negação expressa, para fazer a proposição negativa. *Não* farei *jámais* o que me pedis: *jámais não* mudarei de resolução; *não* vos ouvirei *jámais*, &c.

Nunca usa-se mais ordinariamente nas proposições que exprimem hum juizo positivo: *nunca* tal crime commetti; *nunca* isso me passou pelo sentido, &c.

Jámais tem particularmente lugar nas proposições, que exprimem interrogação, duvida, incerteza, &c. Que homem de juizo se agastou *jámais* sem causa? não sei que *jámais* me offendesse: duvido que tal promessa *jámais* se realise, &c.

Algumas vezes ajuntão-se ambos os vocabulos na mesma frase para dar mais energia á expressão, e dizemos, v. gr., *nunca jámais* vos deixarei, isto he, *nunca em nenhum tempo, nunca vez alguma* vos deixarei, &c.

Outras vezes usão-se, hum em lugar do outro, como se fossem identicas as suas significações. Assim dizemos, v. gr., prometto de *jámais* vos deixar, tomando *jámais* por *nunca*; e dizemos tambem: he o melhor homem que *nunca* vi, tomando *nunca* por *jámais*, &c.

178

Acordar – Despertar

Acordar he vir a si; recobrar o uso dos sentidos: exprime propriamente a cessação espontanea do somno, ou de qualquer outra alienação.

Despertar he tirar a alguem desse estado de somno, ou alienação: exprime o effeito de huma causa estranha, que nos interrompe o somno, que nos excita, e nos faz tornar ao nosso acordo.

Acordar he hum verbo neutro: *acordâmos*, quando estamos satisfeitos de somno, quando temos dormido bastante.

Despertar he hum verbo activo: os cuidados nos *despertão;* hum grande estrondo desacostumado *desperta* até os que tem o somno pesado, &c.

No sentido figurado observa-se a mesma differença. O homem *acorda* do profundo somno dos vicios, quando torna em si, reflecte no seu estado, e resolve mudar de vida: e he *despertado* desse somno, quando, v. gr., a morte repentina de huma pessoa mui querida, ou outro semelhante acontecimento o commove fortemente, e o faz tornar em si, e tomar a resolução de mudar de vida. A simples vista de hum objecto perigoso basta ás vezes para *despertar* huma paixão. O merecimento distincto *desperta* quasi sempre a inveja das almas baixas, &c.

Sem embargo desta differença de significação, que parece fundada na etymologia do vocabulo *acordar*, e até no uso mais auctorisado, he certo, que algumas vezes dizemos tambem *acordar* em sentido activo; mas nesses mesmos casos parece dever fazer-se differença entre *acordar* e *despertar*, entendendo-se que quem nos *acorda* emprega huma acção ordinaria, tirando-nos do somno a horas costumadas, quando estamos satisfeitos de dormir, &c.; e que quem nos *desperta* emprega huma acção mais forte e mais energica, tirando-nos de hum somno profundo, ou a horas desacostumadas, ou quando estamos mais aferrados, &c.

179

Ajuntar — Unir — Colligir

Ajuntar he simplesmente pôr huma, ou mais cousas ao pé de outra, ou de outras.

Unir he *ajuntar* duas ou mais cousas de modo que

fação como huma só: he ligar duas ou mais cousas com vinculo moral ou fysico, para ficarem constituindo huma só cousa.

Colligir he ajuntar com escolha.

Ajuntão-se muitas mercadorias no lugar da feira; muitos trastes em huma caza; *ajuntão-se* esmolas, *ajunta-se* dinheiro, e nada disto se *une*.

Ajuntão-se homens de differentes condições, estados e opiniões em hum lugar publico, e *unem-se*, quando o seu ajuntamento he feito com o mesmo espirito e para hum fim commum. Os fieis *unem-se* no templo em espirito de piedade.

Une-se a alma ao corpo; huma familia a outra por cazamentos; os amigos para huma empreza, &c.

Colligem-se livros, medalhas, productos naturaes, maquinas, raridades, &c.

180

Borda – Margem – Ribeira – Praia – Costa

Borda he em geral a extremidade de huma superficie, e no sentido, em que aqui o tomâmos, he a extremidade da superficie da terra, que toca o rio, ou o mar. (Latim *ora.)*

Margem he o tracto de terra plana e de alguma largura, que corre ao longo do rio, ou mar, coberta de relva e hervagens, e que por isso tem frescura e amenidade.

Ribeira he a *margem* mais ou menos declive e derribada, isto he, que vem descendo de cima para baixo até o rio, ou mar. (Latim *ripa.)*

Praia he o tracto de terra ao longo do rio ou mar, que as agoas cobrem e banhão nas suas enchentes. (Latim *littos.)*

Costa he o tracto de terra ao longo do mar, elevado

acima das agoas, sobranceiro a ellas, e que lhes serve de barreira.

A *borda* não tem, ou quasi que não tem largura: he simplesmente a extremidade da *margem, ribeira, praia,* ou *costa:* diz-se igualmente do mar e do rio.

Margem e *ribeira* tem mais ou menos largura; suppõem o terreno verdejante e aprazivel, e por isso se dizem mais ordinariamente dos rios, que do mar.

Praia e *costa* são mais proprios falando do mar; mas *praia* suppõe planicie, sobre que as agoas se espraião, e he ordinariamente arenosa; e *costa* suppõe maior largura de terra, talvez de penedia, que oppõe ás agoas huma forte barreira, e lhes impede o invadirem a terra, &c.

181

Severidade — Rigor

Severidade e *severo* são os vocabulos Latinos *severitas* e *severus,* compostos, ao que parece, da particula *se,* e de *veritas* e *verus,* exprimindo hum quasi *apartamento,* ou *desvio da verdade,* que he a força da particula *se,* tal como se observa em outros vocabulos de composição analoga, v. gr., em *separação* e *se-parado, se-ducção* e *se-duzido, seguridade* e *seguro,* &c.

Se esta etymologia nos não engana, o vocabulo *severidade* refere-se mais propriamente ao nosso modo de pensar, ao nosso juizo e opinião, e talvez ás nossas expressões; quando parece, que por hum certo excesso nos apartâmos algum tanto da exacção e precisão da verdade. O vocabulo *rigor* refere-se mais em especial ás demonstrações e procedimentos de facto.

Julgâmos e reprehendemos com *severidade;* castigâmos e punimos com *rigor.* A lei he *severa;* a execução *rigorosa.*

A *severidade* condemna facilmente, e não desculpa; o *rigor* executa a pena á risca, sem adoçar a sua aspereza, nem perdoar cousa alguma della.

Dizemos a cada passo *semblante severo, fronte severa,* e Vieira diz tambem *severa magestade,* isto he, que mostra a *severidade* do animo; e não dizemos com igual propriedade *semblante rigoroso, fronte rigorosa,* nem *rigorosa magestade.*

Pelo contrario dizemos o *rigor* do tempo, da estação, &c., e não a *severidade:* dizemos que alguem esteve exposto ao *rigor* do sol, e não á *severidade,* &c.

Á *severidade* póde oppor-se humas vezes a *equidade,* e outras vezes a *indulgencia,* esta nobre e generosa qualidade, em que consiste (segundo o nosso parecer) hum dos principaes caracteres da verdadeira grandeza moral. Ao *rigor* oppõe-se a *brandura,* e nos Principes a *clemencia.*

A *equidade* julga conforme os principios da recta e sã razão, devidamente applicados ao facto e a todas as suas circumstancias: a *indulgencia* condescende ás imperfeições e fraquezas do homem, e desculpa os seus erros e as suas faltas: a *brandura* e *clemencia* adoção, ou perdoão a pena.

182

Transpiração — Suor

Transpiração he propriamente a acção de transpirar; mas toma-se tambem pelo humor, ou humores, que se *transpirão,* isto he, que se exhalão pelos poros da pelle em toda a superficie do corpo humano; e neste sentido he que póde ter-se como synonymo de *suor:* distingue-se porém delle, porque a *transpiração* he insensivel, ou antes invisivel, e o *suor* he a *transpiração* mais forte e

mais abundante, que nasce do calor, ou do exercicio, e que sahe em gotas visiveis pelos poros da pelle.

183

Povo – Plebe – Vulgo

Povo diz-se mui propriamente dos habitantes de huma cidade, provincia, ou reino, em geral, e sem relação alguma a distincção de classes; v. gr., o *povo* portuguez tem-se feito celebre na Historia — o *povo* portuguez foi sempre mui affeiçoado aos seus Monarcas — todo o *povo* do reino sentio a sua perda — sahio todo o *povo* da cidade a recebel-o, &c., &c.

Emprega-se porém frequentemente para significar a terceira classe dos cidadãos, por distincção das outras duas da nobreza e clero: assim dizemos, v. gr., *a nobreza, clero e povo — a camara, nobreza e povo* — &c., e em nenhuma destas frases podemos usar do vocabulo *plebe.*

Por onde se vê que *plebe* significa precisamente o *povo* miudo, a gentalha, o mais baixo do *povo;* aindaque desse mesmo vocabulo derivâmos o adjectivo *plebéo,* exprimindo (segundo a significação latina) homem da classe do *povo,* não nobre.

Vulgo he propriamente *o commum do povo,* e refere-se não tanto a classe alguma de cidadãos distincta das outras classes, quanto ás pessoas (de qualquer classe que sejão) que, ou por sua ignorancia, ou por seus baixos sentimentos e acções pertencem ao *commum da gente,* ao que he *mais ordinario,* ao *maior numero.* E por isso se usa muitas vezes com a significação de *plebe;* porquanto o homem ignorante e de baixos sentimentos, o homem, que em pensamentos e acções mostra hum caracter ignobil, póde sem injuria collocar-se entre a *plebe,*

qualquer que seja aliás a sua qualidade e condição na jerarquia civil.

Pela mesma razão qualificâmos de *vulgar* tudo o que he ordinario, que succede muitas vezes, que he facil de achar-se; tudo o que não he raro, nem nobre, nem de subida sorte, nem excellente no seu genero, &c.

Assim pertence á *vulgaridade* das maneiras no tracto social tudo o que he rude e grosseiro; tudo o que he contrario á polidez, urbanidade e cortezania. Pertence á *vulgaridade* litteraria tudo o que contém idéas triviaes, communs, muitas vezes repetidas; tudo o que não tem novidade, ou na materia, ou no arranjo, ou na locução. Pertence á *vulgaridade* do estilo tudo o que he de gosto pouco apurado; tudo o que suppõe pouca elegancia nas imagens e pouca delicadeza nas expressões, &c., &c.

184

Enfeites — Affeites

Enfeites são quaesquer ornatos, adornos, ou atavios, com que se aformoseão os objectos, para os fazer mais agradaveis, ou mais bellos.

Affeites são ornatos, ou atavios sobrepostos, *affectados*, contra o natural, que em lugar de aformosearem, desfeião o objecto e talvez o fazem ridiculo.

Este segundo vocabulo, que o capricho do uso tem antiquado, merece ser restituido á sua posse. Elle tem manifesta relação com o verbo *affectar*, pronunciado, ao modo antigo, *affeitar*, e encerra huma significação accessoria, que o distingue de *enfeitar*, e que exprime o que de outra maneira se não poderia dizer sem circumloquio.

Dizemos com propriedade que a natureza atavia de

lindos *enfeites* as suas mais delicadas obras; e não podemos substituir nesta frase o vocabulo *affeites*.

Arraes, Dial. 10.°, cap. 38.° «Mal haja Aralio rey de Assyria, que inventou braçaletes, e ioyas de perlas, e pedraria, cabellos entransados, verdugadas, e roupas roçagantes, agoas pera o rostro, e outros *enfeites*, e *affeites*, com que se pintão, e autorizam as mulheres vãs.»

E no mesmo Dialogo, cap. 50.° «Trabalhem as mulheres ser taes, quaes Deos quiz que ellas fossem, não corrompendo os seus rostros, nem *affeitando* suas gargantas», &c.

Fr. Agostinho de Sousa, na censura da part. 1.ª da *Chronica de S. Domingos*, falando da linguagem do illustre auctor, a gaba de *natural, corrente e cortezã, com termos proprios, significativos e efficazes*, e longe *de* affeites *e artificios viciosos*.

185

Delgado — Fino

Delgado refere-se sempre a huma dimensão fysica do objecto: *fino* refere-se com mais propriedade á sua perfeição e excellencia.

Chamâmos *delgado* o que não he grosso, ou tem pouca grossura: chamâmos *fino* o que no seu genero he de superior qualidade, bem obrado, de lavor exquisito, &c.

He *delgada* huma arvore, huma taboa, huma corda, &c., isto he, tem pouca grossura.

He *fino* o ouro, a prata, a porcelana, a renda, &c., quer dizer, he de superior qualidade; he obrada com perfeição; he de primoroso trabalho, &c.

Quando usâmos indifferentemente de qualquer dos dous vocabulos, dizendo, v. gr., *linha fina*, ou *linha del-*

gada, *pano de linho fino*, ou *delgado*, he porque nestes e em outros semelhantes objectos a *delgadeza* da materia he a primeira condição da superior qualidade da obra, e anda de ordinario acompanhada da perfeição e excellencia do artefacto.

186

Prudencia — Discrição — Circumspecção

Prudencia he a primeira das virtudes, que chamâmos cardeaes, e consiste na applicação da experiencia, da recta razão, e do bom juizo á direcção, e governo de todas as acções, negocios, projectos, ou emprezas da nossa vida, tanto publica, como particular; tanto moral, como civil, ou politica.

A *discrição* e *circumspecção* são partes da *prudencia*.

A *discrição* escolhe com justo discernimento e ás vezes com huma especie de tino e sagacidade natural, os meios mais proprios, mais convenientes, mais faceis e mais adequados para alcançar o fim proposto.

A *circumspecção* examina e considera todas as circumstancias, attende ás pessoas, mede os tempos e os lugares, pondera o que convem, o que he decente, o que he opportuno, a fim de regular e proporcionar o emprego dos meios escolhidos, e chegar ao fim proposto pelo caminho mais plano, mais breve e mais commodo.

187

Voz — Brado — Grito — Clamor

Voz he o som proferido pela bôca do homem, ou do animal, e tambem se attribue metaforicamente aos seres personificados, como quando dizemos a *voz* da natureza, a *voz* da razão, a *voz* da justiça, &c., e aos instrumentos

musicos, cujos sons apreciaveis, ou cantaveis, tem analogia com a *voz* humana.

Brado he a *voz* alta, esforçada, ás vezes dilatada, que se faz ouvir, e talvez resôa ao longe. *Bradão* os naufragantes a Deos misericordia; *brada* o mar de longe, batendo nas praias; *bradão* ao ceo as maldades dos homens, &c.

Grito parece vocabulo imitativo, que exprime primaria e propriamente *vozes* agudas, e não articuladas, do homem, e talvez de alguns animaes.

Clamor (do Latim *clamare,* em Portuguez *chamar)* he propriamente *chamamento* e malta *voz,* d'onde vem *reclamo,* o da ave chamando por outra; *ac-clamação,* o acto solemne de denunciar ao publico, nomeando, alguem para alguma dignidade, &c.

As procissões religiosas, ainda hoje frequentadas em muitas partes do reino, nas quaes o clero e povo vão de huma a outra paroquia, de huma a outra capella, ou templo, invocando os sanctos, e dirigindo preces ao ceo em *altas vozes,* chamão-se *clamores.*

188

Diario — Diurno

Diario he o que se faz em hum dia, ou pertence ao dia. *Diurno* he o que se faz de dia.

Diario refere-se ao periodo inteiro das vinte e quatro horas, de que se compõe o dia natural: *diurno* refere-se áquella parte do dia, durante a qual o sol illumina o nosso horisonte.

Quem diz movimento *diario* do sol, exprime o giro inteiro que o sol apparentemente faz em roda da terra, desde que parte do oriente até que torna a apparecer no mesmo ponto.

Quem diz movimento *diurno* do sol, exprime tamsómente a porção desse giro, que o sol faz desde que parte do oriente até que chega ao occidente.

O giro *diario* do sol consta de dous periodos, ou antes de duas porções de periodo, *diurna* e *nocturna*, com as quaes este astro perfaz a sua carreira.

Se hum homem trabalhasse de dia e de noute na sua arte, ou officio, poderia vencer hum jornal *diurno* e outro *nocturno*, e a somma destes dous jornaes seria o seu ganho *diario*.

189

Inteiro — Inflexivel — Inexoravel

Inteiro he o homem, que cumpre perfeitamente os seus deveres: que se não desvia jámais dos dictames da recta razão, das maximas da intacta probidade e dos decretos da lei.

Inflexivel he o que se não deixa dobrar, que não desce de suas opiniões e resoluções, nem muda o caminho que huma vez tem tomado.

Inexoravel he o que não cede, nem se deixa dobrar a rogos, a supplicas, a lagrimas, &c.

O caracter do homem *inteiro* tem a sua origem e fundamento no recto amor do bem, da ordem e da virtude, e na constante determinação de cumprir com as leis do dever.

O caracter do homem *inflexivel* suppõe tenacidade no juizo, e hum certo grão de pertinacia, ou talvez de obstinação na vontade; d'onde resulta aquella rigidez do animo, que oppõe huma longa resistencia á força das razões, e persuasões alheias, ou absolutamente se não deixa dobrar a ella.

O caracter do homem *inexoravel* tem origem na dureza do coração, e o suppõe pouco accessivel aos senti-

mentos communs da humanidade e ás doces commoções da compaixão.

O caracter do homem *inteiro* he sempre bom, e digno de estimação e louvor; a *inteireza* he huma qualidade essencial no homem publico e particular.

Os outros dous caracteres, como tenhão huma origem mais ou menos viciosa, sómente podem produzir bom effeito por accidente, isto he, quando porventura as resoluções, que o homem tem tomado, são justas, bem fundadas, e taes, que o dever lhe não permitte afastar-se dellas: mas neste caso a *inflexibilidade* e a *inexorabilidade* deveráõ mais propriamente tomar a denominação de *firmeza*, assim como tomão em realidade o caracter desta excellente virtude.

E só neste sentido he que podemos louvar de *inflexivel* ou de *inexoravel* o magistrado, o juiz, o homem publico, que não se dobrando a persuasões, a rogos, a supplicas, ou a lagrimas, segue com inalteravel firmeza o caminho, que a lei lhe prescreve, sacrificando talvez ao imperioso dever os proprios affectos, de que se sente commovido.

190

Publico—Commum

Publico he o que pertence ao todo de huma nação, povo, ou cidade, considerada como pessoa moral, debaixo da auctoridade de hum governo.

Commum he aquillo de que participão todos e cada hum dos individuos de huma nação, povo, cidade, familia, ou associação.

He auctoridade *publica* a dos magistrados; são rendas *publicas* as do estado; e nenhuma destas cousas he *commum,* aindaque ambas sejão estabelecidas para bem *commum* dos povos.

São interesses *communs* aquelles, de que participão todos os membros de huma sociedade, corporação, ou familia particular, e não são *publicos:* he bolsa *commum*, e não *publica*, a de duas ou mais pessoas que jogão, que commerceião, que viajão de parçaria: são sentimentos *communs* os que tem todos os individuos de certa classe, ou corporação, e podem não ser *publicos*, &c.

Muitas vezes succede concorrerem no mesmo objecto ambas estas qualidades, e então usâmos quasi indifferentemente de qualquer dos vocabulos.

Assim, v. gr., os interesses de huma nação podem chamar-se *publicos* e *communs: publicos*, porque pertencem ao todo dessa nação; e *communs*, porque delle participão todos e cada hum dos individuos, que a compõem. As terras baldias chamão-se logradouros *publicos*, e tambem pastos *communs*, porque a sua propriedade reside no todo da communidade, e porque cada hum dos individuos, que a compõem, participa do seu uso.

As leis devem ser feitas com vista no bem *publico* e no bem *commum;* porque he necessario que concorrão para a felicidade geral da sociedade, a qual resulta do maior ou menor grào de felicidade de cada hum dos individuos.

A *publico* oppõe-se propriamente *privado;* a *commum* oppõe-se *particular*.

191

Indole — Genio — Natural

Indole parece referir-se com mais propriedade ás qualidades naturaes da alma, ás inclinações congenitas, á tendencia moral do homem: *genio* ás disposições do temperamento: *natural* a humas e outras; e a tudo o que nos he dado pela natureza, e constitue o caracter individual de cada hum.

Tem boa *indole* o homem que he naturalmente inclinado á verdade, ao bem, á virtude. Tem bom *genio* o homem, que goza de hum temperamento harmonico, e cujos affectos e paixões não traspassão os limites da devida moderação e temperança. Tem bom *natural* o homem, que em todas as cousas, e em todas as circumstancias se mostra razoavel, justo, moderado, pacifico, tolerante, &c.

Póde o homem ter boa *indole*, isto he, huma tendencia natural para o bem e para a virtude, e ser ao mesmo tempo de *genio* forte, irritavel, ardente, &c. Os que são taes, cahem muitas vezes, pelo seu *genio*, em faltas, que a boa *indole* trabalha por corrigir e evitar. Hum bom *natural* he o melhor dom, que o homem póde receber do Creador, em ordem á sua felicidade.

192

Juramento — Jura

Fazemos, ou damos hum *juramento*, quando invocâmos a Deos, ou as cousas santas, para confirmação da verdade das nossas palavras, ou dos nossos testemunhos, ou da sinceridade e firmeza das nossas promessas.

Fazemos huma *jura*, ou fazemos *juras*, quando empregâmos certas frases, ou formulas do estilo baixo, de que a gente da plebe se serve para o mesmo fim.

O *juramento* suppõe reflexão; he hum acto sério e religioso, e ás vezes judicial, publico, solemne.

A *jura* emprega-se as mais das vezes por habito, e sem reflexão, nem verdadeira intenção de *jurar*, e pertence aos modos usuaes de falar da gente baixa e mal educada.

193

Amor de si — Amor proprio — Egoismo

O *amor de si* he huma propensão natural, que inclina o homem a buscar o prazer, e a fugir á dor; a buscar tudo aquillo, que lhe causa impressões agradaveis, e a fugir de tudo aquillo, que lhe causa impressões desagradaveis e penosas.

Esta propensão tende á conservação fysica do individuo, e por isso não só acompanha o homem em todo e qualquer tempo e situação da vida, mas he commum a elle e aos outros animaes. Póde chamar-se o *instincto conservador* da natureza animada. Se o homem podesse viver só, e fóra da sociedade, nem por isso deixaria de sentir esta propensão e de dirigir-se pelos seus impulsos.

Amor proprio he o mesmo *amor de si*, desenvolvido no estado de sociedade: he consequentemente hum sentimento mais complicado, e muito mais vasto na sua comprehensão, que alem da conservação e melhoramento da existencia fysica, abrange tambem a conservação e melhoramento da existencia social do homem, e tende por isso mesmo a evitar a indifferença, a desconsideração, o menoscabo e o desprezo dos outros homens, e a ganhar a sua boa opinião, a sua approvação, a sua estima e o seu louvor.

Este sentimento, que sendo bem regulado, e coarctado dentro de justos limites, he o nobre principio de excellentes virtudes, e a ellas constantemente nos convida; póde ser susceptivel de excesso na sua intenção, e de erro e desvio nos meios do seu desenvolvimento; e então passa elle mesmo a ser vicioso, e póde tambem ser origem de outros vicios.

Considerando o *amor proprio* debaixo destes dous as-

pectos, he facil entender e conciliar as doutrinas, que o defendem, ou combatem; podendo dizer-se com verdade, que o homem sem *amor proprio* he, em certo modo, pouco apto para o bem e para o mal, na ordem social e civil; e que na boa direcção deste necessario e primitivo sentimento consiste em grande parte o segredo de huma boa educação, que haja de dominar e regular o futuro destino do homem na trabalhosa e incerta carreira da vida.

Finalmente, quando este sentimento tem chegado a hum gráo tão extraordinariamente excessivo e vicioso, que o homem se ama a si mesmo, não só com injusta preferencia, mas até com total, ou quasi total exclusão dos outros homens, pretendendo loucamente fazer-se como unico centro de todos os bens e de todas as commodidades da vida, e recusando-se áquella reciprocidade de officios, que mantém as preciosas relações e vinculos sociaes; toma então o nome de *egoismo,* nome de invenção moderna, mas bem proprio, por certo, para exprimir hum vicio tão abominavel, como anti-social, que parece ser o dominante da nossa idade, e haver quasi apagado entre os homens os felizes esforços do amor da gloria, do generoso patriotismo, do honrado desinteresse, da virtuosa independencia, e de todos os outros sentimentos nobres e sublimes, que em seculos mais felizes caracterisárão tantos varões distinctos, e elevárão algumas nações a hum alto gráo de esplendor e prosperidade.

194

Predizer – Profetizar – Vaticinar – Prognosticar – Presagiar Agourar – Adivinhar

Predizer significa litteralmente *dizer antes;* dizer cousas, que hão de acontecer, antes que aconteção; annun-

ciar cousas futuras. Este vocabulo, portanto, tem huma significação mui generica, e não determina nem o modo por que essas cousas são conhecidas a quem as *prediz*, nem o gráo de certeza, que póde ter a *predicção*. Faz *predicções* o profeta, o astronomo, o politico, o astrologo, o adivinhador, &c. He hum genero, que comprehende varias especies, designadas pelos outros vocabulos synonymos.

Profetizar he vocabulo da linguagem theologica, e significa *predizer* cousas futuras por inspiração divina. *Profecia* he o termo proprio, com que se denominão as *predicções*, que a cada passo se lêem nos livros sagrados do antigo e novo Testamento, feitas por homens divinamente inspirados. Os que affectavão, ou fingião este raro privilegio, ou se dizião inspirados por falsas divindades, chamavão-se *falsos profetas*, e as suas *predicções* falsas *profecias*.

Vaticinar exprime propriamente *profetizar* cantando, e *vaticinio* diz o mesmo que *canto profetico*. He a *predicção* do *profeta*, ou do *vate*, enunciada na linguagem da sublime poesia, como se encontra em muitos admiraveis, e bellissimos lugares de Isaias, de Jeremias, de Ezequiel, &c. E d'aqui vem dar-se tambem este nome ás elevadas concepções dos poetas, quando arrebatados de ardente enthusiasmo, e quasi inspirados, parece que lêem no futuro, e *predizem* os destinos prosperos ou adversos de hum heroe, de hum povo, ou de huma nação inteira.

Prognosticar diz em rigor litteral o mesmo que *conhecer antecipadamente*, assim como *prognostico* significa conhecimento antecipado. Este vocabulo pois exprime propriamente a *predicção* de cousas futuras, conhecidas antecipadamente pelo discurso certo, ou conjectural, ou reputado dessa natureza. O astronomo *prognostica* o eclipse, antevisto nas razões certas e evidentes do calculo. O politico, o homem de estado *prognostica* o resultado de huma negociação, o exito de huma guerra,

as revoluções dos imperios, &c., fundado nas analogias e probabilidades, que lhe offerece a historia das cousas e dos homens, e a observação e combinação das circumstancias. O medico *prognostica* a crise e termo da doença pelas conjecturas que faz sobre a sua causa, complexo de symptomas, compleição e estado do doente, &c. O astrologo *prognostica* successos futuros, cuidando, postoque vãmente, conhecel-os pela posição, aspecto, conjuncções, ou influencias dos astros, &c.; e nenhum delles *profetiza*, nem *vaticina*, nem *presagia*.

Presagiar he *presentir;* sentir antes; *predizer* alguma causa futura, não por inspiração divina, como na *profecia* e *vaticinio;* nem pelo conhecimento natural das cousas, como no *prognostico*, mas sim por hum certo *presentimento*, por huma especie de *tino* interior (se assim podemos explicar-nos) ou de *instincto*, ou de *sagacidade* natural, de que se não sabe dar a razão. Neste sentido dizemos muitas vezes, e com propriedade, que o coração he *preságo;* que o coração nos *presagia* alguma prosperidade, ou adversidade; que a melancholia (por exemplo) de que nos sentimos possuidos; he triste *presagio* de algum successo infausto, da morte de algum amigo ausente, da perda de hum bem mui querido, &c.

Agourar era entre os antigos povos *predizer* qualquer futuro acontecimento pela observação do canto, do vôo, do pasto e do numero das aves. Hoje que este genero de superstição parece totalmente extincto entre os povos da Europa, ainda todavia notâmos com a denominação de *agouros* certos accidentes insignificantes, totalmente casuaes, mas desagradaveis, que importunamente nos acontecem, ou se offerecem á nossa vista, e dos quaes *agourâmos* algum mau successo em nossos negocios, ou pretenções: e do mesmo modo, aindaque sem animo supersticioso, dizemos algumas vezes, que tal ou tal acontecimento he de bom ou de mau *agouro*, isto he, que

parece sinal de bom ou mau successo na cousa incerta, que desejâmos, ou esperâmos, ou pretendemos.

Adivinhação exprimia propriamente, entre os antigos povos pagãos, não só a *predicção* de cousas futuras, mas tambem a revelação de cousas occultas, ou inaccessiveis aos nossos meios ordinarios e naturaes de conhecer, e isto por huma especie de inspiração, que se julgava sobrenatural e quasi divina, d'onde veio o nome, que lhe derão os Latinos, *divinatio*, e o nosso *a-divinhação:* e incluia muitas especies de *predicções* do futuro e de conhecimento de cousas occultas, segundo esse conhecimento e *predicções* erão tiradas ou dos sonhos, ou do canto e vôo das aves, ou das apparencias dos astros, ou de quaesquer outros fenomenos e sinaes; aindaque muitas dessas especies tinhão sua particular denominação.

Hoje quasi que sómente usâmos dos vocabulos *adivinhar* e *adivinhação*, quando falâmos do artificio fraudulento, com que alguns impostores, ou mulheres de baixa sorte costumão embair o vulgo crédulo, persuadindo-lhe que *adivinhão* cousas occultas, ou futuras, e empregando (para mais facilmente lhe desatinarem o juizo) práticas supersticiosas, insignificantes, ineptas, e ás vezes ridiculas, de que a gente ignorante se deixa illudir. Estas artes de *adivinhar* tomão as differentes denominações de chiromancia, hydromancia, pyromancia, necromancia, &c., segundo os differentes objectos, de que os impostores se servem para fazer mais apparatosa e ao mesmo tempo mais crivel ao vulgo a sua fraude.

195

Interno — Interior — Intimo

Estes tres vocabulos exprimem respectivamente o que os grammaticos vulgares chamão significação positiva,

comparativa e superlativa; e guardão entre si a differença e gradação correspondente. *Interno* significa o que he de dentro: *interior* o que he mais de dentro: *intimo* o que he muito mais de dentro.

D'aqui vem, que falando, v. gr., do homem, applicâmos ordinariamente o vocabulo *interno* ás cousas, que estão dentro delle, mas pertencem ao corpo, e dizemos doença *interna,* remedio *interno,* calor *interno,* &c.: applicâmos o vocabulo *interior* ás cousas do espirito, e dizemos alegria *interior,* tristeza *interior,* mágoa *interior,* amargura *interior,* &c.: applicâmos finalmente o vocabulo *intimo* ás cousas, que queremos encarecer como sahidas do fundo do coração, do mais recondito da alma, e dizemos pena *intima,* amizade *intima,* paixão *intima,* &c.

A mesma differença e gradação se observa, quando falâmos de outros objectos, se a natureza delles o permitte. Assim, v. gr., chamâmos *internos* os arranjos de huma caza de portas a dentro: *interiores* os quartos ou aposentos, que estão mais afastados das entradas e sahidas, e das extremidades da caza para o centro: e *intimos* os retretes, as camaras mais retrahidas, os lugares mais reservados e mais secretos da caza, &c., &c.

196

Guiar — Dirigir — Conduzir — Levar

Guiar he simplesmente mostrar o caminho, indo adiante. *Dirigir* he encaminhar, instruindo, regendo, governando. *Conduzir* he *guiar,* regulando a marcha como chefe. *Levar* he fazer hir, ajudando, sustentando, dando forças, mettendo animo, talvez obrigando.

Guiâmos o viajante na estrada, o estudante nos estudos, o amigo no negocio, na empreza, quando lhes indi-

cámos o caminho, o methodo, os meios, que devem seguir.

Dirigimos o filho, o discipulo, o alumno, o subdito, dando instrucções, prescrevendo regras, dictando maximas, corrigindo erros, &c.

Conduzimos o regimento, o exercito, a caravana, o rebanho, indo á frente, acompanhando e regulando a marcha. *Conduzimos* o amigo, o cliente, regulando os passos do negocio, e acompanhando-o na execução.

Levâmos hum menino, huma pessoa debil, hum enfermo, dando-lhe a mão, talvez tomando-o nos braços, ajudando, animando, emprestando-lhe forças. *Levâmos* o criminoso á prisão, obrigando-o a hir. *Levâmos* os soldados á guerra, inspirando-lhes coragem, brio, enthusiasmo. A natureza, a razão, a lei *guião* o homem, porque lhe mostrão o caminho, que deve seguir: *dirigem-no*, porque lhe dão instrucções, prescrevem regras e maximas, e o regem e governão: *conduzem-no*, porque o acompanhão sempre, regulando seus passos: *levão-no* finalmente, porque o auxilião, o animão, lhe dão esforço, o sustentão e talvez o obrigão.

O mesmo se póde dizer, em sentido contrario, das paixões, quando o homem as toma por *guia*, entregando-lhes o mando, *dirigindo-se* pelos seus dictames e conselhos, e consentindo que ellas o *conduzão* por errados caminhos, até o *levarem* por fim á sua total ruina.

197

Bens livres — Bens allodiaes

Livres são os bens, que não estão ligados, nem vinculados. *Allodiaes* são os bens, que não pagão prestação, ou serviço algum real ou pessoal a hum senhorio.

Livre he tudo aquillo, que não está preso, nem ligado,

nem vinculado. Este vocabulo pois, applicado a *bens*, designa aquelles, que não estão legalmente vinculados a outros bens, nem ligados a huma determinada familia, ou successão de pessoas, ou a algum estabelecimento permanente: aquelles, que se podem separar de quaesquer outros; que se podem livremente vender, que podem girar no commercio, &c., e de que seu dono póde dispor, largando-os de si, sem embaraço algum legal.

Allodial he termo derivado da Jurisprudencia e usos feudaes, e designa os bens, que não pagão onus, direito, ou prestação alguma a hum senhorio, nem tem obrigação de qualquer homenagem ou serviço real, ou pessoal. (Veja-se o *Glossario* de Du-Cange, nas palavras *Allodiales, Allodialia, Allodium*, &c.)

Assim os bens de morgado, ou capella, e os bens de mão-morta não são *livres*, e podem ser *allodiaes*: os bens enfiteuticos não são *allodiaes*, e, rigorosamente falando, podem ser *livres*.

As nossas leis e jurisconsultos parece reconhecerem a differença destes dous vocabulos, quando os unem na mesma frase, dizendo, v. gr., que taes bens são *livres* e *allodiaes*, isto he, que nem são *vinculados*, nem sujeitos a fôro, ou serviço; expressão, que coincide com a outra, tambem frequente, *bens livres e dizimos a Deos*, com a só differença, que *allodial* exprime directamente a isenção de fôro, serviço, &c., e *dizimo a Deos* exprime a mesma idéa indirectamente, indicando que a propriedade sómente paga o dizimo ecclesiastico, e he isenta de qualquer outra prestação, fôro ou serviço.

198

Apartar — Separar — Afastar — Arredar

Apartar he desfazer o ajuntamento: pôr á parte o que estava junto.

Separar he desfazer a união, a ligação, talvez a mistura.

Afastar he desfazer a proximidade, pôr ao largo; pôr distante.

Arredar he tirar de diante da vista, abrindo caminho, pondo para os lados, ou para traz.

Aparta-se huma pessoa, ou huma cousa de outra, junto da qual, ou ao pé da qual estava: *aparta-se* o amigo do amigo, o homem da mulher, o animal são do animal doente para se não contagiar, &c.

Separa-se hum membro do corpo humano, hum ramo da arvore, a liga do metal, a alma do corpo. Tambem dizemos que se *separa* o amigo do seu amigo, o homem da mulher, &c., quando queremos indicar a união, que entre elles havia, e encarecer por este modo o *apartamento*.

Assim diremos com propriedade, que se *aparta* o amigo do amigo, o homem da mulher, &c., quando estavão juntos em algum lugar, e foi cada hum para sua parte: e dizemos que se *separão,* quando vão para lugares distantes, ou vão por muito tempo, ou talvez para sempre, isto he, quando se desfaz ou quasi se desfaz a união, que entre elles havia. A morte *separa* os amigos, os esposos, os parentes, &c., e não dizemos que os *aparta.*

Afasta-se o homem do precipicio, do lugar perigoso, da má companhia; *afasta-se* do crime e da occasião delle; *afasta-se* da lei e do dever; *afasta-se* do contracto, do ajuste, &c. Hum lugar está *afastado* de outro lugar, huma cidade de outra cidade: a costa da ilha vai-se *afastando* da terra firme, &c., &c.

Arreda-se quem está diante, para deixar ver; *arreda-se* o povo, abrindo caminho, e talvez pondo-se em ala, para passar o homem de respeito, o magistrado, o principe, &c.

199

Nutrir — Alimentar — Sustentar

Nutrir quer dizer: entreter immediatamente a substancia dos corpos vivos. O pão e os outros alimentos *nutrem* o homem, ou o animal, convertendo-se na sua substancia: a mãi *nutre* o seu filhinho com o proprio sangue: os succos da terra *nutrem* a planta, &c.

Alimentar quer dizer: prover alguem, ou alguma cousa dos *alimentos*, que servem e são proprios para a sua *nutrição*. O pai de familias *alimenta* a mulher e os filhos: o estado *alimenta* os cidadãos: a agricultura e o commercio *alimentão* os povos e as nações: a terra *alimenta* todos os animaes, que se *nutrem* dos seus fructos.

Sustentar quer dizer: prover dos *alimentos* precisamente indispensaveis á vida; acudir ás necessidades urgentes e rigorosas: he vocabulo, que diz relação a hum estado de debilidade, fraqueza e necessidade, que demanda auxilio e soccorro. A esmola *sustenta* algumas vezes os ociosos: quem percebe os fructos do trabalho dos pobres deve *sustental-os*: o mesquinho jornal diario, que se paga ao artifice, ao trabalhador, apenas basta para *sustental-o* a elle e á sua triste familia.

200

Livraria — Bibliotheca

Usa-se frequentemente destes dous vocabulos, como se fossem de identica significação: mas ha entre elles huma differença, que não será inutil observar.

Livraria quer dizer precisamente multidão de livros:

he esta a energia da sua terminação, como já notámos no artigo 149.

Bibliotheca quer dizer precisamente caixa, armario, caza, em que se depositão livros, e se conservão ordinariamente em certo arranjo.

D'aqui vem que o guarda da caza dos livros, encarregado do seu arranjo, do seu aceio, &c., se chama *bibliothecario*, e não *livreiro*, dando-se este ultimo nome ao que tem multidão de livros para vender ao publico, &c.

Se hum viajante, por exemplo, levasse em suas viagens huma caixa com alguns livros para lhes servirem ao estudo, ou ao entretenimento, poderiamos dizer que levava comsigo huma *bibliotheca*, mas não huma *livraria*, &c.

201

Publicar — Promulgar — Divulgar

Publicar he fazer saber ao publico, fazer constar a todo hum povo, cidade, ou nação. *Publica-se* huma noticia, huma lei, hum segredo: *publicão-se* jogos, festas, ferias, &c.

Promulgar he *publicar* com auctoridade, e diz-se especialmente da *publicação* das leis e decretos do legislador, que dizem respeito ao todo da nação, e que só podem começar a obrigar, depois que são conhecidos pela *promulgação*. Os apostolos prégando o Evangelho, *promulgárão* a lei do novo Testamento, a lei christã, isto he, fizerão-na conhecida a todo o universo, para ser por todos obedecida, &c.

Divulgar he fazer saber alguma cousa, ou noticia, espalhando-a pelo vulgo. *Divulgão-se* quaesquer factos, ou noticias; mas especialmente as mentirosas, que quasi sempre achão melhor acolhimento no vulgo. O calumnia-

dor astuto, que intenta derribar o credito do homem virtuoso, começa quasi sempre por *divulgar* contra elle suspeitas, que pouco a pouco tomão corpo, e por ultimo tornão, pelo menos, duvidosa a sua reputação.

202

Premio — Galardão

Ambos estes vocabulos exprimem em geral a idéa de huma recompensa, que se dá a qualquer pessoa por seus serviços, ou merecimentos reaes, ou suppostos.

Mas *premio* parece mais proprio para exprimir essa recompensa quando ella he determinada por lei, ou por algum genero de ajuste e convenção, quasi como paga, ou preço do serviço; como cousa rigorosamente devida. E em consequencia desta restricta significação, parece tambem, que o *premio* suppõe sempre alguma obrigação de o distribuir na pessoa, que o distribue.

Galardão exprime huma idéa, em certo modo, mais nobre, e não suppõe sempre aquella obrigação. Todos indistinctamente podem concorrer para *galardoar* o homem de merecimento relevante, ou que tem feito importantes serviços: a approvação, a estima, o louvor, o reconhecimento, que se tributa ao cidadão virtuoso e util, he o melhor *galardão*, que elle póde esperar e receber por suas virtudes.

O homem, que dedica todos os momentos da vida ao serviço da patria, não póde receber della hum *premio* equivalente ao seu generoso sacrificio. O unico *galardão* digno da sua virtude, o unico a que elle deve aspirar, o unico de que a vil inveja não póde jámais prival-o, consiste na propria convicção que tem, e na intima satisfação que goza, de haver cumprido o mais nobre de seus deveres e de ter merecido a estima da posteridade.

203

Peccado — Delicto — Crime — Falta — Culpa

Peccado he toda e qualquer infracção da lei de Deos. As infracções das leis humanas tambem são *peccados;* mas quando lhes damos este nome, he porque as considerâmos como contrarias á lei de Deos, escripta, ou gravada nos nossos corações, a qual nos manda respeitar e obedecer ás auctoridades publicas, e ser exactos observadores de suas leis e mandados: de maneira que a lei de Deos, influindo immediatamente na consciencia do homem, robora as leis humanas, e augmenta a sua força de obrigar, sendo este o mais poderoso auxilio, que a religião dá á sociedade civil.

Delicto he qualquer acção ou omissão externa, imputavel, contra as leis humanas. Quando o *delicto* demanda a vindicta publica, e he como tal designado nas leis *criminaes,* e por ellas punido, toma o nome de *crime.*

Falta he qualquer acção, ou omissão leve, contra as regras do dever, nascida mais da humana fraqueza, que da malicia e depravação do coração.

Culpa he propriamente a relação moral, que resulta do peccado, delicto, crime, ou falta, e pela qual o homem contrahe a qualidade de *culpado,* e fica sujeito a huma pena, ou castigo.

204

Bastante — Sufficiente

He *bastante* o que bem chega: o que enche a medida do necessario, talvez com largueza: he *sufficiente* o que

quasi enche essa medida; aquillo com que se póde passar; com que nos devemos contentar.

Ter *bastante* com que passar he ter o necessario, talvez com algum sobejo: ter *sufficiente* com que passar he remediar-se bem, poder passar mediocremente; ter quanto se requer para não padecer necessidades, &c.

205

Iroso – Iracundo – Irado

A terminação em *oso*, nos adjectivos, exprime muitas vezes a propriedade, a força, a tendencia, a propensão natural: assim chamâmos *rixoso, estudioso, amoroso*, &c:, o homem que he dado a rixas, que he inclinado aos estudos, que tem propensão para os sentimentos de amor, &c. (Veja-se o artigo 114.)

A terminação em *undo* exprime abundancia, profusão, excesso, talvez frequencia, profundeza, &c.: assim dizemos *venerabundo*, o que faz demonstrações de profundo respeito: *furibundo* o que mostra excesso de furor; *rubicundo* o que mostra grande vermelhidão, vermelhidão ardente, &c.

A terminação em *ado*, nos participios perfeitos dos verbos, exprime o *estado actual passivo* do sujeito; a existencia do attributo no sujeito no tempo, ou época, de que se fala, &c., assim em *amado, enfeitado, estimado*, &c.

Iroso pois he propriamente o homem inclinado á ira: que tem, de sua condição, e como por natureza, facilidade de deixar-se possuir desta paixão; que he propenso a irar-se, &c.

Iracundo he o homem excessivamente *iroso;* que abunda (por assim dizer) nesta paixão: que he violenta-

mente dominado della; cujas iras são frequentes, talvez arrebatadas, impetuosas, &c.

Irado he o homem, que actualmente está tomado da ira.

Iroso e *iracundo,* designão a paixão, o habito da ira: *irado* designa o estado actual do sujeito: por onde, póde hum homem estar *irado,* sem ser *iroso,* nem *iracundo;* e póde ter esta paixão, estando actualmente de animo quieto e tranquillo.

206

Fraco — Debil

Fraqueza quer dizer *falta de forças: debilidade* quer dizer *decadencia de forças.*

Fraco he o que não tem forças, ou tem poucas; o que não tem bastante consistencia; o que facilmente quebra, ou se rende, &c. (Do Latim *frang-o, frag-ilis, fractus,* &c.)

Debil he o que tem decahido de forças; o que as tem gastadas, ou diminuidas; o que tem perdido o vigor, &c. (Do Latim *de,* que exprime a perda de huma qualidade, ou a sua diminuição e decadencia, como em *de-crescer, de-dignar-se, de-generar, de-molir,* &c.: e da terminação *abilis,* que exprime aptidão, capacidade, faculdade, &c.) (Vejam-se os artigos 115 e 135.)

Os orgãos delicados de hum menino fazem que elle seja *fraco:* os orgãos gastados de hum velho fazem que elle seja *debil.*

Chamâmos *fraco* e não *debil* o homem que não tem valentia, nem valor; e tambem o que não tem animo forte e varonil para supportar os males da vida; nem firmeza de caracter para resistir á força estranha, de que o querem impressionar, &c.

Quem he de constituição *fraca* deve evitar o exer-

cicio immoderado, que até *debilita* o homem forte e robusto, &c.

207

Furto — Roubo — Rapina — Latrocinio

Furto he o acto de tomar o alheio, com animo de o reter e possuir contra a vontade de seu dono.

Roubo he o *furto* feito com violencia e força: o *furto* do ladrão publico. Leão, *Origem*, fol. 39, diz: *a acção do ladrão publico chamão* roubo: *a do ladrão secreto*, furto.

Rapina he o *roubo* do salteador, *gente* (diz Barros) *que vive de* saltos e rapina: d'onde vem chamarem-se aves de *rapina* as que cabem de improviso, e como de salto, sobre outras aves, ou animaes, de cujas carnes se alimentão.

Latrocinio he *roubo*, ou *rapina* com morte do roubado.

Ha ainda outras especies de *furto*, cujos nomes particulares se não podem confundir com os que aqui vão definidos. Taes são o *peculato*, *furto* de dinheiros publicos feito por quem tem a administração e manejo delles: o *stellionato*, *furto* fraudulento, *furto* do bulrão e illiçador, &c.: o *plagio*, *furto* pelo qual alguem apropria a si o que se acha nas obras litterarias de outrem: o *rapto*, *roubo* de mulher; *roubo* de pessoas, &c.

208

Dotes — Prendas

Dotes parece ser vocabulo proprio para significar certas qualidades, que se estimão e prezão na sociedade, e de que o homem he *dotado* pela natureza.

Prendas parece que se refere mais particularmente a certas outras qualidades estimaveis, que o homem adquire pelo seu estudo, industria, trabalho, ou applicação.

A formosura, a boa voz, a discrição, o bom juizo, o agrado natural, a affabilidade, &c., são *dotes*.

As artes de escrever, desenhar, pintar, dançar, esgrimir, tocar instrumentos, &c., são *prendas*.

Dotes diz relação ao Latim *do*, ou *dono* (dar, doar): *prendas*, ao Latim *prendo*, ou *prehendo* (tomar, haver a si, &c.)

209

Criar – Produzir – Gerar

No sentido fysico não he difficil conhecer a differença que ha entre estes vocabulos.

Criar he propriamente tirar alguma cousa do nada; dar-lhe todo o ser. *Produzir* he trazer fóra; fazer apparecer o que d'antes não existia, ou se não via, tirando-o de outra cousa já existente. *Gerar* he *produzir* por geração; produzir hum ser semelhante ao gérador.

Deos *criou* o mundo, e póde *criar* muitos outros. A terra *produz* plantas. O animal *gera* outros animaes da mesma especie.

Analogamente se podem empregar e distinguir estes vocabulos no sentido figurado.

Cria-se o que d'antes não existia de modo algum, ou parecia não existir, por se não conhecerem os seus elementos e principios. Hum sabio *cria* qualquer sciencia. ou ramo de conhecimentos, de que d'antes se não havia tractado. Lock parece ter sido nos tempos modernos o primeiro *criador* da Ideologia.

Produz-se aquillo, de que já existião os elementos, mas ainda não combinados de maneira que apparecesse essa cousa nova, que se *produz*. Todos os escriptores

produzem obras de differente merecimento, quando combinão a seu modo os elementos das sciencias, e tractão algum ramo dellas por hum methodo seu proprio. Os *productos* das artes não são mais que combinações differentes dos materiaes, que cada huma dellas emprega, &c.

Gera-se, quando se *produz* huma cousa semelhante ao principio *gerador*. Hum erro *gera* outros erros: os vicios *gerão* outros vicios: o orgulho, por exemplo, *gera* a altivez, a arrogancia, &c.; a vaidade gera a affectação, &c., &c.

210

Honra — Decoro — Dignidade

Tem *honra* o homem, que constantemente, e por hum sentimento habitual, procura alcançar a estima, boa opinião e louvor dos outros homens, e trabalha pelo merecer, não só cumprindo exactamente todos os seus deveres, mas tambem aspirando ao primor da virtude pela prática das acções, que procedem de hum animo nobre e generoso.

Tem *decoro* o homem, que nas acções indifferentes procura constantemente conformar-se com as opiniões, gostos, sentimentos e práticas da sociedade, guardando em tudo o que convem e he decente, e não afrontando os usos geralmente estabelecidos e praticados pelas pessoas discretas e sizudas.

Tem *dignidade* o homem, que constantemente trabalha por conformar as suas acções com as justas idéas da nobreza e elevação do ser racional, e com a gravidade e importancia de seus publicos empregos, ou da sua graduação na ordem social.

O sentimento da *honra* nasce de hum bem entendido amor de nós mesmos, e nos leva directamente á virtude

e ás acções generosas, como unico meio de alcançarmos a estima, boa opinião e louvor dos outros homens.

O sentimento do *decoro* nasce do respeito que temos á sociedade, e leva-nos á cuidadosa observancia de tudo o que he decente, de tudo o que convem, e de tudo o que he agradavel aos nossos concidadãos, nas cousas que não são reguladas pelas leis.

O sentimento da *dignidade* nasce da justa idéa que fazemos da nobreza do nosso ser, e da graduação do lugar, ou dos empregos que occupámos na ordem social; e nos afasta de toda e qualquer acção que desdiga da primeira, ou possa deslustrar a segunda.

211

Cortezia — Cortezania

Ter *cortezia* he praticar as demonstrações externas de respeito, comedimento e bom modo para com os superiores, iguaes e inferiores, guardando nesta materia o que prescreve o uso das pessoas bem educadas.

Ter *cortezania* he praticar as civilidades da côrte, o requinte da *cortezia*, segundo os usos, estilos e maneiras mais apuradas dos que frequentão a côrte.

O primeiro he proprio do homem *cortez:* o segundo he proprio do *cortezão.*

212

Formoso — Gentil — Galante

Formoso he tudo aquillo, cujas fórmas são regulares e ordenadas com justa proporção. Diz-se dos homens, dos animaes e das cousas inanimadas, v. gr., *formoso*

homem, *formoso* cavallo, *formoso* edificio, cidade *formosa*, &c.

Gentil quer dizer *formoso* senhorilmente, *formoso* nobremente, isto he, cujas fórmas, além de regulares e bem proporcionadas, são graciosas, delicadas, elegantes, primorosas, &c. Diz-se com mais propriedade. falando do homem, ou das suas cousas e acções, v. gr., rosto *gentil*, figura *gentil*, costumes *gentis*, &c., e d'aqui vem *gentileza* em armas, isto he, nobre feito de armas: fazer *gentilezas*, isto he, fazer acções proprias de hum coração nobre, &c.

Galante refere-se ao gosto, concerto, graça e ornato dos trajos, do aceio, &c. Cousa *galante*, quer dizer, bem ornada, ataviada com gosto, engraçada; d'onde vem *galante*, isto he, namorado, que pretende agradar ás damas com aceios exquisitos, talvez com ditos engraçados, &c.

213

Gêlo — Geada — Saraiva — Neve

Cada hum destes vocabulos exprime huma das differentes fórmas, em que se observa o fenomeno da agoa *congelada*, isto he, privada do calorico, que entretinha a mobilidade das suas particulas.

Quando huma porção de agoa se reduz a estado solido, e forma huma como massa vitrificada, chama-se *gêlo*.

Quando a agoa cahe da atmosfera em orvalho, isto he, em miudissimas gôtas, e estas se congelão sobre a terra por causa do esfriamento da mesma terra, chama-se *geada*.

Quando a agoa se congela na atmosfera em gôtas mais grossas e graúdas, e cahe nesta fórma sobre a terra, como chuva, chama-se *saraiva*.

Finalmente quando a agoa se congela na atmosfera, e cahe sobre a terra em flocos, separados huns dos outros, e de huma alvura que deslumbra os olhos, chama-se *neve*.

214

Legitimo – Legal

Legitimo he tudo aquillo que conforma com a ordem da natureza, com a razão e com as leis. He termo mui generico, e tem lugar na linguagem da filosofia, da moral, da jurisprudencia, &c. Em fysica he *legitimo* ouro, *legitima* prata, *legitimo* diamante o que tem a propria natureza destas substancias, o que não he contrafeito, nem adulterado. Em logica he *legitimo* o raciocinio, quando os principios são verdadeiros, e a consequencia deduzida segundo as regras. Em moral são *legitimas* as acções que conformão com a razão, a equidade e a justiça universal: he *legitimo* o uso que fazemos das nossas faculdades, quando esse uso he conforme aos intuitos da natureza e regulado pela razão. Em jurisprudencia são *legitimas* todas as acções, ou omissões, que as leis ordenão, ou não prohibem.

Legal he vocabulo de significação muito mais restricta; tem mais particular uso na linguagem da jurisprudencia positiva, e parece referir-se a tudo o que se faz, ou obra segundo o que está determinado nas leis humanas, isto he, guardando as solemnidades, formalidades, ou condições, que ellas prescrevem.

Hum titulo he *legal*, quando está authenticado na fórma que a lei ordena: hum testamento he *legal*, quando foi feito com as solemnidades da lei: huma prova he *legal*, quando nella se achão verificadas todas as condições, que a lei requer, &c., &c.

215

Commummente – Ordinariamente

O que he *commum* toca a todos, ou a quasi todos: o que he *ordinario* succede muitas vezes, ou as mais das vezes; não he raro; não he fóra da ordem; he o que se deve aguardar.

Commummente pois refere-se á multidão de pessoas, que fazem a mesma cousa: *ordinariamente* refere-se á multidão de vezes, que acontece a mesma cousa.

Tal mercado he *ordinariamente* bem provido: em tal paragem cursão *ordinariamente* bons ou maus ventos: quer dizer, que o mercado he *quasi sempre* bem provido, e que naquella paragem cursão *quasi sempre* bons ou maus ventos. Em nenhuma destas frases se póde empregar com propriedade o adverbio *commummente*.

A mocidade he *commummente* inconsiderada: a velhice he *commummente* prudente: quer dizer, que os mancebos são *pela maior parte inconsiderados*, que os velhos são *quasi todos*, ou *pela maior parte*, prudentes.

Como porém os mancebos são, não só *pela maior parte*, mas tambem *as mais das vezes*, inconsiderados; e ao contrario os velhos prudentes; d'aqui vem que se diz com igual propriedade, postoque em differente sentido, que os primeiros são *commummente*, ou *ordinariamente* inconsiderados; e os segundos *commummente*, ou *ordinariamente* prudentes.

Do mesmo modo, e pela mesma razão, quando dizemos, v. gr., que *ordinariamente*, ou *commummente* o vulgo erra nos juizos, que faz sobre taes ou taes objectos, a frase he justa em ambos os casos; mas o sentido

differente. O vulgo erra *ordinariamente*, quer dizer, erra *quasi sempre*. O vulgo erra *commummente*, quer dizer, errão *quasi todos* os que se incluem na denominação de vulgo.

216

Dor – Pezar – Afflicção – Magoa – Consternação

Não falámos aqui da *dor* corporal, isto he, daquella *dor*, que resulta immediatamente das impressões que se fazem nos nossos orgãos internos ou externos, e que perturbão a harmonia vital do corpo. *Dor*, neste sentido, não póde julgar-se synonymo de *magoa, pezar, afflicção*, &c. Mas falámos da *dor* da alma, a qual consiste em hum sentimento penoso e profundo, nascido da representação do mal passado, presente, ou futuro, que por qualquer modo diz respeito ás affeições e necessidades da mesma alma, e perturba a harmonia vital do espirito. Neste sentido, *dor* he vocabulo generico, que comprehende differentes species de *dor*, designadas por differentes vocabulos, e caracterisadas, ou pelos gráos da sua intensidade, ou pelo objecto particular, que lhes dá origem, ou pelo estado em que põem a alma.

Pezar he huma destas species: he a *dor* da alma, que nasce em nós da representação dos maus procedimentos, que temos tido em qualquer situação da nossa vida, e principalmente na ordem moral. Distingue-se do *arrependimento*, porque este ajunta ao *pezar* a detestação do mal que fizemos, e o deliberado e firme proposito de o não tornarmos a fazer.

Afflicção he huma *dor* mais vehemente, ou antes hum estado doloroso da alma, quando esta se acha fortemente commovida e penetrada de algum grande mal, presente, ou imminente, talvez irremediavel, que ataca os funda-

mentos da nossa felicidade, ou os objectos mais caros ao nosso coração.

A morte de hum pai adorado, a perda da fama, a ruina da fortuna, a desgraça de hum amigo, &c., causão este sentimento. A sua longa duração abate todas as faculdades fysicas do homem, e póde causar-lhe a morte. O seu allivio he derramar lagrimas copiosas. O coração *afflicto* não faz esforço algum para se distrahir na sua *dor*, antes esta se irrita mais, quando a querem combater. Para consolar o homem na *afflicção,* convem dar tempo ao desafogo, e esperar o momento favoravel, que he, de ordinario, quando a pessoa *afflicta* começa a falar, com huma especie de ternura e effusão do coração, ácerca do objecto, que motivou o seu penoso estado.

Então a *afflicção,* como que se transforma em hum estado da alma mais igual, mais tranquillo, mais doce (se assim podemos explicar-nos), e até ás vezes, em certo modo, delicioso, a que damos o nome de *magoa,* bello e mui expressivo vocabulo, que tomámos do Latim, melhorando a sua pronunciação, o qual, segundo a significação etymologica, exprime huma *nódoa* na alma, huma especie de sentimento docemente melancolico, que se derrama por toda ella, e que parece nascido da saudosa recordação do bem que perdemos, e da satisfação que sentimos em o ter presente ao nosso espirito. As pessoas, dotadas de grande sensibilidade e delicadeza, chegão a achar neste estado hum encanto inexplicavel, e até fazem por desviar de si tudo quanto poderia distrahil-as da profunda e continua meditação do objecto da sua saudade.

A *consternação* não he propriamente huma especie de *dor* da alma; mas sim o effeito della, quando a presença, ou proximidade de algum grande mal fere de subito o nosso espirito, de tal modo, que lhe abate totalmente as forças e prostra toda a sua coragem.

217

Estatura — Talhe

Estatura refere-se simplesmente á altura da pessoa posta em pé: *talhe* refere-se não só á altura, mas a toda a configuração da pessoa, aos seus contornos e proporções; ao bem ou mal *talhado* de seus membros, &c.

A *estatura* póde ser excelsa, alta, mediocre, baixa, &c.: o *talhe* póde ser esvelto, delicado, gentil, &c.

O calçado alto, o capacete, a barretina, &c., relevão a *estatura* dos homens: o vestido demasiadamente estreito e apertado altera o *talhe* dos meninos, e não consente que a natureza desenvolva devidamente as suas fórmas: certas modas nos vestidos das mulheres, em lugar de mostrarem, ou realçarem a elegancia do seu bello *talhe*, pelo contrario o encobrem, ou o desfigurão.

218

Muitas vezes — Frequentemente

O vocabulo *muito* exprime precisamente a idéa de grande quantidade, de qualquer natureza que ella seja, fysica, ou moral. Assim, *muitos homens* quer dizer grande numero de homens; *muito* tempo, *muito* caminho quer dizer grande espaço de tempo, grande longura de caminho; *muito* nobre, *muito* sabio diz o mesmo que nobre e sabio em alto gráo, &c.

O vocabulo *frequente* exprime multiplicidade, com repetição amiudada. Assim, dizemos, v. gr., que hum homem he *frequente* no templo, no theatro, na praça, quando elle vai a estes lugares muitas e amiudadas vezes: que hum lugar he *frequentado* do povo, quando

muita gente do povo ali vai a miudo: que a huma funcção publica concorreo *frequencia* de gente, quando a ella concorreo muita gente, amiudando entradas e sahidas, &c.

Pelo que *muitas vezes* exprime simplesmente grande numero de vezes: *frequentemente* quer dizer grande numero de vezes amiudadas.

Quem diz, por exemplo, que hum reino, provincia, ou cidade tem sofrido *muitas vezes* terremotos, exprime tamsómente, que tem sofrido hum grande numero destes espantosos fenomenos da natureza, os quaes, no decurso de alguns seculos, podem ser muitos, e ao mesmo tempo raros, ou não *frequentes*. Mas quem diz, que essa cidade, provincia, ou reino tem sofrido, ou sofre *frequentes* terremotos, quer dizer, que tem experimentado não só muitos, mas esses amiudados, com relação á natureza do fenomeno e ao espaço de tempo de que se fala.

A *muito* oppõe-se *pouco;* a *frequente* oppõe-se *raro.*

Esta frase são *poucos os homens de genio* quer dizer simplesmente, que os homens de genio são em pequeno numero: est'outra frase são *raros os homens de genio* quer dizer, que apparecem poucos, e de longe em longe, relativamente á vasta extensão dos seculos, e á grande multidão dos homens.

Cinco ou seis homens, nadando em hum pequeno rio, serão simplesmente *poucos:* em huma vasta extensão de agoas, ou no mar, serão *raros*. Tal he a energia do *rari nantes* do poeta latino, e a propriedade, com que sempre se explicava este grande mestre do estilo poetico.

219

Frequente – Crebro

Acabâmos de dizer que *frequente* exprime o que he repetido muitas vezes amiudadas.

Crebro acrescenta ainda a esta significação a idêa de bastidão e espessura, isto he, exprime o que he repetido muitas vezes amiudadas, e por muitos sujeitos ao mesmo tempo.

Neste sentido o empregou Camões nos *Lusiadas*, cant. 9.º, est. 32.º

«*Crebros* suspiros pelo ar soavam,
«Dos que feridos vão da setta aguda.»

exprimindo não só a *frequencia* dos suspiros, mas tambem a *multidão simultanea* dos amantes. E por aqui se verá o discernimento e gosto do illustre poeta na escolha dos vocabulos, com que tanto enriqueceo a lingua portugueza.

220

Preguiçoso — Ocioso

O *preguiçoso* não faz nada: o *ocioso* não faz nada do que deve fazer; nada do que importa fazer; nada do que cumpre á sua obrigação, ou convem ao seu estado e circumstancias.

O *preguiçoso* he inimigo de todo o trabalho e movimento: o *ocioso* he inimigo de todo o trabalho serio, util, necessario, devido; de todo o trabalho, que lhe não agrada.

O *preguiçoso* não se move para cousa alguma; e tanto o enfada e molesta o trabalho, como o divertimento, huma vez que este o tire da sua inacção e o obrigue a algum esforço.

O *ocioso* aborrece o trabalho util; e todavia emprega-se algumas vezes, com gosto, em jogos, caçadas, banquetes, folguedos e outras semelhantes diversões, que demandão movimento e agitação. A estes taes po-

dem bem applicar-se as palavras de Seneca: *quorumdam non otiosa vita est dicenda, sed desidiosa occupatio.*

O *preguiçoso* he inhabil para todas as virtudes: porque he incapaz do esforço, que todas ellas requerem.

O *ocioso* he apto para todos os vicios; porque nenhuma cousa tanto os favorece, como a dissipação do espirito, a falta de occupação séria, e a liberdade que se dá aos prazeres e appetites.

Algumas vezes comtudo usâmos destes vocabulos em hum sentido menos odioso; e isto acontece, quando por elles queremos exprimir não o vicio e habito; mas sim o estado, ou situação accidental do sujeito. Assim dizemos, v. gr., que tal pessoa *está preguiçosa,* quando por indisposição do corpo, ou do espirito, ou de ambos, tem actual repugnancia ao trabalho: e dizemos que tal pessoa *está ociosa,* quando nas cousas de seu ordinario emprego não tem que fazer; ou tambem quando cessa do trabalho e o interrompe, para tomar o repouso e recreação indispensavel.

Neste sentido attribuimos o adjectivo *ocioso* não só ás pessoas, mas tambem ás cousas, e dizemos, por exemplo, que a espada do soldado está *ociosa* em tempo de paz; que a natureza parece estar *ociosa* nos mezes do inverno; que o epitheto está *ocioso* no discurso; assim como dizemos do official mecanico, que está *ocioso* por falta de obra; do mercador, que está *ocioso* por falta de trafico e de concorrencia de compradores, &c.

A este modo de *estar ocioso* corresponde algumas vezes, com mais propriedade, a frase *estar em ocio,* do que a outra *estar em ociosidade,* havendo entre ellas a mesma differença, que entre os vocabulos latinos *otium* e *otiositas,* e entre os adjectivos francezes *oisif* e *oiseux.*

A nossa antiga linguagem tinha tambem o vocabulo *lazir,* que significava propriamente *tempo de ocio,* tempo

livre das occupações e trabalhos do officio, ou da obrigação, tempo, de que cada hum póde dispor a seu arbitrio. He o *loisir*, que se conserva no Francez com a mesma significação.

221

Matrimonio — Cazamento — Nupcias — Vodas

Matrimonio exprime o contracto, pelo qual o homem e a mulher se promettem mutua e exclusivamente o uso do corpo, em cohabitação continua, com o fim de gerar filhos, e de os criar e educar. He termo (como dizem os jurisconsultos) do direito das gentes, que se refere precisamente ao contracto, sem relação necessaria ás leis religiosas, ou civis de cada nação.

Neste sentido he *matrimonio* o que celebrão os christãos, os mahumetanos, os idolatras, os pagãos, e até os povos que vivem fóra da sociedade civil, huma vez que nelle se verifiquem as condições essenciaes ao contracto natural.

Nós mesmo, na linguagem usual, chamâmos *matrimonio* ao clandestino, que não he legitimo, nem legal; e quando requeremos, para alguns actos civis, que o filho seja de legitimo *matrimonio*, reconhecemos, em certo modo, que póde haver *matrimonio*, sem ser legitimo.

Cazamento refere-se especialmente á união e ajuntamento dos consortes, para formarem hum *cazal*, vivendo em commum; ou ao estabelecimento e administração de huma *caza* e familia, separada da paterna, que he huma das consequencias ordinarias do *matrimonio*.

D'onde vem, que na linguagem vulgar dizemos, que tal ou tal sujeito fez hum grande *cazamento*, ou hum *cazamento* vantajoso, referindo-nos á riqueza do dote, e

do novo estabelecimento dos *cazados;* e nunca podemos dizer no mesmo sentido, que alguem fez hum grande *matrimonio,* ou hum *matrimonio* vantajoso.

Semelhantemente, e pela mesma razão, dizemos, que huma caza possue grandes rendas e morgados, que se lhe forão ajuntando por *cazamentos,* e não por *matrimonios;* e antigamente se chamava *cazamento,* e não *matrimonio,* o dote, que os Reis e grandes senhores davão aos seus vassallos e criados para cazarem; bem como os mosteiros ás donzellas descendentes dos seus fundadores, ou dotadores; e o deflorador, por ordenação da lei, á mulher deflorada.

Nupcias refere-se propriamente ás solemnidades legaes; ao rito e apparato ceremonial, com que costuma celebrar-se o *matrimonio,* segundo as leis e os usos particulares dos povos.

A esta solemnidade pertence tambem o festim domestico, do qual fazem parte as *vodas,* isto he, o convite da meza, o banquete nupcial.

222

Arrendar — Alugar

Ambos estes vocabulos exprimem o acto, pelo qual o proprietario de huma cousa cede a outrem, e outrem aceita, o uso, ou usofructo della, por certo preço entre elles ajustado.

Mas *arrendar* diz-se com mais propriedade quando se tracta de bens ruraes: *alugar,* quando se tracta de predios urbanos, de cazas, moveis, trastes, animaes de trabalho, &c.

O preço do primeiro contracto chama-se *renda* ou *pensão:* o do segundo *aluguer.*

223

Perspicacia — Agudeza — Penetração

São vocabulos, que exprimem differentes qualidades da vista corporal, e que por translação se applicão ao entendimento, ou á vista intellectual.

A *perspicacia* da vista vê claro por entre e através da nuvem, do véu, do obstaculo. A *agudeza* vê os objectos mais subtis, mais finos, mais delicados, e os que, por sua posição, se representão como taes. A *penetração* vê no interior, no fundo dos objectos.

A *perspicacia* do entendimento vê claramente a verdade através dos disfarces, com que está encuberta, das nuvens que a escondem, dos obstaculos que lhe oppõe a natureza, ou o artificio. A *agudeza* conhece as relações mais subtis e delicadas dos objectos, apprehende as differenças mais miudas, as circumstancias e particularidades (por assim dizer) mais finas, e que facilmente escaparião aos entendimentos vulgares. A *penetração* descobre até o fundo dos objectos; vai ao intimo delles, não parando na superficie; faz por conhecel-os o mais perfeitamente que he possivel.

A *perspicacia* suppõe hum meio, e de algum modo o faz transparente; esta he a energia do Latim *perspicere*. *Perspicuidade*, que tem relação com *perspicacia*, significa o mesmo que *transparencia*. (Veja-se art. 83.)

A *agudeza* suppõe mais fineza e subtileza que *penetração*. *Agudezas* são ditos engenhosos, que nascem de hum entendimento fino, a que não escapão as relações mais subtis e delicadas dos objectos, as suas semelhanças, ou differenças mais fugitivas.

A *penetração* finalmente suppõe interior fundo, e con-

sequentemente obscuridade. *Penetrar* he hir bem ao interior das cousas, ver até o fundo dos objectos, conhecer o que nelles he mais implicado, difficil, obscuro.

224

Cubiçoso — Avarento

«A differença entre o *cubiçoso* e o *avarento* (diz Vieira, *Sermões*, part. 7.ª, pag. 325), he que o *cubiçoso* quer o dinheiro para gastar, o *avarento* quer o dinheiro para guardar.»

O *cubiçoso* he dominado da paixão de adquirir bens, dinheiros, riquezas; mas o seu fim he ter para as suas despezas, para os seus prazeres, para as suas superfluidades, e talvez para os seus desperdicios. O *avarento* póde ter, e ordinariamente tem a mesma paixão de adquirir; mas o seu principal e essencial caracter he guardar sofregamente o adquirido, mormente o dinheiro; não gastar nem ainda nas cousas mais indispensaveis á sua decencia, aos seus commodos, ao seu alimento; viver com vil escaceza, e com parcimonia sordida, e sem modo.

«O *cubiçoso* (diz ainda Vieira), usa do dinheiro como meio e instrumento para conseguir outros fins: o *avarento* não tem outro fim em ter dinheiro senão o ter; e faz do mesmo dinheiro o seu ultimo fim... O *cubiçoso*, que não he *avarento*, serve-se do dinheiro; porém o *avarento* em lugar de se servir delle, serve-o a elle.»

O *cubiçoso* póde ser liberal, magnifico, e até prodigo. O *avarento* he apoucado, mesquinho, sordido, deshumano, inaccessivel á compaixão; emfim he hum monstro, verdadeiramente incomprehensivel, da natureza humana.

«A ninguem, e nunca, faz bem o *avaro,* senão quando morre», diz Arraes, Dial. 5.º, cap. 7.º

225

Religião – Piedade – Devoção

No sentido em que estes tres vocabulos podem ser synonymos, exprimem em geral huma disposição habitual do nosso coração a respeito de Deos, a qual faz que tenhamos deste Supremo Ser, quanto nos he possivel, idéas convenientes á sua natureza, e que lhe tributemos o culto que lhe he devido.

Mas dizemos simplesmente que o homem tem *religião,* quando elle crê tudo o que deve crer, e se conforma com a sua crença, e por ella se regula, tanto nos sentimentos e affectos do coração, como na pratica das acções externas.

Dizemos que tem *piedade,* quando ajunta a esta crença e culto hum zêlo particular, mas sobrio e bem dirigido, sobre as cousas religiosas, huma affeição cordial, que lhe faz amaveis as obrigações da *religião.*

Dizemos finalmente que tem *devoção,* quando a sua *piedade* he terna, viva, sensivel, e se manifesta por hum certo geito, modo e compostura no exterior.

As mulheres são chamadas, em frase ecclesiastica, o *sexo devoto;* porque nos exercicios da religião mostrão a ternura e sensibilidade que lhes é propria, e são, por outra parte, mais minuciosas, e quasi ceremoniosas nas exterioridades do culto.

Quando a *devoção* he falsa com essas exterioridades sómente se contenta. O hypocrita, o falso *devoto* não tem outra *religião,* nem outra *piedade:* esta lhe basta para o seu fim, que he illudir os homens pouco reflexivos, e

obter delles a estima e veneração, que sómente he devida á verdadeira virtude e á solida *piedade*.

226

Transportar – Transferir

Transportar he *levar* de hum lugar para outro: *transferir* he *mudar* de hum lugar, ou de hum tempo para outro. Muitas cousas se *transferem* que se não *levão*.

Transportar he levar de hum lugar para outro mercadorias, moveis, generos, dinheiros, tudo emfim o que alguem póde *levar* real e fysicamente comsigo, ou sobre si, ou em cavalgadura, ou em carro, ou de outro semelhante modo.

Transferir he mudar de hum lugar para outro, ou de hum tempo para outro, huma feira, hum mercado, huma festa, a residencia, a habitação, a séde do imperio, tudo emfim o que se póde fazer *mudar* de lugar, sem comtudo se *levar* em sentido proprio e real.

Hum negociante *transfere* o seu armazem, e *transporta* as mercadorias que nelle tinha arrecadadas.

Transfere-se hum tribunal, por exemplo, de huma cidade para outra, e *transporta-se* o seu arquivo: *transfere-se* o theatro da guerra, e *transportão-se* as munições e bagagens.

Deos *transfere* de humas para outras nações, quando lhe apraz, a grandeza e o poder, e não dizemos que o *transporta*. O peccador inconsiderado *transfere* de hum para outro dia a sua conversão, e não a *transporta*.

Quando Constantino Magno *transferio* para Constantinopla a séde do imperio, quasi todos os grandes abandonárão a Italia, e se *transportárão* ao Oriente, &c.

227

Achaque – Molestia – Enfermidade – Doença

Usâmos a cada passo de qualquer destes vocabulos para exprimir o estado do homem que tem falta de saude, que não tem a saude no ponto conveniente, que sofre nella alteração ou decadencia, &c.; e neste sentido podem-se julgar synonymos; mas tem entre si differenças notaveis.

Achaque he termo generico, e significa qualquer defeito, falta ou vicio fysico ou moral; e d'aqui vem, segundo parece, a especial applicação, que lhe damos, quando queremos exprimir o estado de *doença,* isto he, de falta, defeito, ou vicio na saude, dizendo, v. gr., que tal pessoa padece *achaques,* que a velhice he *achacosa,* &c.

Molestia he tambem termo generico, e designa todo o incommodo, enfadamento, ou trabalho penoso do corpo ou do espirito. Applica-se consequentemente á *doença,* porque esta he em si mesma huma especie de *molestia,* e causa muitas outras a quem a padece.

Enfermidade quer dizer propriamente falta de vigor e força, debilidade da natureza ou de algum membro ou parte do corpo. Neste sentido dizemos que a velhice he *enferma,* e chamâmos *enfermo* o que não tem as forças inteiras, o que tem a saude enfraquecida, debilitada, *não firme.*

Finalmente *doença,* no sentido rigoroso, quer dizer estado *doloroso* do corpo, falta de saude que vem com dores ou as causa, &c.

Vê-se pois que, rigorosamente falando, nem todo o *achaque, molestia,* ou *enfermidade,* he *doença:* como porém toda a *doença* he *achaque,* isto he, vicio fysico, traz

comsigo *molestia,* isto he, incommodos e penas; e suppõe ou causa *enfermidade,* debilidade de forças, falta de vigor, &c.; por isso não admira que no uso vulgar se confundão algumas vezes estes vocabulos, maiormente quando o objecto de que se tracta não requer toda a exacção metafysica. Achão-se comtudo nos classicos alguns lugares, que mostrão bem a differença que elles fazião quando falavão com mais precisão.

Vieira, *Cartas,* tom. 2.°, pag. 84: «Assegurão que não he *doença* de perigo, postoque seja de *molestia*».

No tom. 3.°, pag. 380: «Deos conserve o socego desse animo grande no seu retiro, livre de tantas *enfermidades,* quanto me diz que o está de outras *molestias*».

No mesmo tomo, pag. 383: «Dei conta a vossa mercê de como, deixadas todas as *molestias,* tinha occupado a paciencia no sofrimento de varias *enfermidades*».

E ainda a pag. 388: «A *doença,* que o anno passado foi causa de não escrever a vossa senhoria, me tem agora em cama com grande *molestia*».

Finalmente D. Francisco Manoel, na *Carta de guia,* fl. 30: «Aquelle bicho (diz) que no Brazil se padece por *achaque,* entra invisivel, começa entretenimento, passa a ser *molestia,* chega a ser *doença,* e acontece que póde ser perigo».

228

Pôr — Assentar — Collocar

Pôr tem huma signifiação mais generica: *assentar* e *collocar* mais restricta.

Põe-se huma cousa em qualquer lugar e de qualquer modo: *assenta-se* quando se põe em lugar conveniente e de hum modo apto, geitoso, seguro, estavel: *colloca-se* quando se põe na devida situação, ordem, correspondencia, proporção, symetria ou ponto de vista.

Põe-se a pedra no chão, ou na parede, o chapéo na cabeça, a espada á cinta, o livro na estante ou sobre a meza, &c. *Assenta-se* a columna sobre a base, a estatua sobre o pedestal, o alicerce sobre hum chão firme, &c. *Colloca-se* o quadro no museo entre os outros do mesmo assumpto ou do mesmo auctor ou da mesma escola; *collocão-se* os livros na bibliotheca segundo a ordem das materias; *colloca-se* o monumento no local mais proprio a fazel-o sobresahir, &c.

Parece que *pôr* he o Francez *mettre; assentar,* o Francez *poser; collocar,* o Francez *placer.*

No sentido figurado, *põe* hum homem a sua gloria em obedecer, o seu prazer em fazer bem; *põe* por escripto os seus pensamentos; *põe* fim ao seu trabalho; *põe* em paz os amigos desavindos; *põe* tudo a ferro e fogo, &c., &c. *Assenta* certas proposições como fundamentos do seu discurso; *assenta* as bases e condições do contracto; *assenta* firmemente não mudar de resolução, &c. *Colloca* hum auctor os tractados e capitulos da sua obra e as materias de cada hum delles em huma ordem e disposição propria para reciprocamente se auxiliarem; *colloca* o general as tropas em lugares convenientes; *colloca* o orador as palavras e frases do periodo, com attenção ao effeito que quer produzir, &c.

229

Tomo — Volume

A divisão, que o auctor de huma obra faz, das materias que nella tracta distingue os *tomos: tomo* quer dizer divisão, e applica-se ás divisões maiores das obras litterarias. A encadernação separa os *volumes.*

Póde hum só *tomo* formar dous ou mais *volumes,* e póde hum só *volume* comprehender dous ou mais *tomos.*

Não he nem pelo numero dos *tomos,* nem pela gros-

sura dos *volumes*, que se deve fazer juizo da sciencia, ou erudição do auctor. Algumas obras ha que constão de muitos *tomos*, e se achão encadernadas em muitos e grossos *volumes*, as quaes poderião, sem perda da litteratura, reduzir-se a hum só *tomo*, e encerrar-se em hum só e bem pequeno *volume*.

230

Raro — Curioso

Raro he o que apparece poucas vezes, e de longe em longe (veja-se art. 228). *Curioso* he o que merece attenção e he digno de ser visto e observado com cuidado, e por isso excita a *curiosidade*, isto he, o desejo que todos naturalmente temos de ver, de saber, de examinar.

Tudo o que he *raro* he tambem e por isso mesmo *curioso;* porque a propria *raridade* do objecto excita a attenção e *curiosidade* do observador: e nisto consiste a synonymia dos dous vocabulos.

Mas nem tudo o que he *curioso* he *raro;* antes muitas cousas ha vulgares que são dignas da *curiosa* observação do homem reflexivo. Que cousa mais *curiosa*, e ao mesmo tempo menos *rara*, que a formiga, a abelha e mil outras semelhantes maravilhas que o sabio Auctor da natureza espalhou com tão magnifica profusão sobre a face da terra?

O que sómente he *curioso* por sua *raridade* deixa de merecer attenção logoque se faz vulgar. O que porém de si mesmo he *curioso*, nunca perde esta qualidade.

Huma obra litteraria, de pouco merecimento intrinseco, mas de que sómente existe hum, dous ou tres exemplares manuscriptos, he *rarissima*, e por isso mesmo *curiosa*. Logo porém que se imprima perde a primeira qualidade, e com ella a segunda. Mas se a obra, alem da *raridade*, tem merecimento real, por mais que se multi-

pliquem os exemplares, nunca perderá o seu valor, nunca deixará de ser *curiosa*.

231

Unico — Só — Singular

O que he *unico* não tem segundo: o que he *só* não tem companheiro.

Unico refere-se á unidade perfeita; não se lhe póde ajuntar outra unidade: *só* refere-se á solidão absoluta; não se lhe póde ajuntar companhia alguma.

Como porém o que he *unico* se póde considerar sem companheiro que o iguale ou semelhe, e o que he *só*, sem segundo que o acompanhe, por isso facilmente se confundem as significações dos dous vocabulos, aindaque a noção metafysica de hum seja differente da do outro.

O que he *singular* tambem he *unico*, mas sómente debaixo de algum particular respeito: he o que se distingue dos outros, e entre elles por alguma qualidade que não he commum a todos.

Dos tres maiores filosofos da antiguidade grega, Socrates, Platão e Aristoteles, nenhum se póde dizer propriamente *unico* ou *só*: o seu numero basta para mostrar que lhes não compete nenhuma destas qualificações; mas cada hum delles se póde dizer *singular*, porque todos o forão na tendencia de suas doutrinas, nos methodos que seguírão e ensinárão, na influencia que tiverão sobre as idéas do seu seculo, e sobre o progresso das sciencias, &c.

232

Verdadeiro homem — Homem verdadeiro

Verdadeiro homem he aquelle que tem todas as propriedades que constituem a natureza humana. Houve

tempo em que chegou a duvidar-se se os negros de Guiné erão *verdadeiros homens*. O *urang-utango* não he *verdadeiro homem*.

Homem verdadeiro he aquelle que sempre fala verdade, que não mente, que não diz cousas contrarias aos seus pensamentos, ou sentimentos.

A mesma differença se deve notar entre as expressões *puro homem*, e *homem puro*, a primeira das quaes significa o individuo, que tem a natureza humana sem mistura ou união de outra alguma: e a segunda o homem que tem costumes puros, que he limpo de toda a maldade. A primeira he huma expressão da linguagem theologica, que se applica a todos os homens para differençal-os de Jesu-Christo, que não he *puro homem*, mas sim *homem Deos*, pela admiravel união da natureza divina com a humana. A segunda he huma expressão da linguagem usual com que elogiâmos a limpeza e pureza de costumes de algum sujeito que nos parece digno desse louvor.

Semelhantemente se encontrão em nossa linguagem muitas outras expressões do mesmo genero, as quaes deve ter presentes o escriptor, que quizer falar com clareza e exacção. Taes são, por exemplo, *pobre homem* e *homem pobre*; *bom homem* e *homem bom*; *santo homem* e *homem santo*; *certo facto* e *facto certo*; *certo amigo* e *amigo certo*; *galante rapaz* e *rapaz galante*, &c., &c. E advirta-se que a differença entre essas expressões não he sempre mero capricho da lingua, como talvez poderia parecer, mas tem razão mui filosofica, que se deve attender para a energia, belleza e perfeição do estilo, e que até certo ponto he applicavel a todos os casos em que o adjectivo póde ser collocado antes, ou depois do substantivo, porque em todos, ou na maior parte delles, influe esta collocação na energia da expressão, e não poucas vezes no verdadeiro sentido do discurso.

233

Manar — Estilar — Pingar — Gotejar

Empregâmos estes vocabulos para exprimir a acção com que hum liquido sahe, ou he lançado de hum vazo, ou corpo, que o contém, e nisto são synonymos, mas tem entre si differenças mui caracteristicas.

Dizemos que o liquido *mana* do vazo, quando sahe delle em fio, aindaque seja lentamente: que o corpo *estila* o liquido, quando deita fóra ás gotas o mais fino, o mais apurado delle: que o liquido *pinga* de hum corpo, ou que o corpo *pinga* o liquido, quando este cahe de cima gota a gota: e finalmente que o corpo *goteja*, quando delle cahem gotas amiudadas.

Mana a agoa da penha, o rio da fonte, o sangue da ferida; *manão* as riquezas e bens do ceo sobre a terra, &c.

Os olhos *estilão* lagrimas, e tambem se diz que delles *manão* lagrimas, quando estas correm, como em fio, em maior abundancia; algumas arvores *estilão* o humor de que se formão as gommas; «os labios da mulher *estilão* doçura» (diz Arraes), &c.

Pinga do telhado a agoa da chuva; *pinga* o vinho da cuba; *pinga* gordura das carnes assadas, &c.

A espada *goteja* sangue; o telhado *goteja* agoa, que por tempo arruina as paredes; *gotejão* os vestidos do naufragante; «*gotejão* as tranças das nymfas do mar» (Camões), &c.

Por occasião do vocabulo *gotejar,* e da especial significação que neste artigo lhe attribuimos, não será inutil advertir, que analogamente se devem entender muitos outros vocabulos de identica terminação, os quaes todos em nossa linguagem tem significação frequentativa, isto he, exprimem frequencia, ou repetição amiudada da mes-

ma acção. Assim *voltejar*, ou *voltear*, andar ás voltas, fazer muitas voltas; *manejar*, ou *manear*, trazer frequentemente nas mãos; *dardejar*, vibrar, lançar amiudados dardos; *versejar*, fazer versos a miudo; assim finalmente *serpejar*, ou *serpear*, *carrejar*, ou *carrear*, *andarejar*, *farejar*, *rastejar*, ou *rastear*, *vascolejar*, *arquejar*, *verdejar*, &c., &c.

234

Publico — Notorio

Ajuntâmos muitas vezes estes dous vocabulos, e dizemos que hum facto, hum acontecimento he *publico* e *notorio*, quando queremos significar que todos o sabem, que ninguem o ignora, que ninguem o duvida, que todos o publicão e falão delle, &c.; mas neste mesmo sentido, em que os dous vocabulos parecem synonymos, ha entre elles huma differença mui substancial.

Nem tudo o que he *publico* he *notorio:* muitas cousas são *publicas*, isto he, não secretas, ditas por todos, repetidas por todos, sabidas por todos, as quaes todavia são falsas. A fama basta para fazer que huma cousa seja *publica*, e comtudo a fama he geralmente tida por mentirosa.

Publico pois (no sentido deste artigo) he o que corre na voz de todos, o que todos dizem, o que de todos he sabido; mas este *de todos sabido* refere-se não á certeza, sim á extensão do conhecimento. *Notorio* porém he o que evidentemente e com toda a certeza se sabe; o que não póde ser contestado, o de que se não póde duvidar.

Commette-se hum crime; hum ou dous inimigos o imputão a tal ou tal sujeito, e começão por assim o divulgar; em breve tempo todos o crêem, e o dizem e o repetem; passa a ser *publico* na cidade, na provincia, no reino, que aquelle sujeito foi o auctor do crime: e elle

está porventura innocente, e talvez chega a provar evidentemente a sua innocencia.

Pelo contrario: commette-se o crime; o facto acontece alto dia; todos os moradores do bairro, do lugar, da cidade o vêem e presenceão, e conhecem o seu auctor; elle mesmo he apanhado em flagrante delicto; não ha que duvidar: he *notorio* que esse he o criminoso, e isto mesmo he tambem *publico* no lugar, bairro ou cidade que o vio, e logo depois o póde ser na provincia e em todo o reino. Então podemos dizer que este acontecimento he *publico* e *notorio*, e que tal sujeito he *publica* e *notoriamente* o seu auctor.

Notorio he propriamente hum termo de Jurisprudencia civil. Os jurisconsultos Romanos designavão pelo vocabulo *notoria* as informações e instrucções que davão *conhecimento* e *prova* do facto, e no fôro he como axioma, que o facto *notorio* não necessita de prova, porque a propria *notoriedade* o põe fóra de toda a controversia.

A simples *publicidade* nunca teve esta prerogativa, nem a terá jámais senão quando o juiz tiver vontade, ou interesse de condemnar.

235

Calendario — Almanak

Do antigo verbo *calare (chamar, convocar)* formárão os Romanos o seu *calata comitia*, assembléas do povo convocado; *calator*, o pregoeiro que chama o povo; *calendae*, assembléas convocadas para o primeiro dia da neomenia, ou para o primeiro dia de cada mez; e *calendatim* a cada primeiro dia do mez. D'aqui veio *calendario*, isto he, a taboa das calendas, ou luas do anno, na qual se annunciava ao povo a apparição das luas novas, os dias de que havião de constar, a distribuição desses dias em dias de festa, de trabalho, &c.

Do artigo *al* e do vocabulo *manach*, que significa em geral supputação, conta, ou calculo, formárão os Arabes *al-manach* ou *al-manak*, exprimindo assim o calculo dos dias do anno, ou das revoluções dos astros, que regulão a medida dos mezes, das estações, dos tempos.

Concordão pois os dous vocabulos na sua significação principal; mas tem esta differença, que *calendario* he mais proprio da linguagem ecclesiastica, que o tomou do Latim; e *almanak* da linguagem vulgar, que o tomou do Arabe.

E por essa mesma razão *calendario* exprime a descripção dos tempos do anno, com particular relação ás festas e solemnidades sagradas: *almanak*, com particular respeito ás observações populares, relativas á agricultura, e corresponde aos *calendarios rusticos* dos antigos povos.

236

Prodigo — Dissipador

Nem o *prodigo* nem o *dissipador* conhecem a verdadeira economia e a verdadeira liberalidade: ambos parece que ignorão o valor dos bens, de que fazem o mais indiscreto uso: ambos gastão, e despendem sem medida e sem termo.

Mas os bens do *prodigo* escapão-lhe das mãos para passarem a outras: os do *dissipador* desapparecem-lhe das mãos, quasi que se evaporão sem se ver, nem se póde dizer aonde forão parar, ou o que foi feito delles.

O *prodigo* dá sem medida; he talvez liberal com excesso; gasta com demasiada largueza. O *dissipador* despende sem utilidade e sem proveito; estraga, desperdiça; faz aos seus bens o mesmo que o vento faz ao pó, ou ás nuvens, que desapparecem diante delle sem deixarem rasto.

O *prodigo* póde talvez consolar-se da imprudencia com que despendeo, lembrando-se de algum bem que fez: o *dissipador* não tem motivo algum de consolação; não lhe resta mais que o intempestivo e inutil pezar de haver dissipado.

Por isso a palavra *prodigo* se toma alguma vez em bom sentido; e até dizemos, v. gr., que Deos he *prodigo* das suas misericordias para com os homens: *dissipador* sempre se toma em mau sentido, e nunca delle poderiamos fazer huma semelhante applicação.

237

Demanda — Litigio — Processo

A *demanda* dá origem e principio ao *litigio*, e o *litigio* tracta-se e desenvolve-se no *processo*.

Demandar he pedir por e com direito; pedir em juizo (art. 116). Se a pessoa a quem se faz a *demanda* não reconhece o direito de quem lha faz, nem se presta ao pedido, fica logo começado o *litigio*, que consiste na controversia judicial, ou na acção de quem demanda, e na contestação de quem he demandado.

Esta acção e contestação, deduzida ordinariamente por escripto, as provas de huma e outra, os actos e termos judiciaes que se vão seguindo, a sentença do juiz, &c., formão o que se chama *processo*, que não he outra cousa mais que o progressivo desenvolvimento de todos os meios juridicos, que o auctor tem para mostrar a justiça da sua *demanda*, e o reo para a contrariar, e a decisão do juiz, que põe termo ao *litigio*.

Toda a *demanda* póde dar occasião a hum *litigio*; porque não ha cousa alguma, que sendo objecto de *demanda*, não possa ser disputada, com, ou sem razão; e quasi todos os *litigios* dão lugar a longos e interminaveis

processos, que a sabedoria das leis debalde tem pretendido abreviar.

238

Herdeiro — Successor

Todo o *herdeiro* he *successor;* mas nem todo o *successor* he *herdeiro*. *Successor* he genero: *herdeiro* he especie.

Quem *succede* a outrem no cargo, no emprego, na dignidade, no beneficio, nem por isso he seu *herdeiro*. O *successor* de hum morgado nem sempre he *herdeiro* do precedente administrador.

O *herdeiro*, pelo contrario, he sempre *successor* do defunto na herança; isto he, na propriedade e uso de seus bens, nas suas acções, obrigações, &c.

Successor he, em geral, o que vem logo depois de outrem entrar em seu lugar: *herdeiro* he, em especial, o que vem logo depois da morte de outrem entrar na posse da sua herança: he, como dissemos, huma especie de *successor*, limitada a este só objecto.

Por onde se vê tambem que o *successor* o póde ser em vida daquelle a quem succede: o *herdeiro* sómente depois da morte.

Os *successores* dos grandes homens, aindaque sejão *herdeiros* dos seus bens e do seu nome, nem sempre o são das suas virtudes e da sua gloria.

239

Luzir — Reluzir — Brilhar

Luzir he dar luz, lançar luz: *reluzir* he reflectir a luz: *brilhar* he lançar, ou reflectir huma luz mui viva e scintillante.

Luz a chamma, a candeia, a bugia accesa, &c.; e no figurado *luz* a verdade, a virtude, o valor, o engenho, &c.

Reluz o ouro, a prata, o bronze, os metaes brunidos; *reluzem* os marmores e madeiras bem polidas; e no figurado *reluz* no semblante a innocencia e pureza do coração; *reluzem* nas acções os affectos nobres e generosos, a beneficencia, a magnanimidade, a bondade, &c.; «*reluz* na face exterior do corpo a bondade interior da alma», diz Arraes, Dial. 10.º, cap. 14.º

Brilhão as estrellas; *brilha* o diamante; *brilha* a agoa, o cristal, o espelho, feridos do sol, &c.; e no figurado *brilhão* as virtudes raras e singulares; *brilhão* os grandes dotes do espirito, &c.

240

Justo — Justiceiro

Vieira (tom. 15.º dos *Sermões*), querendo provar, que *a humanidade he o realce da justiça*, distingue entre as significações de *justo* e *justiceiro*, e diz assim:

«Entre o *justo* e o *justiceiro* ha esta differença: ambos castigão, mas o *justo* castiga e peza-lhe; o *justiceiro* castiga e folga. O *justo* castiga por *justiça*, o *justiceiro* por inclinação. O *justo* com mais vontade absolve que condemna; o *justiceiro* com mais vontade condemna que absolve. A justiça está entre a piedade e a crueldade: o *justo* propende para a parte de piedoso, o *justiceiro* para a de cruel.»

Bem se vê que o auctor toma aqui *justo* na especial significação de *homem que faz, ou administra justiça contra os criminosos;* e neste sentido parece não se poder melhor notar a synonymia e differença que ha entre os dous vocabulos, pela qual se vê tambem que os nossos escriptores, trocando em el-Rei D. Pedro I a denomi-

nação de *cruel* pela de *justiceiro,* apenas conseguirão adoçar hum pouco a expressão.

«O legislador (diz mui judiciosamente Arraes, Dial. 5.°, cap. 1.°), que se recreia com a execução das penas, he fero, e parece que faz sua a vingança das leis»; e logo depois «o compadecer-se dos condemnados he proprio de animo *justo,* como castigal-os com gosto he sinal de animo rigoroso, se não tem outro peor nome.»

241

Indulgencia – Clemencia

A *indulgencia* supporta e desculpa as faltas: a *clemencia* perdôa a offensa, e adoça, tempera, ou perdôa a pena.

A *indulgencia* póde ser commum a todos os homens; todos elles deverião ser dotados desta humanissima qualidade: a *clemencia* he só propria dos poderes superiores, das auctoridades mais respeitaveis. Deos com os homens, o principe com os subditos, o vencedor com os vencidos, talvez o pae com o filho usão de *clemencia.*

Ambas estas virtudes são filhas de hum excellente coração; mas a *indulgencia* depende principalmente da bondade da alma; suppõe o conhecimento e compaixão das imperfeições e fraquezas da humanidade, e talvez condescende a ellas benignamente. A *clemencia* requer ainda maior nobreza, generosidade e grandeza de caracter; renuncia voluntariamente ao exercicio do seu poder e dos seus direitos, e talvez triunfa de si mesma perdoando.

A *indulgencia* he recommendada pelo christianismo; e resulta do conhecimento que elle nos dá, de que todos os homens se achão em estado de corrupção e tem necessidade de misericordia. A *clemencia* he hum dos mais

amaveis attributos de Deos, e he tambem o melhor e mais nobre ornamento dos principes, que nós reputâmos como imagens da divindade sobre a terra.

Cesar foi maior pela sua *clemencia*, que pelas suas outras grandes qualidades. Que diriamos de hum Soberano adorado se aqui podesse caber o seu louvor[1]?

242

Tolerancia — Indulgencia

A *tolerancia* dissimulando, sofre (art. 45): a *indulgencia* supportando e desculpando, perdôa.

A *tolerancia* suppõe hum mal que se sofre, mas que não se desculpa, nem consente, nem approva, nem ainda permitte. Quem tem poder de o vedar e punir, julga mais conveniente sofrel-o, para evitar outro mal maior, e dissimula, até que se offereça opportunidade de o remediar.

A *indulgencia* tambem suppõe hum mal, mas ordinariamente leve e sempre nascido, ou de erro do entendimento, ou da inevitavel fraqueza da humana condição. O homem, que não tem por alheios os trabalhos e miserias dos outros homens, supporta este mal sem amargura; desculpa-o facilmente, perdôa-o com bondade.

A *tolerancia* he hum sofrimento quasi forçado; as circumstancias o aconselhão, e talvez o prescrevem. A *indulgencia* nasce do proprio coração do homem benefico e dos nobres sentimentos que o animão, e suppõe huma alma boa, compassiva, propensa a desculpar e a perdoar. A propria *justiça sem indulgencia he injustiça,* diz hum illustre escriptor moderno.

[1] Escreviamos este artigo em 1825.

243

Tolerar — Approvar — Consentir — Permittir

Acabámos de dizer no artigo antecedente que quem *tolera* não *approva*, nem *consente*, nem ainda *permitte*, o mal que se *tolera;* e postoque pareça mui facil entender a differença de significação, que ha entre estes vocabulos, não havemos comtudo por inutil indical-a neste lugar, vistoque em alguns escriptores os achâmos com estranha inadvertencia confundidos.

Quem *approva* huma cousa, faz della juizo favoravel; acha que he digna de louvor e estimação, dá-lhe o seu voto.

Quem *consente* huma cousa, acquiesce a ella, não a repugna, acha bom que se faça, *sente com* quem e *como* quem a faz.

Quem *permitte* huma cousa dá liberdade, licença, poder, e talvez o meio e a commodidade de a fazer, e ás vezes a auctorisa formal e expressamente.

Approvar hum procedimento qualquer he julgar que he bom e louvavel: *approvar* huma alliança he havel-a por vantajosa; *approvar* huma doutrina he julgal-a boa, sãa, bem fundamentada, &c.

Consentir com alguem he concordar com elle, ser do mesmo voto; *consentir*, v. gr., a licenciosidade da mulher, ou a soltura e devassidão dos filhos, he acquiescer a ella, não a levar a mal, não a desapprovar; *consentir* a huma proposta he dar-lhe assenso, vir no que se propõe, conformar com isso, &c.

Permittir, v. gr., que alguem traga armas he dar-lhe licença, faculdade e poder para isso; *permittir* que alguem entre em vossa caza he franquear-lhe a entrada, abrir-lhe a porta, dar-lhe facilidade e talvez meio com-

modo de entrar; *permittir* que hum filho caze á sua escolha he auctorisal-o, dar-lhe plena liberdade para isso, &c.

Por onde se vê que nenhum destes vocabulos se confunde com *tolerar*, nem com elle tem verdadeira synonymia, quanto mais identidade de significação.

Se algumas vezes dizemos que Deos *permitte* o mal, he porque tomâmos *permittir* em huma significação mais ampla; na significação de *tolerar*, de *deixar fazer*.

Permittir he propriamente hum acto positivo, proprio de quem tem auctoridade de *vedar*, ou *prohibir*. A lei, dizem os jurisconsultos, ou *manda*, ou *prohibe*, ou *permitte*. O mal porém nunca póde ser *permittido* por legislador algum justo, e muito menos por Deos, cuja sabedoria he igual á sua eterna justiça e inflexivel rectidão.

O principe que *tolera*, por exemplo, as mulheres prostitutas, por evitar maiores males á republica, não *approva*, nem *consente*, nem *permitte* o vicio. Sofre a pessoa viciosa, e dissimula, porque assim o julga conveniente.

Os antigos Reis Portuguezes, que *toleravão* Mouros e Judeos, e legislavão a respeito dos seus direitos civis, estavão mui longe de *approvar* suas religiões, nem de as *consentir* ou *permittir*.

A propria Igreja de Jesu-Christo tem em todos os tempos *tolerado*, e *tolera* ainda hoje abusos e algumas erradas opiniões dos homens, sem que por isso as *approve*, nem *consinta*, nem *permitta*. Sofre, com o piedoso intuito de conservar a unidade e caridade christãa, e só procede a interpor o seu infallivel juizo, quando assim o julga conveniente, ou necessario.

O seu divino Mestre lhe deo a primeira lição desta sabia economia, quando em pessoa do prudente agricultor ordenou aos segadores, que não arrancassem a cizania,

até ao tempo da ceifa, para que porventura não viesse juntamente com ella o trigo bom e grado, &c., &c.

244

Estudar—Aprender

Dizemos a cada passo, em frase familiar, que tal ou tal sujeito anda *estudando*, ou *aprendendo* para advogado, para medico, para ecclesiastico, &c.; mas he facil notar, que os dous vocabulos não são perfeitamente synonymos, e que se assim os empregâmos, he por nos não ser ordinariamente precisa mais escrupulosa exacção de linguagem.

Rigorosamente porém falando, *estudar* quer dizer frequentar os estudos, seguir a escola, ouvir o mestre, fazer applicação aos livros, trabalhar por vir a saber. *Aprender* quer dizer aproveitar o estudo, tirar delle fructo, hir sabendo o que *estudâmos*.

Estuda-se para *aprender*, e *aprende-se estudando*.

Muitos *estudão* sem *aprender* cousa alguma; e muitos outros (o que he ainda peor) presumem de saber, isto he, de ter *aprendido*, sem nunca *estudarem*.

245

Pertinacia—Obstinação

He difficil determinar com precisão a differença que ha entre estes vocabulos: comtudo parece-nos que se diz com mais frequencia a *pertinacia* dos herejes, a *obstinação* dos peccadores; a *pertinacia* no erro, a *obstinação* na impiedade.

Por onde entendemos, que *pertinacia* se refere mais propria e especialmente ao juizo e ás opiniões; *obstinação*, á vontade e aos procedimentos moraes.

A *pertinacia* he cega e porfiosa; a *obstinação* he dura e inflexivel.

A *pertinacia* suppõe huma perfeita tenacidade do juizo; a *obstinação* suppõe huma consummada dureza e incorrigivel depravação da vontade.

Ao homem *pertinaz* nada ha que o convença; fecha os olhos á luz e resiste á propria evidencia.

Ao homem *obstinado* nada ha que o persuada: a sua vontade não se deixa jámais penetrar das doces insinuações do bem e da virtude.

246

Espirito — Alma

Chamâmos *espirito* huma substancia simples, immaterial, intelligente, livre: chamâmos *alma* o *espirito* que anima alguns seres organisados, e he nelles principio de acção e de sentimento.

O que caracterisa o *espirito* he a intelligencia: o que caracterisa a *alma* he a vida e a sensibilidade.

Deos he *espirito;* os anjos são *espiritos,* e não são *almas.* O *espirito* porém que anima o corpo do homem, e tem com elle admiravel e estreitissima ligação, he juntamente *alma.*

Falando pois do homem, *espirito* e *alma* são synonymos, isto he, podem em alguns casos empregar-se indifferentemente, mas não em todos.

Podem empregar-se indifferentemente quando o discurso se refere á parte espiritual do homem, sem ser necessario caracterisar, ou especificar alguma de suas

particulares propriedades e relações: mas devem differençar-se quando especialmente nos referimos a alguma dessas relações, ou propriedades.

Assim quando dizemos, v. gr., que o moribundo deo a *alma* ou o *espirito* a Deos, usâmos promiscuamente de qualquer dos dous vocabulos; porque o nosso intento neste caso he tamsómente exprimir, que a substancia espiritual, que entrava na composição do homem se separou do corpo.

Quando porém dizemos, que tal sujeito tem hum *espirito* vivo, perspicaz, solido, penetrante, &c., e que tem huma *alma* boa, benevola, pacifica, generosa, &c., não podemos confundir sem erro os dous vocabulos; porquanto nestes dous casos, postoque tambem nos referimos á parte espiritual do homem, falâmos della comtudo debaixo de diversos respeitos, considerando-a ora como intelligente, ora como principio da sensibilidade e dos affectos.

«A alma racional (diz Arraes, Dial. 10.°, cap. 42.°), chama-se *alma* emquanto dá vida ao corpo (o que tambem tem as *almas* dos outros animaes), e chama-se *spirito* propriamente emquanto tem virtude intellectiva e immaterial, o que he proprio seu, e não commum aos brutos.»

O nosso *espirito* he muitas vezes dominado pelos sentimentos da nossa *alma,* os quaes não sendo bem regulados, não só illudem, mas desatinão a razão e a conduzem a funestos precipicios.

He bella a expressão de que vulgarmente usâmos dizendo que tal, ou tal sujeito *tem alma, tem muita alma,* porque nisto queremos dizer que esse sujeito tem hum *grande cabedal de vida e de sensibilidade,* condição essencial da coragem, da magnanimidade, e de outras muitas qualidades, que constituem a grandeza de caracter.

247

Obter – Conseguir – Impetrar

Obter he alcançar alguma cousa; havel-a á mão; haver a posse e gozo della.

Conseguir he alcançar seguindo; alcançar alguem o que pretendia e diligenciava; alcançar aquillo, após de que andava.

Impetrar he alcançar do superior o que se lhe pede como graça.

Obtemos o que pretendiamos, ou desejavamos, e talvez sem pretender nem desejar. *Obtemos* da justiça, da benevolencia, do favor, da liberalidade. *Obtemos* do superior, do igual, do inferior. Por onde se vê que *obter* he de todos os tres vocabulos o que tem significação mais generica e mais indeterminada.

A significação de *conseguir* he mais especifica e mais restricta. *Conseguimos*, pretendendo com diligencia e perseverança; *conseguimos*, pedindo, rogando, demandando, sollicitando; *conseguimos* o que era objecto de nossos desejos, cuidados e diligencias.

Impetrar tem significação ainda mais restricta, e diz-se particularmente das graças, que alcançâmos de algum poder superior, pretendendo-as com rogos e supplicas. *Impetrâmos* de Deos misericordia; do Rei graças e mercês; do Summo Pontifice beneficios, indulgencias, &c.

248

Nobre – Illustre

Nobre quer dizer litteralmente o que he conhecido: e no sentido mais particular, em que aqui o tomâmos, exprime a qualidade do homem, que he distincto dos plebeus, que tem a qualificação legal da *nobreza*, ou esta

seja herdada de seus avós, ou adquirida por merecimentos e serviços.

Illustre he o homem que se tem feito esclarecido por seus relevantes meritos pessoaes, que tem adquirido fama, lustre e claridade, ou por grandes talentos e virtudes, ou pelos eminentes empregos publicos, que tem exercitado e desempenhado, ou por serviços não vulgares feitos á patria ou á humanidade.

O ser *nobre* depende das leis, ou da vontade dos Principes: ellas e elles podem dar e tirar a *nobreza.* Mas o ser *illustre* depende do merecimento proprio e da opinião que delle tem os homens, fundada em feitos uteis, gloriosos, esplendidos. Cada hum póde fazer-se *illustre* a si mesmo, sem dependencia da auctoridade publica, e talvez a despeito della.

O homem sem merecimento póde ser collocado na classe dos *nobres,* mas nunca será *illustre.* Ao contrario o heroe da virtude, o homem de genio, o artista original, o grande escriptor, que talvez não alcança, nem pretende gráo algum de *nobreza* legal, póde fazer-se *illustre* por suas obras e merecer a estima, o respeito e a fama esclarecida, que se não concede ao *nobre* sómente por este titulo.

Em summa o homem que se faz *illustre,* he por isso mesmo *nobre,* no sentido mais amplo desta palavra, isto he, faz-se conhecido e distincto de todos os mais que não tem igual merecimento. O homem *nobre* porém não lhe basta esse titulo e essa distincção para ser *illustre.*

249

Nullo — Irrito — Invalido

São termos de Jurisprudencia, que qualificão hum acto, ou titulo como incapaz de produzir direito, ou obrigação

alguma. Mas o acto ou titulo *nullo* he aquelle, que em si mesmo e na sua substancia foi viciado, por falta de alguma condição, ou solemnidade ordenada pela lei. Assim he *nullo*, v. gr., o contracto em que não houve livre consentimento de alguma das partes; he *nullo* o testamento feito pelo testador em estado de demencia; he *nulla* a ordem passada por auctoridade incompetente, &c.

O acto, ou titulo *irrito* he aquelle, que tendo sido feito com as condições e solemnidades da lei, comtudo, por circumstancias supervenientes, não he reconhecido, nem approvado, nem ratificado, para por elle se poder fazer obra. Assim na jurisprudencia romana o testamento, aliás bem feito, se tornava *irrito* no caso de sobrevirem certas mudanças á pessoa e ao estado do testador. Entre nós se o litigante transigio com o procurador da parte, e este reservou o consenso e approvação do seu constituinte, a transacção se torna *irrita* por falta desta approvação e consenso. O tractado entre dous soberanos, se não he *ratificado* por algum delles, fica por isso mesmo *irrito*, &c.

Finalmente o acto, ou titulo *invalido* he aquelle, que não tem força de obrigar. *Invalido* he termo generico, que exprime precisamente a falta de validade, de força, de vigor, e por isso se applica a muitos e diversos objectos. No nosso caso se diz igualmente do acto ou titulo *nullo*, e do acto ou titulo *irrito*, porque ambos elles, postoque por differente motivo, são *invalidos*, isto he, são incapazes, como dissemos, de produzir direito e obrigação.

250

Remedio – Medicamento

Remedio diz relação ao verbo latino *mederi*, que significa remediar, curar, restabelecer, &c. *Medicamento* diz

relação ao verbo *medicare*, que quer dizer preparar, applicar e administrar as drogas simples ou compostas ao doente com o intuito de o curar.

Assim que o *remedio* cura, o *medicamento* dá-se para curar. Succede muitas vezes applicarem-se *medicamentos* ao mal, que não tem *remedio*.

A dieta, o exercicio, a cessação do trabalho, a distracção do espirito podem ser *remedios*, e não são *medicamentos*.

Demais, *remedio* he termo generico, que se usa em sentido proprio e figurado, fysico e moral. Applicão-se *remedios* para curar as doenças do corpo, os vicios da alma, os defeitos de qualquer genero. *Medicamento* diz respeito só e precisamente á cura dos doentes, e he hum dos meios que a medicina emprega para esse fim.

251

Bastardo (filho) – Natural – Espurio

Todos estes vocabulos exprimem a qualidade do filho, que he *illegitimo*, ou que não he havido de matrimonio celebrado com as solemnidades da lei, mas ha entre elles differenças mui notaveis.

Bastardo he denominação generica, que compete a qualquer filho *illegitimo*, e parece referir-se, não tanto á illegitimidade do matrimonio, ou da união dos sexos, quanto á *degeneração* que d'ahi se presume provir aos filhos, ou pela immoralidade que acompanha o acto em que são gerados, ou pela ordinaria desigualdade da condição dos pais, ou pelo descuido, tambem ordinario, que elles tem na educação da prole.

Bastardo significa, em algumas linguas, cousa *degenerada;* e nós mesmo chamâmos, por exemplo, *letra bastarda* a que he degenerada da romana, por ser huma

alteração della; *peça bastarda* a que não tem as medidas proprias da sua especie; *trombeta bastarda* a que dá hum som mixto, temperado do agudo e grave da legitima, &c.

O filho *bastardo* póde ser *natural*, ou *espurio:* são duas especies de *bastardia*.

Chamâmos *natural* o que nasce de concubinato, de barregnice, de matrimonio clandestino, &c., em geral, o que nasce de pessoas entre as quaes não ha impedimento algum legal, que lhes vede o contrahirem matrimonio.

E chamâmos *espurio* o que nasce de pessoas entre as quaes ha esse impedimento, v. gr., de cazado e solteira, ou ás vessas; de pai ecclesiastico; de mãi religiosa, &c.; e tambem o que não tem pai certo.

Desta ultima accepção da palavra *espurio* nasceo o sentido figurado, que lhe dâmos na *Arte critica*, quando dizemos que huma producção, huma obra, hum livro he *espurio*, isto he, que lhe não conhecemos o auctor, ou não temos por tal o que vulgarmente se lhe attribue.

252

Derribar – Destruir – Arruinar – Arrazar – Devastar

Derribar he lançar por terra o que estava erguido, o que estava ao alto, o que estava em pé.

Destruir he propriamente desfazer a *estructura;* desfazer a composição, o arranjo, as relações e a fórma.

Arruinar he reduzir a ruinas; fazer cahir a pedaços; *destruir* de tal modo que só fiquem restos desordenados e informes.

Arrazar he pôr alguma cousa a nivel do chão; *raza* como elle; não deixar pedra sobre pedra.

Devastar he deixar vazio, deserto e reduzido a solidão o lugar da cousa *devastada*.

Derriba-se huma columna, huma estatua, hum idolo o cavallo *derriba* o cavalleiro; o lutador *derriba* o seu contrario; a *fortuna derriba* o homem do cume da grandeza, da gloria, do poder, &c., e nada d'isto he *destruido* nem *arrazado*, nem *devastado*.

Destroe-se hum edificio, talvez para o tornar a *construir*, para o edificar melhor; *destroe-se* hum templo hum palacio, huma cidade; a morte *destroe* os melhores projectos dos homens; a vil e odiosa inveja *destroe*, ou pretende *destruir* as mais bem estabelecidas reputações a sãa filosofia *destroe* os vãos systemas; e não se póde dizer com igual propriedade que os *arruina*, e muito menos que os *arraza*, ou *derriba*, ou *devasta*.

O tempo *arruina* as mais soberbas fabricas do humano poder e industria: muitas obras, que em outras idades admiravão por sua magnificencia e belleza, estão hoje *arruinadas*, e sómente dellas se conservão lastimosos restos, para memoria do lugar, onde existírão.

O furor da guerra se compraz muitas vezes de *arrazar* muros, fortalezas, praças e cidades, igualando tudo com o chão, e não deixando pedra sobre pedra: outras vezes passa a *devastar* provincias e reinos inteiros, talando os campos, abrazando as searas, inundando as povoações, tirando a vida aos habitantes, reduzindo tudo a hum triste deserto, a huma *vasta* solidão.

253

Emprestimo — Commodato — Mutuo

Emprestimo he hum contracto pelo qual concedemos a outrem, de graça e por tempo limitado, o uso de alguma cousa nossa, a qual findo o praso nos deve ser restituida. He termo generico e abrange as duas especies de

emprestimo, significadas pelos vocabulos *commodato* e *mutuo*.

Damos o nome de *commodato* ao *emprestimo*, quando a cousa emprestada nos deve ser restituida individualmente a mesma. E damos-lhe o nome de *mutuo*, quando a cousa emprestada nos deve ser restituida, não já individualmente a mesma, mas sim na mesma especie e em igual quantidade.

Vieira, tom. 6.º de *Sermões*, pag. 181: «E que differença ha entre o *emprestimo* que se chama *commodato* e o *emprestimo* que se chama *mutuo?* A differença he, que no *commodato* hei de pagar restituindo aquillo mesmo, que me emprestarão; pedi-vos emprestada a vossa espada, hei-vos de restituir a mesma espada: porém no *mutuo* não sou obrigado a pagar com o mesmo, senão com outro tanto; pedi-vos emprestado hum moio de trigo, não vos hei de pagar com o mesmo trigo, senão com outro».

254

Declaração de guerra—Manifesto de guerra

A *declaração de guerra* tem por fim annunciar a huma nação, ou governo que vamos a fazer-lhe guerra: o *manifesto* tem por fim demonstrar ao publico a justiça da causa pela qual fazemos a guerra, e a exposição dos meios, que debalde se empregárão para a desviar.

A *declaração* dirige-se ao governo, povo, ou nação, a quem se quer fazer a guerra: o *manifesto* dirige-se ao publico de todas as nações, ao mundo inteiro.

A *declaração* he hum aviso, que póde ser feito por arautos, por enviados, por simples cartas, &c.: o *manifesto* he sempre hum discurso, em que se pretende justificar a guerra.

A *declaração* finalmente he feita pela nação, ou governo, que move a guerra: o *manifesto* póde ser feito por ambas as partes contendoras, porque ambas ellas podem julgar conveniente justificar perante o publico o seu procedimento.

255

Deixar — Largar — Desamparar — Abandonar

Convem todos estes vocabulos na idéa generica de dar de mão, não querer conservar, não querer ter por mais tempo a propriedade, posse, uso, gozo, exercicio ou cuidado de alguma cousa que d'antes se tinha: mas distinguem-se pelos caracteres especificos, que acompanhão, e determinão a significação de cada hum.

Deixar he de todos elles o que tem significação mais extensa e mais indefinida. *Deixâmos* hum lugar, quando delle nos apartâmos; hum uso, ou costume, quando nos abstemos de o praticar; huma sociedade, quando cessâmos de a frequentar. *Deixâmos* hum cargo, ou emprego, quando o demittimos, ou abdicâmos; hum beneficio, quando o renunciâmos. *Deixâmos* a mulher, quando a repudiâmos; o filho, quando o engeitâmos; os bens, quando delles testâmos, &c., &c.

Largar he *deixar* o que tinhamos na mão; *deixar* sahir della o que tinhamos prezo, colhido, apanhado, o que tinhamos em nós, ou comnosco. *Largâmos* a redea ao cavallo; a trella ao animal caçador; as vélas ao vento: *largâmos* o prezo; a praça conquistada; o navio capturado: *largâmos* o vestido, a espada, a capa, o dinheiro que temos na mão, &c.

Desamparar he propriamente deixar de amparar; largar da mão a cousa de que estavamos encarregado, de que deviamos tractar; a que tinhamos obrigação de dar

cuidado, defensa, protecção, abrigo. *Desamparámos* os bens, quando não tractâmos da sua cultura; *desampara* o máo pai de familias a caza, a mulher, os filhos, a familia; *desampara* o tutor o orfão; *desampara* o soldado o posto, &c.

Abandonar he deixar inteira e totalmente; *desamparar* de todo, consentindo, ou não impedindo, que outrem se aposse e faça preza do que deixámos; não olhar mais a cousa como nossa; deixal-a ao primeiro occupante. *Abandonâmos* a terra de que não colhemos fructo; a empreza de que não esperâmos utilidade: *abandona* o pai o filho, que o deshonra e infama; *abandona* o general a posição, que não póde sustentar; *abandona* talvez ao inimigo as munições e bagagens, para salvar o pessoal do exercito, &c., &c.

256

Graça — Mercê — Favor

Fazer huma *graça* he acto de benevolencia *gratuita*.

Fazer huma *mercê* he acto de benevolencia recommendada e talvez prescripta pela justiça.

Fazer hum *favor* he acto de benevolencia affectuosa que distingue e prefere a pessoa *favorecida*.

A *graça* exclue o rigoroso direito, mas não a dignidade da pessoa, nem o seu merecimento. A *mercê* suppõe direito; proporciona-se ao merecimento, e talvez he huma justa e devida recompensa. O *favor* não attende nem ao direito, nem á dignidade, nem ao merito: regula-se tamsómente pela inclinação pessoal, aconselha-se com os affectos do coração.

A bondade, a beneficencia, a generosidade, a clemencia preside á distribuição das *graças*. A justiça benevola, e talvez liberal e generosa, regula as *mercês*.

A amizade, a affeição apaixonada, o empenho que se interessa na satisfação e felicidade de alguem, faz ou concede *favores*.

O Principe faz *graças* e *mercês:* o magistrado, o homem publico não deve fazer *favores* nas cousas do seu officio.

O Principe deve haver-se, na distribuição das *graças* e *mercês,* com largueza, mas com medida. As *graças* que são inspiradas pela clemencia devem ser mais raras, porque podem promover o desprezo das leis por meio da impunidade. As *mercês* nimiamente vulgarisadas, ou concedidas sem a devida proporção aos merecimentos e serviços, confundem as graduações sociaes, e por fim perdem o valor, e empobrecem o estado.

257

Selvagem — Feroz

O animal *selvagem* he precisamente o que vive nas selvas e bosques; o que he agreste e bravio; o que não está domesticado: tal o veado, a corça, &c.

O animal *feroz* he aquelle, que sobre a qualidade de *selvagem,* tem de seu natural o ser cruel e amigo de sangue: tal o tigre, o leão, a onça, &c.

Applicando pois estas denominações ao homem, *selvagem* exprime hum estado da pessoa, o qual não suppõe vicio algum de caracter, e sómente resulta da falta de cultura e civilisação. *Feroz* exprime huma qualidade moral, que nasce do caracter, e suppõe hum vicio particular da alma.

O homem *selvagem* póde tornar-se social pela cultura: elle foge talvez da sociedade porque não conhece os seus bens, e as suas inapreciaveis vantagens. O homem *feroz*

he por caracter inimigo da propria sociedade em que vive; e se foge dos homens he porque os aborrece.

O *selvagem* póde não ser *feroz:* muitos povos *selvagens* o não são: as viagens antigas e modernas mencionão alguns de caracter tão doce, manso e pacifico, que poderião fazer invejas a povos muito mais adiantados na escala da civilisação. Pelo contrario o homem civilisado póde ser *feroz;* e desgraçadamente parece que não he este odioso caracter tão raro, como se devêra esperar.

258

Inadvertencia – Inconsideração

As faltas em que cahimos por *inadvertencia* nascem de não lançarmos os olhos, ou a attenção para onde deveramos: as que commettemos por *inconsideração* nascem de não ponderarmos bem as cousas, de lhes não darmos o devido peso e valor.

O homem distrahido vê sem notar; ouve sem distinguir. O homem embebido em profundas meditações não vê nem ouve. Ambos são sujeitos a grandes *inadvertencias.*

O homem leve e de pouco sizo, que passa ligeiramente pelos objectos mais importantes, que não examina as suas differentes faces, circumstancias, relações e conveniencias; emfim que não reflecte nas cousas com a madureza que deve, forçosamente ha de cahir em grandes *inconsiderações.*

Quem não dá fé da pessoa de respeito que está no ajuntamento, e passa sem fazer a cortezia devida, cahe n'huma *inadvertencia.* Quem confia algum negocio importante de pessoa, cuja fidelidade e caracter lhe não he bem conhecido, commette huma notavel *inconsideração.*

259

Algumas—Certos

Esta expressão *algumas* pessoas, *algumas* cousas, designa vaga e indeterminadamente pessoas e cousas, que do outro modo se não podem designar, ou porque o escriptor em realidade não sabe quaes ellas sejão, ou porque no momento em que fala e escreve as não tem presentes ao espirito, ou porque não julga conveniente indical-as, ou emfim porque o discurso não requer essa exacção.

Est'outra expressão *certas* pessoas, *certas* cousas, tambem designa vaga e indeterminadamente cousas ou pessoas; mas taes, que quem fala, ou escreve as conhece e tem presentes, ou de certo as poderia nomear e apontar se quizesse, ou talvez suppõe, que o ouvinte ou leitor facilmente fará a applicação.

Alguns homens ha, que não sofrem o bem dos outros, e perseguem cruelmente a quem alcança no mundo algum genero de fortuna, aindaque nem do bem alheio lhes venha a elles perda, nem do contrario utilidade. Neste periodo se designão os *invejosos*, mas de hum modo geral, vago e indeterminado, affirmando-se tamsómente que ha entre os homens *alguns*, que tem este vil caracter, mas sem que se pretenda designar, ou apontar algum ou *alguns* em particular.

Se no mesmo periodo substituirmos *certos* a *alguns*, tambem então se designarão vagamente os invejosos; mas o escriptor mostra que tem presentes *certos* e determinados individuos, talvez de *certa* classe, estado, condição, ou caracter, que elle não quer nomear, mas que julga talvez sufficientemente indicados, ou presume que o leitor com facilidade adivinhará quem elles sejão.

No primeiro caso a proposição tem o seu sentido natural e obvio, e assim se deve entender: no segundo a proposição he enfatica, e tem hum sentido occulto, que o escriptor quer que se advinhe.

Em todos os tractados de synonymos ha *certos artigos* que alguem julgará pouco dignos de attenção, os quaes todavia não chegão a pôr-se em limpo senão depois de *algumas* horas, ou dias de exame e de meditação. Neste periodo quando o escriptor diz *certos artigos*, he porque tem presentes aquelles a que se refere e julga, que o leitor intelligente perceberá quaes elles sejão: quando porém diz *algumas horas*, deixa a expressão vaga e indeterminada, e mostra não ter interesse em denotar mais precisamente o tempo, que gastou em ordenar esses artigos.

260

Punir — Castigar

Punem-se os crimes, os delictos, as acções voluntarias do homem, quando são contrarias ás leis. *Castigão-se* não sómente as más acções voluntarias, mas tambem os erros, os descuidos, as faltas, e até os defeitos.

O *punir* suppõe sempre auctoridade de huma parte e culpa da outra; não assim o *castigar:* por isso *castigâmos* e não *punimos* o menino, que ainda não tem uso de razão nem póde ter culpa; e *castigâmos* tambem o animal bruto, quando queremos dar-lhe algum ensino e corrigir-lhe algum defeito.

Punir envolve essencialmente a idéa de impôr pena: *castigar* importa principalmente a idéa de apurar, fazer melhor, aperfeiçoar, polir, reprehendendo, censurando, &c., do Latim *castum agere*, segundo alguns etymologistas, d'onde vem, que tambem dizemos *castigar huma obra* (como Horacio dizia *castigare carmen)* *castigar* o

estilo, &c., e os nossos antigos dizião *castigar-se*, reciproco, por *emendar, escarmentar-se*, &c.

261

Levantar — Alçar — Erguer — Elevar

Levantar he vocabulo de significação mui generica, que se emprega em muitas e diversas frases, nas quaes todas porém entra a idéa de pôr em alto ou ao alto, tirar acima, ou para cima, fazer subir, &c. Levanta-se o que cahio, o que está deitado, ou prostrado; *levanta-se* o sol no oriente; *levanta-se* o que está assentado; *levanta-se* a tampa da caixa, o sêllo do papel, o apparelho da ferida; *levanta-se* a meza, o véo, a cortina, &c.

Alçar parece que he *levantar*, ou fazer subir alguma cousa acima da sua ordinaria estatura, ou posição; dar-lhe mais altura na linha perpendicular. *Alça-se* a pedra por meio do guindaste; o muro augmentando-lhe a altura; o cavalleiro montando o ginete. *Alça* o cavallo a mão, ou pé, e com essa propria palavra lhe falâmos, para que elle assim o faça. *Alça* o homem o braço para ferir o inimigo, &c.

Deste vocabulo usou Camões, aptissimamente e com summa propriedade, para exprimir o animo ousado e intrepido do Gama, *quando alçado* se atreveo a interrogar Adamastor: *Quem hes tu?* &c. (Cant. 5.º, est. 49.ª)

Erguer he *levantar* pondo em pé, ou ao alto, talvez endireitando. *Ergue-se* o doente da cama; *ergue-se* quem está de joelhos, cahido, ou deitado; *erguc-se* o animo abatido, ou prostrado; *erguem-se* as mãos ao ceo, &c.

Elevar he pôr n'hum lugar mui alto, ou n'huma ordem eminente. *Eleva-se* huma torre acima de todos os edificios da cidade; *eleva-se* o homem virtuoso acima da opinião, que talvez o pretende deslustrar; o Principe *eleva*

o homem benemerito ás honras e dignidades; *eleva-se* o filosofo na contemplação das verdades mais sublimes da natureza; *eleva-se* o homem a Deos pela humildade, &c., &c.

262

Exemplo — Exemplar

O *exemplo* segue-se, imita-se: o *exemplar* copia-se.

O *exemplo* he hum facto, huma acção, hum modo de proceder, que se propõe á nossa imitação, e que nos póde servir de norma em circumstancias semelhantes: o *exemplar* he hum original completo, que se nos offerece para exactamente o copiarmos.

O homem prudente e avisado, procedendo de certo modo, em certos casos, offerece-nos huma regra de proceder; póde servir-nos de norma em casos analogos; dá-nos hum *exemplo*. O homem virtuoso e justo, que constantemente dirige as suas acções pelo caminho da honra, da probidade e da virtude, offerece-nos hum original, que devem copiar em si mesmos todos os que aspirão á verdadeira grandeza moral; he hum *exemplar*.

Jesu-Christo, que he o verdadeiro *exemplar* da santidade, nos deo nas diversas acções da sua vida mortal outros tantos *exemplos* da mais alta virtude.

O fim desgraçado de Nero foi hum *exemplo* de que os seus successores se não aproveitárão: alguns delles até parece, que tomárão por *exemplar* aquelle monstro da natureza humana.

263

Memorias — Commentarios — Relações

Tomâmos aqui estes vocabulos por certas composições litterarias em que sôem depositar-se os materiaes da Historia.

As *memorias* desenvolvem miudamente os factos e as suas causas; discutem os que são duvidosos; determinão e verificão as datas; descem a particularidades; copião documentos, monumentos, provas, &c. O seu estilo deve ser simples, livre, corrente e desaffectado, e não admitte o ornato, a nobreza e a elevação da Historia.

O nome de *memorias*, que indica o fim deste genero de escriptura, mostra tambem de algum modo qual deva ser o seu caracter. Quem quer conservar, ou deixar em *memoria* os successos publicos do seu tempo, escreve tudo (digâmos assim), escreve os factos principaes e os menos principaes, notas as causas e as consequencias delles, averigua a verdade, ou falsidade dos que corrêrão variamente na voz do vulgo, estabelece e discute as datas, collige as provas, escreve sem estudo, correntemente, e até ás vezes sem demasiado escrupulo na ordem do seu trabalho. Tal nos parece ser em geral o caracter das *memorias*.

Commentarios são *memorias* summarias, apontamentos mais breves, quasi hum diario ou taboa, em que se notão os principaes acontecimentos, mas em estilo menos secco e menos apanhado, que o dos simples diarios.

O nome de *com-mentarios* faz lembrar huma *em-menta* dos factos, hum memorial, hum registo, em que se faz *menção* delles, hum breve apontamento para depois fazer escriptura mais larga. Plutarcho deo o nome de *ephemerides* aos *commentarios* de Cesar, que são a obra mais acabada neste genero, que nos veio da antiguidade.

Relação he a narração circumstanciada de hum só facto, ou acontecimento notavel, de huma empreza, de huma viagem, de hum naufragio, de hum descobrimento, &c. Quem escreve huma *Relação* refere com escolha, discernimento e exacta fidelidade o que vio, presenciou, ou averiguou, não omittindo circumstancia alguma, que possa ser util para se formar justo conceito do facto em

toda a sua integridade. Nós temos em portuguez muitas destas *relações*, que merecem ser lidas, porque nellas se achão particularidades importantes, que talvez escapão ao historiador, ou não podem ter lugar no plano da Historia.

264

Ignorancia — Impericia

Ignorancia diz precisamente *falta de saber: impericia* diz mais propriamente falta de uso, de pratica, de experiencia, talvez de promptidão e desembaraço na execução; falta do necessario para o desempenho pratico do cargo, da arte, do officio, &c.

O artista que não sabe os preceitos da sua arte e as mais cousas, que se requerem para bem a desempenhar, he *ignorante:* o artista que por falta de uso e pratica não he prompto e facil no exercicio da sua arte he *imperito*.

O filosofo, sem ser *ignorante* dos principios e da theoria das artes, he comtudo as mais das vezes *imperito* no exercicio dellas, nem jámais as poderá exercer com bom successo, senão ajuntando ao saber a pratica e a experiencia.

Pelo contrario qualquer official de hum officio, não obstante a sua *ignorancia* dos principios theoricos da arte, ou mister que exercita, he mais *perito* nella do que o habil filosofo, que sabe demonstrar as leis fysicas, ou mechanicas, em que se fundão os seus processos.

O magistrado que *ignora* a lei não póde fazer justiça: o letrado que he *imperito* na pratica do fôro não póde ser bom advogado.

Bem póde o estadista no seu gabinete adquirir profundos conhecimentos na arte da guerra; mas se lhe não ajuntar a sciencia experimental, mal poderá dirigir sem grandes e perigosos inconvenientes as operações de hum

exercito. Não será *ignorante*, mas será *imperito* na arte da guerra.

265

Fortaleza — Constancia

Fortaleza he huma das quatro virtudes, a que damos o nome de *cardeaes*, por isso mesmo que influem em todas as acções moraes do homem, e são a base e fundamento da vida virtuosa.

Neste sentido a *fortaleza* prepara o animo e o faz forte e valeroso para arrostar os perigos, combater e vencer as difficuldades, debellar os inimigos, que se encontrão no caminho da virtude. Sem ella nunca o homem que aspira á grandeza moral poderá domar a força violenta das paixões, suffocar os clamores do interesse pessoal, resistir aos encontros e contrastes do mundo, e supportar os longos, arduos e penosos trabalhos, que a cada passo se lhe hão de offerecer em sua gloriosa carreira.

Constancia, no sentido em que se póde julgar synonymo de *fortaleza*, he huma parte, huma condição essencial desta nobre e generosa virtude: e consiste na igualdade de animo valeroso e esforçado, com que sofremos, sem abatimento e sem ostentação, as penas, afflicções e males da vida, e todas as desgraças, contratempos e adversidades, que nos vem da natureza, dos homens, ou da fortuna.

Admirâmos em M. Attilio Regulo a sublime *força de animo* com que se houve perante o senado romano, e a *constancia* com que sofreu os tormentos e a morte, a que barbaramente o condemnárão os inimigos da sua patria.

Louvâmos no ministro publico a *fortaleza*, com que ousa dizer a verdade ao Principe, que porventura a não ama, e a *constancia* com que supporta as demonstrações e os effeitos do seu desagrado.

Louvámos e admirámos em muitos illustres varões do christianismo a *fortaleza* e valor com que resistírão e vencêrão as potestades da terra, quando iniquamente se oppunhão ás leis do evangelho: louvámos e admirámos em muitos outros a invencivel *constancia* com que sofrêrão as perseguições, os tormentos e a morte em testemunhos da fé, que professavão.

266

Fortuna — Acaso — Sorte — Fado — Estrella

o podião os antigos povos pagãos deixar de observar, como nós ainda hoje observámos a cada passo, que algumas pessoas com poucos meios e pouca, ou quasi nenhuma diligencia, sobem ás vezes rapidamente ao cume da prosperidade, e nelle talvez se conservão por algum tempo: que outros, apezar de suas constantes diligencias e esforços, são sempre contrastados pela adversidade: que em huns e outros porém, sem haver apparentemente mudança alguma de procedimento, se nota comtudo não poucas vezes huma repentina mudança de scena, cahindo os primeiros no abysmo da desgraça, e subindo os segundos ao mais alto da ventura.

E como não podessem conhecer as causas proximas destes acontecimentos e mudanças, nem tivessem idéas assás exactas da providencia de Deos, e muito menos podessem rastejar os caminhos, que ella segue no governo do mundo; imaginárão para explicar aquelles fenomenos huma divindade caprichosa, injusta, inconstante, talvez cega, que com notavel desigualdade e frequente variação, repartia bens e males, successos prosperos e adversos, ora a estes, ora áquelles, ora n'hum tempo, ora n'outro: e a esta divindade chamárão *Fortuna*.

Nós conservámos o vocabulo sem lhe ligarmos, nem

devermos ligar a mesma idéa, e comtudo, quando a certa qualidade de bens chamâmos bens da *fortuna,* isto he, bens, que a fortuna dá e tira a seu arbitrio; quando dizemos, que a *fortuna* favorece a huns e persegue a outros, que a mudança da prosperidade para a desventura e vice-versa, he hum effeito dos caprichos da *fortuna,* que a *fortuna* elevou este ao cume da grandeza, da riqueza, do poder, e derribou o outro de igual altura, &c., parece que temos vagamente ante o espirito hum ser imaginario, fantastico, indefinivel, a quem damos esse nome de *fortuna,* cuidando encobrir assim a nossa ignorancia sobre as verdadeiras causas de taes successos, que nós desejariamos, mas não sabemos alcançar.

Acaso he outra palavra, que não significa objecto algum real. Della nos servimos em hum sentido analogo ao da palavra *fortuna,* mas com alguma differença, porque *acaso* refere-se mais ordinariamente a hum facto, só por só, que nos parece não ter relação alguma com outros antecedentes, ou concomitantes, e que por isso suppomos sem causa, ao mesmo passo que *fortuna* parece referir-se mais propriamente a huma serie de factos, que na sua mesma inconstancia e variação, mostrão hum designio, e tem algum nexo e certa ordem. Demais o que attribuimos ao *acaso* he totalmente independente da diligencia, ou providencia humana; não assim o que attribuimos á *fortuna,* porque esta julgâmos nós, que humas vezes favorece as nossas diligencias, e que outras vezes capricha de as contrariar, ou desprezar.

Sorte he ainda outro vocabulo da mesma natureza dos precedentes. Na significação que lhe attribuimos approxima-se de *acaso,* mas este suppõe, como dissemos, hum acontecimento só, sem relação alguma com outros, e desacompanhado de qualquer causa conhecida, ou ainda presumida: e *sorte* parece suppôr a concorrencia de muitos sujeitos em iguaes, ou semelhantes circumstan-

cias, a hum dos quaes succede bem e a outro mal na mesma ordem de successos, sem sabermos achar a razão da differença: ou tambem a concorrencia de muitos acontecimentos possiveis ao mesmo sujeito, entre os quaes succede hum, com exclusão dos outros, sem que nos seja conhecida a causa da preferencia: d'onde vem que imaginámos o bem e o mal desta preferencia, ou daquella differença como repartido pela *sorte*, quasi da maneira que o seria pelo lanço *casual* dos dados.

Fado he outro vocabulo que nos ficou dos antigos, e que nas linguas modernas se póde dizer, que não tem significação alguma determinada.

Os antigos chamavão *fado* a ordem e encadeamento necessario e immudavel das cousas estabelecido pelo *destino*, ao qual suppunhão sujeito o proprio Jupiter, o seu deos supremo. Esta idéa pareceo facil de christianisar-se, e n'isso trabalhárão os dous grandes lumes da Igreja, Santo Agostinho e S. Thomás, pretendendo, que se entendesse por *fado* a ordem eterna das cousas estabelecida por Deos, ou (que he o mesmo) a disposição da Providencia, que conservando o livre alvedrio do homem, regula os successos do mundo por leis invariaveis. A este *fado* christão poderia dizer-se, que Deos mesmo he de algum modo sujeito, emquanto elle he o primeiro conservador das proprias leis, que deo ao mundo, fundadas nas relações eternas das cousas, isto he, nas idéas immutaveis da sua suprema razão e intelligencia.

Comtudo quando na vulgar linguagem attribuimos alguns acontecimentos ao *fado*, e dizemos, v. g., que o *fado* persegue este ou aquelle, he certo que não pensâmos em idéas algumas theologicas, mas parece imaginarmos hum ser fantastico, como os outros de que neste artigo temos tractado, o qual necessaria e inevitavelmente encadeia os acontecimentos em nosso damno, sem que nós o mereçamos nem procuremos, antes fazendo

por evital-o. Neste sentido restricto he que *fado* se póde reputar synonymo de *fortuna, acaso*, &c., e neste mesmo sentido he que nós dizemos, que *fado* he vocabulo empregado nas linguas modernas sem significação alguma real e bem determinada.

Estrella finalmente he outra palavra do mesmo genero, a qual se ficou conservando ainda depois de haverem perdido todo o credito as quimeras da *astrologia*, que lhe derão origem. Refere-se á supposta influencia dos *astros* sobre o destino dos homens; e ainda hoje que nenhuma pessoa sizuda crê nesta influencia, dizemos comtudo que tal sujeito nasceo em boa, ou má *estrella*; que tal outro foi levado pela sua *estrella* a tal ponto de fortuna, ou de desgraça, &c., por onde se vê a differença, que na locução vulgar ha entre este vocabulo e os mais que deixámos explicados.

Á mesma origem se referem as expressões *boa estreia, má estreia, astre, desastre, astroso, desastrado*, &c.; que todas suppõem aquella influição, boa ou má, dos astros, em outro tempo tão geralmente acreditada, e de que hoje nos resta sómente a nomenclatura, não menos vãa, que a sciencia, que a creou.

267

Ser digno – Merecer

He *digno* o que tem capacidade, idoneidade, aptidão: *merece* o que faz, ou tem feito serviços.

Tudo o que requer certas qualidades, nas quaes consiste o ser apto, idoneo, &c., deve dar-se a quem tem essas qualidades, a quem he *digno*. Tudo o que deve, ou costuma dar-se aos serviços, e como em paga ou recompensa delles, he para quem os tem feito, para quem o *merece*.

O mais *digno* he o que he capaz de fazer melhor: o que mais *merece* he o que faz melhor.

Como porém o homem, que cultivando os seus talentos e adquirindo virtudes, se faz capaz e idoneo, nisso mesmo se póde dizer que faz serviço á sua patria: e por outra parte o que faz serviços, nisso mesmo mostra cada vez mais, e desenvolve, ou augmenta a sua idoneidade, não admira, que os dous vocabulos se empreguem quasi promiscuamente, dizendo-se, v. gr., que quem tem talentos, virtudes, idoneidade, *merece* ser empregado; e que quem tem feito serviços he *digno* de recompensa.

Todo o homem deve empregar os primeiros annos da sua vida em fazer-se *digno* dos cargos da republica por seus estudos e morigeração. Logo porém que nelles entra, deve trabalhar por exercel-os de tal modo, que *mereça* a gratidão da patria e as distincções devidas a quem a serve com intelligencia, fidelidade e zêlo.

A arte tragica, que produz na scena grandes culpados e quer interessar os espectadores no infortunio, que elles experimentão, deve mostral-os *merecedores* da desgraça por alguma grande falta, ou crime excusavel, mas *dignos* de melhor sorte por suas virtudes e excellentes qualidades.

Quem serve bem *merece*: quem não continua a servir bem *desmerece*: quem serve mal, ou faz desserviços *merece* pena e castigo: quem não tem as qualidades necessarias não he *digno*: finalmente quem tem más qualidades he *indigno*.

268

Crer em alguem — Crer a alguem

Crer, por exemplo, *em Deos*, he crer que Deos existe, que he creador e conservador do universo, que he infinito em toda a bondade e perfeição, &c. *Crer a Deos* he

crer o que elle se tem dignado dizer-nos, revelar-nos, e mandar-nos para nossa felicidade.

Crer em algum homem he crer que elle he o que na verdade representa, ou inculca; crer que he bom e virtuoso, que he sincero e verdadeiro, &c. *Crer a* algum homem he crer as suas palavras, crer que nos fala do coração, que com ellas não intenta enganar-nos, &c.

Crer em Christo (diz Vieira, *Sermões*, tom. 2.°, pag. 244), *he crer o que elle he: crer a Christo he crer o que elle diz*. He digno de ler-se todo este sermão, no qual o mesmo Vieira, invectivando contra os costumes do seu tempo, parece que descreve e pinta os do nosso, em que muitos se gabão de ter muita fé; mas são, como diz o orador, *christãos de meias, crendo em Christo, e não crendo a elle; catholicos do credo e herejes dos mandamentos*.

269

Fallir de bens—Fazer banca-rôta

Fallir de bens he cahir de bens; não ter com que pagar aos credores; não ter com que satisfazer as dividas contrahidas.

Fazer banca-rôta he cessar de commerciar por ter *fallido de bens*, desapparecer do commercio, renunciar a elle por essa causa; he hum effeito da fallencia; hum reconhecimento publico, que della faz o negociante.

A primeira frase exprime precisamente a idéa de não ter com que pagar, e não diz respeito essencial e immediato ao commercio: a segunda sómente se póde dizer, em rigor, do negociante *fallido*, que por esse motivo deixa de continuar no negocio.

A pratica antiga de se quebrar o banco que o negociante fallido tinha na bolsa, ou praça de commercio, dando por vago o lugar, que elle ahi occupava, deo ori-

gem á segunda expressão e explica o seu verdadeiro sentido.

270

Dous — Ambos

Dous refere-se precisamente ao numero: *ambos* refere-se aos *dous* em união e usa-se quando delles affirmámos a mesma cousa, ou huma cousa feita ao mesmo tempo, ou quando entre elles suppomos qualquer especie de conformidade.

Assim, v. gr., o querer e o poder fazer bem são *duas* cousas totalmente differentes, e que nem sempre existem unidas no mesmo sujeito; mas *ambas* se requerem essencialmente para o exercicio da nobre virtude da beneficencia.

Vieira, *Sermões*, tom. 6.°, pag. 448: «Vêdes *dous* homens juntos ... pela presença *ambos* juntos, pela amizade muito longe hum do outro».

271

Campo — Agro

O vocabulo *campo* quer dizer hum espaço mais, ou menos grande de terra chãa: o vocabulo *agro* quer dizer huma porção de terra, que se cultiva lavrando, semeando, plantando, &c.

Campo tem significação muito mais extensa que *agro*, e não diz relação necessaria á agricultura: *agro* sómente se diz do terreno cultivado de que se colhe fructo.

Assim, dizemos *campo* de trigo, *campo* de milho, e tambem dizemos *campo* de batalha, *campo* de exercicio; dar, ou assegurar o *campo* para a justa, torneio, ou reto; *campo* em que se faz a feira, &c.; e figuradamente *campo*

do escudo, em linguagem heraldica; dar largo *campo* ao discurso, sahir a *campo*, tirar a *campo*, &c.

Agro acha-se usado pelos nossos escriptores as mais das vezes em sentido figurado, mas sempre com relação á sua significação verdadeira. Assim, quando Barros diz, «o *agro* do senhor Deos, o *agro* da primeira semente da christandade, &c.», refere-se ao terreno da *cultura* evangelica: quando diz «o *agro* e *campo* da Historia» quer dizer o terreno extenso e *cultivado* da Historia, onde (como elle acrescenta) *está semeada toda a doutrina divina, moral, racional, e instrumental*, &c.

Hoje he pouco usado; comtudo ainda se acha com a sua primaria significação no decreto de 27 de Janeiro de 1751, e não se deve dar por antiquado, por isso mesmo que tem significação mais restricta, e mais determinada que a palavra *campo*.

272

Simplicidade – Simpleza

Simplicidade he usado tanto em sentido fysico, como em sentido moral: *simpleza* sómente he usado no sentido moral, falando do homem, e das suas acções e procedimentos.

He *simples* o que não tem composição nem mistura; o que não he contrafeito; o que não tem dobrez, nem affectação, nem artificio, nem ornamento, &c. *Simplicidade* pois toma todas estas accepções; e por isso attribuimos esta qualidade a huma substancia que não he composta, que não tem partes; a hum metal, que não tem liga nem mistura; a hum manjar, que não he preparado com artificio; a hum discurso em que não apparece a arte; aos trajos de huma pessoa, ou aos moveis de

huma caza, que não são carregados de ornamentos; aos costumes e maneiras de hum homem, que não usa de dobrez, malicia, reserva, disfarce, &c., que fala e obra com franqueza e singeleza, &c.

Simpleza sómente se diz do homem, e exprime (se assim podemos explicar-nos) huma *simplicidade* ingenua, cheia de candura, de bondade, de innocencia, de lizura: he, segundo a frase de hum escriptor, *a simplicidade da pomba.*

A *simplicidade* não usa dobrez; a *simpleza* não a conhece: a *simplicidade* fala do coração; a *simpleza* mostra todo o coração: a *simplicidade* não desconfia; a *simpleza* entrega-se sem reserva: a *simplicidade* faz que o homem se não inculque, nem faça alardo do seu merecimento; a *simpleza* faz que o homem se ignore a si mesmo e desconheça o seu merecimento, &c.

273

Critica — Censura

A *critica,* em materias litterarias, parece que se refere com mais propriedade ao juizo, notas, ou observações, que se fazem sobre qualquer obra emquanto á pureza da linguagem, ás perfeições do estilo, ao bom methodo, arranjamento e clareza do discurso, emfim ao *gosto,* elegancia e belleza da composição.

Censura, em materias litterarias, parece referir-se especialmente ao juizo, notas ou observações, que se fazem sobre qualquer obra com respeito á verdade dos principios, ao rigor da demonstração, á solidez da doutrina, á sua influencia sobre a ordem civil, politica, ou religiosa, emfim ao *moral* da composição.

O *critico* julga e nota simplesmente como homem de

letras: o *censor* exercita huma especie de magistratura litteraria; julga e nota louvando, reprehendendo, corrigindo, talvez com auctoridade publica.

A *critica* póde ser severa, ou indulgente: a *censura* póde ser justa, ou iniqua. A *critica* influe sobre o conceito, que se faz da litteratura e dos talentos do auctor: a *censura* influe tambem sobre o conceito, que se faz dos seus costumes e probidade.

Applicando os mesmos vocabulos a outro genero de materias, observaremos entre elles a mesma differença. *Criticâmos* no homem as faltas de civilidade, de polidez, de delicadeza, de primor; *censurâmos* os seus vicios, a sua immoralidade; *criticâmos* as maneiras grosseiras ou nimiamente vulgares, que indicão defeito de educação, ou rudeza de caracter; *censurâmos* os maus costumes, que indicão falsidade de principios, ou corrupção de sentimentos, &c.

274

Imprecação — Maldição — Execração — Praga

Pela *imprecação* invocâmos hum poder superior, e lhe pedimos, que fulmine males contra alguem.

Pela *maldição* desejâmos, annunciâmos, augurâmos, ou invocâmos males sobre alguma pessoa, e talvez os decretâmos contra ella.

Pela *execração* tirâmos, ou desejâmos tirar a alguma pessoa, ou cousa o que ella tem de sagrado, ou antes (accommodando-nos mais ao especial sentido em que aqui se toma o vocabulo), pômos, ou desejâmos pôr, essa pessoa, ou cousa fóra da protecção do ceo, provocâmos contra ella a vingança celeste.

Pela *praga* invocâmos algum grande mal, alguma desgraça, ou calamidade sobre alguem.

Imprecação he o contrario de *deprecação: deprecar* he pedir a Deos que nos livre do mal, que o desvie de nós: *imprecar* pois he pedir a quem tem esse poder, que lance o mal contra nós, ou contra alguem.

Maldição he o contrario de *benção*, ou (como ainda diz o vulgo) de *bemdição: bemdizer* ou *abençoar* he desejar, annunciar, augurar, talvez decretar bens a alguem: suppõe quasi sempre huma especie de auctoridade religiosa. *Abençóa* Deos, *abençoão* os sacerdotes, os pais, os padrinhos. Deos *abençóa* decretando; os homens desejando, augurando, &c. *Amaldiçoar* pois he desejar, augurar, ou decretar males contra alguem.

Execração he o contrario de *sagração*. *Sagrar* he destinar huma cousa para o ministerio, ou serviço da religião; offerecel-a especialmente a Deos; pol-a no numero das cousas santas e debaixo da protecção celeste: *execrar* pois he tirar-lhe todas estas qualidades, lançar sobre ella huma especie de anathema.

Praga finalmente he vocabulo generico e significa calamidade. O vulgo que não sabe fazer differença de vocabulos, emprega este para exprimir não só as *imprecações*, *maldições* e *execrações*, mas tambem toda a sorte de frases de semelhante natureza e tendencia, envolvendo todas debaixo da expressão *praguejar*, *rogar pragas*.

275

Caracteres – Letras

Os inapreciaveis effeitos da linguagem, deste dom celeste, tão caracteristico do homem e tão essencial á sua felicidade, serião em grande parte frustrados se o mesmo homem não achasse hum methodo de pintar os seus pensamentos permanentemente aos olhos, assim como a linguagem os pinta fugitivamente aos ouvidos.

252

A industria e sagacidade humana achou este methodo admiravel, que he a arte de escrever, a qual por meio de certas figuras traçadas sobre as folhas das arvores, sobre as pelles dos animaes, sobre as pedras, as madeiras e os metaes, sobre o papel, &c., transmitte a differentes lugares e aos mais remotos tempos as nossas idéas, e quasi que de algum modo as eterniza.

A estas figuras damos o nome de *caracteres*, termo generico, que comprehende varias especies, e entre ellas a dos *caracteres* da escriptura alphabetica, a que chamâmos propriamente *letras*.

Ha pois entre os dous vocabulos *caracteres* e *letras* huma idéa commum, na qual consiste a sua synonymia, porque ambos elles exprimem a idéa de certas figuras com que fazemos conhecer aos outros homens os nossos pensamentos por meio da escriptura: mas o segundo exprime alem disso huma idéa especifica, que o differença do primeiro, e vem a ser que os *caracteres*, que elle significa, são particulares da escriptura, que chamâmos *alphabetica*.

Em summa as figuras da escriptura hieroglyfica, ou symbolica, da escriptura arabico-numerica, algebrica, musica, astronomica, &c., são *caracteres:* as figuras da escriptura alphabetica, syllabica, ou articulada são *letras*.

276

Magnanimidade — Longanimidade

Ambos estes vocabulos exprimem a qualidade do varão illustre, que he dotado de grande alma, isto he, de hum grande vigor e energia na vontade, e de huma grande força de intelligencia e elevação nas idéas.

Mas o primeiro tem significação mais ampla e exprime

a qualidade, que nos inclina a tudo o que he grande, a emprezas arduas e talvez atrevidas, postoque não gigantescas, a trabalhos longos e difficeis, e a custosos sacrificios, feitos sem ostentação, por hum objecto sobre-excellente, e digno destes esforços.

O segundo tem significação mais restricta: exprime huma parte da *magnanimidade*, huma condição essencial desta nobre virtude; exprime a qualidade, que nos faz levar com superior constancia a desgraça aturada; ou tambem, que no meio de largas e muitas vezes baldadas tentativas e esperanças nos faz proseguir, com animo inteiro e com firme confiança, a empreza grande e gloriosa, que intentâmos e havemos começado.

¿Que portuguez lendo este artigo se não lembra do illustre e sabio Infante D. Henrique? A *magnanimidade* deste grande e saudoso Principe lhe inspirou o atrevido pensamento dos descobrimentos maritimos, que mudárão a face do mundo, e tanta influencia tem tido sobre a civilisação geral. A sua *longanimidade* o fez superior ás difficuldades, aos obstaculos, aos revezes, que encontrou e experimentou no proseguimento da sua gloriosa empreza, não bastando ver tantas vezes mallogradas suas tentativas, para desistir do começado, ou perder hum só ponto da esperança, que a sua grande alma tinha concebido.

277

Satisfação – Contentamento

A *satisfação* he o sentimento que experimentâmos, quando conseguimos o objecto de nossos desejos. Se nesse objecto achâmos o bem que esperavamos, a nossa alma descança no gozo delle, fica tranquilla, não deseja mais: este he o estado de *contentamento*. Pelo contrario

se o objecto não preenche as nossas esperanças, a *satisfação*, que elle nos causa he momentanea, o coração fórma novos desejos, a alma não fica tranquilla, nem póde ficar *contente*.

Assim que a *satisfação* he o estado da alma, quando alcança o que desejava: o *contentamento* he o estado da alma, quando tranquillamente goza do bem, que, tem e não deseja mais.

Quando a *satisfação* he permanente, porque o bem, que se desejava, he verdadeiro e duravel, então o *contentamento* he huma consequencia da *satisfação*, he o prazer de possuir, he a ledice que a alma experimenta com a *satisfação* de seus desejos.

Quem sómente deseja o que basta a suas necessidades reaes, com pouco se *satisfaz*, goza tranquillamente da sua mediocridade, não forma desejos inuteis, vive *contente*.

Pelo contrario o homem ambicioso, cubiçoso, avarento, &c., nunca tem verdadeira *satisfação*, porque nada enche os seus desejos, sempre deseja mais: este estado he absolutamente incompativel com a tranquilla serenidade de espirito, que constitue o estado de *contentamento*.

278

Morada — Habitação — Domicilio — Residencia

Morada he o lugar em que qualquer pessoa, ou familia se aloja por algum espaço de tempo.

Habitação he a *morada* permanente e fixa: he o lugar em que qualquer pessoa tem o seu lar, a sua familia, talvez os seus bens, &c.

Domicilio he termo de Jurisprudencia; ajunta á idéa de *habitação* a de huma relação á sociedade civil; he o

lugar aonde qualquer homem, ou familia tem a sua *morada* legal, isto he, acompanhada das circumstancias, que a lei requer para que esse homem, ou familia, se repute *habitante* do lugar e nelle *domiciliario*.

Residencia he o lugar em que o magistrado, o militar, o prelado, o homem publico deve fixar a sua *morada* enquanto dura o seu officio, ou ministerio.

Nem a *morada* nem a *residencia* constituem só por si a *habitação* ou *domicilio*. O pretendente tem talvez por grande espaço de tempo a *morada* na côrte, e nem por isso he lá *domiciliario* nem se póde dizer *habitante*. O magistrado tem não só *morada*, mas tambem *residencia* na capital do seu districto, e comtudo não he *habitante* desse lugar, nem ahi tem o seu *domicilio*.

Ao contrario póde qualquer cidadão ter o seu *domicilio* e *habitação*, permanente no lugar onde nasceo, onde tem os seus bens, o seu lar, a caza paterna, e ter ao mesmo tempo a *morada* temporaria em outro lugar, ou *residir* onde he obrigado pelo seu cargo.

279

Derreter – Fundir

Derreter he desatar por meio do calorico as particulas de hum corpo solido de maneira que se torne fluido. Derrete-se a cera, o gelo, os metaes, &c.

Fundir he propriamente *derreter* e lançar no molde: por isso se diz com mais propriedade dos metaes: *funde-se* o ouro, a prata, o bronze, o chumbo, &c.

A mudança que se faz nos corpos *derretidos* chama-se *derretimento*: a que se faz nos corpos fundidos chama-se *fundição*. A estes dous vocabulos porém se substituem respectivamente, na linguagem das sciencias e artes, os outros dous *liquefacção* e *fusão*.

280

Medo — Temor — Receio

Medo he a apprehensão de hum mal grave, que talvez julgâmos imminente, acompanhada de hum sentimento que nos excita vivamente a evital-o. A apprehensão do *medo* he ordinariamente nascida de opiniões erradas, e o sentimento, que a acompanha, quasi puramente mechanico. Nisto nos parece que se differença o *medo* do *temor*.

Temor he a apprehensão razoavel e bem fundada do mal, que nos póde provir, ou seja da parte dos fenomenos naturaes, ou de algum poder legitimo irritado.

Receio he propriamente a duvida em que estamos se acontecerá, ou não, o mal juntamente com *temor* de que aconteça.

O *medo* nasce de ignorancia, cobardia, ou pusillanimidade. O menino tem *medo* nas trevas; o homem ignorante tem *medo* de fantasmas, de apparições nocturnas, de objectos vãos e sem realidade; o homem fraco tem *medo* do inimigo na guerra, &c. Corresponde-lhe o adjectivo *medroso*.

O *temor* não exclue a razão illustrada, nem o coração animoso. O homem que possue estas qualidades póde e deve ter *temor* de Deos e dos seus juizos; *temor* da morte e da ignominia; *temor* de offender as leis, de merecer a reprehensão, &c. Corresponde-lhe o adjectivo *temeroso*, e talvez *timorato*.

O *receio* nasce da indecisão do entendimento, e talvez produz a irresolução da vontade. *Receiâmos* que o nosso proceder seja mal interpretado, que não seja de todo conforme á lei e ao dever: *receiâmos* ter obrado impru-

dentemente, ter dado hum passo falso, &c. Corresponde-lhe o adjectivo *receioso*.

A *medo* oppõe-se coragem. a *temor* confiança, a *receio* seguridade.

281

Transfiguração – Transformação

Transfiguração he mudança de huma figura em outra: *transformação* he mudança de huma fórma em outra.

Havendo pois entre *figura* e *fórma* a differença, que já notámos em outra parte (art. 120), bem se vê a differença, que tambem deve haver entre *transfiguração* e *transformação*.

A primeira faz mudança na figura, no aspecto, na apparencia externa do objecto *transfigurado:* a segunda faz mudança na fórma, na construcção interna, no arranjamento das partes, na organisação do objecto *transformado*.

Assim a *transfiguração* de Jesu-Christo sobre o monte não consistio em mudança alguma da sua natureza, como temerariamente disserão alguns antigos herejes, mas sim, e tamsómente na mudança das exteriores apparencias, ficando a sua face banhada de luz, e *resplandecente como o sol, e as suas vestiduras alvas como a neve*.

Pelo contrario a *transformação* da mulher de Lot e a de Nabucodonozor forão verdadeiras mudanças de fórma, e organisação interna, passando a primeira a huma natureza insensivel, e a segunda a huma natureza animada, mas bruta.

As *transformações* fabulosas (a que mais commummente se dá o nome de *metamorphoses)* imaginadas pelos poetas, suppõe igualmente mudança de natureza e fórma: taes são as de Jupiter em aguia, em cysne, em

touro; a de Narcizo em flor; a de Daphne em loureiro, e as mais de Ovidio: tal he tambem nos *Lusiadas* a bella e original *trasformação*, ou metamorphose do gigante Adamastor, pela qual veio á lingua portugueza o mais admiravel exemplo da alta e sublime poesia.

A *doença transfigura* o homem: a *graça transforma* o coração do peccador, &c.

282

Lizo — Plano

A superficie que não tem aspereza alguma he *liza*: a que não tem altos e baixos he *plana*.

O marmore polido he *lizo* e póde não ser *plano*: hum globo de marmore não he *plano*.

Hum terreno que não tem montes e valles he *plano*, aindaque se não possa chamar *lizo*.

Hum espelho ordinario he *lizo* e *plano*.

283

Plano — Chão — Lhano

Acabâmos de dizer que *plano* he o que não tem altos e baixos. *Chão* he o mesmo vocabulo differentemente articulado e com differença na significação.

Chão significa propriamente o *plano* horizontal, ou não muito inclinado, sobre o qual andâmos, caminhâmos, fundâmos edificios, &c., e por ampliação qualquer pavimento, aindaque não seja *plano*. Neste sentido dizemos que huma cousa veio ao *chão*, cahio no *chão*, está no *chão*, &c.

Outro uso fazemos tambem deste vocabulo empregando-o em sentido moral e figurado, quando dizemos,

v. gr., que hum homem he *chão*, isto he, da classe do povo, não privilegiado, e tambem sincero, verdadeiro, &c., que o estilo de hum auctor he *chão*, isto he, simples, sem ornato, sem artificio, &c.

Lhano he ainda o mesmo vocabulo, com differente articulação e pronunciação: e sómente usâmos delle falando do homem que desce de algum modo a par dos seus inferiores, tractando-os com bondade, com brandura, talvez com familiaridade, do qual dizemos que he *lhano*, isto he, que não tem elevação, nem orgulho, nem soberba; que he accessivel, conversavel, &c.

284

Condição – Estado – Qualidade

Condição exprime genericamente a graduação social, o lugar que o homem tem entre as differentes ordens de que se compõe a sociedade. Assim dizemos que tal pessoa he de *condição* humilde, de baixa *condição*, de alta *condição*; que tal outro está em huma *condição* elevada, &c.

Estado refere-se ao modo de vida que o homem tem na sociedade, á occupação, ou emprego permanente, de que faz profissão. Tal he o *estado* ecclesiastico, o *estado* de cazado, o *estado* de magistratura, de artista, de official mecanico, &c.

Qualidade refere-se precisamente á nobreza hereditaria, e applica-se á expressão dos differentes gráos desta qualificação civil. Assim dizemos que tal, ou tal sujeito hé homem de *qualidade*, de muita *qualidade*, de alta *qualidade*, &c., segundo os differentes gráos de nobreza que nelle considerâmos por seu nascimento.

He hum dever do homem social respeitar e cumprir religiosamente as obrigações do seu *estado*, qualquer que

seja aliás a sua *qualidade*, ou a *condição*, em que as suas circumstancias o tenhão collocado na jerarquia civil.

Succede não poucas vezes que os homens de baixa origem, e de *estado* humilde, chegando por merecimentos, serviços ou fortuna a huma *condição* elevada, se esqueção de seus primeiros principios, e queirão affectar ridiculamente huma *qualidade* que lhes não compete, &c.

285

Aplacar — Acalmar

Aplaca-se o que está irado, ou irritado. Os Latinos ajuntavão e talvez confundião *placabilitas* com *clementia.*

Acalma-se o que está agitado, ou perturbado. Nós usâmos de *calma* e *calmaria* para significar a quietação, a tranquillidade e a serenidade do tempo, do mar, &c.

Aplaca-se Deos com os gemidos do homem nascidos do coração, com actos de verdadeira piedade, com sacrificios, &c. *Aplaca-se* qualquer poder superior irritado, com rogos, com supplicas, com lagrimas, talvez com dadivas e offerendas. *Aplaca-se* a Parca, na frase dos poetas, &c.

Acalma o tempo, o vento, a tormenta; *acalmão* as ondas e os mares depois de sua furiosa agitação e perturbação.

Algumas vezes parece que confundimos as significações dos dous vocabulos, dizendo, v. gr., que *se aplacão* os ventos e os mares, e que se *acalma* a ira, o furor, a colera de alguem.

Mas no primeiro caso, ou personificâmos os mares e os ventos e os suppomos irritados, ou nos referimos a huma potencia superior, que contra nós os agita e perturba. No segundo caso attendemos mais particularmente

aos effeitos da colera, da ira, do furor, á grande agitação e perturbação em que estas violentas paixões costumão pôr a alma, &c.

286

Escandecencia – Ira – Colera – Sanha – Raiva

Parece que exprimem estes vocabulos a gradação ascendente da paixão, a que chamâmos *ira*.

Escandecencia he o primeiro gráo da *ira* nascente; o primeiro assômo desta paixão, que de subito se excita em nós, e he acompanhado de côr no rosto como de braza: *excandescentia* (diz Cicero, *Tuscul.*, liv. 4.°, cap. 9.°), *est ira nascens; et modo exsistens; quae graece* θυμώσις *dicitur*. O vocabulo grego exprime a mesma idéa, e quer dizer *ira erumpens*.

Ira he a commoção vehemente do animo, excitada pela idéa de algum mal, ou injuria, que outrem fez, e que desejâmos punir, ou vingar.

Colera he *ira* mais violenta, mais agitada, acompanhada ordinariamente de côr pallida no rosto.

Sanha he *ira* assanhada, isto he, que se mostra nos gestos e principalmente nas contorsões dos musculos do rosto, taes como se observão em alguns animaes quando *assanhados*.

Raiva finalmente he o extremo gráo da *ira;* suppõe agitação violentissima com furor, que talvez parece indicar desarranjo intellectual.

287

Moderação – Temperança

Moderar he dirigir prescrevendo o modo, determinando as proporções e medidas, dando a regra, marcando os limites.

Temperar he reprimir o excesso, conter nos limites, reduzir a elles, não deixar passar o termo.

Por onde *moderação* he a virtude que nos inclina a pôr modo em tudo, a sermos regrados em nossos appetites, desejos, procedimentos, a guardar em tudo a conveniente medida.

Temperança he a virtude que em todas as acções da nossa vida reprime o excesso e nos contém dentro dos limites da razão e da lei; he propriamente o *nequid nimis* do antigo oraculo.

A *moderação* rege e governa as nossas acções; faz que vamos pelo justo e direito caminho, não nos desviando para os extremos; indica-nos os limites que não devemos transgredir. A *temperança* rectifica os desvios, cohibe os excessos, reduz-nos ao caminho, á linha do dever.

Moderar, v. gr., o calor, he regular o calor, hir pouco a pouco levando-o ao ponto conveniente: *temperar* o calor he diminuil-o, abrandal-o, trazel-o ao justo.

Se as leis não são *moderadas* na imposição das penas, proporcionando-as aos delictos e aos delinquentes, torna-se forçoso, que, ou o arbitrio do juiz, ou a clemencia do Principe *tempere* muitas vezes o seu rigor, para que a justa punição não degenere em crueza.

288

Temperança – Frugalidade – Sobriedade – Parcimonia

Acabámos de dizer o que he *temperança* na sua mais ampla significação, e considerada como huma das virtudes cardeaes, que influem em todas as acções moraes do homem. O mesmo vocabulo porém se emprega algumas

vezes em sentido mais restricto e como virtude particular, que reprime todo o excesso no uso e gozo dos prazeres sensuaes, por onde vem a ser como genero, de que são especies, entre outras, a *frugalidade*, a *sobriedade* e a *parcimonia*.

A *frugalidade* reprime o excesso na quantidade e qualidade da comida. O homem *frugal* não só se limita a comer quanto basta para seu alimento, mas tambem usa sómente da comida mais simples, mais natural, e com menos artificio preparada.

A *sobriedade* reprime o excesso na quantidade e talvez na qualidade da bebida, he a *temperança* no beber.

A *parcimonia* reprime o excesso nos gastos e despezas em geral. A *parcimonia* demasiada he *escaceza*, e elevada ao ultimo grão suppõe *avareza*, e he effeito della.

289

Justiça – Equidade

Na locução vulgar oppomos muitas vezes a *equidade* á *justiça*, suppondo que a primeira modera a segunda, ou tempera o seu rigor. No diccionario de Moraes achámos a palavra *equidade* definida por *temperamento do rigor da lei, fundado em boa razão*.

Parece-nos porém que esta noção necessita de algum desenvolvimento para ser bem entendida, e para se conhecer com precisão a synonymia e differença dos dous vocabulos.

Ninguem por certo dirá que o *rigor de justiça*, que nos obriga a dar o seu a seu dono, a não usurpar os bens, ou direitos alheios, a não offender em cousa alguma os nossos semelhantes, &c., possa, ou deva ser moderado, e temperado pela *equidade*. A *equidade* e a

justiça ambas concordão unanimemente, e ambas são inflexiveis em prescrever o contrario; e d'aqui vem que os actos, que se oppõem áquella obrigação, se podem chamar, e effectivamente se chamão com igual propriedade, ora *injustos*, ora *iniquos*.

Não póde pois a maxima vulgar «que a *equidade* tempera o rigor da *justiça*» ser admittida senão quando se tracta da *justiça legal punitiva*, que impõe aos criminosos as penas correspondentes a seus crimes.

Neste caso sendo as disposições da lei muitas vezes genericas, e não sendo possivel ao legislador attender a todos os casos imaginaveis, nem calcular com exacção todas as circumstancias, que podem influir na imputação, e todos os gráos de impressão, que as penas podem fazer sobre os culpados; he forçoso muitas vezes temperar a severidade da lei regulando a applicação da pena pelos principios da *equidade*, isto he, pelas maximas e preceitos da *justiça universal*, a fim de que se tornem, quanto possivel for, proporcionadas ao gráo de malicia, que houve no crime, e não fação sobre o criminoso maior impressão do que a lei pretende.

D'onde parece colligir-se: 1.°, que a *equidade* he com effeito algumas vezes hum temperamento da *justiça legal punitiva*, e que entre estas duas expressões não ha, propriamente falando, synonymia alguma; 2.°, que a verdadeira e generica noção de *equidade* se approxima muito mais da noção de *justiça universal*, ou simplesmente de *justiça*, e que entre estes vocabulos he que devemos indagar a differença, que se pretende determinar neste artigo.

Considerando pois o nosso objecto debaixo deste ponto de vista, a *justiça* he a virtude que respeita o direito de cada hum, que dá a cada hum o que he seu e lhe pertence: a *equidade* he a virtude que desempenhando o seu proprio nome nos obriga a tractar os outros ho-

mens como nossos semelhantes e iguaes; e consequentemente a não só lhes não fazermos o mal, que não quereriamos que elles nos fizessem, mas ainda a lhes fazermos todo o bem, que quereriamos que elles nos fizessem a nós.

Assim que os limites da *justiça* são marcados de huma parte pelo direito e da outra pela obrigação rigorosa, os limites da *equidade* são marcados de huma parte pela necessidade, ou utilidade, que não dá direito rigoroso, e da outra parte pela beneficencia, que não he de rigorosa obrigação.

São vocabulos synonymos e podem usar-se indifferentemente quando se tracta de respeitar, de não offender os direitos alheios, de praticar os officios que se chamão perfeitos, porque nesse caso os preceitos da *justiça* são os mesmos que os da *equidade*, huma e outra nos impõe a mesma obrigação.

Deixão porém de ser synonymos, isto he, não se podem empregar indifferentemente quando se tracta de alliviar as necessidades dos nossos semelhantes, de fazer-lhes o bem possivel, de praticar para com elles os officios que se chamão imperfeitos, porque nesse caso a *equidade* aconselha e talvez ordena o que a *justiça* não póde mandar.

O pobre não póde, sem offender a *justiça*, apropriar-se dos bens que sobejão ao rico; o rico não póde, sem offender a *equidade*, negar ao pobre o soccorro do seu superfluo. A *justiça* conserva illesa a propriedade: a *equidade* respeita e favorece a humanidade.

Vós tendes offendido os meus direitos; a *justiça* me auctorisa a demandar de vós a competente reparação: mas se a offensa que me fizestes foi filha do erro, ou da fraqueza; se a reparação, que eu posso pretender, vos arruina e deixa na indigencia a vossa familia, &c., pede a *equidade* que eu vos tracte com indulgencia,

que eu vos remitta, ou perdôe a injuria e a reparação della, &c., &c.

290

Ouvidos – Orelhas

Ouvido he hum dos cinco sentidos do homem; he o orgão pelo qual percebemos os sons.

Orelha he a parte externa, cartilaginosa, deste orgão, á qual lhe serve como de guarda, e dirige o som ao interior.

As paredes tem *ouvidos,* dizemos nós proverbialmente, e não *orelhas:* as aves tem *ouvidos* e não *orelhas:* as mulheres trazem arrecadas nas *orelhas* e não nos *ouvidos.*

Tem a mesma differença que o *auris* e *auricula* dos Latinos.

Usâmos comtudo algumas vezes de *orelhas* em lugar de *ouvidos,* tomando a parte pelo todo, e dizemos prestar *ouvidos* ou *orelhas* attentas a hum discurso; offender os *ouvidos* ou as *orelhas* delicadas, &c.

291

Humildade – Humiliação

«A *humildade* (diz Vieira, *Sermão do Rozario,* part. 1.ª, pag. 225) he o interior da *humiliação,* assim como a *humiliação* he o exterior da *humildade.*»

A *humildade* consiste nos sentimentos habituaes da nossa alma: a *humiliação* nos actos externos com que a manifestâmos.

A *humildade* he huma virtude christãa que nos inspira o profundo sentimento da nossa fraqueza, fragilidade e

miseria, e o sincero reconhecimento de que nada bom he propriamente nosso, mas sim dom de Deos, e effeito da sua liberalidade e misericordia.

A *humiliação* está ás vezes com hum grande fundo de soberba e orgulho: outras vezes degenera em baixeza e abjecção. Quando porém nasce da verdadeira *humildade* não cahe em nenhum destes extremos, porque a *humildade* he simples e sincera, sem desigualdade e sem artificio.

292

Logica – Dialectica

Logica he a arte de pensar: *dialectica* he a arte de disputar.

Logica diz respeito ao vocabulo Grego λογος (razão): he a arte de formar a razão e de a dirigir em todas as suas operações. *Dialectica* diz respeito ao vocabulo Grego διαλέγομαι (disputar com outrem): he a arte de falar, de conversar, de conferir com outrem disputando.

A *logica* ensina-nos a rectificar as nossas idéas, a comparal-as entre si, a julgar rectamente das suas semelhanças, ou differenças, a deduzir consequencias dos nossos juizos, e firmar sobre estas consequencias outras novas combinações e raciocinios. Ensina-nos por hum methodo directo a indagar a verdade: he finalmente o instrumento de que a razão humana se serve para entrar com a possivel segurança na indagação das verdades naturaes, e não se perder nesta difficil carreira.

A *dialectica* ensina-nos a combater o erro, discutindo os seus fundamentos, disputando com quem os defende, mostrando em que elles se desvião do caminho recto, e servindo-nos disso ao mesmo tempo para estabelecermos a verdade contraria. Ensina-nos pois tambem a *dialectica,* ainda por hum modo indirecto, a indagar a ver-

dade, impugnando o erro que se lhe oppõe, e as falsas opiniões, que a desfigurão e obscurecem. He a arte de *dialogar*, de disputar interrogando, respondendo, explicando, provando, &c.: he verdadeiramente huma *arte de pelejar*, como lhe chama *Lucena*.

Logica e *dialectica* tomão-se muitas vezes promiscuamente hum pelo outro; e por certo que a arte de indagar a verdade, de a demonstrar e de refutar o erro nas discussões com os outros homens, não póde em substancia ser diversa da arte de indagar e demonstrar a verdade, e de a discernir do erro nas meditações solitarias.

Comtudo não sómente muitos filosofos tem feito differença entre ellas, considerando cada huma debaixo de seu particular aspecto, mas tambem se não póde negar, que ellas tenhão em realidade differenças notaveis, e que o seu processo e as suas regras tendão sim ao mesmo termo, mas por mui differentes caminhos.

293

Enterrar — Sobterrar

As preposições *en* e *sob*, que entrão na composição destes vocabulos, determinão bem claramente a differença de suas significações.

En-terrar he metter na terra: *sob-terrar* he metter debaixo da terra. O primeiro nem exprime nem exclue a circumstancia de ser coberto de terra o objecto que se *enterra*, o segundo suppõe positiva e expressamente esta circumstancia.

Por isso dizemos que se *enterra* huma planta, hum bacello, huma estaca, &c., e diremos que se *sobterra*, ou *enterra* o cadaver na sepultura, que se *sobterra*, ou *enterra* o thesouro para o subtrahir á rapacidade do inimigo, &c.

294

Vigia — Sentinella — Atalaia — Espia

Vigia exprime genericamente o que está desperto, com os olhos abertos e attentos, para ver e notar o que se passa.

Sentinella quer dizer *vigia* militar: he o soldado que está de *vigia* em algum posto.

Atalaia he propriamente *vigia*, ou *sentinella* posta em logar alto d'onde possa ver ao longe e descobrir o campo.

Espia he o que segue esta, ou aquella pessoa para observar de perto os seus passos, movimentos, palavras, &c., ou tambem o que anda por aqui e por ali espreitando e observando com solapada cautela o que se faz, ou o que se diz.

O pai deve ser *vigia* cuidadoso de seus filhos, o superior dos seus subditos, o pastor do seu rebanho.

A *sentinella* e *atalaia* cumprem hum dever militar e são responsaveis pelas consequencias do seu descuido.

O *espia* he, as mais das vezes, hum homem de baixos sentimentos, que, ou por curiosidade criminosa, ou por sordidos interesses, ou algum outro semelhante motivo, anda observando as acções, palavras e gestos dos outros, encobrindo com disfarce o seu verdadeiro intento, e talvez sob capa de amizade, para depois os entregar aos seus inimigos.

295

Escuro — Obscuro — Tenebroso — Caliginoso

Exprimem estes vocabulos a qualidade que attribuimos aos corpos, ou lugares, segundo os differentes gráos de falta de luz, que nelles observâmos.

Assim *escuro* he o que não he claro, o que tem, ou reflecte pouca luz.

Obscuro o que he mais *escuro*, o que não reflecte luz alguma.

Tenebroso o que he ainda muito mais *escuro*, o que está coberto de *trevas*, envolvido em profunda *escuridade*.

Finalmente *caliginoso* exprime o ultimo gráo da *escuridade*: he o lugar em que o homem anda como cego ás escuras, quasi ás apalpadellas, em que as trevas são palpaveis.

Hum lugar he *escuro* quando tem pouca luz; hum corpo he de côr *escura* quando reflecte pouca luz: hum lugar he *obscuro*, *tenebroso*, ou *caliginoso*, conforme o gráo da falta de luz, ou a espessura das trevas, que nelle se experimentão. A noite he *escura*, *obscura*, *tenebrosa*, ou *caliginosa*, debaixo das mesmas considerações, &c.

296

Solemne — Authentico

As significações destes vocabulos, consideradas sem applicação alguma particular, parece não terem entre si synonymia.

Chamâmos *solemne* o que se faz com certo apparato de ritos e ceremonias publicas, talvez com ostentação, pompa e magnificencia: neste sentido dizemos missa *solemne*, festa *solemne*, jogos *solemnes*, votos *solemnes*, &c.

Chamâmos *authentico* o que tem auctoridade e fé publica, o que foi juridicamente legalisado, o que he munido do testemunho publico, &c.; neste sentido dizemos titulo *authentico*, livro *authentico*, escripturas *authenticas*, milagre *authentico*, &c.

Como porém alguns actos, ou titulos para serem *au-*

thenticos dependem de certos ritos, ceremonias, formalidades, ou *solemnidades*, que a lei requer em sua celebração, e que em si mesmas envolvem certo apparato, por isso se confundem nesses casos os dous vocabulos, e se usão como synonymos.

Assim, por exemplo: requer a lei para a validade do testamento que elle seja approvado por tabellião publico com certas formulas; que seja por elle fechado e lacrado; que a estes actos assista hum determinado numero de testemunhas, &c. Estas formalidades, que tem alguma cousa de apparatosas, fazem que o testamento, legalmente feito, se diga *solemne*, ou *authentico*: *solemne* porque nelle se observárão os ritos (digamos assim) ordenados pela lei: *authentico* porque tem fé publica e validade legal, e esta he em parte o resultado do mesmo apparato com que foi celebrado.

Neste proprio sentido he que chamâmos *solemnidades* as fórmas, condições e circumstancias, que em alguns actos se requerem para a sua legalidade e validade.

297

Recusar – Refusar

Recusâmos alguma cousa que se nos dá, ou offerece quando a não queremos receber, quando nos escusâmos de a aceitar: e tambem *recusâmos* (no mesmo sentido, mas em frase juridica) o juiz que a lei nos offerece, mas que nos he suspeito, e a testemunha de cuja veracidade duvidâmos.

Refusar parece-nos ter muita differença de *recusar*, aindaque nem sempre se attenda a ella no uso que fazemos destes vocabulos. *Refusâmos* quando não aceitâmos o onus, encargo, ou condição penosa, que se nos quer impôr: *refusâmos* quando nos não prestâmos ao que de

nós se pretende, quando não deferimos ao que se nos pede, &c.

Assim *recusámos* o beneficio que se nos quer fazer, e *refusâmos* a batalha que o inimigo nos offerece. *Recusâmos* a dadiva, a mercê: *refusâmos* o jugo, a obrigação. *Recusâmos*, ou *refusâmos* o cargo, já como mercê, que se nos offerece, já como onus, que se nos impõe, &c.

Naquellas palavras do grande Condestavel, em Camões, cant. 4.°, est. 15.ª

«Como da gente illustre portugueza
«Ha de haver quem *refuse* o patrio marte?»

não se poderia, segundo o nosso parecer, substituir *recuse* a *refuse* sem alguma impropriedade. O mesmo dizemos do outro lugar do Poeta, cant. 10.°, est. 40.ª, aonde fala dos Parseos de Ormuz:

«... por seu mal valentes,
Que *refusam* o jugo honrado e brando.»

O Principe *refusa* a graça que se lhe pede. O magistrado *refusa* talvez ouvir o litigante, ou deferir ao seu requerimento. A natureza se *refusa* muitas vezes ás indagações do sabio, &c.

298

Distracção – Diversão – Digressão

Temos ou padecemos *distracção* quando, ou involuntariamente, ou de proposito, apartâmos, ou se aparta a nossa attenção do objecto em que deviamos, ou queriamos empregal-a, ou a tinhamos empregada.

Fazemos huma *diversão* quando de proposito distrahimos a attenção de hum objecto voltando-a para outro

diverso ou estranho, que talvez não tem com o primeiro relação alguma.

Finalmente fazemos huma *digressão* quando de pensado nos desviâmos do caminho que levâmos, ou no discurso, ou no negocio, ou no passeio, ou na jornada, apartando-nos hum pouco para outra cousa, ou para outro caminho, que não fica longe do primeiro, e que nos permitte tornar logo a elle.

Assim, que tem, ou padece *distracção* o nosso espirito quando deixa de attender, v. gr., ao objecto do seu estudo, ou da sua meditação, ás palavras do orador que está falando, aos conselhos dos amigos, &c.

Faz huma *diversão* quem de proposito se aparta, v. gr., do seu estudo para applicar-se a outra cousa; do seu assumpto para tractar hum objecto estranho a elle; dos seus negocios e cuidados para tomar alguma honesta recreação, a qual por isso mesmo se chama *divertimento*.

Faz huma *digressão* quem, por exemplo, se desvia do caminho recto que levava para ir a outro lugar que não era do seu primeiro intento, mas que lhe fica a geito e o não aparta consideravelmente da sua verdadeira e principal direcção.

A *distracção* póde ser e muitas vezes he involuntaria: a *diversão* e *digressão* sempre se fazem deliberadamente.

A *distracção* succede mais de ordinario em objectos de estudo, de reflexão, de meditação. A *diversão* e *digressão* tem lugar em discursos escriptos, ou pronunciados nos negocios da vida humana, nos trabalhos fysicos, &c.

A *distracção* finalmente nasce da inconstancia do nosso espirito: a *diversão* póde ser necessaria para alliviar o espirito, ou o corpo fatigado, ou pouco susceptivel de trabalho continuo e muito aturado: a *digressão* he ás ve-

zes conveniente, ou porque serve ao fim principal qu
nos propomos, ou porque não nos desviando muito dell
nos poupa novo trabalho na repetição do mesmo ca
minho.

299

Invencivel – Insuperavel

Vencer he alcançar vantagem no combate: *superar* h
passar por cima, passar além.

Pelo que *invencivel* he o que não póde ser vencido
suppõe peleja, ou combate, e suppõe hum contendor
quem se não dá vantagem.

Insuperavel he tudo aquillo além do que, ou por cim
do que, se não póde passar: diz-se de qualquer obstacul
que se não póde franquear, que não póde ser sobrepu
jado.

Invencivel diz-se com propriedade das cousas qu
combatem entre si: *insuperavel* das cousas que embara
ção, difficultão, encontrão, ou põem obstaculo.

Comtudo como o inimigo, v. gr., que combate com
nosco he, em certo modo, hum obstaculo que se nos op
põe, e o obstaculo, ou encontro, he como hum inimig
que temos a combater, por isso se trocão ás vezes o
dous vocabulos, e dizemos obstaculo *invencivel* e naçã
insuperavel; difficuldade *invencivel* e poder *insuperavel*

300

**Homem de bem – Homem de honra – Homem de probidade
Homem de virtude**

Homem de bem, no sentido que aqui damos a esta ex-
pressão, quer dizer o que observa exactamente as leis da
sociedade em que vive, não offendendo jámais os direitos
dos seus semelhantes, e guardando em tudo a decencia
e decoro que convem ao seu estado e condição.

Homem de honra he aquelle que ás qualidades do *homem de bem* ajunta huma certa elevação, nobreza e delicadeza de sentimentos, que repugna a toda a idéa, ou ainda sombra de baixeza, dando com isto lustre e realce a todas as suas acções. A honra póde dizer-se (segundo o pensamento e frase de hum grande escriptor) o *superfluo da alma,* que gostosamente se emprega no que he bello e generoso depois de ter praticado o que he bom e devido.

Homem de probidade he aquelle que pratica as virtudes essenciaes, que guarda escrupulosa justiça ainda nas cousas que não estão ao alcance das leis civis, que com benigna equidade submette os seus rigorosos direitos ás considerações da humanidade e da beneficencia, que procede sempre com boa fé, que tracta os outros homens com generosa indulgencia, que he exactamente fiel á sua palavra, &c., &c.

O *homem de virtude* não se differença do *homem de probidade* senão pelos principios e motivos que o dirigem e animão. O *homem de probidade* póde ser tal por indole e educação, por habito, talvez por ambição, &c. O *homem de virtude* não tem outros principios de seu proceder senão a razão, as leis, a religião; nem outro movel senão o amor da justiça, do verdadeiro bem e da propria virtude. O seu caracter essencial he a rectidão do espirito e do coração: as forças combinadas da razão e do sentimento o movem e dirigem constantemente, sem lhe permittirem desviar-se jámais do direito caminho dos seus deveres.

301

Attestar — Certificar

Quem *attesta,* ou *certifica* hum facto, mostra que está certo delle e quer que os outros o acreditem; nisto con-

vem os dous vocabulos: mas o primeiro, *attestando,* fala como testemunha, quer seja de vista, quer de ouvida: o segundo, *certificando,* fala como quem está certo do facto, sem especificar a origem da certeza.

Quem *attesta* tambem *certifica;* mas quem *certifica* nem por isso *attesta;* porque póde ter certeza do facto para o *certificar* sem ter sido *testemunha* delle para o *attestar.*

Ninguem póde hoje *attestar*, propriamente falando, os milagres de Jesu-Christo: os seus discipulos porém os *attestárão* aos primeiros fieis e á posteridade nos livros sagrados do Novo Testamento: e se necessario fosse, ou se alguem com fundamento os duvidasse, a auctoridade infallivel da Igreja nos *certificaria* a sua existencia e realidade.

302

Fugir – Evitar – Escapar – Evadir – Esquivar

Tem estes verbos huma significação commum que os faz synonymos, e consiste em que todos exprimem a acção com que nos pomos a salvo de algum incommodo, trabalho, perigo, difficuldade, &c. Differenção-se porém entre si, porque cada hum exprime differente modo desta acção.

Fugir de alguma cousa he apartar-se della alongandose, correndo para o lado opposto, não se deixando alcançar, &c. *Fugimos* do lugar contagiado; *fugimos* da terra em que habitâmos antes que seja descoberto o nosso crime; *fugimos* á justiça que nos procura, ao assassino que nos persegue; *fugimos* do tumulto do mundo para a solidão, &c.

Evitar alguma cousa he apartar-se della, desviando-se,

declinando do caminho, fazendo por se não encontrar. *Evitâmos* despezas, trabalhos, perigos, difficuldades, desviando-nos das occasiões; *evitâmos* o encontro desagradavel mudando de direcção, &c.

Escapar de alguma cousa he livrar-se della estando-lhe já nas mãos, ou proximo a isso; roubar-se ao mal que o tinha apanhado, ou que não tardaria a alcançal-o. *Escapâmos* da doença, da morte, do naufragio, da prizão, das mãos do inimigo, &c.

Evadir alguma cousa he sahir della em salvo, destra e subtilmente, com arte, com astucia, com subterfugios, com manhas. *Evadimos* a questão, a força do argumento, a difficuldade do negocio, a prohibição da lei, &c.

Finalmente *esquivar* alguma cousa he arredar-se della, ou afastal-a de si com esquivança, isto he, com desapego, com isenção, com aspereza, com desdem. *Esquivâmos* o homem mau que busca a nossa amizade; os abraços do amigo infiel; o importuno que nos persegue, &c.

303

Escapar de — Escapar a

Escapámos de hum perigo, quando estivemos mettidos nelle, e sahimos a salvamento. *Escapámos a* hum perigo, quando nos antecipámos a evital-o.

Escapou da prizão quem esteve nella e póde salvar-se; do contagio quem foi delle acommettido e recobrou saude; do naufragio quem sahio das ondas com vida, &c.

Escapou á prizão quem foi procurado para ser prezo e soube evadir as diligencias da justiça; ao contagio quem não foi tocado delle; ao naufragio quem esteve proximo a naufragar e arribou a porto seguro, &c.

304

Claro — Manifesto

Claro he o que tem luz e claridade, ou propria, ou emprestada; he o que em si mesmo tem tudo o que he necessario para poder ser visto. *Manifesto* he o que, além de ter luz e claridade, está em posição conveniente para poder ser visto; he o que está no ponto de vista accommodado á potencia visual do espectador.

O primeiro refere-se á natureza, propriedades, ou accidentes do objecto: o segundo refere-se mais especialmente á sua posição, ou situação a respeito do espectador.

O sol he *claro,* e nem sempre está *manifesto:* tem em si mesmo luz e claridade para poder ser visto; mas não está em posição propria para isso, quando, v. gr., as nuvens o encobrem, ou elle mesmo, em seu movimento, se esconde debaixo do horizonte, aonde o espectador o não póde alcançar com a vista.

A luz do dia faz *claros* todos os objectos; derrama sobre todos hum certo grão de claridade; mas nem por isso se póde dizer que todos estão *manifestos,* porque nem todos estão ao alcance da nossa vista, nem todos em posição, ou situação conveniente, para poderem ser por nós observados.

A verdade he *clara;* comtudo muitas verdades ha que não são *manifestas,* ou porque não tem sido sufficientemente desenvolvidas e collocadas em boa luz, ou porque a sua sublimidade as põe fóra do alcance dos entendimentos pouco exercitados.

A *claro* oppõe-se escuro, ou obscuro; a *manifesto* oppõe-se encoberto, occulto, ou escondido.

305

Encobrir — Occultar — Esconder

Encobrir he lançar hum veo, ou cobertura sobre o objecto, de modo que a nossa vista se não possa empregar nelle.

Occultar he não apresentar o objecto aos nossos olhos; não o deixar ver; têl-o, ou conserval-o retirado da nossa vista; não permittir que se veja.

Esconder he tirar o objecto de diante dos nossos olhos, pondo-o em lugar reservado aonde o não possamos alcançar com a vista.

As nuvens *encobrem* o sol: a figura da terra *occulta* aos habitadores da Europa as estrellas do polo austral: o sol *esconde-se* aos nossos olhos, quando no seu occaso desce abaixo do horizonte.

A escuridade da noite *encobre* os objectos: o doente *occulta* talvez ao medico a enfermidade vergonhosa: o criminoso *esconde-se*, ou *occulta-se* para não ser achado pela justiça.

Encobre a verdade quem a disfarça com estranhas apparencias, quem lança sobre ella o veo da mentira, da lisonja, da impostura, &c. *Occulta* a verdade quem a não quer declarar, quem cala o que sabe, quem não responde á pergunta, quem nega a instrucção, que se lhe pede e póde dar. *Esconde* a verdade quem a tira de diante dos nossos olhos, quem nos priva dos meios e instrumentos de que nos poderiamos servir para alcançal-a, &c.

306

Muito grande — Grandissimo

As fórmas dos adjectivos portuguezes em *issimo*, adoptadas pelos nossos escriptores desde o seculo XV, não

forão introduzidas para trazer á lingua huma abundancia esteril: erão necessarias para melhor se poderem exprimir differentes gráos das qualificações dos objectos, e para se fazer desapparecer do discurso polido a grosseira formula *mui muito*, que até então se usava no mesmo sentido.

Grandissimo pois diz mais que simplesmente *muito grande;* exprime hum gráo mais elevado na escala; e as fórmas em *issimo* correspondem ao *mui muito* dos antigos, e ao *muito muito* com que ainda hoje, na linguagem vulgar e familiar, exagerâmos as qualificações dos objectos, que são susceptiveis de differentes graduações.

Assim quando dizemos, v. gr., que tal sujeito he *muito rico*, mas que tal outro he *riquissimo*, deve entender-se que nesta segunda expressão suppomos a qualidade de rico em mais alto gráo que na primeira, significando tanto como se disseramos *mais que muito*, ou *mui muito*, ou *muito muito* rico.

Da mesma sorte se devem entender as expressões *muito douto, doutissimo; muito habil, habilissimo; muito excellente, excellentissimo;* e todas as outras semelhantes de que abunda o nosso idioma.

307

Civilidade – Polidez – Delicadeza

A *civilidade* he propriamente huma disposição habitual, que nos faz evitar no commercio da vida e no tracto com os homens, tudo o que póde offendel-os, ou desagradar-lhes.

A *polidez* acrescenta á *civilidade* o cuidado que pomos em agradar e obrigar os outros, e não só remove do tracto e commercio dos homens todo o genero de aspereza, e todas as maneiras inofficiosas, senão que se em-

penha em fazer cousas, que sejão agradaveis e dêem gosto ás pessoas com quem se tracta.

A *delicadeza* suppõe demais hum tacto fino, e huma certa penetração, que nos faz quasi adivinhar os desejos, os gostos, e até os pensamentos dos outros, para prevenirmos, quanto nos he possivel, os meios de os satisfazer e comprazer.

308

Memoria — Lembrança — Recordação — Reminiscencia

Memoria he a faculdade, que tem a nossa alma, de conservar as idéas e noções dos objectos, e de as reproduzir na ausencia delles.

Lembrança he hum dos actos desta faculdade: he quando a *memoria* nos faz presentes essas idéas e noções.

Recordação he outro acto da *memoria*, quando nós (por assim dizer) lhe pedimos conta das idéas e noções, que lhe entregâmos como em deposito: he chamar e trazer á *lembrança* o que haviamos encommendado á *memoria*.

Finalmente *reminiscencia* he ainda outro acto da *memoria*: he a *lembrança* de idéas e noções, que em tempos remotos nos forão presentes, e que em nós deixarão mui fracas e ligeiras impressões, das quaes, por isso mesmo, apenas podemos agora achar e reconhecer os vestigios; chegando ás vezes quasi a duvidar da preexistencia destas idéas no nosso espirito.

Tem *memoria* quem conserva as especies das cousas, que forão objecto de seus pensamentos, e as póde reproduzir. A *memoria* póde ser facil, ampla, tenaz, prompta, &c. A *memoria* talvez enfraquece com a idade e com a doença, e talvez se extingue de todo por indisposição do cerebro, &c.

Tem *lembrança*, ou *lembra-se* quem actualmente tem presentes, ou suscita, as especies dos objectos que já forão de seus pensamentos. A *lembrança* póde ser mais ou menos remissa, mais ou menos viva, e ás vezes he tal, que parece fazer-nos realmente presentes os proprios objectos. A vista de hum lugar excita-nos de ordinario a *lembrança* do objecto agradavel, ou desagradavel, que al avistámos a primeira vez. A *lembrança* de qualquer objecto traz quasi sempre comsigo a de outros, que com elle são ligados, ou associados, &c.

Recorda-se quem traz á *lembrança*, ou suscita as especies dos objectos que entregou á *memoria*. O homem grato *recorda-se* muitas vezes, com gosto e sensibilidade do beneficio recebido. O bom portuguez *recorda* com saudades a antiga gloria da sua patria. O orador *recorda* o discurso antes que se exponha a recital-o em publico O estudante *recorda* a lição antes de entrar na aula, &c

Tem finalmente *reminiscencia* quem se lembra mui remissamente de algum objecto que em outro tempo vio ou conheceo; quem acha em sua *memoria* alguns, quasi apagados, vestigios desse objecto. Dizem que Pythagoras ostentava ter *reminiscencia* de differentes estados, porque a sua alma tinha passado nos tempos anteactos. Alguns filosofos forão de parecer que as idéas que temos das cousas puramente intelligiveis, bem como de alguns que chamão primeiros principios, são meras *reminiscencias*; e segundo a maxima de Platão. tudo quanto parece que nós aprendemos de novo. não he, em realidade, senão *reminiscencia*, &c.

309

Enseada — Golfo — Bahia

Enseada refere-se propriamente á curvatura das praias ou ribeiras do mar, a qual faz huma especie de arco, ou

seio, em que entrão as agoas. Lucena, liv. 1.°, cap. 13.°: «Fazendo a costa hum grande arco, a que chamâmos *enseada* de Bengala».

Golfo refere-se mais particularmente á grande massa das agoas do mar, que entrão na *enseada* e enchem aquelle seio, que lhe abrem as terras, offerecendo talvez, com sua maior profundidade e quietação, commodo jazigo aos navegantes.

Bahia he propriamente a bôca estreita da *enseada*, por onde entrão as agoas do mar; o porto, que a *enseada* faz com as extremidades do arco, pelo qual entrão os navios para se porem em segurança.

São mui conhecidas dos geografos as *enseadas* de Bengala, de Cambaya, os sinos persico e arabico, que Lucena chama *duas grandes enseadas* do mar oceano; os *golfos* de Veneza, de Leão; as *bahias* de Toulon, de Cadiz, e a grande *bahia* que deo o nome á cidade de S. Salvador no Brazil, &c., &c.

310

Eterno — Perpetuo

Eterno toma-se muitas vezes por *sempiterno*, significando o que não teve principio, nem ha de ter fim: neste sentido dizemos que Deos he *eterno*, que o mundo não he *eterno*.

Toma-se outras vezes em sentido mais restricto, significando o que não ha de ter fim, aindaque tenha tido principio: neste sentido dizemos que o espirito do homem ha de existir *eternamente;* que os premios e penas da vida futura hão de ser *eternos*.

Nesta segunda accepção confunde-se talvez *eterno* com *perpetuo*, attendendo-se tamsómente á idéa commum de durar sempre, em que ambos os vocabulos convem e são synonymos. Ha comtudo entre elles huma notavel diffe-

rença, que não permitte empregal-os sempre indifferentemente.

Eterno he o que ha de durar sempre; mas este *sempre* he absoluto, sem limite, sem fim: *perpetuo* he tambem o que ha de durar *sempre*, mas este *sempre* admitte certos limites; *sempre* até o fim dos tempos; *sempre* até o fim do tempo, ou duração propria do objecto de que se tracta; *sempre*, em geral, até o fim do tempo determinado pela natureza, pelas leis, pelo costume dos homens, &c.

Assim tal pessoa promette ao seu bemfeitor gratidão *perpetua*, tal outra contrahe huma obrigação *perpetua*, isto he, emquanto lhe durar a vida, até o fim della. O matrimonio he hum contracto *perpetuo*, isto he, até o fim da vida de qualquer dos contrahentes. As pyramides, obeliscos, estatuas, &c., são monumentos *perpetuos*, isto he, até se gastar o marmore, ou bronze de que forão construidos, &c., &c.

311

Perpetuo — Perenne

Acabámos de determinar a verdadeira noção de *perpetuo*. *Perenne* convem com elle na idéa commum de durar sempre; mas ajunta a esta idéa a de huma acção continuada, ou continuamente renovada.

Hum monumento he *perpetuo* pela sua duração, e póde dizer-se *perenne*, porque a cada instante está attestando o facto em cuja memoria se erigio. Os movimentos dos astros são *perpetuos* e *perennes* (*stellarum perennes, atque perpetui cursus*, diz Cicero); *perpetuos*, porque hão de durar emquanto durar a ordem do mundo; *perennes*, porque hão de durar em acção continua, incessantemente, sem interrupção. Tambem dizemos fonte *perenne*, manancial *perenne*, e não *perpetuo*; porque

neste caso attendemos mais particularmente ao fluxo continuo da agoa, do que á *perpetuidade* da sua duração.

Vãamente he o Latim *vane:* exprime, como os outros adverbios, o modo, ou maneira com que a cousa se faz; refere-se ao effeito immediato da acção.

Em vão he o Latim *in vanum:* refere-se, segundo a força da preposição, ao fim ulterior da acção, ao fructo que della se pretende tirar, ao termo a que ella se dirige.

Por onde trabalhar *vãamente* he trabalhar sem fazer obra, ou sem fazer a obra que se quer e pretende fazer: trabalhar *em vão* he não alcançar o termo, não conseguir o fim a que essa obra se dirige.

312

Vãamente – Em vão

Vãamente se gloria o homem de ter muitos amigos, sendo elles tão raros no mundo: e *em vão* confia que os achará favoraveis na adversidade.

«Se o Senhor não edificar a caza, *em vão* trabalhão os que a edificão.» Neste lugar do Psalmo 126.º nem o texto diz *vane*, nem nós devemos traduzir *vãamente;* vistoque os edificadores effectivamente levantão o edificio, e só não conseguem o fim do seu trabalho; fazem obra, mas obra inutil e sem proveito.

313

Corrompido – Depravado – Pervertido

Corrompe-se, ou está *corrompida* huma cousa, quando se lhe tem introduzido algum vicio, ou se lhe tem tirado algum elemento necessario á sua conservação, ou se tem

rompido e alterado a união e harmonia natural dos seus principios.

A mudança que d'aqui resulta faz que a cousa se torne má no seu genero, e então dizemos que está *depravada*. A *depravação* he huma consequencia da *corrupção*.

A cousa *depravada* com facilidade passa a perverter-do, e quasi vem a totalmente mudar de natureza: neste ultimo grão de *corrupção*, dizemos que a cousa está *pervertida*, isto he, desnaturada, transformada em huma cousa contraria á sua primeira natureza.

Huma substancia, ou confeição medicinal começa por *corromper-se*, alterando-se em seus elementos: torna-se *depravada*, isto he, má, impropria para o seu fim, e talvez nociva: e acaba por *perverter-se* de todo, servindo mais de peçonha que de medicamento.

No sentido moral, os maus exemplos, os maus conselhos e os maus principios *corrompem* a mocidade, a qual, huma vez desviada do caminho da virtude, se *deprava* e torna viciosa; e por ultimo chega a *perverter-se* de todo, perdendo até os sentimentos proprios da humanidade, seguindo huma vida totalmente alheia da razão, tornando-se hum verdadeiro monstro.

314

Cenotafio — Tumulo — Mausoleo

Cenotafio he o monumento vazio. elevado á memoria de algum varão illustre defuncto.

Tumulo he o monumento elevado á memoria de algum varão illustre defuncto no logar aonde repouzão as suas cinzas.

Mausoleo he o *tumulo*, ou *cenotafio*, elevado com grande magnificencia, ostentação e riqueza.

Por onde se vê que os tres vocabulos convem entre si

em huma idéa commum; porque todos significão o monumento elevado á memoria de algum varão illustre defuncto: differenção-se porém, porque *tumulo* suppõe o proprio lugar em que está sepultado o corpo, ou em que jazem as cinzas do defuncto: *cenotafio* exclue esta idéa; he hum monumento vazio, meramente honorario: «estes foram (diz Lucena, liv. 3.°, cap. 5.°), os que os Gregos chamavam *cenotaphia*, que quer dizer *moimentos vazios*, e os Latinos *sepulchra honoraria*»; *mausoleo* suppõe ostentação e magnificencia em honra de pessoa mui notavel: he nome derivado do grandioso e esplendidissimo tumulo, elevado por Artemisa á memoria de Mausolo, rei de Caria, seu marido.

315

Observação – Experiencia

No sentido scientifico, fazemos huma *observação*, quando vemos e examinâmos attentamente algum, ou alguns dos fenomenos, que a natureza espontaneamente nos offerece nas suas operações. Fazemos huma *experiencia*, quando por industria e artificio nosso preparâmos e promovemos a existencia desses fenomenos, isto he, os fazemos apparecer, obrigando, em certo modo, a natureza a nos revelar os seus segredos.

O astronomo, por exemplo, faz huma *observação*, quando olha attentamente para o ceo, ou para algum dos grandes corpos que o povoão, a fim de notar, examinar, conhecer os seus movimentos, grandezas, posições, distancias, aspectos, &c.

O chimico faz huma *experiencia*, quando mistura duas, ou mais substancias, e as expõe á acção do ar, do fogo, da agoa, &c., para notar o que dellas resulta e obter assim o conhecimento, que a natureza lhe não offereceria se não fosse sollicitada por esse artificio.

Pela *observação* ouvimos e escutâmos as lições da natureza: pela *experiencia* interrogâmos a natureza, e a forçâmos a responder-nos, a desenvolver-se, a revelarnos os seus segredos.

A *observação* deo nascimento a muitas artes: a *experiencia* as tem adiantado, e cada dia as aperfeiçoa.

Os meteoros, os eclipses, a vegetação das plantas, a geração dos animaes, &c., são objectos da *observação:* os fenomenos da electricidade, do magnetismo, do galvanismo, da maquina boyleana, &c., são resultados da *experiencia.*

No sentido vulgar he mui conhecida a differença destes vocabulos. *Observâmos* o que se passa fóra de nós, os fenomenos, ou factos que nos são estranhos, ou temos por taes: *experimentâmos* o que se passa em nós, os factos, ou fenomenos que nos tocão immediatamente, que se referem a nós, cujas impressões sentimos, &c. *Observâmos* que certos vicios são mui ordinarios nos homens de certas classes, e talvez *experimentâmos* isso mesmo, quando tractâmos com elles. *Observâmos* que as nuvens mais densas e mais baixas dão ordinariamente chuva: *experimentâmos* que a chuva do norte he muito mais fria que a do sul, &c.

Neste mesmo sentido dizemos que o homem aprende muito pela *observação* e *experiencia:* que a *experiencia* he grande mestra do saber viver: que sem *experiencia* dos negocios se não podem bem desempenhar certos cargos publicos, &c.

316

Estrangeiro — Estranho

Estrangeiro he tudo o que não he da nossa terra, da nossa patria, nação, ou gente.

Estranho he tudo aquillo que nos he desconhecido:

que nos não he familiar, a que não estamos acostumados; tudo o que nos he novo, extraordinario, alheio, desusado, &c.

Hum homem he para nós *estrangeiro*, quando he de outra nação; e he *estranho*, quando nunca o vimos; quando não temos tido com elle conversação, tracto, familiaridade, &c.

Hum traste he *estrangeiro* quando he fabricado fóra do reino, e por officiaes, que não são nossos compatriotas: hum trajo he *estranho* quando he alheio de nossos costumes, quando o não temos visto usado, &c.

Lucena, liv. 4.º, cap. 6.º, falando dos Portuguezes, diz que a respeito dos Mouros de Ternate, erão gente «tão *estranha* nos costumes e religião, quam *estrangeira* na terra e natureza».

317

Beatificação — Canonisação

São termos de Jurisprudencia ecclesiastica, e ambos exprimem, segundo a actual disciplina da Igreja, o acto da auctoridade pontificia, pelo qual huma pessoa de virtude eminente, e dotada do dom de milagres, he posta, depois da morte, no catalogo dos bemaventurados.

Mas pela *beatificação* declara o Papa, que a pessoa *beatificada* póde ser venerada em publico sem superstição; que o culto que se lhe der não he reprehensivel, nem por elle se incorre em censura, ou pena alguma ecclesiastica.

Pela *canonisação* declara o Papa, que a pessoa *canonisada* deve ser tida e venerada como tal em toda a Igreja, e por todo o povo catholico.

Pela *beatificação* permitte-se dar culto publico á pessoa *beatificada*. A *beatificação* he como graça particular,

concedida a huma communidade, corporação, ou igreja que a sollicita.

Pela *canonisação* ordena-se a toda a Igreja catholica venerar e dar culto ao santo *canonisado*. A *canonisação* he como lei geral, que obriga a todos os fieis.

318

Indicar — Designar

Convem estes vocabulos na sua significação generica, pela qual exprimem a acção com que intentâmos fazer conhecer, ou dar a conhecer algum objecto; e distinguem-se pela sua significação especifica, porque cada hum delles exprime differente modo de dar a conhecer o objecto de que se tracta.

Indicar he dar a conhecer apontando, mostrando com o dedo, ou com a mão: *designar* he dar a conhecer por sinaes, notas, ou caracteres.

Os numeros que se vêem sobre o mostrador de hum relogio *designão* as horas: o ponteiro as vai successivamente *indicando* no seu movimento.

Certas linhas nas cartas geograficas *indicão* os caminhos, as estradas, as correntes dos rios, &c. Certos outros sinaes *designão* as cidades, villas, lugares, igrejas, pousadas, &c.

O *indice* de hum livro *indica* o lugar em que se ha de procurar cada materia: as bandeiras dos navios *designão* a nação a que pertencem.

No meio de huma multidão de gente *indicâmos* certa pessoa, que queremos dar a ver, ou a conhecer, apontando para ella, mostrando-a com o dedo, com a mão, ou por outro semelhante modo: se essa pessoa porém não está em posição de ser assim *indicada, designâmol-a,* ou

damol-a a conhecer por sinaes, ou caracteres que lhe sejão proprios, &c.

319

Emprehender — Entreprender

Emprehender he determinar-se alguem a fazer alguma cousa, começal-a; e diz-se quasi sempre das acções grandes, das que encerrão difficuldade, ou perigo, das que são importantes e laboriosas, &c. Neste sentido dizemos *emprehender* a conquista de Africa; o descobrimento de novos mares e novas terras; *emprehender* huma viagem longa e arriscada; *emprehender* a fundação e edificação de huma nova cidade, &c.

Entreprender, ou *enterprender*, he acommetter de improviso, sobresaltear, tomar por *entrepreza*, isto he, por huma acção militar subita e imprevista, huma praça, huma fortaleza, huma cidade, &c.

Por onde se vê que não são synonymos estes vocabulos, nem aqui terião lugar, se os não vissemos algumas vezes usados, como taes, por escriptores aliás doutos, confundindo-se (ao que parece) as suas significações pela semelhança material dos vocabulos, bem como, tambem ás vezes se confundem *perseverar* com *preservar*, e *alvoroço* com *alvoroto*.

320

Arte — Mister

Todo o *mister* he *arte;* mas nem toda a *arte* he *mister*.

Ha pois na significação destes vocabulos huma idéa que he commum a ambos; mas distinguem-se pela idéa

especifica, que he propria de hum só. Em summa distinguem-se entre si como genero e especie.

Arte he o genero: quer dizer toda a obra manual que se faz por preceitos e regras; *mister* he a especie: quer dizer toda a obra manual que se faz por preceitos e regras, em objectos, que dizem respeito ás necessidades mais indispensaveis da vida social e civil. Assim a pintura, a esculptura, a arquitectura, a musica, &c., são *artes;* a padaria, a carpintaria, a ferraria, a çapataria, &c., são *misteres.*

D'aqui parece resultar outra differença notavel entre *arte* e *mister;* e vem a ser, que a primeira não tendo por fim satisfazer as necessidades indispensaveis da vida, mas sim concorrer para o agrado e prazer, tambem não tem estimação e valor, senão quando se exercita em hum certo gráo de perfeição, e por isso requer conhecimentos, instrucção, e talvez genio no artista: ao mesmo passo que o *mister,* como necessario ás commodidades indispensaveis da vida, he mais dependente do trabalho mecanico que da invenção, talento, ou genio; he exercitado por muitos, e contenta-se com a simples pericia pratica do artifice.

Esta parece ser a differença que ha entre *artes* liberaes e mecanicas, sendo as primeiras propriamente *artes,* ou *bellas artes,* e as segundas *artes mecanicas,* ou *misteres.* Os que exercitão as primeiras chamão-se *artistas;* os que exercitão as segundas *artifices.*

Huns e outros se dirigem nos seus trabalhos por preceitos e regras: mas o *artista* aprende-as scientificamente, e deve ser instruido em todas as materias historicas e filosoficas, que se requerem para o bom desempenho da sua *arte.* O *artifice* póde exercitar, e ordinariamente exercita o seu *mister* com o só conhecimento pratico das regras e preceitos, com a só pericia adquirida pelo uso e exercicio.

321

Belleza — O bello

Belleza he hum vocabulo abstracto: pertence á linguagem da metafysica. *O bello* he hum vocabulo concreto: pertence á linguagem das bellas artes.

Belleza exprime a noção abstracta e generica de huma qualidade, que compete a todos os objectos da natureza, ou da arte, a que chamâmos *bellos*. *O bello* exprime o typo ideal que o artista tem formado em sua fantasia, e que lhe serve de modelo, ou exemplar para a execução de suas producções. He a *belleza* (digamos assim) personificada, despojada de todos os defeitos, e levada ao mais alto gráo de perfeição.

Porém a noção metafysica de *belleza*, derivada da contemplação dos objectos naturaes, ou artificiaes, que nos são conhecidos, he varia, depende de condições, e he o resultado da comparação que o nosso espirito faz entre esses mesmos objectos. E d'aqui vem a variedade, que se encontra nos differentes seculos, nas differentes nações, e até nos differentes individuos da mesma nação, quando julgão da *belleza* de qualquer objecto.

Pelo contrario *o bello*, o typo ideal da *belleza*, tende (se assim podemos dizel-o) ao *bello* absoluto, ao *bello* immudavel e essencial, que não depende de condição alguma, que não he propriamente o resultado de nossas comparações; que he o mesmo em todos os tempos e em todos os povos, e que seria o mesmo em todos os individuos, se todos elles fossem capazes de tão sublime concepção.

Em summa, a noção de *belleza* he obra puramente intellectual: o *typo do bello* he obra do genio, da inspiração, do enthusiasmo.

Ha muitos outros vocabulos respectivamente analogos, que tem entre si a mesma differença, e confirmão e illustrão a nossa explicação. Taes são, por exemplo, a *justiça*, o *justo*, a *utilidade*, o *util*.

Justiça e *utilidade* exprimem os conceitos metafysicos destas duas qualidades, os quaes de nenhum modo se podem confundir. O *justo* porém e o *util* exprimem o seu typo ideal, o seu modelo essencial e immutavel; exprimem o *verdadeiro justo*, o *verdadeiro util*. D'onde vem, que sendo tão differentes entre si as noções abstractas de *justiça* e de *utilidade*, comtudo *o justo* e *o util* se confundem de algum modo, não havendo cousa alguma *verdadeiramente justa*, que não seja *util;* nem cousa alguma *verdadeiramente util*, que não seja *justa*.

322

Rejeitar — Engeitar

He hum pouco subtil a differença que notâmos entre estes dous vocabulos: mas parece-nos que *rejeitar* he repellir, talvez com rudeza, a offerta que se nos faz; lançal-a (se assim podemos expressar-nos) contra quem nol-a faz. *Enjeitar* he lançar de nós com desamor, com despeito, com desagrado, o objecto que já tinhamos em nosso poder, que já tinhamos aceitado, ou que estava á nossa disposição.

Rejeitâmos o cargo que se nos offerece, e que temos em pouca conta; o conselho, que nos desagrada; o favor, que nos humilha; a condição dura e intoleravel, que se nos impõe, &c.

Enjeitâmos o filho, que não queremos reconhecer; *enjeitâmos* ao vendedor a fazenda, que achâmos adulterada; *enjeita o infeliz a esperança de ser contente* (Palmeirim, tom. 1.º, pag. 35), &c.

323

Convenção — Pacto — Contracto — Tratado

Convenção he propriamente a acção de duas, ou mais pessoas, que convem entre si em alguma cousa, que se ajustão e concordão nella; mas toma-se tambem pelo effeito desta acção, pelo proprio ajuste; e neste sentido he termo generico, applicavel a todos e quaesquer casos, em que o ajuste póde ter lugar.

Pacto he a *convenção*, de que resultão direitos e obrigações naturaes, reciprocas.

Contracto he termo da Jurisprudencia civil, e refere-se a certas especies de *convenção*, ou ajuste, de que resultão direitos, obrigações e acções civis, e a que o mesmo Direito prescreve fórmas e dá nomes especificos. Taes são a compra e venda, a locação, o commodato, o deposito, a sociedade, &c.

Tratado finalmente he a *convenção*, ou ajuste entre dous Estados, ou Principes soberanos, lançado por escripto.

324

Carecer — Necessitar — Precisar

Carecer de huma cousa he simplesmente não a ter: *necessitar* he *carecer*, sentindo falta, havendo mister, não escusando: *precisar* he ter necessidade precisa e indispensavel, talvez urgente.

O animal bruto *carece* de razão: o homem *necessita* de alimento, e *precisa* de huma certa quantidade de pão cada dia.

Muitos homens *carecem* de estudos e instrucção, mas alguns *necessitão* de os ter para fazerem hum papel de-

cente no mundo, e todos *precisão* dos que são indispensaveis ao seu estado e profissão.

325

Tristeza — Tristura

A terminação em *eza*, n'hum grande numero de vocabulos portuguezes, exprime a noção abstracta da qualidade. Assim, por exemplo, *barateza* exprime a qualidade do que he barato; *firmeza*, a qualidade do que he firme; *careza*, do que he caro; *dureza*, do que he duro; *singeleza*, do que he singelo; *aspereza*, do que he aspero, &c., &c.

A terminação em *ura*, em outro grande numero de vocabulos portuguezes, exprime o effeito, o resultado de alguma acção, operação, trabalho, &c. Assim o effeito do escrever he a *escriptura;* do criar, a *criatura;* do queimar, a *queimadura;* do misturar, a *mistura;* do pintar, a *pintura;* do curvar, a *curvatura*, &c., &c.

Pelo que *tristeza* exprime a qualidade, que faz o homem triste; o affecto, paixão, ou estado da alma, a que damos este nome: *tristura* parece que se refere mais propriamente aos effeitos desta paixão, e que envolve, com particular energia, os sinaes externos que a acompanhão; significando huma *tristeza* pesada, intima, profunda, que se manifesta fortemente no semblante, e em todo o habito da pessoa.

326

Continuar — Proseguir — Perseverar — Persistir

Continuar he hir fazendo o que se começou a fazer; não interromper a obra, ou o trabalho; não o descontinuar.

Proseguir he propriamente seguir avante, hir sempre andando após: por onde parece suppor alguma reflexão e determinado proposito em quem *prosegue;* ao mesmo tempo que o *continuar* póde ser mero effeito do habito e costume de fazer a cousa, que se *continúa.*

Perseverar he *proseguir* não só com determinado proposito, mas até sem querer mudar, ou antes com animo de não mudar.

Persistir he *proseguir* com constancia, com apego, com afinco, e talvez com obstinação. *Persistir* envolve huma idéa propria, que se refere ao fysico, e exprime tanto como estar firme, immovel no mesmo lugar (do Latim *persisto).*

Continúa o artifice o seu trabalho: *prosegue* o litigante a causa que intentou: *persevera* o homem probo no caminho da virtude: *persiste* o teimoso e obstinado nas suas opiniões, nos seus projectos, nos seus planos, nos seus procedimentos.

Continuar e *proseguir* confundem-se muitas vezes no discurso ordinario, porque a differença, que entre elles ha, he pouco notavel, e talvez escapa á observação. *Perseverar* e *persistir* tambem ás vezes se confundem; mas *perseverar* parece mais proprio quando se fala das acções e procedimentos moraes, e quasi sempre se toma em bom sentido: *persistir* parece mais applicavel ás opiniões e ao estado da vontade, e toma-se muitas vezes em mau sentido.

327

Presumpção — Conjectura

Presumpção (do Latim *prae-sumere,* tomar antecipadamente) he a opinião que temos, ou o juizo que fazemos a respeito de qualquer objecto, antecipando-nos ao perfeito conhecimento da verdade, isto he, antes de

termos fundamentos bastantes para huma inteira convicção.

Conjectura (do Latim *conjicio*, lançar, arremessar) he o juizo arremessado, quasi aventuroso, que fazemos a respeito de qualquer objecto; he, em frase popular, como quando nos botâmos a adivinhar.

O nosso espirito nunca julga sem alguns fundamentos: mas quando *presumimos*, he com fundamentos provaveis, discorrendo sobre factos certos, sobre verdades conhecidas, tirando consequencias, &c.: quando *conjecturâmos* he sobre simples apparencias, ou meras verosimilhanças, sinaes, analogias remotas, formando talvez combinações e supposições arbitrarias, &c. *Conjectura* tem algum quanto de prognostico ou adivinhação: he, segundo a frase de Quintiliano, huma certa direcção do nosso espirito para a verdade, com alguma cousa de casual; he huma especie de tino, ou instincto da razão. Hum antigo proverbio grego diz que o melhor adivinhador he o que melhor possue a arte de conjecturar.

Mata-se hum homem. A pouca distancia encontra-se outro homem, inimigo reconhecido do morto, espada ensanguentada na mão, rosto pallido, aspecto de perturbação e agitação, fugindo do lugar do delicto, &c. Destas circumstancias resulta huma vehemente *presumpção* de que este homem foi o homicida.

Faz-se hum roubo. Ha na vizinhança hum homem pobre, ocioso, atrevido, mal avaliado do publico, &c. Póde *conjecturar-se*, mas não *presumir-se*, que fosse este o roubador; porque os motivos do juizo são, neste caso, meras verosimilhanças, que não tem relação alguma directa com o crime, nem chegão a fazer ao menos provavel a imputação.

No primeiro caso deverá o juiz proceder contra o *presumido* matador, e obrigal-o a purgar-se dos indicios que o accusão; no segundo caso seria huma iniquidade exigir

outro tanto do *conjecturado* roubador, sem apparecerem contra elle mais bem fundamentados argumentos.

328

Mostras de amizade — Testemunhos de amizade

A *mostra* (dissemos nós no artigo 148) faz ver o objecto, aindaque não na sua totalidade; dá a ver huma parte delle, talvez a parte meramente exterior, as apparencias.

O *testemunho* he hum meio de estabelecer a verdade do que se attesta; he huma especie de prova, que serve a fazer-nos conhecer a verdade.

Consistindo pois a substancia da amizade nos sentimentos do coração, que sómente se podem provar por actos externos; *mostras* e *testemunhos* de amizade não podem ser outra cousa senão esses mesmos actos, e n'isto consiste a synonymia dos dous vocabulos; mas ha entre elles esta differença, que as *mostras* são actos, que apresentão (digamos assim) as apparencias, os exteriores da amizade, e não são intima e necessariamente ligados com ella; os *testemunhos* são tambem exteriores de *amizade;* mas taes, que a attestão, dão provas della, são mais ligados com ella, e talvez a certificão.

As maneiras agradaveis, as palavras obsequiosas e lisongeiras, hum acolhimento benevolo, &c., são *mostras de amizade*. Os bons officios, os serviços uteis, os conselhos acertados em negocio importante, o auxilio e soccorro na necessidade, ou na desgraça, &c., são *testemunhos de amizade.*

Hum falso amigo póde dar-nos talvez *mostras de amizade:* os *testemunhos* della porém sómente do verdadeiro amigo os podemos esperar.

329

Invejar — Ter inveja

Deve fazer-se differença no uso destas expressões: *invejar* tem significação activa; *ter inveja* tem significação neutra: *invejar* refere-se ás cousas; *ter inveja* ás pessoas.

Invejámos os bens, a fortuna, os empregos de alguem; *temos inveja* a alguem dos seus bens, dos seus empregos, da sua fortuna.

Não diremos com propriedade que Cezar *invejava* Alexandre; mas sim que *invejava* as conquistas e a gloria de Alexandre; ou tambem que *tinha inveja* a Alexandre das suas conquistas e da sua gloria.

330

Morto — Defuncto — Finado

Empregão-se estes tres vocabulos para significar o homem, que cessou de viver: esta he a sua synonymia. Mas cada hum delles exprime por differente modo a mesma idéa; e nisto consiste a sua differença.

Morto he o termo proprio, com que significâmos precisamente o estado de hum ser, que deixou de ter vida; e por isso se diz genericamente não só do homem, mas tambem dos animaes brutos, e ainda de outros seres, em que considerâmos vida. Assim dizemos homem *morto*, animal *morto*, planta *morta*, fogo *morto*, &c.

Defuncto e *finado* são termos figurados, que empregâmos, por eufemismo, em lugar de *morto*, mas sómente falando do homem, e como para disfarçar a idéa triste e desagradavel, que nos excitaria o termo proprio. Assim

dizemos, á maneira dos Latinos, *defuncto,* isto he, o que *passou o tempo da vida; finado,* isto he, o que *fez fim.*

331

Cuidadoso – Diligente – Sollicito – Desvelado – Ancioso

Exprimem estes vocabulos, ao que parece, a gradação ascendente do cuidado e attenção, que damos a algum negocio, ou cousa de que tractâmos, e que muito nos importa. Neste cuidado e attenção consiste a sua synonymia; os differentes gráos porém que cada hum exprime constituem a sua differença.

Cuidadoso he o primeiro gráo desta escala. O homem *cuidadoso* tracta do negocio sem se esquecer delle; tem-no presente ao espirito; não omitte algum dos passos que se requerem, e ordinariamente se dão, para o ultimar.

O homem *diligente* he *cuidadoso* com estudo, com applicação, com exacção: inquire todos os meios adequados ao fim que se propõe, escolhe os melhores, e não dilata o emprego delles.

O homem *sollicito* he *cuidadoso* com instancia e assiduidade, talvez com inquietação e pena.

O homem *desvelado* he *cuidadoso* com continua vigilancia; não dorme, nem descança, emquanto não consegue o seu fim.

O homem *ancioso* finalmente he *cuidadoso* com agitação, com afflicção, com ancia.

332

Misturar – Confundir

Misturar he ajuntar muitas cousas em huma só; fazer de muitas substancias hum só composto; de muitas cou-

sas hum só todo. *Misturão-se* os metaes quando se ligão; *misturão-se* differentes farinhas para fazerem huma só massa; differentes drogas para fazerem hum só medicamento, &c. E no sentido figurado, *misturão-se* em hum espectaculo publico homens e mulheres, velhos e meninos, fazendo hum só ajuntamento, huma só massa (digamos assim) de povo: a totalidade da nossa vida he huma *mistura* de bens e males, de dores e prazeres, de commodos e incommodos, &c.

A *mistura* não impede que possamos algumas vezes distinguir, e até separar, os differentes objectos, que se *misturarão:* outras vezes porém elles ficão de tal modo unidos e compenetrados, que seria impossivel, ou mui difficultoso, distinguil-os e separal-os.

Neste segundo caso existe a *confusão*. *Confundir*, no sentido fysico, he derreter, fundir juntamente dous, ou mais metaes, o ouro e a prata, o chumbo e o estanho, &c., os quaes consolidando-se depois em huma só massa, nem se podem distinguir, nem admittem facil separação.

Deste sentido fysico trazemos o vocabulo para o sentido moral com analoga significação, e chamâmos, v. gr., *confusão*, ou ajuntamento *confuso* de povo, aquelle em que não ha ordem, nem distincção de classes, de sexos, de idades, &c. Dizemos que he de entendimento *confuso* quem não sabe distinguir as suas idéas, nem classificar e pôr em ordem os objectos dellas. Dizemos que em huma conferencia reina a *confusão*, quando todos falão ao mesmo tempo, e se não póde distinguir qual seja o voto de cada hum, &c.

Assim que *confundir* exprime mais que *misturar: confusão* acrescenta alguma cousa á idéa de *mistura*, e até ás vezes a qualifica; e por isso dizemos *mistura confusa*, e não podemos dizer *confusão misturada*.

A *misturar* oppõe-se *separar:* a *confundir* oppõe-se propriamente *distinguir*.

333

Matar — Assassinar

Matar quer dizer precisamente tirar a vida, ou dar a morte a hum ser vivo. He termo generico, e não especifica nem o ser a que se tira a vida, nem nenhum dos muitos modos por que se póde dar a morte. *Mata-se* o animal bruto; *mata-se* tambem o homem, em guerra, ou fóra della; de proposito, ou por casualidade; a ferro, ou a tiro, ou com pancadas; por auctoridade publica, ou privada, &c.

Assassinar he huma especie incluida naquelle termo generico: he *matar* o homem injusta e violentamente, á traição, cahindo de improviso sobre a pessoa que se quer matar, e acommettendo-a ordinariamente com ferro, ou a tiro.

Assassinar he sempre hum crime atroz: *matar* póde nem ser crime, e em verdade o não he, quando o soldado *mata* o inimigo na guerra; quando o executor da justiça *mata* o criminoso condemnado á morte, &c.

334

Prodigio — Milagre — Maravilha

Damos o nome de *prodigio* a hum facto que parece não pertencer ao curso ordinario das cousas, e por isso mesmo se toma talvez como prognostico de acontecimentos felices, ou infelices.

Damos o nome de *milagre* a hum facto contrario á ordem natural das cousas, e ás leis conhecidas do universo, o qual sómente póde ser produzido por hum poder superior ás mesmas leis.

Damos o nome de *maravilha* a hum facto não vulgar, que excede a nossa expectação, e talvez a nossa propria imaginação, e que por isso grandemente nos admira.

A apparição de hum cometa, ou de algum novo corpo celeste, o eclipse do sol, ou da lua, a aurora bureal, &c.. erão em outro tempo, e são ainda hoje *prodigios* para o homem ignorante, a quem taes fenomenos parecem fóra do curso ordinario dos acontecimentos naturaes.

A resurreição de hum morto he para todo o homem sensato hum *milagre;* porque visivelmente se oppõe ás leis conhecidas da natureza, que só a Omnipotencia póde alterar, suspender, ou dispensar.

A subida de hum homem aos ares por meio de hum balão aerostatico foi ao principio huma *maravilha*, que excitou a admiração geral, até dos sabios, a quem não erão desconhecidas as leis fysicas, que dirigirão o inventor.

Pelas explicações que damos destes vocabulos he facil ver, que elles são relativos, isto he, que hum fenomeno póde parecer *prodigioso, maravilhoso,* ou *milagroso* a huns, sem merecer essas qualificações a outros.

O vulgo ignorante tem como *prodigio* tudo o que não he frequente, tudo o que he raro e que não succede todos os dias. Dá o nome de *milagre* a qualquer effeito extraordinario, cuja causa lhe he desconhecida; e *maravilha-se* á vista da obra da arte, que elle não sabe apreciar, mas que lhe parece superior em perfeição a tudo o que tem visto no mesmo genero.

Houve tempo em que o abusivo emprego destes vocabulos parece que se estendeo até aos homens doutos e instruidos, e principalmente aos poetas, postoque em differente sentido. Tudo então erão *prodigios* de formosura, de belleza, de graça; *milagres* de valor, de generosidade, de liberalidade; *maravilhas* da natureza, da industria, do saber, &c.

O progresso das sciencias e das artes tem corrigido o primeiro abuso em parte; e o conhecimento da verdadeira eloquencia, e das regras de bem escrever, tem emendado o segundo.

Hoje não duvidaremos qualificar de *prodigiosos* alguns fenomenos raros, sem comtudo suppormos que elles sejão prognosticos de successos faustos, ou infaustos.

Reconhecemos a possibilidade e existencia de *milagres;* mas, exceptuando aquelles, que são attestados nas escripturas canonicas, em todos os mais requeremos provas superiores a toda a excepção, e capazes de fundamentar a nossa convicção em tal materia.

Ultimamente não duvidámos chamar *maravilhas* da natureza, ou da arte, aquellas que pela sua raridade, perfeição, formosura, ou singular artificio merecem esse nome, e justamente excitão a nossa admiração.

Na linguagem dos escriptores sizudos tambem se devem empregar os mesmos vocabulos com igual temperança, desprezadas as ridiculas e affectadas hyperboles do gongorismo, com que no seculo XVII se aviltarão estas e outras expressões, aliás destinadas para significarem objectos dignos da nossa admiração.

335

Ceo — Paraizo — Bemaventurança

Dizemos que as almas justas, depois da morte, sobem ao *ceo;* são levadas ao *paraizo;* vão para a *bemaventurança;* por onde se vê, que todos os tres vocabulos são synonymos, emquanto genericamente exprimem o lugar, que compete aos homens justos, depois da morte. Notemos ora as suas differenças.

Ceo quer dizer propriamente o lugar altissimo, onde Deos especialmente habita, e tem o throno da sua ma-

gestade. *Paraizo* quer dizer lugar de delicias. *Bemaventurança* quer dizer a somma de todos os bens.

Assim, quando dizemos que as almas justas sobem ao *ceo,* denotâmos com especialidade a vista de Deos, e a companhia dos santos e dos espiritos celestes, que ellas vão gozar. Quando dizemos que são levadas ao *paraizo,* referimo-nos ás delicias do lugar que vão habitar. Quando dizemos, que vão para a *bemaventurança,* designâmos especialmente a enchente de bens, que lhes está preparada na gloria. De maneira, que significando todos os tres vocabulos a mesma cousa em substancia, cada hum delles a considera debaixo de diversas relações e aspectos.

Nem he inutil observar esta differença: porquanto, se collocarmos as almas justas no *ceo,* pede a unidade do pensamento, e a coherencia do discurso e da linguagem, que digamos, que ellas habitão o templo augusto da Divindade, e as mansões eternas dos santos; que gozão a vista de Deos, e contemplão de continuo as suas perfeições, &c.

Se as collocarmos no *paraizo,* diremos, que neste lugar amenissimo, neste jardim de delicias, *comem do fructo da arvore da vida eterna, e bebem da fonte de delicias, que mana do rosto de Deos,* &c.

Se finalmente as collocarmos na *bemaventurança,* diremos que gozão o completo aggregado de todos os verdadeiros bens; bens juntos e unidos, sem falta de hum só; bens puros, sem mistura de vicio, ou de miseria; bens seguros e perduraveis. sem receio de mudança, corrupção, ou ruina, &c.

336

Abreviar — Encurtar

Já notámos no artigo 121 a differença, que ha, entre *breve* e *curto,* e por ella se conhece a que deve haver entre *abreviar* e *encurtar.*

Abreviar he diminuir á longura: *encurtar* he diminuir ao comprimento.

Abreviâmos a vida, quando ou por imprudencia, ou por necessidade, gastâmos mais forças do que convem: *encurtâmos* o caminho, quando tomâmos o atalho, que nos poupa alguns passos, e nos leva em menos tempo ao mesmo ponto.

337

Compendiar — Epitomar

São vocabulos, com que exprimimos o trabalho daquelles escriptores, que nos dão em *compendio*, ou *epitome* os elementos de algumas artes, ou sciencias, ou outras producções litterarias: mas ha entre os dous vocabulos huma differença, que merece notar-se.

Compendiar, no sentido etymologico, diz tanto como diminuir despezas, gastar com parcimonia (do Latim *compendium*, que significa o contrario de *dispendium*).

Epitomar, no mesmo sentido etymologico, diz tanto como diminuir cortando; reduzir a menos, tirando parte da extensão (do Grego ἐπιτομή, *amputatio*).

Por onde *compendiar*, ou escrever em *compendio* os elementos de huma sciencia, he tractar só e precisamente dos seus principios mais essenciaes, e mais fundamentaes, omittindo desenvolvimentos, applicações, e idéas secundarias e menos importantes.

Epitomar, ou escrever hum *epitome*, he resumir em menos extensão huma obra maior; abreviar, encurtar, fazer em menos, o que nós mesmos, ou outrem já escreveo em mais, supprimindo os desenvolvimentos, as applicações, as idéas menos principaes, &c.

338

Heterodoxo — Herege

A etymologia destes vocabulos justifica a differente significação, que se lhes dá na linguagem theologica, a que pertencem.

Heterodoxo quer dizer o que segue huma opinião, ou doutrina diversa da que he commummente recebida, ou tambem huma opinião, ou doutrina não boa, nem recta.

Herege quer dizer o que segue huma opinião, ou doutrina de sua propria escolha, fazendo por essa causa separação, divisão, *seita.*

O primeiro differe do todo em doutrina, não se conformando: o segundo não só se não conforma, mas rompe a unidade, separando-se.

O *heterodoxo* erra, mas não resiste á auctoridade doutrinal da Igreja: se esta decide, o *heterodoxo* submette-se, não faz partido.

O *herege* erra tambem, mas rebella-se ao mesmo tempo contra a auctoridade legitima e infallivel, e aindaque a Igreja fale, não só não cede, mas separa-se fazendo *seita.*

O opposto de *heterodoxo* he *orthodoxo,* isto he, o que segue a boa doutrina. O opposto de *herege* he *catholico,* isto he, o que sente como todos, o que está unido ao todo.

339

Exacto — Pontual — Primoroso

No sentido, em que estes vocabulos podem reputar-se synonymos, attribuem-se todos tres ao homem, que bem

cumpre seus deveres e obrigações, mas cada hum delles exprime differentes gráos desta qualidade.

He *exacto*, quem se conforma em tudo com a regra, que deve dirigil-o. He *pontual*, quem se conforma com ella, ponto por ponto; quem cumpre seus deveres com miuda exacção e fidelidade, sem faltar na minima cousa. He *primoroso*, quem á exacção e pontualidade acrescenta, não só o gosto e prazer com que cumpre suas obrigações, mas tambem aquella especie de generosidade, e delicadeza de sentimentos, que nos não permitte duvidar dos nobres e desinteressados motivos, que o animão.

340

Alva — Aurora

Estes dous vocabulos exprimem as differentes apparencias, que o céo mostra, antes de nascer o sol, e marcão os dous tempos em que dividimos a madrugada.

Alva refere-se ao estado do céo, quando o sol se vai approximando ao horizonte, e reflecte das nuvens a primeira claridade, derramando por ellas huma brancura viva, formosa, talvez brilhante, mas suave e agradavel aos olhos. O primeiro assômo desta claridade, ao romper da manhãa, tambem se chama o *alvor*, ou *o primeiro alvor* do dia.

Aurora refere-se ao estado do ceo, quando o sol já chegado ao horizonte, mas antes de apparecer acima delle, e de nos mostrar toda a sua face, derrama pelas nuvens hum maior gráo de esplendor, e lhes dá a bella côr misturada de branco, ouro, purpura e roza, que tantas vezes, e por tantos modos, tem sido descripta pelos poetas.

341

Seccamente — Desabridamente — Esquivamente

Convem estes tres adverbios em exprimir o modo pouco agradavel, com que recebemos, ou tractâmos a alguem, ou lhe falâmos; mas ha entre elles huma gradação, na mesma ordem, em que estão enunciados.

Tractar *seccamente* he tractar sem agrado, dizer só o preciso, não fazer mostra alguma de benevolencia.

Tractar *desabridamente* he tractar com desagrado, com aspereza, e com mostras de enfadamento.

Tractar *esquivamente* he tractar com mostras de repugnancia, e talvez de aversão; com ar e semblante de quem desdenha a communicação da pessoa, e parece querer afastar-se della.

342

Luctuoso — Lugubre — Funebre

Luctuoso he o que causa profundo sentimento, tristeza, lucto.

Lugubre he o que indica dôr, sentimento, tristeza.

Funebre he tudo o que diz respeito ao funeral, ao apparato da sepultura, ás exequias dos defunctos, &c.

A morte de hum Principe bom e justo he hum acontecimento *luctuoso:* as demonstrações de publico sentimento, que se fazem por esse motivo, são *lugubres:* o apparato e pompa das exequias, o canto e ceremonias ecclesiasticas, &c., são *funebres.*

343

Fim – Limite – Extremidade – Termo

Fim exprime precisamente o acabamento de qualquer cousa. He termo generico, que não determina nem o objecto que acaba, nem o modo do acabamento. Faz *fim* o tempo, a extensão, a doença, a vida, o dinheiro, &c. Damos *fim* ao trabalho, á acção, á empreza, á obra, ao discurso, ao livro, &c.

Limite he aquella parte de huma extensão, que não só marca o *fim* e acabamento della, e talvez o começo de outra; mas designa alem d'isso, que se não póde passar alem; envolve a idéa de não poder ser transgredido. Applica-se com particularidade aos territorios. Os *limites* de Portugal ao occidente são as praias do mar: os Pyreneos são os *limites* naturaes entre a França e a Hespanha, &c.

Tambem usâmos frequentemente deste vocabulo no sentido figurado, mas sempre com a mesma significação e energia. Assim dizemos os *limites* da razão, os *limites* da liberdade, os *limites* da confiança, os *limites* das nossas faculdades, &c., supporido nestes objectos huma certa extensão, alem da qual não convem, ou não he licito, ou não he possivel passar.

Extremidade suppõe hum centro, e a elle se refere: he o abstracto de *extremo,* do Latim *extremus,* superlativo de *extra,* o que está mais fóra, mais alem do centro; e oppõe-se, rigorosamente falando, a *intimidade,* do Latim *intimus,* superlativo de *intus,* o que está mais dentro, mais no meio, mais no centro. Por onde, as *extremidades,* v. gr., de huma linha são os dous pontos, que estão de ambas as partes mais alem do ponto medio; são os dous pontos que marcão o seu começo e o

seu *fim*. As *extremidades* do reino são as povoações que estão mais apartadas, ou mais alem do centro, ou da capital, em todas as direcções. As *extremidades* da vida humana são os dous pontos do nascimento e da morte, &c., &c.

Finalmente *termo* designou originariamente o *marco*, o sinal elevado, que demarcava os *limites* das terras, jurisdicções, estradas, fronteiras, &c., e d'ahi se tomou pelos proprios *limites*, em cujas *extremidades* se costumavão ordinariamente collocar aquelles sinaes.

344

Revelação — Inspiração

Revelar, segundo a força original do vocabulo, he manifestar, descobrir, tirar o véo: *inspirar* he soprar interiormente. Assim, em frase theologica chamâmos *revelação* a manifestação, que Deos faz ao homem, de verdades que se não podem conhecer pelas forças da razão, ou por meios puramente naturaes: e chamâmos *inspiração* a operação, ou movimento interior, com que Deos inclina o coração do homem a fazer o bem.

Revelação dirige-se especialmente ao entendimento: *inspiração*, á vontade. *Revelão-se* factos, verdades, doutrinas; *inspirão-se* sentimentos, desejos, affectos, resoluções.

Por onde, quando dizemos que as doutrinas da escriptura santa são *reveladas*, ou *inspiradas* pelo Espirito Santo (que he a frase em que estes vocabulos parece empregarem-se algumas vezes como synonynos) cumpre fazer differença.

São *inspiradas*, porque Deos moveo os sagrados escriptores a escrevel-as: dirigio-os, tanta na escolha, como na disposição das materias; e assistio-lhes particu-

larmente, para que nada escrevessem, que fosse falso, ou absurdo; nada que fosse improprio, ou menos digno do seu objecto.

São *reveladas*, porque nellas se contém factos e doutrinas, que os escriptores sagrados não podião alcançar por meios humanos, e com o só emprego de suas forças naturaes.

345

Summo – Supremo – Soberano

Convem estes tres adjectivos em exprimir genericamente o que he altissimo, elevadissimo, excellentissimo no seu genero; o que não tem nada acima de si: mas distinguem-se por differenças, que merecem ser notadas.

Summo designa precisa e absolutamente a maior altura, e elevação fysica, ou moral, acima da qual se não póde subir. Do Latim *summus*, cujo opposto extremo he *imus*, o que está no mais baixo lugar, do qual se não póde descer.

Supremo designa a maior graduação na escala: suppõe inferiores, e está acima de todos. Do Latim *supremus*, superlativo de *supra*, cujo opposto extremo he *infimus*, o ultimo na escala descendente; o que está abaixo de todos.

Soberano designa propriamente o que he *supremo* em auctoridade e poder (artigo 117).

Dizemos, v. gr., *summo* cuidado, isto he, o maior que se póde ter; *summa* amizade, *summa* gloria, *summa* auctoridade, alem da qual se não póde passar.

Chamâmos *supremos* certos tribunaes, porque estão no mais alto da escala, isto he, porque na escala dos differentes magistrados, ou das differentes jurisdicções

da mesma repartição, occupão o mais alto lugar, e decidem em ultima instancia.

E chamâmos, v. gr., governo *soberano,* ou Principe *soberano,* aquelle que tem auctoridade e poder *supremo,* com força de se fazer obedecer.

346

Perguntar – Interrogar – Inquirir

Quem pergunta quer saber, diz o vulgo. *Perguntar* he mostrar a alguem por palavras, que queremos ser informados, ou instruidos daquillo que ignorâmos e desejâmos saber. He termo generico, que se diz de qualquer pergunta, e por quem quer que seja feita. Quem sois vós? d'onde vindes? que ha de novo? como aconteceo tal facto? &c., &c., são perguntas que a cada passo fazemos, quando pretendemos saber as cousas a que ellas se referem.

Interrogar parece que significa *perguntar* com auctoridade, obrigando a responder, ou exigindo com direito a resposta. O juiz *interroga* o réo e a testemunha: o filosofo, que faz experiencias, diz-se que *interroga* a natureza: o homem prudente e virtuoso *interroga* a sua consciencia, nos casos duvidosos, antes de se determinar, &c.

Inquirir he propriamente examinar, indagar com miudeza, com curiosidade, com diligencia, alguma cousa que deseja bem saber. Assim, quando se usa como synonymo de *perguntar,* leva na sua significação a mesma energia. O magistrado, v. gr., *inquire* as testemunhas, *perguntando* miudamente todas as circumstancias, que no facto concorrêrão, a fim de fazer hum juizo exacto da materia sobre que ha de julgar, &c.

347

Retroceder – Recuar – Retrogradar

Retroceder he simplesmente descontinuar a marcha, voltando para trás.

Recuar he andar para trás, sem voltar a face; andar para trás na direcção opposta á direcção da face.

Retrogradar he voltar para trás sobre os proprios passos; desdar os passos, pelos quaes se tinha hido ávante.

Quem vai caminhando com certa direcção e destino, e encontra obstaculo, que o não deixa continuar, *retrocede,* volta para trás, ou seja pelo mesmo caminho, ou por outro. Os rios não *retrocedem,* nem os annos; vão sempre correndo. O homem virtuoso não deve *retroceder* no caminho da virtude, por mais difficil que elle se lhe represente, &c.

O homem timido, que de subito encontra em seu caminho algum objecto temeroso, ordinariamente *recúa* de medo, e talvez *retrocede.* A peça de artilheria, quando lança o tiro, *recúa,* e não *retrocede,* &c.

Retrogradar he especialmente usado na linguagem astronomica, e diz-se dos planetas, quando parece que *retrogradão* na ecliptica, movendo-se em sentido opposto á ordem dos signos. Com a mesma propriedade poderiamos dizer, que a sombra *retrogradou* no relogio de Achás, desandando os gráos, que já tinha corrido, &c.

348

Enxugar – Seccar

Enxuga-se o que está molhado, ou banhado externa e accidentalmente: *sécca-se* o que tem humidade propria, ou está penetrado della.

Enxuga-se o corpo, que sahe molhado do banho: *sécca-se* a planta, que tem humidade, e não está molhada.

Enxuga-se o madeiro, já sêcco, que foi molhado da chuva: *sécca-se* o madeiro cortado ha pouco, que ainda está verde, e conserva a natural humidade.

Enxugão-se as lagrimas, de que estão molhadas, ou banhadas as faces: *séccão-se* tambem as lagrimas quando se estancão na sua nascente.

Enxuga-se finalmente a roupa, porque está molhada; e tambem se *sécca*, porque está penetrada de humidade, &c., &c.

349

Diafano — Transparente

Diafano he o corpo, através do qual passa a luz: *transparente* he o corpo, além do qual apparecem, e se vêem os objectos.

O primeiro se diz particularmente dos corpos, cujas partes são de tal modo adherentes, que fazendo huma só massa continua, deixão comtudo passar a luz através dos seus poros invisiveis. O segundo se diz particularmente dos corpos, cujas partes são de tal modo arranjadas e tecidas, que deixão entre si intervallos, ou aberturas sufficientes para que os objectos se vejão através e além dellas.

O vidro, o cristal são corpos *diafanos:* certas rendas, caças, cambraias, &c., são *transparentes.*

Todo o corpo *diafano* se póde dizer *transparente;* porque a luz, que passa através dos seus poros, nos traz as imagens dos objectos, que estão além: mas o uso não permitte que todo o corpo *transparente* se possa igualmente dizer *diafano;* vistoque com este segundo vocabulo se quiz designar a particular contextura de certos corpos, ficando elle, por essa razão, applicado especial-

mente á linguagem da Fysica, bem como *transparente* á linguagem vulgar.

350

A fio — A reio — A eito

A fio refere-se á ordem em que vão os objectos: hir *a fio* he hir hum após outro, formando huma linha, hum *fio*.

Arreio (ou antes *a reio)* refere-se ao fluxo continuado e não interrompido dos objectos: os que vem *a reio*, vem sem interrupção, sem notavel intervallo, correndo sempre.

A eito refere-se á direcção da marcha: quem vai *a eito*, vai via recta, não declina para os lados, não escolhe caminho.

Em hum passo estreito os caminhantes vão *a fio*. A hum homem dos que chamâmos afortunados vem-lhe as prosperidades *a reio*. Quando o caminho he todo máo, e não ha por onde escolher, vamos andando *a eito*.

Considerando-se bem as differenças destes vocabulos, ou expressões adverbiaes, facilmente se conhece a razão por que em alguns casos parece indifferente usar de qualquer delles. Assim, v. gr., dizemos que hum jogador ganhou muitos jogos *a fio*, isto he, huns após os outros, como enfiados; ou *a reio*, isto he, sem interrupção; ou finalmente *a eito*, isto he, sendo-lhe o jogo constantemente favoravel, sem declinar para nenhuma sorte avêssa, sem escolher opportunidade, nem tempo, nem circumstancias.

351

Nós — Nós-outros

Nós diz-se em sentido absoluto: *nós* lemos, *nós* conversâmos, *nós* estudâmos, &c.

Nós-outros diz-se em sentido relativo; suppõe sempre classes diversas de pessoas, e refere-se áquella, a que pertence quem fala, com opposição, ou exclusão clara, ou occulta, das outras.

Nestas frases: *vós* ides passear, *nós-outros* ficâmos trabalhando; *vós* amais a opulencia, *nós-outros* contentâmo-nos com a mediocridade, &c., a opposição he clara.

Em est'outras frases: *nós-outros* os que amâmos o estudo, nem por isso temos mais estimação; *nós-outros* os que conhecemos o mundo, nem por isso escapâmos aos seus embustes, &c., a exclusão he occulta, deve subentender-se.

352

Prohibir – Vedar – Defender

Prohibir he estorvar, impedir, embaraçar, que alguem use de alguma cousa, ou pratique alguma acção, impondo-lhe para isso lei, estatuto, ou preceito, munido de sancção expressa, ou tacita.

Prohibir he acto proprio do legislador, ou de quem tem auctoridade, mando e poder. Deos *prohibe* as malquerenças, os odios, as vinganças, as calumnias, &c. O Principe *prohibe* os jogos de parar, os duellos, o contrabando, o uso de certas armas, &c. O decoro *prohibe* muitas cousas, que as leis divinas, ou humanas não *prohibem* expressamente, &c.

Vedar e *defender* são vocabulos de significação mais ampla e mais generica. Nem tudo o que se *veda,* ou *defende,* he, rigorosamente falando, *prohibido.*

Veda-se o sangue, que corre do golpe: *veda-se,* a agoa, ou o liquido, que mana, ou estila do vaso eivado: *veda-se* a entrada de huma caza, ou de hum lugar: o conheci-

mento do futuro he *vedado* aos mortaes: a inferna região he *vedada* aos vivos, &c.

Por onde parece que a primaria significação de *vedar* he atalhar a entrada em algum lugar, ou a sahida delle, ou o accesso a elle, &c.

Semelhantemente o dono da fazenda *defende-a* dos animaes daninhos: o tutor *defende* o pupillo: o reparo conveniente *defende* do calor, ou do frio a nova e tenra planta: o rafeiro fiel *defende* a caza, a quinta, o rebanho: o soldado *defende* a praça, &c. Do Latim *de-fendo,* composto do antigo verbo *fendo,* dar de encontro, violar, &c.

Por onde parece que a primaria significação de *defender* he desviar a cousa do choque, do encontro, do ataque, livral-a de ser violada, de ser *offendida,* &c.

Como porém quem *veda,* v. gr., o sangue, de algum modo *prohibe* que elle corra, e quem *defende* o rebanho, prohibe que elle seja offendido: e por outra parte quem *prohibe,* v. gr., entrar no lugar de prostituição, atalha, ou *veda* a entrada delle, e quem *prohibe* o adulterio, ou o sacrilegio, *defende* de ser violada, ou defendida a cousa santa, ou a mulher alheia, &c.: por isso se confundem algumas vezes os tres vocabulos, trazendo-se *vedar* e *defender* da sua significação primaria a outra secundaria e analoga, na qual os empregaremos com tanto maior acerto, quanto mais nos approximarmos da significação fundamental, que os caracterisa.

353

Antecessor — Predecessor

O sujeito, que occupou algum posto immediatamente antes de nós, he nosso *antecessor*: todos os mais que a este havião precedido no mesmo posto, são nossos *predecessores*.

Os *predecessores* podem chamar-se, em sentido menos rigoroso, *antecessores*, porque todos forão *antes* do actual; mas o *antecessor* immediato nunca póde ser denominado *predecessor*, porque repugna a isso a composição e significação etymologica do vocabulo.

Em Latim *decessor* he o que deo lugar a outrem, isto he, o que foi *antecessor* de outrem; *prae-decessor* he o que foi antes do *antecessor*, o que precedeo ao *antecessor* immediato, &c.

354

Fluido — Liquido

Todo o *liquido* he *fluido;* mas não ao contrario. A agua he hum *liquido*, e tambem he hum *fluido:* o ar porém he *fluido*, e não he *liquido:* por onde se vê que *fluido* he hum genero, em que se comprehende o *liquido* como especie.

Chamâmos fluidos aquelles corpos, cujas moleculas, por terem entre si mui pouca adhesão, facilimamente se movem e separão: taes são o ar, os gazes, a agua, o vinho, &c.

Chamâmos *liquidos* aquelles *fluidos*, que deixados a si, tomão huma superficie parallela á superficie da terra: taes são a agua, o azougue, os metaes derretidos, o azeite, o leite, &c., &c.

355

Tempo — Duração

O *tempo* he para a *duração* como o *espaço* he para a *extensão*. A *duração* mede-se pelo *tempo*, como a *extensão* pelo *espaço*.

Supponhamos o *tempo* como huma linha recta, dividida em muitas partes iguaes, a que chamâmos instan-

tes, horas, dias, mezes, annos, ou seculos. O objecto que continúa a existir, correndo maior porção desta linha, ou maior numero de suas divisões, he o que tem maior *duração;* assim como, suppondo o *espaço* dividido em muitas porções iguaes, a que chamâmos lugares, o objecto que occupa maior numero dellas, he o que tem maior *extensão.*

Assim que o *tempo* parece ser como huma formula geral, que applicada á existencia continuada de qualquer individuo, nos dá o valor relativo da sua *duração.*

Tempo, tomado em toda a sua generalidade, exprime huma idéa mais vaga, mais indefinida, mais abstracta: *duração* exprime o *tempo* determinado e preciso, em que se verifica o começo, a continuação, e o fim da existencia de cada ser.

No uso vulgar da linguagem observâmos muitas vezes esta mesma differença. Quando queremos notar, avaliar, exprimir precisamente o intervallo de *tempo,* que decorreo desde o primeiro até ao ultimo instante da existencia de hum objecto, usâmos do vocabulo *duração,* que exprime este intervallo. Assim dizemos, v. gr., que hum homem, huma arvore, hum edificio, &c., *durou* tantos annos, teve tantos annos de *duração.*

Nos mais casos empregâmos ordinariamente o proprio vocabulo *tempo,* o qual ou exprime toda a extensão da linha, que suppozemos, e abrange a *duração* de todos os seres criados; ou exprime differentes porções dessa linha, segundo o objecto a que applicâmos a noção geral de *tempo.*

356

Vestigio – Pégada – Pizada – Rasto – Trilha – Pista

Vestigio he o sinal, ou mostra, que deixou de si, em algum lugar, a cousa que nelle esteve. He termo generi-

co, applicavel ás differentes especies de *vestigio*, designadas pelos outros vocabulos.

Pégada he o *vestigio* do pé do homem, ou do animal.

Pizada he a *pégada*, impressa no lugar em que esteve o homem, ou o animal. D'onde se vê que *pizada* he huma especie de *pégada*, e ambas são especies de *vestigio*, que he, como dissemos, o genero superior, a que são subordinadas.

Rasto he o *vestigio*, que deixa por toda a extensão do seu caminho a cousa, que por elle passou, ou vai passando, principalmente a *rasto*, ou de rojo.

Trilha he o *rasto* impresso no chão pela cousa pezada, que passa com frequencia, carregando, ou calcando.

Pista finalmente he o *rasto*, que deixão os animaes no caminho por onde passão.

Nas ruinas de huma cidade se descobrem, ou observão *vestigios* de sua passada grandeza e sumptuosidade.

O homem, ou o animal, que passa sobre hum pavimento de madeira, marmore, &c., com os pés molhados, faz *pégadas*. Os sacerdotes de Bel, de que fala o livro de Daniel, deixarão *pégadas* na cinza espargida sobre o pavimento do templo.

O homem ou o animal, que caminha sobre hum terreno, recentemente lavrado, faz, ou deixa *pizadas*.

As *pégadas*, ou *pizadas*, continuadas por alguma extensão de caminho, bem como os sinaes, que por elle deixou a cousa levada de rojo, mostrão o *rasto*, que devemos seguir para achar essa cousa; indicão a direcção, que ella tomou no seu caminho.

Os homens, os animaes, os carros, as cavalgaduras, &c., passando com frequencia por hum caminho, por huma estrada, *trilhão* o chão, fazem o que chamâmos *caminho trilhado*, caminho geralmente seguido; mostrão a *trilha* por onde podemos caminhar seguramente, e sem risco, &c.

Finalmente o animal caçador segue a caça pela *pista*, isto he, pelo *rasto*, que ella deixou na sua passagem.

Todos estes vocabulos se empregão opportunamente no sentido figurado, tendo-se attenção á significação especifica de cada hum delles, e á sua maior expressão, segundo o objecto do discurso. Assim Lucena, *Vida de Xavier*, liv. 1.°, cap. 12.°:

«E estas são todas as *pégadas*, e *rasto* da fé, e christandade que *por ali passou*.»

Bernardes, *Egloga* 6.ª, falando com Sá de Miranda:

> «Ah discreto pastor, quem te seguisse
> Tuas *pizadas* cá!»

O mesmo Sá de Miranda, Carta 2.ª:

> «Vi *caminhos* tão maus
> Tal *trilha*, e tamanho *rasto*»
> &c., &c.

357

Divorcio — Repudio

Divorcio exprime separação: *repudio* exprime rejeição, repulsa, acção de lançar de si, de despedir, ou antes, de repellir da sua companhia.

Ambos são termos de Jurisprudencia. *Divorcio* he a separação dos cazados, a dissolução do vinculo matrimonial. *Repudio* he o acto do cazado, ou esposado, que enjeita, ou rejeita a mulher, ou esposa, e a lança de si, e da sua caza e familia.

O *divorcio* parece suppor a mutua incompatibilidade dos cazados, e mostra, que a livre vontade, que os unio, se acha reciprocamente mudada. O *repudio* suppõe imperio de huma parte, e dependencia da outra; estabelece

huma grande desigualdade entre as pessoas; e sujeitaria huma dellas ao arbitrio caprichoso da outra, se as leis dos povos, em que este mal foi, ou he tolerado, lhe não prescrevessem certos limites.

Nos paizes catholicos não he permittido nem o *divorcio*, nem o *repudio:* mas usâmos do primeiro vocabulo, quando os cazados se separão, emquanto á cohabitação, e administração de bens, em virtude de huma sentença, dada por juiz competente: e podemos usar do segundo, quando o marido lança a mulher de sua caza, e recusa conviver com ella, talvez sem legitima causa, e sem esperar a decisão da auctoridade publica, a quem isso compete.

358

Effervescencia – Fervura – Ebullição – Fervor

Effervescencia he a branda agitação de hum liquido, nascida do calor não muito forte, ou da mistura de alguma substancia, que produz esse effeito. Do Latim *effervesco,* cuja fórma incoativa designa o começo da acção; a primeira agitação do liquido, que começa a ferver.

Fervura he a agitação mais forte e perturbada do liquido, nascida do calor tambem forte, e sustentado no mesmo gráo, tal como se observa na agua fervendo.

Ebullição diz o mesmo que *fervura;* mas he proprio da linguagem scientifica, e envolve (ao que parece) a expressa circumstancia de se desprenderem e soltarem *bolhas* do corpo fervente.

Fervor diz tambem o mesmo que *fervura;* mas exprime com especialidade o elevado e intenso gráo de calor, que a produz e acompanha, e emprega-se as mais das vezes em sentido figurado, para significar o ardor das paixões, e a inquieta agitação, que ellas nos causão,

quando chegão a certo gráo de vehemencia. Assim dizemos o *fervor*, isto he, o ardor do sol, do estio, &c.; o *fervor* da mocidade, o *fervor* das paixões, isto he, o seu intenso ardor e agitação; e em frase devota o *fervor* do espirito, o *fervor* da devoção, &c., &c.

Quando empregâmos *effervescencia* em sentido translato, tambem lhe conservâmos a significação caracteristica. Assim a *effervescencia* das paixões he o seu primeiro desenvolvimento e movimento agitado; a *effervescencia* do povo he a inquieta agitação do povo por alguma causa que a isso o excita, &c., &c.

359

Carencia – Falta – Privação

Falando com propriedade, diremos que tem *carencia*, quem não tem a cousa: que tem *falta*, quem não tem a cousa e necessita della: e que sofre *privação* da cousa, quem a teve, e a perdeo, ou lhe foi tirada.

A planta tem *carencia* de sentimento: o homem pobre tem *falta* de meios de subsistencia: o nobre criminoso he ás vezes punido com a *privação* da nobreza e dos seus privilegios.

360

O homem – Todo homem

Quando dizemos, por exemplo, *o homem he mortal, todo o homem he mortal;* o sentido he o mesmo, e ambas as proposições são igualmente verdadeiras, porque o attributo he essencial ao sujeito. Ha comtudo entre ellas huma differença, que convem notar.

O homem exprime primaria e directamente a noção da especie humana: *todo homem* exprime primaria e dire-

ctamente a collecção inteira dos individuos que pertencem á mesma especie. Em termos logicos: *o homem* refere-se á comprehensão da idéa; *todo homem*, á sua extensão.

Como porém a noção da especie seja applicavel a todos os individuos, que nella se comprehendem; e por outra parte na collecção dos individuos se verifiquem todas as idéas que constituem essa noção: por isso *o homem* exprime tambem indirecta e secundariamente a collecção; assim como *todo homem* exprime indirecta e secundariamente a noção. E nisto consiste a synonymia das duas frases, cuja differença sómente se póde achar na applicação e uso dellas.

Quando da proposição geral pretendemos tirar conclusões tambem geraes, contentâmo-nos de empregar a fórma mais abstracta, e dizemos, v. gr., *o homem* he mortal, e por consequencia sujeito a todo o genero de fraquezas e defeitos.

Quando porém da proposição geral queremos tirar conclusões particulares, ou particularmente applicaveis a algum, ou a alguns individuos, então como que insistimos em mostrar mais expressamente, que esse individuo he comprehendido na generalidade da frase, e dizemos, v. gr., *todo homem* he mortal e sujeito a fraquezas, e por isso nenhum direito tendes a julgar-vos isento desta lei commum, &c.

361

Astro — Estrella — Constellação

Astro he qualquer desses grandes corpos luminosos, que povoão o ceo.

Estrella he o *astro*, que brilha no ceo, durante a noite, com luz sua propria, e não muda sensivelmente a distancia, em que está a respeito dos outros.

Constellação he o ajuntamento de hum certo numero de *estrellas*, ao qual se attribue huma figura, e se dá hum nome para o distinguir de outros ajuntamentos da mesma especie.

O sol, a lua, os planetas, os cometas, e as proprias *estrellas* são *astros*.

Os corpos luminosos e scintillantes, que brilhão de noite no ceo, e não mudão sensivelmente o seu lugar respectivo, são *estrellas*.

Os signos do zodiaco, a balança, o touro, o escorpião, &c., são *constellações*.

Algumas vezes damos o nome de *estrellas* aos planetas, que nos parecem mais pequenos que a lua, e brilhão no ceo, de noite, como por exemplo venus, marte, jupiter, &c.: mas nesse caso lhe chamâmos *estrellas errantes*, para as differençarmos das *estrellas* propriamente taes, que se chamão *fixas*.

362

Pelejar – Combater – Luctar – Brigar – Guerrear – Batalhar

Pelejar parece ser o mais generico de todos estes vocabulos, e exprime todo o genero de contenda, que tem entre si duas, ou mais pessoas, pretendendo cada huma vencer a parte contraria, e mostrar a sua superioridade.

Combater he propriamente *bater-se com*...; *pelejar* batendo-se; contender com acções e factos.

Luctar he *combater* corpo a corpo, sem armas. Vieira, *Xavier dormindo*, tom. 8.° de *Sermões*, pag. 31: «*porém na lucta* (diz) *que he combate sem armas, e corpo a corpo*...», &c.

Brigar he *combater* hum partido com outro, huma facção com outra. «*Chamâmos briga* (diz Leitão, na *Miscellanea*, pag. 354) *huma peleja, onde se ajuntão muitos*».

Guerrear he fazer guerra: comprehende todo o genero de hostilidades contra o inimigo publico, e suppõe, que se lhe fazem muitas e repetidas; que esta he a força da terminação frequentativa do vocabulo.

Batalhar finalmente he *combater* hum exercito, ou huma grande divisão do exercito, com outra do inimigo.

Pelejão duas ou mais pessoas; *pelejão* com armas, ou sem ellas; de palavra, ou por acções; em *briga, lucta, batalha,* ou *combate,* &c.

Combatem entre si os homens, os brutos, os elementos: *combate-se* em duello, em *lucta,* em briga, em batalha: *combate* no homem o dever com a inclinação; a virtude com o appetite; as paixões humas com outras, &c.

Lucta hum homem com outro homem: *lucta* tambem o homem com as paixões, com a adversidade, com a morte; *lucta* com as ondas o naufragante; *luctão* certos animaes em desafio, &c.

Brigão as facções, os partidos, os bandos, &c.

Guerreão duas, ou mais nações, e *batálhão* os seus exercitos, as suas armadas, &c. *Batalha* suppõe acção geral, ou quasi geral, em que póde haver hum, ou mais conflictos. As acções particulares chamão-se mais propriamente *combates, recontros, choques,* &c. Assim dizemos a *batalha* do campo de Ourique, a *batalha* do Salado, de Aljubarrota, de Montes Claros, de Bussaco, &c., e não chamâmos *batalhas* a muitos e frequentes *combates,* de que faz menção a nossa Historia militar.

363

Força – Energia – Efficacia – Violencia

Força he, em geral, o vigor intrinseco, a natural potencia, que tem qualquer sujeito, para produzir cer-

tos effeitos, tanto na ordem fysica, como na ordem moral.

Quando a *força* he potentemente activa, chamâmos-lhe *energica:* quando he tal, que produz sempre o seu effeito, chamâmos-lhe *efficaz:* quando he excessiva, ou empregada com excesso, chamâmos-lhe *violenta.*

Por onde *energia, efficacia, violencia* são, propriamente falando, propriedades, qualidades, ou accidentes da *força.*

A *energia,* v. gr., de hum discurso consiste na *força* poderosa e activa, com que elle persuade o ouvinte. A *efficacia,* v. gr., de huma súpplica consiste na *força,* que ella tem de obter infallivelmente o que se supplica. A *violencia,* v. gr., de huma paixão consiste na *força* excessiva, com que leva o coração do homem além dos limites prescriptos pelo dever, e talvez o arrasta a desordens e a crimes.

Na ordem fysica observão-se a cada passo effeitos analogamente differentes, segundo as *forças* obrão, ou se empregão, com *energia, efficacia,* ou *violencia.*

364

De repente — De subito

De repente exprime o que acontece, ou se faz, sem preparação, sem demora, logo logo, em continente. *De subito* exprime o que acontece, ou se faz, inopinadamente, sem previdencia, talvez contra toda a expectação, n'hum abrir e fechar de olhos.

O orador fala *de repente;* o improvisador faz versos *de repente,* e nada disto se póde dizer feito *de subito.*

O raio fere *de subito;* o salteador accommette *de subito;* a ave de rapina cahe *de subito* sobre a preza, isto he, em hum instante, em hum abrir e fechar de olhos,

não só sem preparação e previdencia, mas até sem haver tempo para ella, sem o caso se presumir, nem aguardar.

Quem morre *de repente* tem talvez horas de vida entre o ataque e a morte: quem morre *de subito* he como ferido de hum golpe de raio, he acommettido na fonte da vida.

D'onde parece que quando a frase não requer tanta exacção, e os dous vocabulos se podem empregar quasi indifferentemente, então mesmo *de subito* acrescenta alguma cousa a *de repente*, exprimindo (digamos assim) hum *repente* mais imprevisto, mais precipitado, mais rapido.

365

Cegamente — Ás cégas

O verdadeiro christão crê *cegamente* o mysterio, que a Igreja propõe á crença dos fieis, aindaque o não entenda, nem comprehenda: mas nem por isso o crê *ás cegas;* porque sabe, que Deos falou, e que a Igreja he interprete infallivel das suas palavras, e não póde propor o erro.

O subdito exacto e fiel executa *cegamente* o que lhe manda o seu superior, aindaque não entenda, nem comprehenda o motivo, a conveniencia, ou o fim do preceito: mas nem por isso obedece *ás cegas;* porque sabe, que lhe he imputavel a desobediencia, e não o acerto, ou desacerto do preceito.

Parece pois, que crer e obedecer *cegamente* he crer e obedecer, sem entrar no exame e conhecimento directo do que se nos manda crer e praticar. E que crer e obedecer *ás cegas* he crer e obedecer, sem ter para isso motivo algum prudente e razoavel.

Quem crê *cegamente* não discorre sobre o objecto da sua crença; não entra no exame directo da proposição

que se lhe manda crer. Quem crê *ás cegas*, não tem motivo prudente, que determine a sua crença.

O vulgo crê *ás cegas* tudo quanto lhe dizem. O homem sensato não duvida ás vezes crer *cegamente* o que lhe attestão pessoas, em cuja intelligencia e probidade tem a mais perfeita confiança.

O mancebo inconsiderado regula-se *cegamente* pelos errados conselhos do amigo, que *ás cegas* escolheo: quer dizer, que escolheo o amigo sem conhecer o seu caracter, nem ter motivo algum de o suppor virtuoso, prudente e fiel; e que segue os seus conselhos sem reflectir se são bons, ou maus, e se o conduzem pelo caminho do vicio, ou da virtude.

366

Proprietario – Dono – Senhor

Usâmos algumas vezes destes vocabulos, como synonymos, e dizemos, por exemplo, que tal, ou tal sujeito he *proprietario, dono,* ou *senhor* de huma herdade, de huma caza, de huma quinta, &c., mas ha entre elles differenças caracteristicas, que não permittem que os empreguemos indifferentemente em todos os casos.

Proprietario refere-se precisamente ao direito, que cada hum tem, de dispor do que he seu, a seu arbitrio, conformando-se com as leis; ao que chamâmos *direito de propriedade.* O *proprietario* de huma cousa he o que tem direito de usar, gozar, e dispor della, como bem lhe parecer, dentro dos limites determinados pela lei.

Dono exprime particular, e especificamente huma idéa de elevação, superioridade, e talvez dominação: e por isso não sómente se usa no mesmo sentido de *proprietario,* pela excellencia desta qualidade, e pelo dominio que ella suppõe; mas tambem se diz, v. gr., dos pais de fa-

milias, que são *donos* da caza, aindaque não sejão *proprietarios;* dos avós, que antigamente se chamavão *donos;* das mulheres nobres, cazadas, viuvas e religiosas, que se chamão *donas,* &c.

Senhor exprime tambem a idéa de dominação, mas ajunta-lhe a de auctoridade e poder. Neste sentido dizemos *senhor* de hum reino, quem o governa; *senhor* de terras, quem exercita nellas certa jurisdicção e poder; dizemos que ficou *senhor* do campo, quem venceo a batalha; que he *senhor* de si, quem domina, governa e tem subjugadas as suas paixões; quem se conserva com inteireza e sem perturbação nos lances difficeis, que mais costumão alterar o homem, &c., &c.

367

Justa – Torneio

São vocabulos frequentemente usados nas Historias da cavallaria, e ainda nas nossas antigas chronicas.

Justa he o combate de homem a homem, a cavallo, com lança.

Torneio he o combate de muitos, arranjados em quadrilhas, ou bandos, de huma parte e de outra, fazendo voltas em torno, ora a cavallo, ora a pé, com lança, ou espada.

368

Perigo – Risco

Perigo suppõe a grande probabilidade de hum máo acontecimento proximo.

Risco suppõe a possibilidade, a contingencia, e talvez alguma probabilidade remota de máo successo.

Quem está mui gravemente doente, está em *perigo* de

vida: quem se embarca para huma viagem longa e difficil, põe-se em *risco* de naufragar.

As companhias, ou cazas de seguro tomão sobre si o *risco* (e não dizemos o *perigo)* de huma negociação.

Perigo suppõe o mal tão imminente, que em algumas frases usâmos do verbo *perigar*, para exprimir o effectivo máo successo. Assim falando, v. g., de hum naufragio, dizemos a cada passo: toda a gente *perigou*, querendo dizer que toda a gente se afogou, que toda pereceo, &c. (Veja o artigo 112.)

369

Cá—Aqui

São adverbios de lugar, e designão o lugar para onde veio, ou aonde está, quem fala; mas *cá* designa esse lugar mais vaga e indeterminadamente; *aqui* designa hum lugar mais determinado e circumscripto.

Vim para *cá*, isto he, para este reino, e estou *aqui*, isto he, nesta cidade, ou provincia. Se passares para *cá*, para estas bandas, *aqui* te espero, na minha caza, ou n'este lugar, em que habito, &c.

370

Fingir—Simular—Dissimular—Disfarçar

Fingir he empregar falsas e artificiosas apparencias, para occultar o que a cousa he na realidade, ou para representar o que não he. De todos os vocabulos deste artigo he este o mais generico, e abrange toda e qualquer especie de *fingimento*. *Finge* o estatuario hum homem, hum animal, hum ser inanimado, *finge* o pintor huma especie de madeira, de pedra, de planta, huma flor, hum

vaso, &c.; *finge* o hypocrita a virtude; *finge* o actor a personagem de rei, de dama, de criado, &c.

Simular he huma especie de *fingimento*, que sómente se attribue ao homem, e em materia de costumes; quer dizer, mostrar alguem com apparencias falsas o contrario do que na verdade he; *fingir* differente pessoa moral, differente caracter, differentes costumes, do que na verdade tem, com o fim de induzir os outros em erro. *Simular* a virtude he ser hypocrita: *simular* a intenção e o proposito he *fingir* proposito e intenção differente da que na verdade temos, &c.

Dissimular he outra especie de *fingimento*, e consiste simplesmente em encobrir por acções, ou maneiras reservadas, as proprias opiniões, sentimentos, designios, &c.

A *dissimulação* não he odiosa como a *simulação*. A *simulação* he sempre hum vicio: a *dissimulação* he muitas vezes util, e póde ser dictada pela prudencia. Ninguem póde ser obrigado a manifestar a todos, e em todas as occasiões, os seus sentimentos; mas todos tem obrigação de não usar de falsas apparencias, com o presupposto de enganar os outros, e de os induzir em erro.

Disfarçar he propriamente *fingir* differente pessoa no trajo, nos vestidos, na continencia, nas mostras exteriores. Esta especie de *fingimento* póde ser crime, e póde tambem ser brinco e mero jogo.

371

Maledicencia – Detracção – Calumnia

São tres vicios, odiosos em maior, ou menor gráo, mas todos directamente oppostos á paz da sociedade, ao re-

ciproco respeito e benevolencia, que os homens se devem huns aos outros, e á caridade universal, que he o fundamento da moral christãa.

A *maledicencia* he o habito de dizer mal dos nossos semelhantes. A *detracção* he o habito de diminuir, deslustrar e denegrir a fama, reputação e estima, que outrem goza na sociedade. A *calumnia*, mais odiosa e mais funesta que ambas, inventa para fazer mal; accusa maliciosa e falsamente para infamar; imputa com má fé delictos, que talvez nunca existírão, para cobrir de opprobrio a infeliz victima do seu furor. O seu fim he tirar a honra, a reputação, e o bom nome, a quem porventura o préza mais que a vida. O *calumniador*, quando não póde, ou lhe não convem, inventar e imputar crimes, suppõe intenções perversas nas acções mais indifferentes, e até nas boas e virtuosas. Neste vasto campo triunfa o malvado, quasi sem opposição.

A ociosidade, a loquacidade e a ignorancia são, ás vezes, as causas unicas da *maledicencia*. Hum ajuntamento de ociosos, amigos de falar, e que não sabem manter a conversação com cousas instructivas e uteis, acha nas imperfeições, nos defeitos, e talvez nos vicios alheios, hum objecto tão facil e prompto, como fecundo, para seus entretenimentos.

A *detracção* he ordinariamente filha da inveja, e tão vil e infame como ella. O invejoso, a quem a boa fama, o credito, e a reputação alheia deslumbra e humilha, faz por diminuir, por *detrahir* alguma cousa do merecimento, que de todo não póde negar, e põe-lhe, artificiosa e astutamente, tachas, que o desdourem e o deslustrem.

A *calumnia* parece não poder ter outra origem, que o odio cego e implacavel. Não ha côres com que se pinte o caracter desta paixão atroz, e os seus funestos effeitos. Ella não respeita nem a elevação do throno, nem a hu-

milde choupana do pobre. He como a horrivel peste, que leva a toda a parte a desolação e a morte.

372

Apossar-se — Usurpar — Invadir — Conquistar

Apossar-se alguem de alguma cousa he simplesmente metter-se de posse della, apoderar-se della, fazer-se senhor della.

Usurpar parece que exprime tanto como usar contra direito e justiça. Emprega-se para significar o uso injusto que fazemos do que não he nosso, por via de auctoridade, prepotencia, &c.

Invadir he cahir sobre alguma cousa, que nos não pertence; entrar nella violentamente, com impeto, e talvez com força armada.

Conquistar he tomar em guerra huma cidade, provincia ou reino: apossar-se com força armada em guerra aberta.

Apossar-se tem significação mais generica; *usurpar*, *invadir* e *conquistar*, mais especifica. *Apossar-se* não determina nem o objecto, de que nos *apossâmos*, nem a justiça, ou injustiça da acção, nem modo algum especifico de a praticar. *Usurpar* e *invadir* suppõem que a acção he injusta, e designão o modo de a executar. *Conquistar* suppõe guerra aberta e declarada, e exprime a tomada de alguma porção dos estados alheios, por armas, e em consequencia da mesma guerra.

Podemos *apossar-nos* de huma quinta, de huma caza, de hum movel, de huma porção de dinheiro: podemos *apossar-nos* do que he nosso, do que temos por nosso, aindaque se nos dispute, &c.

Usurpâmos os bens, os direitos, o poder, a jurisdic-

ção alheia: *usurpâmos* por via de auctoridade, de prepotencia, de engano, ou de outro semelhante modo.

Invadimos o territorio, que não he nosso, huma provincia, hum reino, hum paiz, por via de facto, entrando nelle de golpe, com impeto, com violencia, á força de armas, sem ter precedido declaração de guerra, nem acto algum de hostilidade.

Conquistâmos finalmente, quando em guerra, devidamente declarada, nos apossâmos por armas de qualquer parte do paiz, ou territorio da potencia, com quem estamos em guerra, &c.

373

Salto – Pulo

Salto he o movimento esforçado, com que o corpo do homem, ou do animal, se levanta todo do chão, para vencer de golpe huma altura, ou salvar hum obstaculo, quer seja de baixo para cima, quer de cima para baixo, quer para algum dos lados.

Pulo he o *salto* para cima, tornando a cahir no mesmo lugar, ou em outro proximo.

Salta o homem do muro abaixo; *salta* o cavallo, salvando a teia do campo; *salta* o tigre ao alto para prear o homem, ou o animal, que se acolhe á altura da arvore, &c.

Pula a bolla, a pella, o corpo elastico, cahindo no chão; *pula* o dançarino; *pula* o homem de alegria, &c.

374

Aborrecer – Odiar – Abominar – Detestar – Execrar

Já indicámos em outro lugar (artigo 30) que todos os nossos affectos e paixões se reduzem a duas grandes

classes, huma das quaes tem por principio o amor do bem, e a outra a aversão do mal. A esta segunda classe pertencem os vocabulos deste artigo, os quaes exprimem differentes gráos, ou circumstancias dessa aversão.

Aborrecer he ter aversão forte a alguma cousa, que se nos representa como má, ou desagradavel, sentindo á vista della huma especie de estremecimento, ou horror, que quasi involuntariamente nos obriga a evitar a sua presença.

Odiar he ter aversão entranhavel, profunda, á cousa òu pessoa, que se nos representa como directamente contraria á nossa felicidade. Quando esta paixão tem por objecto hum ser racional e sensivel, he sempre acompanhada do desejo de lhe fazer mal, ou de que lhe venha mal.

Abominar he ter aversão entranhavel a huma cousa, tendo-a como de mau agouro, de sinistra influencia, ameaçadora de graves males.

Detestar he *odiar*, ou *abominar* huma cousa, protestando por palavras, ou acções, que a reprovâmos, que a condemnâmos, que estamos firmemente resolvidos a fugir della, como essencialmente má e odiosa.

Execrar he *detestar* alguma cousa como proscripta pela religião, posta fóra da protecção do ceo, &c.

O *aborrecimento* tem, ás vezes, alguma cousa de involuntario, e puramente mecanico, e depende de hum sentimento, a que nem sempre podemos resistir. Os outros vocabulos exprimem affectos mais voluntarios, e que tem o seu motivo no juizo, que fazemos dos objectos.

Aborrecemos tudo o que he tedioso; *aborrecemos* o medicamento, e talvez a comida, quando enfermos; o infeliz *aborrece* talvez a vida; huma alma bem nascida *aborrece* tudo o que he vileza e baixeza, &c.

Odiámos tudo o que nos parece destructivo da nossa

felicidade. O homem vingativo *odeia* o seu inimigo; o homem virtuoso *odeia* o vicio e a maldade, &c.

Abominâmos tudo o que he de mau agouro, de funestas consequencias, que ameaça maiores males. O homem probo *abomina* a seducção, o embaimento, a vil inveja, a calumnia, &c.

Detestâmos tudo o que he extraordinariamente mau, pessimo, digno de entranhavel odio. *Detestâmos* a ingratidão, a perfidia, a traição; *detestâmos* certas maximas e opiniões; *detestão* as mãis e as esposas a guerra sanguinosa, &c.

Finalmente *execrâmos* a profanação das cousas santas, o sacrilegio, a blasfemia, a impiedade, &c., &c.

375

Sobterrar — Sepultar

No sentido, em que estes vocabulos são synonymos, exprimem a acção de metter debaixo da terra hum cadaver, mas tem entre si notavel differença.

Sobterrar, ou *enterrar* póde dizer-se de qualquer cadaver; *sepultar* sómente se diz, com propriedade, dos corpos humanos, e sempre com alguma relação ás ceremonias pias e religiosas da *sepultura*.

O coveiro *enterra*, ou *sobterra* o cadaver; os parentes, os amigos, os ecclesiasticos o *sepultão*, o entregão á sepultura.

Póde notar-se, que a policia não tenha sempre a providencia de mandar *sobterrar* os cadaveres dos animaes.

As cazas de misericordia tem, entre nós, a piedosa obrigação de *sepultar* os corpos dos criminosos, que padecêrão o ultimo supplicio, &c.

376

Citar — Allegar

Citâmos hum auctor, hum texto, huma lei: *allegâmos* factos, razões, exemplos, argumentos.

Citar he chamar alguem a juizo: quem *cita* hum auctor, hum texto, &c., invoca o seu testemunho, a sua auctoridade; chama-o, de algum modo, a juizo, para vir com a sua auctoridade conciliar credito e respeito á proposição, que se quer provar; para vir dar testemunho da verdade, &c.

Quem *allega* faz a exposição e deducção dos factos, das razões, dos argumentos, que tem a seu favor; trabalha por provar, ou demonstrar a verdade, por convencer o leitor com bons fundamentos, &c.

Em summa: *allegar* he fazer huma *allegação*, hum discurso: *citar* he metter no discurso o nome, as palavras, o texto, com que nos queremos apoiar e auctorisar.

Como porém a auctoridade *citada* tem ás vezes lugar de prova, ou argumento, e outras vezes nos servimos das razões de hum auctor em nossa *allegação*, adoptando-as como nossas; por isso se diz tambem que *allegâmos* hum auctor, ou as suas palavras, confundindo neste caso *allegar* com *citar*.

377

Apocryfo — Supposto

Com estes adjectivos qualificâmos os livros, ou escriptos, relativamente aos seus auctores, e ao grão da sua authenticidade; mas com differença.

341

Apocryfo he vocabulo grego, que significa o que he incognito, ou occulto. Deo-se pois a denominação de *apocryfos* aos livros, ou escriptos, que se guardavão secretamente, e se não confiavão ao conhecimento do publico: taes erão entre os Romanos os livros das Sybillas. Depois chamarão-se *apocryfos* os livros de auctor incerto, ou não conhecido, cuja authenticidade era, por isso mesmo, duvidosa e suspeitosa. Usa-se finalmente do mesmo vocabulo na linguagem dos escriptores ecclesiasticos, para caracterisar, com especialidade, todos os escriptos de assumpto sagrado, ou religioso, que a Igreja catholica não incluio no canon das escripturas authenticas, e divinamente inspiradas; nem permitte que se leião em publico como taes; nem que delles se tirem argumentos para provar as verdades theologicas.

Supposto he vocabulo latino, e significa a cousa falsamente posta em lugar da verdadeira. Por onde se chama *supposto* o livro, ou obra, que falsamente se attribue a quem não foi o seu auctor. A auctoridade do livro *supposto* tambem de ordinario se reputa suspeitosa: comtudo ha obras, e escriptos, que por erro se tem attribuido a auctores, que os não escrevêrão, e cuja doutrina nem por isso he menos verdadeira, ou menos pia.

378

Já — Depressa — Promptamente

Já refere-se ao momento presente: *depressa* exprime a celeridade da execução: *promptamente* exclue as delongas.

O opposto de *já* he logo, depois, d'aqui a pouco: o opposto de *depressa* he devagar: o opposto de *promptamente* he com demora, com dilação, com detença.

Nem tudo o que se faz *já* se póde fazer *depressa;* e

nem tudo o que se faz, ou se quer *depressa* se póde fazer *promptamente.*

Ás vezes para se fazer a cousa *depressa,* convem não a fazer *já;* e para a fazer *promptamente,* convem não a fazer *já,* nem *depressa.* Muitas cousas se devem fazer *devagar,* por isso mesmo que se querem *promptamente* feitas.

Quem quer fazer o negocio *já,* arrisca-se a hir fóra do tempo opportuno: quem o quer fazer *depressa* talvez lhe não dá a consideração devida: quem o faz *promptamente* cumpre bem o seu dever.

379

Conforme—Segundo

São frases adverbiaes, que exprimem huma relação de conformidade, conveniencia, congruencia, &c.: mas *conforme* he mais proprio para exprimir a rigorosa *conformidade; segundo,* para exprimir a conveniencia, congruencia, &c.

O esculptor deve fazer a estatua *conforme* o modelo, que se lhe dá; e ampliar ou estreitar as dimensões, *segundo* o local, em que ha de ser collocada. As fórmas devem ser identicas com as do modelo: as dimensões devem ser convenientes ao local.

O homem de juizo obra *segundo* as circumstancias e a conjuncção das cousas; mas sempre *conforme* as maximas da razão e da sãa moral: quer dizer, que as acções do homem de juizo devem ter huma relação de perfeita *conformidade* com as regras da moral, e huma relação de justa congruencia com as circumstancias dos tempos e das cousas.

Deos ha de julgar os homens *conforme* os invariaveis

principios da sua eterna justiça, e *segundo* as boas, ou más acções, que elles tiverem praticado durante a sua vida, &c.

380

Astronomia — Astrologia

Estes dous vocabulos, de origem e composição grega, exprimem quasi a mesma noção. O primeiro quer dizer sciencia das leis dos astros; o segundo sciencia dos astros.

O uso porém tem posto entre elles huma notavel differença. Chamâmos *astronomia* a sciencia dos astros, propriamente dita, a qual examina, calcula e determina a grandeza, distancias e movimentos dos astros, as leis destes movimentos, &c. E chamâmos *astrologia* a sciencia (se este nome se lhe póde dar) que em outro tempo se crêo, que ensinava a prognosticar os successos pela situação e aspectos dos astros, e á qual se dava então o nome de *astrologia judiciaria*.

381

Importuno — Fastidioso — Tedioso — Molesto — Odioso

A impressão desagradavel, que nos fazem alguns objectos, nem sempre he igual, nem sempre he uniforme: nós a sentimos em differentes gráos, talvez misturada, ou modificada com differentes sentimentos, que a qualificão, por isso a exprimimos por certos vocabulos de significação complexa. Taes são os deste artigo.

Chamâmos *importuno* o objecto, quando elle se nos faz desagradavel, por vir fóra de tempo, de lugar, de conjuncção propria e conveniente.

Chamâmos-lhe *fastidioso,* quando pela sua continua-

ção, uniformidade, ou monotonia, gera em nós huma especie de saciedade, de inappetencia, de fastio.

Chamâmos-lhe *tedioso*, quando ao fastio, que nos causa, se ajunta o aborrecimento e a repugnancia de o sofrer.

Chamâmos-lhe *molesto*, quando nos causa inquietação, agitação e perturbação do espirito; quando nos põe n'hum estado incommodo e penoso.

Chamâmos-lhe finalmente *odioso*, quando as impressões, que nos causa, chegão a excitar em nós huma aversão forte, irresistivel, e tal, que não só nos he penoso ver o objecto, mas até desejariamos destruil-o, ou aniquilal-o, ou pelo menos fazel-o desapparecer para sempre de diante dos nossos olhos.

O pretendente que vem tractar do seu negocio fóra de tempo, de lugar, de occasião, he *importuno*. O objecto, que se nos apresenta, e nos distrahe, quando estamos occupados em alguma importante e necessaria meditação, he *importuno*. A visita do verdadeiro e fiel amigo nunca he *importuna*, &c.

Hum discurso prolixo, ou nimiamente extenso, he *fastidioso*. Os prazeres repetidos, e não variados, são *fastidiosos*. A propria musica, que tão agradavelmente move as almas harmonicas e bem compostas, póde ser *fastidiosa*, pela nimiedade, continuação e uniformidade.

Os objectos *fastidiosos*, continuados, fazem-se *tediosos*. O fastio gera naturalmente o aborrecimento, a repugnancia, o tedio.

Os objectos *importunos*, *fastidiosos*, ou *tediosos* são mais ou menos *molestos*. O mesmo objecto simplesmente desagradavel nos he *molesto*; porque o desagrado he já hum incommodo, que o nosso espirito sente, e este incommodo he o que se chama *molestia*. Comtudo damos mais particularmente a qualificação de *molestos* aos objectos, que nos inquietão e perturbão; que nos agitão e

vexão; que nos causão trabalho, pena, desgosto, &c. Hum letigio he hum negocio *molesto*. São talvez *molestos* os cuidados do pai de familias na administração de seus bens, na educação e estabelecimento de seus filhos, &c.

Finalmente os objectos, que se nos representão como essencialmente máos, e destructivos da nossa felicidade, são *odiosos*. *Odiosa* he a inveja, a maledicencia, a calumnia: *odiosos* são todos os vicios a quem seriamente reflecte na sua origem e nos seus funestos effeitos: *odiosos* são os mexeriqueiros, os enredadores, os mentirosos: *odiosissimos* são os ingratos. Que qualificação daremos aos monstros, que perseguem com calumnias a quem lhes faz, ou fez bem?

382

Entrar — Penetrar

Entrar he simplesmente hir dentro, ou hir de fóra para dentro: *penetrar* he entrar muito dentro, hir aos lugares mais intimos, *entrar* vencendo alguma difficuldade.

Entrar he o Latim *intrare*, propriamente passar o limiar da porta para dentro: *penetrar* he o Latim *penetrare*, composto, segundo alguns etymologistas Latinos, de *penitus* e *intrare*, hir muito dentro, entrar muito dentro.

Com a mesma differença se empregão no sentido translato. *Entrâmos* em hum negocio, em huma sociedade, em huma empreza; *entrâmos* nos estudos; *entrâmos* na vida publica, &c. *Penetrâmos* os segredos, as intenções, os intimos sentimentos, os projectos de alguem; *penetrâmos* huma questão, huma materia, hum plano, isto he, himos ao fundo delle, comprehendemol-o bem, &c.

383

Insipido — Insulso

São dous vocabulos, que qualificão os objectos, relativamente ao sentido do gosto; mas *insipido* he mais generico; significa o que não tem sabor: *insulso* he mais especifico: significa o que não tem sal.

O primeiro estende-se a todos os sabores, e exprime a negação, ou privação delles: o que he *insipido* não he doce, nem adocicado, nem amargo, nem azedo, nem salgado, nem acerbo, nem picante, &c.

O segundo limita-se unicamente á sensação, que resulta do tempero do sal, nos objectos do orgão do gosto: o que he *insulso* não tem sal, ou não tem o sal necessario para excitar no nosso orgão a sensação propria do objecto.

Como porém a palavra *sal* se toma ás vezes genericamente por *sabor*, e até no sentido figurado dizemos que huma cousa tem ou não tem sal, quando nos agrada ou não agrada; quando lhe achâmos ou não achâmos gosto; por isso não admira, que tambem muitas vezes confundâmos os dous vocabulos, maiormente se tivermos os varios sabores dos corpos naturaes como impressões dos varios saes, de que elles communmente são compostos.

384

Pezado — Oneroso — Gravoso

Pezado, no sentido natural, he o corpo que tem *pezo* (artigo 94): no sentido translato diz-se do officio, do cargo, do emprego, do dever, do contracto, &c., pelas obri-

gações mais ou menos *pezadas*, que impõe a quem o exercita.

Oneroso (do Latim *onus*, pezo, carga) parece á primeira vista ter a mesma significação que *pezado;* mas notâmos-lhe duas differenças: primeira, que *oneroso* sómente se usa no sentido translato, para qualificar qualquer genero de obrigação, ou dever, que se nos faz *pezado*, ou nos causa pezo; segunda, que pela terminação em *oso* indica, que a cousa he de sua natureza, e em si mesma *pezada*, e propria para produzir esse effeito (artigo 94).

Assim hum cargo, hum officio, hum contracto, hum imposto, hum dever póde ser *pezado* por circumstancias accidentaes, mas he *oneroso*, quando de si mesmo, e de sua propria natureza e indole tem o ser *pezado*.

Gravoso tem a mesma terminação que *oneroso;* mas parece exprimir mais que elle. O que he *gravoso* he de sua natureza notavelmente *oneroso*, excessivamente *pezado*, oppressivo, capaz de fazer cahir debaixo do pezo, &c.

385

Louvor — Honra — Gloria

Damos *louvor, honra, gloria* a alguem, e tambem merecemos, ou adquirimos *louvor, honra, gloria*. Em ambos os casos tem os tres vocabulos differenças analogas.

Damos *louvor* a alguem, quando por palavras e discursos mostrâmos estimar e approvar as suas acções; quando elogiâmos as suas boas qualidades, o seu saber, o seu procedimento, a sua virtude, emfim tudo aquillo por que o homem se faz benemerito da estima e approvação dos outros homens.

Damos *honra* a alguem, quando por palavras de *louvor*, e por acções de respeito e rendimento mostrâmos a

vantajosa idéa, que fazemos da sua probidade e virtude, e o reconhecemos não só como exacto observador dos seus deveres, mas tambem como animado de nobres, desinteressados e generosos sentimentos.

Damos *gloria* a alguem, quando ajuntâmos o nosso brado á voz publica e geral, para engrandecer e exaltar os seus relevantes e mui distinctos merecimentos; para fazer cada vez mais manifesta, mais extensa e mais illustre a opinião e fama de suas sobreexcellentes qualidades e virtudes, e de suas generosas e magnanimas acções.

Semelhantemente merecemos e adquirimos *louvor* por tudo quanto nos faz dignos da estima, da approvação e da boa opinião dos outros homens. O cumprimento de nossos deveres, a applicação a estudos uteis, as acções de beneficencia, a regularidade de costumes, &c., são cousas dignas de *louvor*.

Merecemos e adquirimos *honra,* quando ás praticas da verdadeira probidade, e ao exacto cumprimento dos nossos deveres, ajuntâmos a nobreza e generosidade de sentimentos, e aquella elevação da alma, que aspira ao primor da virtude, e exclue tudo o que he baixo, interessado, servil.

Finalmente merecemos e adquirimos *gloria* por virtudes e qualidades superiores, por acções grandes e excellentes, por emprezas difficeis, executadas com utilidade da patria, ou do genero humano, &c.

O extremo opposto do *louvor* he o vituperio; da *honra,* a deshonra; da *gloria,* a infamia.

386

Remorso – Arrependimento – Contrição

Remorso (do verbo *re-morder)* he hum vocabulo, que sómente se usa no sentido figurado, e exprime a severa

e reiterada reprehensão, que nos dá a nossa propria consciencia, reprovando e condemnando a acção má, que praticâmos. O *remorso* não nos consente gozar de verdadeira paz, emquanto nós mesmo não desapprovâmos e destruimos os motivos, que inspirarão essa acção, e não reformâmos a vontade que a produzio.

Arrependimento he o pezar, que sentimos, de havermos praticado alguma acção má, em qualquer situação da nossa vida, principalmente na ordem moral. Este sentimento he sempre acompanhado da detestação desse mal, e do deliberado e firme proposito de o não tornarmos a commetter (artigo 216).

O *remorso* produz algumas vezes o *arrependimento,* e nesse caso he tão salutar, quanto, pelo contrario, he terrivel, não se lhe seguindo o mesmo effeito.

A *contrição* he o *arrependimento* profundo, a dor viva e vehemente, que nos despedaça o coração, quando considerâmos o mal que commettemos. He termo theologico, que sómente se diz do *arrependimento* dos peccados, considerados como offensas de Deos, quando este *arrependimento* he inspirado e excitado pela caridade, e pelos motivos mais sublimes da religião.

387

Nocivo – Damnoso – Pernicioso

Nocivo (do Latim *noxa, noxius)* he tudo o que faz, ou póde fazer mal: *damnoso* (do Latim *damnum, damnosus)* he o que causa perda nos bens, na fazenda, nos haveres: *pernicioso* (do Latim *pernicies, perniciosus)* o que causa total ruina e morte, ou põe em grave perigo.

Por onde se vê, que *nocivo* he mais generico que *damnoso,* e ambos exprimem menos que *pernicioso.* Comtudo no uso commum se empregão algumas vezes

quasi indifferentemente, e sem respeito á significação especifica, que os distingue; senão que *pernicioso* se toma sempre pelo que he mui gravemente *nocivo*, ou *damnoso*, como nas expressões erro *pernicioso*, febre *perniciosa*, vicio *pernicioso*, &c.; conselho *pernicioso*, isto he, o que póde perder-nos.

388

Responder – Replicar

Responder he satisfazer á pergunta, á consulta, á questão, a todo o discurso, que se nos dirige, e que demanda huma *resposta*.

Replicar he *contra-responder*; instar sobre a *resposta*; reiterar talvez a pergunta com mais desenvolvimento; reforçar as razões do discurso, que se nos dirigio, e a que já *respondemos*.

Em frase forense o libello contém a demanda do auctor: a *resposta* ao libello chama-se contrariedade: a instancia do auctor sobre a contrariedade, reforçando, e talvez ampliando o libello, tem o nome de *réplica*.

O juiz, o magistrado *responde* á petição com hum despacho: se o supplicante julga ter que dizer ao despacho, ou contra elle, faz huma *réplica*, &c.

389

Abundancia – Copia – Abundante – Copioso

Applicâmos estes vocabulos aos objectos, em cuja quantidade notâmos algum excesso alem do que he bastante, do que he necessario: mas *abundancia* exprime simplesmente grande quantidade; *copia* exprime multiplicidade.

Abundancia e *abundante* referem-se mais propriamente á quantidade intensiva; á quantidade de materia informe; a tudo o que se augmenta por addição de outra materia, ou por novos gráos de intensidade.

Copia e *copioso* parece referirem-se mais propriamente á quantidade discreta, á multidão de cousas individuaes, a tudo o que se augmenta por addição de individuos da mesma especie.

Assim dizemos *abundancia* de dinheiro, e *copia* de moeda: *abundancia* de prata, ou de ouro, e *copia* de metaes preciosos: *abundancia* de producção e colheita, e *copia* de fructos, &c.

E dizemos tambem que hum paiz he *abundante* de vinho, ou azeite, e *copioso* em gados e creações: que hum livro he *abundante* de doutrina e instrucção, e *copioso* em factos e exemplos: que huma familia he *abundante* de bens da fortuna, e *copiosa* em uteis servidores do estado, &c.

390

Partir – Dividir

Os vocabulos *partir* e *dividir* ambos suppõem, que de hum todo se fazem partes; mas *partir* importa sempre a real separação das partes, e *dividir* significa muitas vezes a separação meramente ideal, ou a que se faz por calculo e medida; suppõe que considerâmos separadamente, ou talvez que marcâmos as differentes partes de hum todo, aindaque ellas fiquem realmente unidas.

Assim dizemos que o anno se *divide* em mezes, os mezes em dias, os dias em horas; que o circulo se *divide* em gráos, os gráos em minutos, &c.: e dizemos que hum pão se *parte* em duas ametades, huma pedra em pedaços, hum pomo em quartos; que os bens de huma herança se *partem* ou *dividem* entre os coherdeiros, &c.

Muitas vezes fazemos a *divisão* por medida ou calculo, antes de *partir*, para que a partilha seja depois justa e exacta.

391

Repartir – Distribuir

Repartir he dar as partes da cousa partida a dous, ou mais: *distribuir* he *repartir*, e talvez dividir, com certa regularidade, proporção e ordem.

Reparte-se o dinheiro aos pobres, o pão aos convidados; *repartem-se* os bens entre os coherdeiros, o despojo entre os socios, &c. *Distribuem-se* os lucros de huma negociação, em proporção dos capitaes com que cada hum entrou; *distribue-se* hum tributo pelo povo, com respeito ás posses de cada cidadão; *distribue* o homem publico o seu tempo, segundo o numero e importancia de suas obrigações; chamâmos *justiça distributiva* a que dá a cada hum, conforme o seu merecimento, &c.

392

Venal – Mercenario

Venal, no sentido natural e obvio, quer dizer o que está á venda; o que se póde vender; o que he apto para se vender. *Mercenario*, no sentido natural e obvio, quer dizer o homem, que trabalha por huma ajustada paga. Nenhuma destas significações tem algum mau sentido accessorio.

Applicando porém os mesmos vocabulos ao homem, em sentido moral, contrahem de algum modo huma noção de desprezo, e exprimem qualidades afins, mas differentes, e em differente grão odiosas e deshonrosas.

Chamâmos *venal* o homem, que vende a honra, a vir-

tude, a consciencia, os talentos, a reputação, isto he, que faz por dinheiro, ou paga, acções indignas, injustas, torpes, vis, &c., acções que elle mesmo porventura não faria se lhe não pagassem.

Chamâmos *mercenario* o homem, que faz pelo só interesse, pela só paga, o mesmo que deveria fazer por obrigação, por justiça, por honra, por caridade, por beneficencia.

He *venal* o juiz, que julga contra o seu entender, por dinheiro, ou peita. He tambem *venal* o juiz que julga conforme a justiça por dinheiro; porque de hum homem que assim avilta o caracter augusto da magistratura, não temos razão de esperar sentimento algum generoso e desinteressado. He *venal* o escriptor, que escreve contra a sua opinião, por paga; ou que escreve conforme as opiniões de quem lhe paga: he *venal* a mulher que se prostitue por dinheiro: he *venal* todo o homem, que faz qualquer acção má e injusta por dinheiro, &c.

He *mercenario* o parocho, por exemplo, que exercita o seu officio pelo só interesse; o ecclesiastico, que só por paga se apromptа para os deveres sagrados da sua profissão: he *mercenario* todo o homem, que no cumprimento de suas obrigações civis, moraes e religiosas sómente tem em vista o interesse da recompensa, ou o temor da pena, contando em pouco, ou talvez desprezando, os motivos mais nobres e mais elevados, que deverião animal-o.

393

Vibração – Oscillação – Ondulação

O movimento da corda de hum instrumento musico, fortemente estendida, *teza*, e ferida pelo arco, pela tecla, ou pelo dedo do tocador, offerece-nos a idéa da *vibração*. *Vibração* he propriamente o movimento tremulo do

corpo elastico, que sendo ferido se agita, até recobrar o estado de quietação.

O movimento da pendula de hum relogio, ou de qualquer corpo pendente, produzido pelo impulso que se lhe dá, offerece-nos a idéa da *oscillação*. *Oscillação* he propriamente o movimento do corpo pendente, ora para hum lado, e ora para o outro, até que chega a parar no ponto de descanço.

O movimento das ondas offerece-nos a idéa da *ondulação*. *Ondulação* he propriamente o movimento de hum corpo fluido, ou liquido em massa, que vem e se retira, cresce e decresce, eleva-se e abate-se, como as ondas do mar, ou do rio.

Assim parece que a *vibração* he especialmente produzida pela elasticidade do corpo; a *oscillação* pela sua gravidade; a *ondulação* pela gravidade e fluidez.

São termos das sciencias fysicas, que algumas vezes se applicão aos objectos ordinarios, e talvez em sentido figurado, com significações respectivamente analogas.

394

Accusador — Denunciante — Delator

O *accusador* dirige-se aberta e formalmente á justiça para solicitar della, contra alguem, a justa e legitima punição, e reparação de algum damno, injuria, ou malfeitoria.

O *denunciante* annuncia, ou manifesta á justiça hum delicto, ou projecto delle, ou, em geral, hum facto contra o interesse publico.

O *delator* observa, espreita, e vai referir em segredo, sob pretexto de interesse publico, o que elle crê ter visto, e ás vezes o que elle, por interesses particulares, deseja fazer crer.

O *accusador* promove o seu interesse particular, e juntamente o do publico, por meios legaes. O *denunciante* quer mostrar-se inspirado pelo zêlo do bem publico. O *delator* he sempre vil no modo com que procede, e quasi sempre iniquo, e talvez perverso, nas intenções e nos fins.

O fim primario do *accusador* he a conservação dos seus direitos, e a reparação legal do damno ou injuria, que recebeo. Este fim nada tem de injusto, ou deshonroso.

O fim primario do *denunciante* e *delator* deveria ser o zêlo do interesse publico: e como este zêlo he rarissimo, e os *denunciantes* e *delatores* são muitos, e ordinariamente das classes da sociedade, nas quaes se não podem esperar sentimentos nobres e generosos; por isso não ádmira que huns e outros sejão mal avaliados do publico; maiormente porém os *delatores*, cujo procedimento parece totalmente alheio do homem bom, franco, sincero e honrado.

395

Inefavel — Indizivel — Inexplicavel — Inenarravel

Inefavel (do Latim *fari*, proferir, pronunciar palavras) he propriamente aquillo, de que se não póde falar, que se não póde pronunciar, sobre que se não póde proferir palavra. Toma-se sempre em bom sentido, e refere-se áquelles objectos, dos quaes por sua incomprehensivel grandeza e sublimidade não podemos ter verdadeira noção, e por isso nos não he dado proferir palavras, que os signifiquem. Taes são os mysterios da religião, os attributos de Deos, as operações da graça, os segredos da Providencia, &c.

Dissemos que *inefavel* se toma sempre em bom sentido: no sentido opposto corresponde-lhe, de algum modo, *nefando;* mas com expressão relativamente menos

energica, por lhe faltar a terminação de possibilidade em *avel*. Assim *inefavel* he o que se não póde falar; *nefando*, o que se não deve falar.

Indizivel (do Latim *dico*, ou antes do Grego δείκω, exprimir, mostrar) he o que se não póde dizer com assás clareza, e de maneira que demos aos outros sufficiente conhecimento do assumpto. Refere-se ordinariamente aos objectos dos nossos sentimentos e affeições, quando estas são taes, que não he facil, nem parece possivel, exprimil-as com toda a sua energia. Assim dizemos, v. gr., que as delicias do estudo, a doçura e os prazeres da amizade, a suavidade da virtude, &c., são cousas *indiziveis;* que he necessario experimental-as para as conhecer.

Inexplicavel (do Latim *explicare*, desdobrar, desenvolver, desembrulhar) he aquillo de que se não podem achar e entender as cousas, nem os motivos e razões da sua existencia, nem os meios que para ella se empregarão. Refere-se ordinariamente ás cousas que tem sido objecto de nossas especulações, e de que não podemos dar huma conveniente e filosofica explicação. Assim dizemos, que alguns fenomenos são *inexplicaveis*, que hum acontecimento he *inexplicavel*, que hum artificio, hum mecanismo he *inexplicavel*, &c.

Inenarravel (do Latim *enarrare*, contar por ordem e circumstanciadamente) he tudo aquillo, que ou por sua indole maravilhosa, ou pela sua vasta extensão, ou pela multiplicidade e variedade de suas circumstancias, se não póde referir nem inteira e ordenadamente, nem com todas as particularidades e individuação. As maravilhas da natureza, os prodigios da creação, e reproducção dos seres, &c., são *inenarraveis*.

Bem se vê que todos estes adjectivos exprimem, em differentes gráos, a impossibilidade em que ás vezes nos achâmos de falar digna e convenientemente sobre certos

objectos. Isto, que constitue a sua synonymia, faz tambem que em alguns casos os possamos empregar huns pelos outros. Mas quem attender á origem e composição etymologica de cada hum, e observar os differentes objectos, a que ordinariamente se applicão, facilmente conhecerá, que a synonymia não he completa, e que nem sempre se podem usar sem escolha.

396

Desejar — Appetecer

Ambos estes vocabulos exprimem a acção da nossa alma, quando ella propende para os objectos, que se lhe representão como bons e agradaveis, e tem vontade de os alcançar. Mas differenção-se entre si pelo differente modo, grau e effeitos da mesma acção.

Desejar póde ser effeito, ou consequencia da reflexão, e do serio e verdadeiro conhecimento do objecto. *Appetecer* he quasi sempre hum sentimento mais mecanico, que reflexivo; he ás vezes o primeiro impulso, o primeiro impeto da alma, para o objecto, que se lhe representa agradavel.

Desejar he ter vontade continuada de alcançar e possuir o objecto. *Appetecer* he sentir huma propensão forte e rapida, huma especie de impulso cego para o objecto; he ser arrebatado por elle e para elle; ter vontade inquieta e ardente de o alcançar, he *desejar avidamente*, com paixão.

D'onde vem que *desejar* se emprega mais ordinariamente, quando falâmos de objectos moraes, licitos, honestos; *appetecer*, quando falâmos de objectos fysicos e sensiveis. *Desejar* sómente se póde dizer, com propriedade, dos individuos racionaes; *appetecer* tambem se póde attribuir aos irracionaes, &c.

397

Visão — Apparição

Ver e *apparecer* exprimem noções mui differentes e mui geralmente conhecidas. *Ver* he o acto da potencia visiva; he hum acto nosso, das nossas faculdades; hum acto que se passa todo (digamos assim) em nós e dentro de nós. *Apparecer* he o acto de hum objecto estranho, que se apresenta e manifesta á nossa vista; que se faz visivel; he hum acto que se passa todo fóra de nós.

A mesma differença analogamente se deve achar entre *visão* e *apparição*.

Usâmos do vocabulo *visão*, quando nos referimos primaria e especialmente á acção dos nossos orgãos, das nossas faculdades, da nossa imaginação, talvez sem dependencia de objecto algum externo. E usâmos do vocabulo *apparição*, quando primaria e especialmente nos referimos a alguma imagem, figura ou simulacro; a algum objecto externo real, ou fantastico, que se nos apresenta, ou manifesta; que se nos dá a *ver;* que nos *apparece*.

Por onde, chamâmos mais ordinariamente *visões* aquellas, que acontecem em sonho; porque nesse estado parece que todo o trabalho e acção he sómente dos nossos orgãos internos, ou da nossa imaginação e fantasia: e chamâmos *apparições* aquellas, que acontecem em estado de vigilia; porque nesse estado, não sendo tão facil. nem tão ordinaria a illusão da fantasia. parece que não poderá existir a *visão*, sem que real, ou fantasticamente exista fóra de nós. e nos *appareça* o objecto della.

Em summa: para haver *visão*, basta que os nossos orgãos internos ou externos sejão movidos, como o serião,

se o objecto estivesse presente: para haver porém *appa-ricão* he necessario que o objecto real, ou fantastico es-teja effectivamente presente.

398

Insignia — Bandeira — Estandarte — Pendão — Guião

Insignia he de todos estes vocabulos o mais generico: exprime todo o distinctivo, que se põe, ou se traz em lugar, que todos o vejão, e talvez levantado ao alto, para servir de *sinal;* para por elle conhecermos e distinguir-mos a corporação, familia, ordem, classe, emprego, &c., da pessoa, ou cousa. Os escudos de armas, as veneras das ordens militares, os topes dos chapéos, os pena-chos, &c., são *insignias.*

Bandeira he huma especie de *insignia;* e *estandarte* e *pendão* são especies de *bandeira.*

Bandeira he hum tecido maior, ou menor, de linho, seda, algodão, ou outra materia, de figura quadrada, ou quadrilonga, pendente de huma hastea alta, o qual pela côr, escudo, figura, ou pintura, que mostra, dá a conhe-cer os corpos militares de infantaria, os navios de diffe-rentes nações, as corporações dos officios mecanicos, algumas irmandades religiosas, &c.

Estandarte he huma especie de *bandeira,* pelo qual hoje distinguimos os corpos militares de cavallaria. O of-ficial militar a quem compete levar o *estandarte* se chama *porta-estandarte,* assim como na infantaria se chama *porta-bandeira* o alferes, que leva a *bandeira* nas mar-chas e nos actos militares.

Finalmente *pendão* he outra especie de *bandeira,* mais comprida que larga, rematando pela parte inferior em duas pontas, talvez com franjas e borlas, &c. Foi em ou-tro tempo *insignia* militar: hoje parece ser tamsómente

distinctivo de algumas particulares irmandades e confrarias religiosas.

Quando a *bandeira* ou *pendão* vai adiante, guiando a marcha, dá-se-lhe o nome de *guião*.

399

Distancia — Intervallo

Distancia he vocabulo abstracto; exprime tamsómente huma relação entre dous termos: *intervallo* he vocabulo concreto; exprime hum espaço posto entre dous termos.

Distancia significa a relação da separação em que estão dous objectos, a qual deve ser determinada por huma medida: *intervallo* significa o espaço que ha entre esses dous objectos, o qual em huma das suas dimensões serve de medida á *distancia*.

400

Caduco — Decrepito

No sentido primario *caduco* he o que está para cahir, o que facilmente cahe: *decrepito* he o que está quebrado, ou facilmente quebra, ou estala.

Por onde applicados estes vocabulos ao homem, exprimem o sujeito, que por sua longa idade, talvez acompanhada de molestias e trabalhos, mostra grande e sensivel decadencia de forças fysicas e intellectuaes, e parece prometter mui pouca duração. Nisto consiste a synonymia que ha entre elles. Tem comtudo, no uso do nosso idioma, huma differença, que convem notar.

Decrepito sómente se diz do homem e da sua idade (homem *decrepito*, idade *decrepita); caduco* applica-se a muitos outros objectos, em que considerâmos pouca duração e fragil consistencia. Assim dizemos, que são *ca-*

ducos os bens do mundo, *caducas* as suas grandezas, as suas honras, &c., e não lhe podemos chamar *decrepitos*, postoque a significação original e etymologica do vocabulo não repugne a esta applicação.

401

Intenção — Designio — Intuito

Intenção quer dizer a fixa determinação da vontade para hum premeditado objecto.

Designio quer dizer a idéa escolhida e adoptada; o plano, ou *desenho*, que nos propomos seguir na execução do objecto intentado.

Pelo que parece, que *intenção* se refere mais á vontade, que resolve e determina; e *designio* ao entendimento, que inventa, traça, *desenha* os meios, o caminho, o methodo.

Intuito he propriamente o fim que intentâmos alcançar; o presupposto que havemos formado e levâmos diante dos olhos; o alvo, ou fito, a que nos dirigimos na acção.

402

Triunfante — Ovante

São dous vocabulos, cuja differença se deve buscar na lingua Latina, d'onde derivão.

O *triunfo* (do Latim *triumphus* e *triumphare)* era entre os Romanos a ostentação publica da victoria em honra do vencedor; a ceremonia solemne e pomposa, que se fazia em honra do general do exercito, quando entrava em Roma, depois de haver conseguido alguma grande e assignalada victoria.

A *ovação* (do Latim *ovatio* e *ovare)* era entre os mes-

mos Romanos huma especie de triunfo menor, differente do primeiro no apparato e nas ceremonias: era o triunfo concedido ao general, que tinha vencido os inimigos sem derramar sangue, ou que tinha alcançado alguma victoria menos importante.

No *triunfo* maior o general era conduzido em carro, e sacrificava aos Deoses hum touro: no *triunfo* menor, ou na *ovação*, entrava a pé, ou a cavallo, e sacrificava huma ovelha, &c.

Com analoga differença se devem usar entre nós os dous vocabulos *ovante* e *triunfante*. Comtudo alguns nossos poetas modernos parece que empregão *ovante* como termo mais nobre e mais pomposo, que *triunfante*, acaso por ser menos vulgar, e lhes parecer mais proprio por isso da linguagem poetica.

403

Transcrever — Copiar — Trasladar

Aindaque estes vocabulos se possão usar, e usem em alguns casos indifferentemente, tem comtudo differenças que excluem a perfeita synonymia.

Transcrever, passar o escripto de hum papel para outro, repetindo-o: he repetir o escripto; escrever em hum papel ou livro o que está escripto em outro, servindo este de modelo, ou original.

Copiar he propriamente multiplicar os exemplares: e por isso se diz não só do escripto, mas tambem do desenho, da pintura, da esculptura, &c. E em sentido figurado diremos que o homem *copia* em si as virtudes do seu modelo, &c., expressão em que não podemos usar de *transcrever*.

Trasladar tem significação ainda mais generica e mais ampla que *copiar*. *Trasladar* he propriamente mudar de

hum lugar, ou de hum tempo para outro. Assim, não só dizemos que o estudante *traslada* (isto he, *transcreve* ou *copia)* o modelo de escripta, que tem presente; que o homem *traslada* ou *copia* em si as virtudes do seu modelo, imitando-as; mas dizemos tambem que o traductor *traslada* huma obra vertendo-a de huma lingua em outra; o que não he simplesmente *transcrever*, ou *copiar;* e finalmente que se *traslada*, isto he, que se transfere huma festa, ou huma solemnidade de hum dia, ou tempo para outro, &c., nas quaes duas ultimas frases nenhum lugar podem ter os verbos *copiar* ou *transcrever*.

404

Acontecimento – Accidente – Successo – Caso – Aventura

Damos o nome de *acontecimento* a tudo, em geral, o que succede no mundo, tanto na ordem fysica como na moral, tanto no publico como no particular; assim nas cousas como nas pessoas. Hum terremoto, hum incendio, huma guerra, hum eclipse, hum nascimento, hum cazamento, a morte de hum homem, a quéda de hum imperio, &c., &c., são *acontecimentos:* por onde se vê que he termo generico, de que os outros se podem considerar como especies.

Accidente he hum *acontecimento*, que parece ser estranho á substancia e natureza do objecto, e talvez á sua situação e circumstancias actuaes, e que por isso vem sem ser previsto, nem aguardado. A quéda de hum edificio, que parecia não ameaçar ruina, he hum *accidente:* a morte repentina de huma pessoa, que parecia estar em bôa saude, he hum *accidente*, &c. O vocabulo *accidente*, empregado absolutamente e sem epitheto, toma-se as mais das vezes em mau sentido; e quando queremos de-

signar algum *accidente* feliz, e agradavel, ajuntâmos-lhe sempre essa qualificação.

Successo exprime o *acontecimento,* que resulta de cousas ou factos anteriores (do Latim *sub-cedo,* vir depois): envolve huma noção de causalidade, e emprega-se ordinariamente para significar o exito e resolução de huma cousa que se aguardava ou esperava, e que porventura se tinha preparado ou premeditado. Assim dizemos o *successo* de hum negocio, de huma empreza, de hum plano; o *successo* das nossas diligencias; o *successo* de huma viagem; o *successo* justificou o bom emprego dos meios, &c.

Caso he hum *acontecimento,* que julgâmos totalmente fortuito, ou porque ignorâmos as causas que o produzirão, ou porque não descobrimos nelle ligação alguma com os factos anteriores, que nos são conhecidos.

Aventura finalmente parece exprimir com mais propriedade alguns *acontecimentos* não só inesperados, mas estranhos, singulares, talvez graciosos e extravagantes, que dizem respeito ás pessoas; ou elles sejão totalmente imprevistos e casuaes, ou derivem de algum premeditado enredo, ou sejão o resultado de hum concurso de circumstancias não vulgares. Que Portuguez dotado de alguma curiosidade e gosto, não tem lido e admirado muitas vezes as *Aventuras* de Fernam Mendes Pinto, referidas no excellente livro de suas *Peregrinações?* O illustre Fénélon tambem deo este nome ás do seu *Telemaco.*

405

Exhalar — Evaporar

Exhalão os corpos, quando lanção de si effluvios subtilissimos, quasi sempre invisiveis, que se diffundem em roda do corpo *exhalante.* Estes effluvios chamão-se *exhalações.*

Evaporão os corpos, quando em consequencia do calor lanção de si particulas subtis e humidas, que ordinariamente se vêem subir ao alto, como o fumo. Estas particulas chamão-se *vapores.*

Exhalão algumas flores hum cheiro suavissimo, isto he, particulas tenuissimas e invisiveis, que vem tocar deliciosamente o nosso olfacto. *Exhalão* alguns animaes, na época dos seus amores, cheiros fortes, talvez agradaveis. As *exhalações* dos cemiterios podem ser funestas á vida. Muitos corpos estão de continuo *exhalando* effluvios, &c.

A agoa dos lagos, dos rios, do mar diminue pela *evaporação.* Da terra ferida do sol se levantão *vapores.* O fumo he formado dos *vapores* que sahem dos corpos em certo gráo de calor, &c.

406

Assenso — Approvação

A razão *assente:* a consciencia *approva.*

O *assenso* dá-se á verdade: a *approvação,* ao bem. *Assentimos* a huma proposição, que nos parece verdadeira: *approvâmos* huma resolução, huma acção, que nos parece boa.

Assentimos a hum voto, a hum parecer, que nos parece fundado em boas razões: *approvâmos* hum conselho, hum plano, hum arbitrio, que nos parece fundado em prudencia e justiça.

407

Inclinação — Affeição — Amizade — Amor — Ternura

Quando considerâmos hum objecto como agradavel, e bom, isto he, como proprio para servir á nossa felicida-

de, naturalmente sentimos em nós huma disposição para o amar; huma tendencia, huma força, hum pendor que nos leva para elle. Esta he a *inclinação* (artigo 28).

A *inclinação* continuada, não combatida, nem desvanecida, antes de algum modo cultivada pelo maior exame das qualidades do objecto, e pela maior convicção que vamos adquirindo da sua bondade, gera a *affeição*, que he mais forte e mais duravel que a simples *inclinação*, menos activa que a *amizade*, e mais tranquilla que o *amor*.

A *affeição* confirmada pelo tempo e pela estima, cada vez maior, das qualidades do objecto, acontece recahir em pessoas, que achâmos conformes comnosco em costumes e sentimentos virtuosos, e que talvez se ligão e unem a nós por alguma occulta sympathia. Neste caso está formada a *amizade*; sentimento tão precioso como raro, o qual se alimenta, desenvolve e conserva, e se torna mais energico, e mais duravel por huma correspondencia constante e segura; por huma illimitada e bem empregada confiança; pela mutua prestação de conselhos, exemplos, consolações e auxilios na necessidade; emfim pela participação reciproca de penas e de prazeres.

O *amor* differença-se muito da *amizade*, e muito mais da simples *affeição*. *Amor* he o nome que damos, em geral, a todas as *affeições* benevolas, que ligão os homens huns aos outros, e até aos objectos inanimados e insensiveis, ou estas *affeições* nasção do instincto, ou do dever, ou do sentimento moral, com tanto que tenhão chegàdo a certo gráo de energia e actividade. N'este amplissimo sentido (que he huma prova da imperfeição e pobreza do idioma) dizemos que o homem tem *amor* de Deos, e *amor* de si; que o pai tem *amor* ao filho, o amigo ao amigo, o homem grato ao seu bemfeitor, &c.; e dizemos tambem que temos *amor* ao lugar em que

nascemos, á caza que habitâmos, aos bens que cultivâmos, e ao proprio animal, que nos serve bem e fielmente. No mesmo sentido dizemos *amor* filial, *amor* fraternal, *amor* da patria, dos livros, dos estudos, *amor* da verdade, do bello, *amor* dos prazeres, &c., sendo que muitos destes *amores* tem origens, caracteres e effeitos mui differentes, e deverião ser exprimidos por vocabulos proprios, postoque todos consistem n'huma affeição forte, energica, activa e apaixonada, que tende a unir-nos da maneira possivel ao objecto amado.

No sentido mais particular e mais ordinario, em que se toma este vocabulo, exprime huma paixão mais violenta, que a amizade, huma paixão talvez precipitada e cega. Este *amor* não admitte exame, nem reflexão; sobresalta o coração, quasi de improviso, e chega a dominal-o, sem lhe dar tempo de voltar sobre si: he talvez excitado por meras apparencias, e nutre-se quasi sempre da esperança de prazeres suggeridos pelos sentidos.

Ternura não he propriamente huma acção, mas sim hum estado, huma situação da alma, que póde existir, em differentes gráos, com o *amor*, com a *amizade*, com a *affeição*, e até com a simples *inclinação*. Mistura-se as mais das vezes com os sentimentos benevolos das pessoas, que são dotadas de particular sensibilidade; por onde se vê que della depende, e nella consiste o seu especial caracter.

408

Calor — Calma

Na linguagem vulgar parece que confundimos algumas vezes estes vocabulos, principalmente quando falâmos do tempo do estio. Assim dizemos que está muito *calor*, ou

muita *calma;* que o tempo está muito *calmoso;* que a sesta he *calmosa;* que o estio foi de grandes *calores,* ou de grandes *calmas,* &c. Mas he facil ver, que não ha rigorosa synonymia entre os dous vocabulos, e que se empregâmos *calma* por *calor,* he porque figuradamente tomâmos pelo effeito humas das causas, que o produzem.

Calor he a sensação que experimentâmos opposta á sensação de frio, e produzida pelo calorico. *Calma* he propriamente a cessação de agitação e perturbação no movimento das agoas do mar, nascida da cessação do vento, que produz esses effeitos: d'onde vem dizermos que *acalmou* o vento, que *acalmou* a tempestade, que o mar está em *calma,* &c., e no figurado que o *negocio está em calma,* como algumas vezes diz Vieira nas *Cartas,* isto he, que se não tracta delle, que está parado, &c.

Por onde parece que applicâmos *calma* para significar o *calor,* quando falâmos do estio, vistoque nesta estação se experimenta maior força de *calor,* quando não ha vento, nem viração alguma que refresque a atmosfera, vindo consequentemente a *calma,* isto he, a total cessação do movimento do ar a ser huma causa do maior *calor,* e a tomar-se figuradamente pelo seu effeito: bem como dizemos no mesmo sentido, que o *sol* está *forte,* ou ardente, tomando *sol* pelo *calor,* que elle produz.

Ha ainda outra differença entre *calor* e *calma,* e vem a ser, que o primeiro destes vocabulos, exprimindo em geral huma sensação, não determina o gráo da sua energia, podendo dizer-se que sentimos *calor,* desde o mais remisso até o mais alto gráo da impressão, a que damos este nome: o segundo vocabulo, porém, sempre exprime hum alto gráo de *calor,* e sómente se emprega, como dissemos, quando se fala dos *calores* fortes e ardentes do estio.

409

Calma — Calmaria — Bonança

Acabámos de dizer que o vocabulo *calma* exprime a cessação do movimento agitado e tumultuoso das agoas do mar, em consequencia da total cessação do vento.

Calmaria exprime, por força da sua terminação (artigo 149) muita *calma,* continuação de *calma, calma* continuada. São bem conhecidas dos navegantes as *calmarias* que talvez se experimentão em certas paragens do mar: assim dizemos, v. gr., as *calmarias* de Guiné, as *calmarias* da linha, &c.

Bonança tem muita differença de hum e outro vocabulo; porquanto exprimindo tambem hum certo grão de tranquillidade do mar, e serenidade do tempo, não exclue, antes suppõe aquelle movimento das agoas e dos ventos, que he favoravel á navegação. Assim dizemos que está o mar em *bonança,* ou que está o mar *bonança,* quando o navio he docemente impellido por ventos brandos, favoraveis, prosperos, que tambem por esse motivo se chamão, na linguagem dos homens do mar, *ventos bonanças.*

410

Cavallo — Faca — Rocim — Palafrem — Potro — Ginete

Cavallo quer dizer o animal quadrupede bem conhecido. He nome da especie, não envolve idéa alguma accessoria, e póde por isso mesmo applicar-se ás differentes raças e variedades do mesmo animal (Latim *equus).*

Faca he o *cavallo* de pequena estatura. He vocabulo derivado do arabe *haqqa,* d'onde vem *hacanea,* ou *haq-*

genea, que tambem se escreveo *facanéa*, e signifi *cavallo* maior que a *faca*, e menor que o *cavallo* c nario (Latim *mannus*).

Rocim he o *cavallo* velho, estropeado ou mau; ta o *cavallo* de trabalho, que se chama assim para d rença do que chamão de regalo (Latim *canterius*).

Palafrem he o *cavallo* manso, em que costum montar as damas e senhoras, e talvez os Principes suas entradas publicas. Tambem se dava, ás veze mesmo nome aos *cavallos* em que montavão os crea quando acompanhavão seus amos.

Potro he o *cavallo*, desde que nasce atè á idad quatro annos, pouco mais ou menos, em que mud dentes.

Ginete não he casta, ou raça particular de *cav* *Gineta* chamavão os antigos a cavallaria curta, ou h particular maneira de cavalgar á curta, e d'aqui ve frase *cavalgar á gineta*; chamarem-se *ginetes* e *gin rios* os que assim cavalgavão; e dar-se finalmente o n de *ginetes* aos proprios *cavallos*. He vocabulo de ori africana segundo alguns escriptores, e derivado do gr segundo a opinião de outros.

411

Temperamento — Constituição — Compleição

Temperamento he a combinação e mistura propor nada dos humores do corpo animal.

Constituição he o conjuncto das qualidades e prop dades, que resultão da composição, distribuição e ar jamento harmonico dos solidos e liquidos do corpo mal, e das suas forças, dos seus elementos, dos s principios, &c.

Compleição he o resultado do temperamento e constituição, relativamente ao vigor, robustez e saude do corpo animal.

O *temperamento* he bom, quando os humores do corpo estão misturados em conveniente proporção e equilibrio.

A *constituição* he boa, quando os differentes elementos, de que se compõe o corpo, as suas partes solidas e liquidas estão dispostas e distribuidas com harmonia entre si, de maneira que fação sem embaraço e sem difficuldade as suas funcções respectivas.

A *compleição* he boa, quando por effeito do bom *temperamento* e *constituição,* o corpo mostra hum estado habitual de força, robustez, vigor e saude.

Se no corpo humano predomina consideravelmente algum dos humores, o *temperamento* contrahe certos defeitos, que lhe são proprios.

Se entre as partes solidas e liquidas do corpo humano, e entre as suas forças relativas não ha harmonia, a *constituição* he má.

Da má *constituição* resulta ordinariamente huma *compleição* fraca, frouxa, morbosa, &c.

412

Apparecer — Comparecer

Apparecer he propriamente fazer-se visivel, pôr-se á vista, dar-se a ver; pôr-se adiante dos nossos olhos.

Comparecer he *apparecer* com determinada intenção de ser visto; fazer de proposito mostra de si; fazer-se ver, apresentar-se talvez por ordem ou mandado superior.

Apparecer diz-se das cousas e pessoas. *Comparecer* sómente se póde dizer das pessoas.

Apparece hum meteoro no ceo, hum novo astro, hum fenomeno não usado: *apparecem* nodoas no corpo: *apparece* huma fonte no valle, hum thesouro na excavação, &c., *apparece* o animal, ou o traste que se havia perdido, &c.

Comparece o reo citado em juizo; o magistrado convocado no tribunal; o socio avisado na sociedade, &c., &c.

413

Alienar – Vender

Alienar tem significação mais generica. *Vender*, mais especifica. *Venda* he especie de *alienação*.

Alienar he transferir para outrem a propriedade ou dominio, que temos em alguma cousa. Podemos *alienar* por doação, por dote, por venda, por troca, &c.

Vender he passar a outrem a propriedade, ou dominio, que temos em alguma cousa, entregando-a ao comprador mediante hum preço determinado e ajustado pelo consenso reciproco de ambos.

O opposto de *alienar* he adquirir: o opposto de *vender* he comprar.

414

Asylo – Refugio

Exprimem estes dous vocabulos a noção de hum lugar real, ou figurado, ao qual nos acolhemos, para escaparmos a algum mal, ou nos salvarmos de algum perigo, e nos pormos em segurança. Mas *refugio* tem significação mais generica; *asylo* mais especifica e mais restricta.

Dá-se o nome de *refugio* a toda a sorte de lugar, em que, subtrahindo-nos a qualquer perigo, nos pomos em segurança. E dá-se o nome de *asylo* ao lugar privilegiado, no qual, por força das leis, ou da publica opinião, ficâmos ou nos pomos ao abrigo de qualquer perigo, e em segurança.

Os templos, os lugares sagrados, &c., são *asylos* para certos delinquentes, que as leis não permittem tirar desses lugares, quando a elles se acolhem. O porto he o *refugio* dos navegantes batidos da tempestade. A solidão he o *refugio* do filosofo que ama a tranquillidade, &c.

415

Attribuir — Imputar

Attribuimos ás pessoas e ás cousas: *imputâmos* ás pessoas. *Attribuimos* huma acção, hum effeito, hum fenomeno, hum acontecimento: *imputâmos* o mal, a culpa, o crime.

Por onde *attribuir* he mais generico: *imputar* mais restricto e mais especifico.

Attribuimos hum effeito a certa causa, hum invento a certo auctor: huma propriedade ou qualidade a certa substancia, &c.: *imputâmos* hum crime a certa pessoa.

Attribuir he dar a alguem, ou a alguma cousa: *imputar* he lançar sobre alguem, lançar em sua conta, quasi constituil-o devedor.

Attribuir póde dizer-se em bom ou mau sentido: *imputar* quasi sempre se diz em mau sentido, quando julgâmos alguem responsavel por algum mal que fez.

Attribuir, quando se diz do mal ou do crime, refere-se á nossa particular opinião: *imputar*, no mesmo caso, refere-se com mais propriedade á auctoridade publica, que julga a pessoa culpavel e responsavel, &c.

416

Culpar — Accusar

Culpar alguem he lançar-lhe a culpa de algum mau feito. *Accusar* alguem he perseguil-o por esse mau feito perante o juiz.

417

Licito — Permittido

He *licito* tudo o que nenhuma lei prohibe. He *permittido* tudo o que alguma lei positiva auctorisa a fazer, ou dá licença para se fazer, sendo antes prohibido.

Ha muitas cousas, que consideradas em si e na sua substancia são indifferentes. Estas são *licitas*, emquanto a lei as não prohibe. O passeio, o jogo honesto, a distracção do espirito, a conversação, &c., são cousas, em geral, *licitas*.

Ha tambem muitas cousas que as leis positivas tem prohibido. Se outra lei posterior declara que tem cessado os motivos da prohibição, e expressamente a levanta, essas cousas vem a ser *permittidas* e consequentemente *licitas*. Semelhantemente o que he prohibido pela lei, póde ser *permittido* a alguma pessoa, ou classe de pessoas, quando a mesma ou outra lei assim o declara expressamente.

O comer carne em qualquer tempo ou dias do anno era cousa em si *licita*, antes que a lei da Igreja o prohibisse; mas depois da prohibição sómente he *permittido* o seu uso ás pessoas que por justos motivos são dispensadas da abstinencia pela propria auctoridade da Igreja.

A *licito* oppõe-se illicito. A *permittido* oppõe-se prohibido.

418

Alto—Profundo

Parece que no idioma portuguez, assim como no latino, se considera ou mede a *altura* dos objectos, tanto para cima, como para baixo, a respeito do plano em que está, ou se suppõe o observador. Assim dizemos, v. gr., *alta* torre, muro *alto*, o que tem hum certo gráo de elevação, e *alto* fosso, poço *alto*, o que tem hum certo gráo de *profundidade*. No mesmo sentido dizemos mar *alto*, e *alto* pego, aonde as agoas são mais fundas, isto he, aonde achâmos grande distancia desde a superficie até ao fundo do mar, &c.

Mas postoque nos casos em que *alto* exprime profundidade pareça ser synonymo de *profundo*, ha comtudo entre elles alguma differença, vistoque o vocabulo *profundo* exprime sempre, em virtude da sua composição etymologica, o que he muito fundo ou notavelmente *fundo*. Assim huma cova, v. g., que se póde dizer *alta* vinte ou trinta palmos, impropriamente se diria *profunda*, e no *alto* mar ha pegos *profundos*, que se não dirião simplesmente *altos*.

Mas alem disso *profundo* e *profundidade* applica-se a muitos casos, em que se não concebe *altura*, nem *abaixamento* local; como em caverna *profunda*, chaga *profunda*, que indicão que *profundo* se oppõe tambem a *superficial*.

Em outras significações, não póde o vocabulo *profundo* confundir-se com *alto*, nem parece necessario individuar aqui as suas differenças. Dizemos, por exemplo, chaga *profunda*, golpe *profundo*, e não *alto*, tomando *profundo* pelo que vai muito alem da superficie para dentro, muito ao interior, muito ao centro, e

no mesmo sentido, aindaque figuradamente, dizemos tambem dor, magoa, sentimento *profundo*, e não *alto*, o que se sente no intimo do coração, &c.

419

Amante — Enamorado

Considerando-se a composição e terminações destes vocabulos, *amante* he o que actualmente ama, e *enamorado* he o que está todo possuido e penetrado de amor (artigos 114 e 205).

Em *amante* a terminação corresponde á dos participios do presente activos dos verbos latinos, e exprime a actualidade da acção. Em *enamorado* a terminação corresponde á dos participios perfeitos passivos dos verbos latinos, e exprime o estado actual passivo do sujeito, mas a preposição componente *en* dá particular energia á significação principal, e exprime que o sujeito está não só possuido do amor, mas todo mettido nelle, e nelle entranhado. Assim *em-pégado*, *em-possado*, *en-cadeado*, *en-calmado*, *em-brenhado*, *em-boscado*, *en-taipado*, *en-senhoreado*, *en-regelado*, e mil outros vocabulos portuguezes tomão por força da mesma particula huma significação mais expressiva e mais energica do que terião no seu estado simples.

Desta differença, que temos notado entre *amante* e *en-amorado*, resulta, ao que parece, outra não menos importante, e he que o primeiro, referindo-se á simples actualidade, se diz mais vulgarmente da pessoa, que actualmente dá mostras de *amor*, e que talvez a ellas se limita; o segundo, suppondo hum sentimento mais concentrado e mais intimo, diz-se tambem da pessoa que sem parecer *amante*, está comtudo senhoreada do amor,

postoque talvez impossibilitada de o mostrar por sinaes externos.

Algumas vezes acontece que huma pessoa esteja *enamorada*, sem ousar mostrar-se, ou parecer *amante:* e outras vezes acontece que alguma pessoa se mostre *amante*, sem estar *enamorada.*

420

Amor — Caridade

Os vocabulos latinos *amor* e *charitas* já entre os escriptores Romanos tinhão grande differença: *amor* dizia-se do *amor* honesto e do *amor* torpe; *charitas*, sómente do primeiro; *amor* dizia-se dos homens e dos animaes; *charitas*, sómente dos homens e de Deos; *amor* significava o *amor* sem especificar a sua origem; *charitas*, o *amor* nascido da virtude e nella fundado.

O christianismo veio fazer a *caridade* ainda mais santa, mais respeitavel, e mais sublime, e poz consequentemente huma differença muito maior entre os dous vocabulos no uso da linguagem christãa.

Neste sentido *caridade* he o *amor*, que temos a Deos, tanto por suas ineffaveis perfeições, como por ser o nosso summo bem; e o *amor* que temos aos homens como creaturas suas, e irmãos nossos, nascido hum e outro em nosso coração, e elevado á ordem sobrenatural dos sentimentos religiosos pela inspiração da graça.

Desta segunda especie de *caridade* diz S. Paulo que *he paciente e benigna, que não busca os seus proprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, que não folga com a injustiça, mas sim com a verdade; que tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre,* &c. (Cor., cap. 13.°, v. 4.° a 7.°)

Aonde acharemos hoje algum arremedo de tão bello e admiravel original?

421

Corôa — Diadema

Corôa he termo generico: exprime o enfeite, ou ornamento, que cinge e circunda a cabeça de alguma pessoa, em sinal de honra, distincção, auctoridade, gloria, &c., e por ampliação se diz tambem do ornamento que circunda a parte mais elevada de alguma cousa, ou de algum edificio, &c. Comprehende varias especies, como são, por exemplo, a *corôa* de flores, hervas e folhas (Latim *sertum*) que se chama *grinalda*, e talvez, em linguagem pastoril, *capella*; a *corôa* de louro *(corona laurea)*, com que erão laureados os Poetas nos tempos antigos, e com que ainda em seculos mais modernos foi coroado o illustre Petrarcha; a *corôa* de oliveira *(corona olympica)*, que se dava aos vencedores nos jogos olympicos; a *corôa* de carvalho, ou enzinho *(corona civica)*, que se dava ao cidadão romano que tinha salvado a vida a outro em acção de guerra; emfim as *corôas* oval, mural, naval, castrense, &c., &c.; entre os Romanos a *corôa nupcial*, que ainda hoje faz parte das ceremonias do cazamento entre os Gregos, e as *corôas* de barão, de conde, de duque, &c., que entre nós servem de ornamento ao escudo de armas destes differentes titulos de nobreza.

Huma destas especies he o *diadema*. *Diadema* exprime propria e especificamente a *corôa real*, ornamento privativo dos Reis, insignia de magestade e imperio. Tinha differentes fórmas, e talvez consistia em huma fita de ouro enriquecida de pedras preciosas. Hoje são bem conhecidas as fórmas das *corôas* ou *diademas* imperiaes e reaes, e as variedades com que se distinguem as dos Soberanos de algumas nações da Europa.

422

Azul — Ceruleo

São dous adjectivos que qualificão os objectos com respeito á côr: mas *azul* he termo mais usado na locução commum; *ceruleo* na locução poetica.

Azul exprime, em geral, a côr a que damos esse nome, e modifica-se com outros vocabulos, quando queremos determinar as gradações da mesma côr, v. gr., *azul* claro, *azul* celeste, *azul* escuro, *azul* ferrete, &c. *Ceruleo* parece referir-se quasi sempre ao *azul* natural, e particularmente ao *azul* claro que mostra o ceo quando sereno e sem nuvens, ou ao escuro e carregado, que mostrão as grandes massas de agoa, no mar, nos rios, nos lagos, &c. E a esta mesma significação parece dever-se reduzir o *caeruleus imber* de Virgilio, e *caerula concha*, e *caeruleus pluviam denuntiat. (Georgicas,* liv. 1.º, v. 453.º; *Eneida,* liv. 10.º, v. 209.º, &c.)

Camões diz:

> Thetis todo o *ceruleo* senhorio
> (Cant. 1.º, est. 16.ª)
> Convoca as alvas filhas de Nereo
> Com toda a mais *cerulea* companhia
> (Cant. 2.º, est. 19.ª)
> Dai lugar altas e *ceruleas* ondas.
> (Cant. 9.º, est. 49.ª)

Servio, ao liv. 8.º da *Eneida,* diz que «*caeruleus color maris est*».

423

Cabello — Coma — Guedelha — Grenha

Cabello e guedelha são termos da linguagem commum; *coma,* da linguagem poetica. *Cabello* exprime

precisamente o seu objecto sem modificação alguma: *coma* exprime especialmente o *cabello* comprido, e talvez composto, entrançado, ornado, &c. *Guedelha* he o cabello comprido da cabeça, ou barba, em madechas torcidas, ou flocos, mal composto. *Grenha* he o cabello crespo, embaraçado, mal composto.

Fernão Alvares, *Lusitania Transformada*, Pros. 12: «E querendo os mareantes lançar mão da occasião boa, que mais ainda no mar que na terra se prende por huma só *guedelha*».

Camões diz:

> As arvores agrestes, que os outeiros
> Tem com frondente *coma* ennobrecidos.
> (Cant. 9.º, est. 57.ª)

> Joane, a quem do peito o esforço cresce,
> Como a Samsam hebreo da *guedelha*.
> (Cant. 4.º, est. 12.ª)

424

Tutor — Curador

São termos de Jurisprudencia civil. O *tutor* he dado ao pupillo: o *curador* he dado ao prodigo, ao furioso, ao demente, ao ausente, a todas as pessoas que se achão impossibitadas de tratar por si dos seus bens e negocios.

O *tutor* tem por primaria obrigação a creação, educação, defensa e protecção do pupillo encommendado á sua *tutella;* e por secundaria e accessoria, a administração dos seus bens, e o governo e direcção dos seus negocios.

O *curador* tem por primaria obrigação a administração dos bens, e a gestão dos negocios da pessoa que está

encarregada á sua *curadoria,* aindaque accessoriamente deva tambem tractar da sua pessoa e vida.

425

Furioso — Furibundo — Enfurecido

Estes vocabulos tem respectivamente a mesma differença que já notámos entre *iroso, iracundo, irado.* (Veja-se artigo 205.)

426

Humido — Molhado

Humido he o que de si mesmo tem humidade, ou o que está internamente repassado della e conserva a que contrahio: v. gr., a terra, que não he arida, a planta e o madeiro emquanto verde, a roupa mal enxuta, &c.

Molhado he o que externa e accidentalmente foi banhado, aspergido, ou borrifado de agoa, v. gr., a pedra mettida no rio, os vestidos expostos ao orvalho, ou ao respingo das ondas, o madeiro á chuva, &c.

O que he, ou está *humido,* secca-se: o que está *molhado* enxuga-se. (Veja-se o artigo 348.)

Humido he o Latim *humidus: molhado* he o Latim *madidus,* e tambem *uvidus.*

427

Barbaridade — Crueldade — Ferocidade

Barbaridade refere-se ao estado do sujeito: *crueldade* e *ferocidade* ao caracter e disposição habituaes da alma.

He *barbaro* o homem, que não goza os beneficios da

civilisação, cujas faculdades moraes e intellectuaes não estão desenvolvidas. He *cruel*, ou *feroz*, o homem de caracter sanguinario, que se deleita em fazer sofrer, e ver sofrer os outros; que propende para derramar sangue, e em derramal-o se compraz.

O homem *barbaro* mata talvez os seus prisioneiros, porque os tem por inimigos, e julga que só com a morte delles assegura a sua existencia e socego. Alguns povos *barbaros* matão os velhos, com o fim de os livrar de huma existencia penosa, &c. Esta *barbaridade* he filha do erro; nasce da falta do conveniente desenvolvimento da razão, dos sentimentos moraes, e das affeições benevolas.

O homem *cruel* ou *feroz* tambem mata os seus prisioneiros, mas dá-lhes primeiro horriveis tormentos; compraz-se de os ver sofrer; dança em roda das fogueiras, e talvez lhes bebe o sangue. Esta *crueldade* e *ferocidade* nasce de huma fereza natural do coração, suppõe a perfeita insensibilidade aos affectos de benevolencia, de compaixão e de humanidade; suppõe o homem totalmente desnaturado; suppõe hum monstro.

A *barbaridade* encontra-se nos povos selvagens, ou naquelles que apenas tem entrado no estado de civilisação. A *crueldade* e *ferocidade* tambem se encontra, e não poucas vezes, nas nações civilisadas e polidas! (Veja-se artigo 257.)

A *ferocidade* he o requinte da *crueldade:* he a *crueldade* levada ao mais alto gráo.

428

Boas acções – Boas obras

Chamâmos em geral *boas acções* todas as que conformão com a razão, com as leis, com as regras da virtude:

e chamâmos em particular *boas obras* todas as que nascem da fé e da caridade christãa, e são uteis á salvação eterna do homem; e ainda mais especialmente aquellas que dizem respeito á caridade para com o proximo infeliz.

Por onde toda a *boa obra* he huma *boa acção*, mas não ao contrario.

Boas acções he expressão do estilo commum: *boas obras* he mais do estilo religioso, ou theologico.

Combater o vicio he huma *boa acção:* guardar a integridade da justiça; resistir aos encantos do prazer, ás tentações da ambição; refusar o emprego que não podemos desempenhar; dizer sempre a verdade; guardar as leis da cortezania, quando se não oppõe ao dever, &c., &c., são *boas acções*, e podem não ser *boas obras*, se forem corrompidas na sua origem, nos seus motivos, ou nos seus fins.

Soccorrer o infeliz, visitar os doentes e encarcerados, alliviar a sua miseria, vestir os nus, &c., &c., são *boas obras*, e tambem o são todas aquellas que fazemos na ordem da vida religiosa, e que tem o seu fundamento na fé e na caridade.

429

Marinho — Maritimo

Marinho he o que nasce no mar, e nelle se cria, vive e habita: *maritimo* he o que pertence e diz respeito ao mar, ou seja por sua natureza, ou por visinhança, ou por alguma relação politica.

Dizemos sal *marinho*, deoses *marinhos*, plantas *marinhas*, concha *marinha*, animal *marinho*, boi *marinho*, cavallo *marinho*, &c.; e dizemos povo *maritimo*, praias *maritimas*, campos *maritimos*, povoação *maritima*, commercio *maritimo*, forças *maritimas*, cidades *maritimas*, &c.

430

Madeira — Lenha

Parece que ha entre estes dous vocabulos portuguezes a mesma differença, que já notou hum jurisconsulto Romano entre os dous vocabulos latinos correspondentes *materia* e *lignum*.

Materia (diz Ulpiano), *est illa quae ad aedificandum, fulciendumve aedificium est necessaria; lignum vero quicquid comburendi causa comparatum est.*

Assim damos o nome de *madeira* á parte solida das arvores, depois de cortadas, que serve para qualquer genero de obra, para edificios, trastes, moveis, utensilios das artes, &c.; e damos o nome *de lenha* á parte das arvores e matas, arbustos, &c., que cortada, e feita pedaços, se destina para queimar, para fazer fogo. Os restos da *madeira,* que já não servem, ou se não podem aproveitar para obra, guardão-se para *lenha.*

431

Ameaçar — Comminar

Ameaçar he annunciar ou fazer entender a alguem com palavras ou gestos o mal que lhe havemos de fazer. *Comminar* he *ameaçar legalmente;* he annunciar a alguem com palavras o mal que a lei manda fazer-lhe no caso de faltar á sua observancia; ou o mal que o juiz ou o que tem auctoridade publica lhe fará se não obedecer ás suas ordens.

Assim que toda a *comminação* he *ameaça;* mas nem toda a *ameaça* he *comminação. Ameaça* he genero, *comminação* he especie.

432

Embrião — Feto

Embrião tem significação mais ampla; he mais generico: *feto* mais restricta. O primeiro diz-se do homem, do animal, das plantas; e tambem se usa no sentido translato: o segundo sómente se diz do homem e do animal, e sómente se diz no sentido proprio.

Embrião quer dizer o corpinho ainda informe do homem, ou do animal, no ventre da mãi, ou da planta na semente, no qual se não distinguem os membros do animal, ou as partes da planta, nem a sua organisação, e apenas talvez se divisão os seus primeiros lineamentos confusos, mal formados e não desenvolvidos.

Feto quer dizer o corpinho do homem ou do animal no ventre da mãi, quando nelle apparecem já todas as suas partes, hum pouco mais desenvolvidas e menos confusas, e se reconhece facilmente a sua organisação e determinada figura que lhe he propria.

433

Offensa — Injuria — Affronta — Ultrage — Contumelia

Offensa, segundo a sua composição etymologica (de *ob,* em presença, e *fendo,* violar, dar de encontro), deveria exprimir o mau tratamento fysico, que se faz a alguem em sua pessoa; e neste sentido parece que o tomou o auctor da *Malaca Conquistada,* dizendo que o mouro tinha sido mais sensivel á *offensa,* que á *injuria.* Comtudo no sentido vulgar damos á *offensa* huma significação mais ampla, e talvez denominâmos com este vocabulo certas acções, que nos não atreveriamos a quali-

ficar de rigorosamente *injuriosas*. Assim hum sinal de menos respeito, huma falta de attenção, de civilidade, de polidez, de delicadeza nos *offende*, sem todavia nos *injuriar*. Por onde parece que *offensa* exprime menos que *injuria*, e tem, por isso mesmo. mais extensa applicação.

Injuria, considerando tambem a sua composição etymologica (de *in*, contra, e *jus*, direito), deveria exprimir toda a acção voluntariamente praticada contra razão e direito, e neste sentido chamariamos *injuria* a acção *offensiva*, que se fizesse a alguem, por ditos, ou factos, na pessoa, na honra, na fama, na fazenda, nos interesses, &c., indo contra qualquer dos seus legitimos direitos. Comtudo na accepção commum damos com particularidade o nome de *injuria* a certas acções, ou ditos, que nos desauctorisão, que nos aviltão, que deprimem a nossa auctoridade ou caracter, que nos offendem emfim na pessoa, na fama, na honra, e que nos farião perder a estima e o respeito que nos he devido, se as sofressemos sem alguma grave demonstração de sentimento.

Injuria he hum genero, que comprehende varias especies. Se consiste em palavras chama-se *convicio:* se consiste em palavras proferidas na propria presença da pessoa injuriada chama-se *contumelia*. Se consiste em alguma acção atrevida e insolente contra o decoro e honra da pessoa, principalmente sendo praticada pelo inferior a respeito do superior e em sua presença chama-se *affronta:* finalmente se consiste em alguma acção excessiva e exorbitantemente *injuriosa* chama-se *ultraje*.

Em geral, porém, a applicação destes vocabulos he de tal modo dependente do uso, da opinião, da força e desenvolvimento dos sentimentos moraes, da qualidade e circumstancias das pessoas, &c., que não será difficil encontrar quem chame *injuria*, *affronta*, ou *ultraje*, o que

não merece esse nome, ou quem faça talvez por obsequio o que he verdadeiramente *injurioso*, e até *affrontoso*.

434

Comparar — Confrontar — Cotejar

Comparar huma ou mais cousas com outra, ou com outras, he tel-as presentes ao mesmo tempo, e examinar com reflexão já huma, já outra, com o fim de notar as semelhanças, ou differenças que entre ellas ha.

Confrontar he *comparar* duas ou mais cousas, pondo-as frente a frente.

Cotejar he *comparar* muitas vezes duas ou mais cousas, pondo-as humas ao lado das outras.

Comparar he termo generico: diz-se de qualquer *comparação* tanto real, como meramente intellectual, ou abstracta: *comparão-se* as idéas e os seus objectos. *Confrontar* e *cotejar* são termos de significação mais restricta: *confrontão-se* e *cotejão-se* os objectos reaes presentes, hum homem com outro homem, hum painel com outro painel, hum animal com outro animal. Differenção-se entre si por exprimirem differente modo de collocar os objectos para os *comparar*, e pela particular terminação frequentativa do verbo *cotejar*, que acrescenta alguma cousa á sua significação: por onde diremos com mais propriedade *cotejar*, v. gr., os lugares de hum manuscripto com o seu original, e *confrontar*, v. gr., o reo com as testemunhas. &c.

435

Dignidade — Magestade

A *dignidade* consiste propriamente nas qualidades do sujeito, aindaque tambem se possa manifestar nas cou-

sas externos. A *magestade* parece que consiste primariamente no apparato exterior das pessoas que pertencem ás classes mais elevadas da sociedade, aindaque tambem dependa das qualidades do sujeito.

Ajuntâmos algumas vezes estes dous vocabulos, e dizemos que alguem se apresenta revestido de *dignidade* e *magestade:* que faz as funcções publicas com grande *dignidade* e *magestade,* &c.

Nestes casos *dignidade* refere-se em especial á continencia da pessoa; *magestade* ao apparato e pompa externa do ceremonial. Presença respeitavel; sizudeza e seriedade não severa, mas grave e ao mesmo tempo affavel; repouso mesurado nas acções e gestos, &c., constituem a *dignidade.* A magnificencia, riqueza, e talvez profusão do apparato externo constitue a *magestade.*

Hum e outro vocabulo sómente se póde empregar com propriedade, falando de grandes senhores, de principes, de magistrados, generaes, &c., emfim de pessoas constituidas nas classes, ou nos empregos mais elevados da sociedade.

436

Ver – Perceber

Todos sabem que nós não podemos *ver* os objectos, nem *ouvir* os sons, nem *gostar* os sabores, &c., sem *perceber* a impressão que elles fazem sobre os nossos orgãos externos, e que neste sentido logico *perceber* entra na significação dos vocabulos *ver, ouvir, gostar,* &c., a qual comprehende a acção dos objectos externos sobre os nossos orgãos dos sentidos, a transmissão desta impressão até ao cerebro, e a apprehensão e *percepção* que della faz e tem o nosso espirito.

Não he neste sentido que tomâmos aqui o vocabulo *perceber*.

Muitas vezes porém na locução vulgar dizemos, por exemplo, que he facil *ver* os acontecimentos publicos, mas difficil *perceber* as molas particulares e occultas, que põem em acção os homens e as cousas. Que os amantes usão de todo o genero de disfarce, para que ninguem *veja* a expressão reciproca de seus sentimentos, mas que o observador attento *percebe* a hum simples volver de olhos a paixão de que estão possuidos, &c.

Do mesmo modo dizemos, por exemplo, que *ouvimos* musica, mas não podemos *perceber* os instrumentos de que se compõe, nem a peça que se toca; que *ouvimos* palavras, mas não *percebemos* o que se diz; que *ouvimos* som, mas não podemos *perceber*, nem a sua origem, nem de que parte vem, &c., &c.

Nestas frases, e nas outras analogas, respectivas aos outros sentidos, *ver*, *ouvir*, &c., exprimem precisamente a sua significação usual: *perceber* exprime alguma cousa mais, e envolve na sua significação o conceito que fazemos do objecto, não só pelo que elle apresenta aos nossos sentidos, mas tambem (digamos assim) pelo que elle esconde; pelo que só fugitivamente nos quer mostrar, ou por accidentes miudos e delicados, que talvez escapão á acção ordinaria da vista.

O vulgo *vê* os acontecimentos que se passão diante dos seus olhos: o homem reflexivo *percebe* talvez as causas delles, reflectindo em accidentes miudos, que na verdade acompanhão esses acontecimentos, mas que não são alcançados senão pelo observador attento.

Vemos olhando: *percebemos* reflectindo, discernindo, analysando. *Vemos* de qualquer modo: *percebemos* vendo com distincção, com agudeza, com penetração.

Ouvimos a harmonia confusa dos instrumentos que tocão ao longe, mas não *percebemos*, isto he, não discer-

nimos, por causa da distancia, nem os instrumentos que se tocão, nem a combinação dos sons de cada hum. O echo de huma sala confunde muitas vezes o som dos instrumentos que nella se tocão e se *ouvem*, e não deixa *perceber* as miudezas delicadas da harmonia, e do jogo musico da composição, &c., &c.

437

Guerreiro – Bellicoso – Marcial

A terminação em *eiro* he frequente no idioma portuguez para caracterisar o officio, a occupação habitual, o emprego permanente de alguem. Assim carpinteiro, ferreiro, padeiro, pedreiro, marceneiro, tendeiro, barqueiro, carreiro, mensageiro, &c., &c. Pelo que homem ou povo *guerreiro* quer dizer propriamente o que he dado á guerra; o que faz frequentemente a guerra; o que faz (digamos assim) da guerra o seu officio, o seu emprego habitual. E por huma razão analoga chamâmos, v. gr., musica *guerreira* a que se usa na guerra, a que recorda os habitos da guerra; apparato *guerreiro* o que se observa e pratica habitualmente na guerra, &c., &c., costumes *guerreiros*, &c.

A terminação em *oso* exprime, como já dissemos em outro logar (artigo 205), a inclinação, a propensão, a facilidade natural para alguma cousa, e tambem a plenitude de huma qualidade: pelo que nação, ou povo *bellicoso*, quer dizer o que he inclinado á guerra, o que ama a guerra, o que tem natural propensão, e genio e gosto para ella.

A terminação em *al* caracterisa (digamos assim) huma relação de pertinencia, de proveniencia; exprime o que he pertença ou dependencia de alguma cousa, ou della

provém, ou com ella tem relação (artigo 135). Assim *marcial* exprime, litteral e rigorosamente falando, o que diz relação a Marte, deos da guerra entre os antigos, o que he pertença, ou dependencia, accessorio, ou effeito do deos Marte, &c.

Pelo que animo *marcial,* continencia *marcial,* coragem *marcial,* valor *marcial,* &c., quer dizer o animo, continencia, coragem e valor *marcial,* que por sua gentileza, nobreza, elevação e superioridade fazem lembrar o deos da guerra, e parecem qualidades por elle communicadas, ou inspiradas.

438

Campo — Campina — Campanha

Campo, como já dissemos (artigo 271), he hum espaço mais ou menos extenso de terra chãa.

Campina he hum campo grande, hum campo extenso, que talvez em parte se cultiva, e serve ordinariamente ao pasto dos gados e rebanhos.

Campanha são *campos,* ou *campinas* continuadas; planuras extensas e espaçosas, parte cultivadas, parte incultas, ou de pousio, &c., que talvez se encontrão proximas a alguma grande povoação, da qual tomão o nome, como a chamada *campanha* de Roma, que era parte do Lacio. Hum poeta portuguez diz as *campanhas* do Ponto, da Tessalia, &c. Vieira fala algumas vezes das *campanhas* do Brazil, &c. (*Sermões*, tom. 6.º, pag. 390.) Os Francezes lhe dão hoje ás vezes o nome de *savanes,* que parece significar grandissimas extensões de terreno plaino. He o vocabulo castelhano *sabana,* que tambem se acha nos antigos documentos portuguezes, e significava *lençol,* grande toalha, ou panno, &c., do Grego σάβανον.

439

Obscurecer — Offuscar

Obscurecer hum objecto he precisamente tirar-lhe a luz: *offuscar* hum objecto he interpor entre elle e o espectador alguma cousa, que não só o não deixa ver tal como elle he, mas até o representa manchado com nodoas, e talvez ennegrecido.

A noite *obscurece* os objectos, e não os *offusca:* as nuvens *obscurecem* e talvez *offuscão* o sol, tirando-lhe a luz, e fazendo que o vejamos como assombrado e cuberto de nodoas.

Hum homem *obscurece* a gloria de outro, diminuindo a luz e claridade de seus louvores, não dando ás grandes acções o lustre que ellas merecem. Outro *offusca* a fama ou a gloria do seu inimigo manchando a sua reputação, pondo nodoas em seus procedimentos, attribuindo-lhe defeitos, que o desdourão e deslustrão.

Attendendo á especifica significação de *offuscar* se conhece a razão por que este verbo se applica tanto ao objecto, como á potencia, &c.

As paixões *obscurecem* o entendimento, tirando-lhe a luz, e tambem o *offuscão* levantando nuvens, que cobrem os objectos de apparencias falsas e enganosas, &c.

440

Artificial — Artificioso

Artificial, segundo a sua terminação (artigo 135) quer dizer o que provém da arte, ou a ella pertence: *artificioso,* segundo a sua terminação (artigo 205) quer dizer o que he cheio de arte, o que mostra (digamos assim)

a plenitude da arte, o que he feito com muita arte, e com grande engenho.

A obra *artificial* he producto da arte, he feita pela arte, imitando a natureza; não he natural. Assim dizemos canal *artificial*, o que não he feito pela natureza, mas pela arte; monte *artificial*, chuva *artificial*, gruta, cascata, arvore *artificial*, &c.

A obra *artificiosa* he executada com exquisita e apurada arte; he producto da arte aperfeiçoada, suppõe hum artifice consummado. Assim huma estatua falante, he huma obra artificiosa, &c.; huma maquina que mostra o systema do mundo, e os movimentos dos astros, &c.; hum relogio he huma maquina artificiosa, &c.

Semelhantemente se devem entender outros vocabulos, que mostrão entre si analogas differenças e mutuas terminações.

441

Penetrante – Penetrativo

A terminação em *ante* caracteriza a actualidade da acção, como já temos dito em outros artigos. A terminação em *ivo* caracteriza a potencia, a virtude, a força de fazer alguma cousa. Assim *confortativo*, o que tem a virtude de confortar; *corrosivo*, de corroer; *augmentativo*, de augmentar; *justificativo*, de justificar, *operativo*, de abrir; *causativo*, de causar; *sensitivo*, de sentir; *productivo*, de produzir; *auditivo* (orgão), de ouvir; *visivo*, de ver, &c.

Pelo que *penetrante* he o que penetra actualmente; *penetrativo* he o que tem a virtude de penetrar. Diremos ferida *penetrante*, e ferro *penetrativo*.

Analogamente se hão de entender os outros vocabulos, que sendo de identica origem, mostrão a mesma

differença de terminações. Assim *justificante* e *justificativo*, *causante* e *causativo*, *nutriente* e *nutritivo*, &c.

442

Original — Originario

O que he *original* pertence á origem, refere-se á origem, recebe a origem. O que he *originario* refere-se aos que delle descendem, dá a origem.

Peccado *original* he o que contrahimos da origem: pintura *original* he a que veio da origem. Fonte *originaria* he a que dá origem a outras: esplendor *originario* he o do sol, que se communica aos outros corpos.

Original tem hum sentido absoluto, he o que pertence á origem. *Originario* suppõe cousas que delle descendem, ou se derivão.

Significação *original* de hum vocabulo he a que elle tem ou teve de sua origem: significação *originaria* he aquella d'onde outras derivão, ou aquella que depois foi passando por varios e differentes estados.

443

Servo — Escravo — Captivo

Estes vocabulos exprimem a qualidade da pessoa, que não goza plenamente da sua liberdade, e nisto são synonymos: differenção-se porém, tanto pelas differentes maneiras, com que se póde perder a liberdade, como pelos differentes gráos em que ella se perde.

Servo, postoque derivado do Latim *servus*, tem com-

tudo no nosso idioma mui differente significação. Os Latinos designavão por *servus* o que nós hoje chamâmos *escravo;* e por *famulus* o que nós talvez designâmos por *servo.*

Assim não he raro entre nós dizermos de hum criado, de hum jornaleiro, de hum feitor, &c., que he bom e fiel *servo.* Esta denominação nada tem de vil, ou abjecta. Della usão os Romanos Pontifices no seu titulo, chamando-se *servos dos servos de Deos:* della usâmos nós tambem, denominando *servos* de Deos os que se dão á vida devota; chamando talvez bons *servos,* ou *servidores* do Estado, da Igreja, &c., os que *servem* o Estado e a Igreja com zêlo, intelligencia e fidelidade; e finalmente dandonos a nós mesmo o titulo de *servos* de alguma pessoa a quem queremos mostrar por esse modo a nossa veneração e respeito. Em nenhum destes casos seria admissivel o vocabulo, ou a denominação de *escravo;* nem *servo* se póde tomar nesse sentido nas frases indicadas.

Da palavra *servo* derivâmos *serviço, servidão* e *servidor,* e tambem aqui se manifesta o capricho da lingua: porquanto *serviço* exprime o trabalho, a obra, os actos, tanto do *servo,* como do *escravo,* e refere-se indifferentemente a qualquer genero de *serviço* forçado, ou voluntario, feito ao publico, ou ao particular, por obrigação ou por obsequio, por paga ou sem ella. *Servidão* parece mais relativo a *escravidão,* mas *escravidão* sómente se diz das pessoas, e *servidão* tambem das cousas, e exprime propriamente o estado da pessoa, ou cousa, que he obrigada a algum *serviço* coactivo, forçado, perpetuo. *Escravidão* he mais forte que *servidão;* esta opprime, aquella destroe a liberdade. A *servidão* abate, envilece; a *escravidão* embrutece; a *servidão* impõe hum jugo; a *escravidão* hum jugo de ferro: a *escravidão* emfim he a mais dura e a mais rigorosa das *servidões. Servidor* he propriamente, segundo a força da sua terminação, o que

serve habitualmente, o que tem esse officio, o que nisso se emprega, &c.;

Escravo he vocabulo tomado, ao que parece, da lingua germanica. Com elle qualificâmos em geral a pessoa que se acha totalmente privada da sua liberdade, que está no pleno poder e propriedade de outrem. Neste sentido chamâmos *escravos* os que vendem a propria liberdade, os que nascem sem o uso della de pais *escravos*, aquelles cuja liberdade foi vendida pelos pais, &c.

Quando porém alguem perdeo a liberdade, em consequencia de ser feito prisioneiro de guerra por alguma das nações que ainda usão deste barbaro direito, nesse caso se denomina propriamente *captivo*, vocabulo que exprime, em rigor, o mesmo que tomado violentamente, apprehendido por força e violencia. E d'aqui vem que, no sentido figurado, chamâmos *escravo*, ou *captivo*, v. gr., dos vicios, a pessoa que delles se acha dominada, e preza por tal maneira, que quasi se não póde subtrahir á sua tyrannia: assim como chamâmos, em sentido menos odioso, *captivo*, v. gr., de huma formosura aquelle, que della se sentio, como violentamente arrebatado, prezo e sobjugado, &c.

444

Turba – Turma – Caterva – Chusma

Todos estes vocabulos são *collectivos*, e exprimem em geral multidão de pessoas, mas com sua differença.

Turba parece referir-se especialmente a huma consideravel multidão confusa de pessoas, sem ordem, e sem separação de sexo, de idade, de classe.

Turma significava entre os Romanos huma companhia de trinta e dous soldados a cavallo, debaixo do mando de hum decurião. No idioma portuguez não tem significação tão determinada, mas toma-se por hum certo numero de

soldados, ou tambem de pessoas, que estão juntas para o mesmo fim, e com alguma ordem.

Caterva significava na lingua latina multidão de soldados, principalmente das nações barbaras; por onde tomou entre nós a significação generica de multidão indeterminada de gente, sem ordem, confusa, &c., mas com a idéa accessoria de gente baixa e desprezivel, de mau caracter e de maus costumes; e tambem se diz das cousas inanimadas, *caterva* de náos, *caterva* de livros, sempre com idéa de desprezo.

Finalmente *chusma* tambem significa multidão de gente, mas refere-se em sentido mais proprio e especifico á gente de serviço dos navios e galés, talvez á *caterva* de escravos que andão ao remo, &c. E analogamente se applica aos animaes, e ás vezes ás cousas inanimadas, mas com a mesma noção de desprezo.

445

Renegar – Abjurar

Renegar he abandonar a religião verdadeira, que se tinha seguido, ou adoptado, e passar a professar huma religião falsa. *Abjurar* he reprovar em publico o erro, que se tinha seguido ou adoptado em materias religiosas.

Renega, v. gr., o christão, que abandona a sua religião, para seguir a mahometana, a judaica, ou outra qualquer.

Abjura o herege, ou sectario, os seus erros para entrar no catholicismo, ou voltar ao gremio da Igreja.

446

Caravana – Cafila

Estes dous vocabulos, de origem arabe, são frequentes nos nossos historiadores da Asia, e muitas vezes se

confundem como de significação identica. Mas attendendo á sua origem etymologica, e ainda ao uso que delles se faz, parece que *caravana* se refere directamente a multidão de pessoas, que viajão em conserva para mutua defeza: e *cafila* á multidão de animaes de carga, conduzidos por homens, que tem esse officio, ou emprego.

Desta differença resulta, que o vocabulo *caravana* se applica por analogia a outros objectos, que de nenhum modo se explicarião com propriedade pela palavra *cafila*, assim como *cafila* se diz ás vezes figuradamente em casos, em que não poderiamos empregar *caravana*.

Assim as expedições maritimas dos cavalleiros de Malta contra os mahometanos se chamavão *caravanas* e não *cafilas*: e em frase plebêa chamâmos muitas vezes *cafila* e não *caravana*, a hum ajuntamento de gente vil e de maus costumes.

447

Desapprovar — Reprovar

Desapprovar diz menos que *reprovar*, bem como *desapprovação* diz menos que *reprovação*.

Desapprovâmos o que não julgâmos conveniente, nem decente, nem certo, nem conforme ao nosso modo de pensar. *Reprovâmos* o que temos por mau, vicioso, falso, indigno de se fazer, ou de se pensar.

Desapprovâmos, quando se nos pede a nossa opinião, o nosso parecer, por via de conselho: a *desapprovação* he opinativa. *Reprovâmos*, quando somos obrigados a dar o nosso juizo, por via de auctoridade: a *reprovação* he dogmatica.

Desapprovâmos não dando o nosso assenso, não fazendo juizo favoravel, não achando bom que se faça: *reprovâmos*, talvez com aversão, com indignação, com

desprezo; e talvez prohibindo, condemnando, proscrevendo, &c.

448

Talento — Genio

Ambos estes vocabulos exprimem certas disposições naturaes do nosso espirito, relativas ao estudo das sciencias e artes, e aos progressos que nellas fazemos, ou podemos fazer. Nisto podem haver-se como synonymos: ha comtudo entre elles differenças mui notaveis.

O *talento* he commum a muitos: o *genio* he raro.

O *talento* desenvolve-se com o estudo e applicação: o *genio* nem sempre espera por este trabalho; manifesta-se ás vezes antes de todo o estudo e applicação.

O *talento* necessita de ser auxiliado por circumstancias favoraveis; as difficuldades e obstaculos o apoucão: a pobreza o suffoca. O *genio* despreza as difficuldades, rompe os obstaculos; nada o contém ou retarda no seu vôo rapido; tudo vence, de tudo triunfa.

O *talento* he methodico, vai pelo caminho trilhado; segue as regras. O *genio* he mais livre na sua marcha; desdenha talvez as regras que o prendem, e o querem circumscrever; inventa caminhos novos; deixa-se guiar da inspiração e do enthusiasmo.

O *talento* analysa, combina, desenvolve, e talvez amplia: o *genio* cria.

O *talento* fará sabios distinctos, bons artistas, habeis guerreiros. O *genio* fará Aristoteles e Newtons, Apelles e Rafaeis, Cesares e Bonapartes.

O *talento* merece estima, respeito e louvor. O *genio* immortaliza o homem que o possue.

O *talento* emfim he huma disposição, aptidão, ou capacidade natural, que faz o homem habil para alguma sciencia, arte, ou profissão.

O *genio* he huma força particular de razão e de intelligencia, que eleva o espirito ás concepções mais sublimes, ou conduz o homem a grandes, nobres e generosas acções.

449

Excitar — Incitar — Estimular — Instigar — Provocar

Excitar (do Latim *ex*, e *citare*, ou *ciere*, mover) significa precisamente *mover de*..., tirar a pessoa ou cousa do estado de quietação, inercia, apathia, abatimento, &c., e fazer que ella se ponha em acção. *Excitão-se* as forças abatidas no enfermo: *excitão-se* as paixões, que estavão quietas, ou adormecidas: *excitão-se* affectos e desejos, &c.

Incitar (do Latim *in*, e *ciere*) significa precisamente *mover para*..., fazer que a cousa se ponha em movimento para hum determinado objecto, ou fim; com huma certa direcção. Assim com vozes se *incitão* os cavallos á carreira; os cães caçadores a buscar a caça; com exemplos e discursos se *incita* o homem para o bem, ou para o mal, &c.

Por onde se vê a differença que ha entre *excitar* e *incitar*, dos quaes vocabulos o primeiro não pede necessariamente que se exprima o fim ou termo da *excitação*, o segundo pelo contrario pede que se designe o fim da *incitação*. Assim *excita-se*, v. gr., o ardor do soldado, e *incita-se* o soldado a entrar no conflicto; *excita-se* no coração do homem o amor da gloria, e *incita-se* o homem a fazer acções gloriosas, &c.

Estimular (Latim *stimulare*) he propriamente picar, pungir, ferir com aguilhão, talvez nos lugares mais sensiveis: pelo que se toma, no sentido translato, por *excitar* ou *incitar* vivamente, por hum modo mais urgente,

dar hum impulso mais prompto, mais vivo, mais energico, tal como o que se dá ao animal *picando-o*.

Instigar exprime ainda mais que *estimular*. A sua significação suppõe hum *estimulo* mais vivo, mais profundo, huma acção mais penetrante, talvez continuada, ou repetida.

Finalmente *provocar* (chamar fóra) exprime huma especie de desafio, e quando se emprega como synonymo de *excitar, incitar, estimular*, ou *instigar*, acrescenta á significação destes vocabulos a idéa de hum determinado intento de irritar a cousa, que se *provoca*, a fim de a forçar ao combate. Assim as affrontas *provocão* a colera, os insultos *provocão* a vingança, &c.: as acções baixas feitas em presença do homem honrado *provocão* a sua indignação, &c.

450

Imagem – Effigie – Retrato – Simulacro

Imagem he de todos estes vocabulos o que admitte huma significação mais ampla e mais generica. Nós não só chamâmos *imagem* a representação fiel da figura e das fórmas externas de qualquer objecto, mas tambem dizemos que o primeiro homem foi feito á *imagem* de Deos; que o somno he a *imagem* da morte; que os nossos sentidos transmittem ao espirito as *imagens* dos objectos; que os filhos são a *imagem* dos pais, &c., tomando *imagem* por huma semelhança generica, ou por aquillo que nos representa a idéa do objecto.

Effigie he huma especie de *imagem*: significa propriamente a representação expressa da figura e das fórmas externas de hum objecto fysico e real, ou seja feita por meio da pintura, ou da esculptura, ou da gravura, ou de

outra semelhante arte. *Effigie* no sentido proprio sómente se diz das pessoas, e não suppõe huma semelhança tão perfeita como o *retrato*, d'onde vem que chamâmos *effigies* as figuras de Jesu-Christo, dos Apostolos, dos primeiros Pontifices, ou de outras antigas personagens, de que não podemos ter *retratos* propriamente taes.

Retrato pois he a *effigie* de alguma pessoa individual, pintada, esculpida, ou gravada á vista do objecto, e com tão exacta semelhança, que he facil reconhecer por ella o seu original.

Simulacro he propriamente huma *imagem* vãa, informe e sem realidade, talvez falsa, ou que apenas mostra algum toque do objecto, se este em realidade existe. Assim hum *simulacro* de cidade, hum *simulacro* de virtude exprime falsas, vãas, ou informes apparencias destes objectos: os idolos são *simulacros*, isto he, vãas *imagens* de falsos deoses, &c.

Effigie he termo generico, que comprehende algumas especies, entre ellas a *estatua*, que he *effigie*, talhada em relevo inteiro, representando os deoses falsos (que tambem se chamão *idolos*); os heroes, e homens distinctos, &c.; a *figura*, nome que damos especialmente ás *effigies* dos santos, tambem em relevo inteiro, distinguindo-as assim das *estatuas* profanas.

451

Profanação – Sacrilegio

No uso commum da linguagem chamâmos *profano* tudo o que não he santo, religioso, sagrado; e neste sentido dizemos, v. gr., livros *profanos*, amor *profano*, templo *profano*, &c., por opposição aos livros santos, a

amor *religioso* de caridade, aos templos *sagrados* do verdadeiro Deos, &c.

Pelo que *profanar* he fazer *profana* huma cousa sagrada, ou religiosa, e *profanação* he a acção pela qual fazemos *profana*, ou tractâmos como tal, a cousa que he consagrada, ou destinada a usos religiosos.

Sacrilegio he propriamente a offensa que fazemos ás cousas sagradas, santas, ou religiosas. A *profanação* póde ser filha do erro, da ignorancia, da inadvertencia, e talvez da urgente necessidade: nestes casos póde não ser criminosa. O *sacrilegio* suppõe intenção deliberada, e consequentemente he sempre hum crime, mais ou menos grave.

O uso, por exemplo, de hum vazo, ou de huma vestimenta sagrada, em cousas que não pertencem ao culto religioso, he huma *profanação* mais ou menos grave: e será tambem hum *sacrilegio*, se se verificar o deliberado proposito de vilipendiar, escarnecer, ou tractar com desprezo a cousa santa ou religiosa.

O terreno, em que está edificado hum templo, he hum lugar sagrado ou religioso. Quem commette homicidio dentro delle, commette huma *profanação*, e he reo de *sacrilegio*. Se o templo porém se demolio, o lugar torna-se *profano*, e já não he *profanação* empregal-o em usos meramente civis e seculares, &c.

452

Elogio — Panegyrico

Elogio he o discurso que se faz, de palavra, ou por escripto, em louvor de alguma pessoa, ou de alguma sua louvavel qualidade, acção, ou producção.

Panegyrico he o discurso eloquente, solemne e pom-

poso, que se recita em publico em louvor de alguma pessoa eminente, e de mui distincto merecimento.

Elogio applica-se a qualquer discurso que se faz, ou falando, ou recitando em publico, ou simplesmente escrevendo, no qual se louva alguma pessoa, ou alguma qualidade, ou qualidades da pessoa. Assim fazemos o *elogio* de hum homem benemerito, de huma acção virtuosa, dos talentos de alguem, e até das suas obras e producções litterarias, &c.

Panegyri era entre os antigos Gregos, e he ainda entre os modernos, a festa ou solemnidade publica, o ajuntamento geral em que talvez erão coroados homens de eminente merecimento, no meio das acclamações do povo. (Pouqueville, *Voyage dans la Grèce*, 1820, tom. 1.°, cap. 27.°) Daqui parece ter vindo a significação, que se deo a este vocabulo, tomando-o pela parte mais principal da solemnidade. No nosso idioma se applica especialmente aos *elogios* sagrados, que se fazem aos santos nas grandes solemnidades ecclesiasticas, e que são recitados em publico, e em grande concurso de fieis, pelo orador a quem se encarrega esse difficil empenho.

Ainda hoje se dá na Grecia o nome de *panegyri* ás grandes festas e feiras annuaes. (Ibid., tom. 2.°, cap. 54.°)

153

Imitar — Remediar — Copiar — Contrafazer

Imitar he fazer o que fazem, ou como fazem os outros: fazer á semelhança. *Imita-se* não alterando o typo que se tomou para exemplar: a isto se chama propriamente *copiar*. *Imita-se* tambem tomando do mesmo typo sómente as feições (digamos assim) geraes, as notas caracteristicas, os pontos mais salientes, as côres domi-

nantes, mas alterando, modificando, aformoseando e ornando, segundo o gosto particular de cada hum. Assim se distingue nos escriptores, e maiormente nos oradores, poetas, &c., a *imitação* servil, da *imitação* livre, sendo a primeira filha de hum talento apoucado e da esterilidade do auctor, e sendo a segunda huma qualidade quasi indispensavel, que ensina o escriptor a apropriar a si as riquezas alheias, e a aproveitar-se dignamente dos trabalhos dos homens illustres, que o precedêrão na mesma carreira.

Remedar, ou *arremedar,* he huma especie de *imitação,* he *imitar* os modos ridiculos e affectados, os defeitos, as momices, os biocos, &c., de alguem; he *incitar* zombando, escarnecendo, ridiculizando; *imitar* burlescamente: e tambem se diz ás vezes da *imitação* que se faz, ou pretende fazer seriamente, mas que sahe tosca, grosseira, impropria, e talvez ridicula, &c., á qual damos o nome de *arremedos.*

Copiar he outra especie de imitação; he *imitar* fiel e exactamente, multiplicando os exemplares (artigo 403), e por isso se diz com mais propriedade da escriptura, pintura, esculptura, &c., e figuradamente do homem que *copia* em si as virtudes, as acções, e o caracter de outro homem, *imitando-o.*

Contrafazer usa-se mais frequentemente no nosso idioma com a significação de contrariar, de fazer contra, e neste sentido dizemos *contrafazer* o genio, a inclinação, o gosto, isto he, fazer o contrario do que elle nos pede. Comtudo usâmos tambem do adjectivo verbal *contrafeito,* applicando-o a hum objecto *imitado,* feito conforme a outro: e dizemos flor *contrafeita* pela que he artificial, e imita a natural, por onde mais parece synonymo de *artificial,* que de *imitado.* No mesmo sentido chamâmos modos *contrafeitos* os que não são naturaes, os que são inspirados pelo artificio, &c.

454

Audacia — Ousadia

Ambos estes vocabulos tem a mesma origem, mas *audacia* toma-se as mais das vezes em má parte. *Ousadia* tambem se toma em boa parte. *Ousadia* mostra coragem, resolução e firmeza. *Audacia* mostra altivez e temeridade.

Os Latinos exprimião *ousadia* por *audentia*, e *audacia* por *audacia*.

455

Acre — Agro — Acerbo

São vocabulos que exprimem differentes qualidades do sabor.

O sabor *acre* morde e queima, como o do alho, da pimenta, &c.: o sabor *agro* tira a azedo, como o da ginja, e de algumas fructas, e talvez he agradavel: o sabor *acerbo* he azedo-aspero, adstringente como o das uvas verdes, e de outras fructas não maduras.

O *acre* morde e queima, como o alho, a pimenta, a mostarda.

O *agro* tira a azedo, e ás vezes não he desagradavel; como a ginja; o agrião, que he *agro*, tem o nome.

O *acerbo* he azedo-aspero, e de sabor adstringente, styptico; como o da uva verde, e de outras fructas não maduras, fructos silvestres, bravios.

Quando algum destes vocabulos se usa em sentido translato, he necessario empregal-o conforme as differenças de suas significações. Reprehensão *acre*, isto he, forte, vehemente; genio *acre*, isto he, mordaz, caustico; dor *acerba*, isto he, aspera, cruel, dura de sofrer.

456

Afundar — Mergulhar — Submergir — Afogar

Afundar diz tanto como hir ao fundo; he simples verbo de movimento, e hum daquelles a que os grammaticos chamão neutros.

Mergulhar he precisamente metter na agoa, ou entrar na agoa.

Submergir he metter debaixo da agoa.

Finalmente *afogar* he, em sentido proprio, matar o animal tirando-lhe a respiração.

Afunda o nadador, quando vai buscar algum objecto ao fundo do rio, do mar, ou do lago: *afunda* a sonda, quando tem o peso competente: *afunda* o buzio o pescador das perolas, &c.

Mergulha na agoa o navio até certa altura: *mergulha* tambem o nadador, quando se mette de todo na agoa, e *mergulha* quem quer *afundar*.

Submerge-se a embarcação quando fica de todo coberta de agoa: *submergem-se* algumas madeiras para se curarem na agoa antes de servirem á obra que se intenta: *submerge-se* huma povoação quando as agoas a cobrem, e talvez a dominão.

457

Jurista — Legista — Direito — Leis

Jurista he o que estuda, ou professa a sciencia do *direito*. *Legista* he o que estuda ou professa a sciencia das *leis*. Que differença porém ha entre *direito* e *leis*?

O *direito* examina as relações geraes dos homens e das sociedades, e deduz dessas relações os deveres, tambem geraes, que os homens e as sociedades tem entre si. As *leis* applicão os principios do *direito* aos povos, ou sociedades, em particular, considerando-as debaixo das suas relações accidentaes e accessorias, e conforme os seus differentes estados e situações.

Assim as maximas, os principios, as regras do *direito* são universaes, são invariaveis, são de todos os povos, de todos os tempos, de todas as nações. Os preceitos, as determinações, as ordenações das *leis*, são particulares, são variaveis, e devem mudar segundo os tempos e os differentes estados por que hum povo, ou nação, vai successivamente passando, ou segundo a natureza da associação, a fórma do seu governo, &c., &c.

Quando dizemos que o corpo das *leis* de huma nação forma o *corpo* do seu *direito*, tomâmos *direito* em huma accepção mais restricta, falâmos do *direito* particular dessa nação constituido pelas *leis*, que são como dissemos huma derivação e applicação do *direito* universal, commum a todos os povos.

458

Colono — Inquilino

Tanto o *colono* como o *inquilino* tomão de arrendamento hum predio para o usarem e desfructarem, por huma determinada paga que devem satisfazer ao dono, ou senhorio. Mas chama-se especialmente *colono* o que arrenda hum predio rustico; e chama-se *inquilino* o que arrenda hum predio urbano, e principalmente cazas para habitar. O primeiro paga huma *pensão*, o segundo hum *aluguer*. (Veja-se o artigo 222.)

459

Impubere — Pupillo — Menor

Impubere he o individuo masculino ou feminino da especie humana, que ainda não chegou á idade da puberdade, a qual se fixa commummente para o primeiro nos quatorze, e para o segundo nos doze annos completos.

Pupillo he o *impubere,* que deixa de estar no poder paterno, ou por morte do pai, ou por outra alguma causa.

Menor he o que tendo já chegado á puberdade, não tem comtudo a idade determinada pelas leis para se reputar maior, e poder governar e administrar os seus bens. Esta idade he entre nós a dos vinte e cinco annos completos.

460

Terreno — Territorio — Terra

Terreno refere-se com mais propriedade á agricultura: *territorio* á auctoridade publica e á jurisdicção.

Hum *terreno* he secco, humido, productivo, fecundo, &c. Hum *territorio* he extenso, limitado, demarcado, fechado ou aberto, &c.

Dizemos que tal ou tal *terreno* he proprio ou improprio para certo genero de plantações ou sementeiras: e que o *territorio* de tal acaba em taes lugares, ou abrange taes povoações, &c.

Terra he termo mui generico: ora se entende pelo globo, em geral, que habitâmos, ora pela cidade, villa ou lugar, em que nascemos, e que se diz ser a nossa *terra,* ora pela qualidade do solo com respeito á agricultura, que dizemos ser *terra* boa, *terra* de pão, *terra* de

prado, &c., ora por alguma porção notavel da sua su
perficie, como *terra* de França, *terra* de Italia, &c.

Terreno e *territorio* tem significações mais especifi
cas.

461

Preguiça—Acidia

Na linguagem dos theologos moralistas, falando do se
timo vicio capital, emprega-se algumas vezes o vocabul
acidia quasi como synonymo de *preguiça*. O mesmo Blu
teau, no *Vocabulario* diz: «*Acidia,* hum dos sete pec
cados mortaes, a saber: *preguiça* e *negligencia,* com qu
a alma se retira das cousas espirituaes e divinas». Ma
nessa mesma linguagem, e nesse mesmo sentido, ha en
tre os dous vocabulos huma notavel e mui substancia
differença.

Preguiça he fugir das cousas espirituaes, como diffi
ceis, laboriosas, molestas. *Acidia* he fugir das cousa
espirituaes por tedio, aversão, repugnancia, aborreci
mento, e talvez desprezo.

A *preguiça* sacrifica o dever religioso á inacção,
inercia, que he o caracter do preguiçoso. A *acidia* abor
rece a obrigação religiosa; e a desprezaria e repugnaria
aindaque lhe não custasse esforço, ou trabalho algum.

462

Obrepticio—Subrepticio

São dous vocabulos mui frequentes na linguagem ju
ridica, mas nem sempre usados conforme a sua verda
deira differença.

Obrepticio he formado do Latim *ob-repo: subreptici*
do Latim *sub-repo*. O primeiro exprime o que se offerec

á vista ou consideração de outrem occulta e fraudulentamente, e como por baixo de mão: o segundo exprime o que se subtrahe ao conhecimento e consideração de outrem, com fraude e occultamente.

Assim no sentido juridico ha *obrepção*, quando, v. gr., astuta e artificiosamente se allega, ou offerece como verdade a falsidade: e ha *subrepção*, quando se subtrahe a verdade, ou parte della ao conhecimento do superior ou juiz.

Huma allegação, supplica, ou representação he *obrepticia*, quando com malicia apresenta factos falsos: he *subrepticia*, quando occulta a verdade, ou parte della, ou as circumstancias, que a farião conhecida no seu verdadeiro aspecto.

Hum rescripto, huma resolução, huma ordem he *obrepticia*, quando foi dada sobre factos falsos, e falsamente allegados: e he *subrepticia*, quando foi dada sobre factos verdadeiros, mas desfigurados e diminutos, pela subtracção de circumstancias substanciaes, e que serião necessarias para o exacto conhecimento da verdade.

463

Fingido — Dissimulado

O *fingido* representa o que não he: o *dissimulado* encobre o que he. (Veja-se o artigo 370, em que já notámos a grande differença que ha entre *fingir* e *dissimular*, postoque algumas vezes se confundão, e se usem como synonymos.)

Diogo do Couto, Dec. 4.ª, liv. 8.º, cap. 14.º, falando de Abrahão Baxa, grande privado do Gram-Turco Soleimão, e encarecendo o muito que favorecia os christãos, diz que por esta causa a mãi e a mulher de Soleimão lhe chamavão *turco fingido e christão dissimulado*, querendo

nisto dizer que era *christão*, mas que o encobria e disfarçava, mostrando-se *turco* sem o ser. &c.

464

Rebanho – Grei – Armento – Manada

Rebanho he propriamente o ajuntamento de animaes quadrupedes que vivem de pasto. Parece ser o termo mais generico de que usâmos.

Grei he o rebanho de animaes menores, carneiros, cabrões, ovelhas, cabras, &c.

Armento he o rebanho de animaes maiores, bois, vaccas, cavallos, egoas.

Gado he termo collectivo.

465

Basto – Vasto

Estes dous adjectivos não são synonymos. *Basto* exprime o que he composto de muitas cousas postas mui juntas humas das outras, como *basto arvoredo, bastos salgueiros, mato basto de espinhos,* &c.

Vasto exprime o que he muito extenso, e excede nisso a medida ordinaria das cousas da sua especie: assim *cidade vasta, vastos desertos, vasta solidão,* &c.

466

Penna – Pluma

Penna diz-se das que são mais grossas, e mais duras, como são as das azas e caudas das aves. *Pluma* he proprio para exprimir as outras *pennas* mais brandas, mais

pequenas, mais macias, ao tacto das quaes he revestido o corpo das aves. Assim dizemos que a ave começa a *emplumar* quando começão a nascer-lhe as *plumas*, ou a *plumagem* por todo o corpo: e dizemos que está *empennada*, ou começa a *empennar*, quando tem chegado ao crescimento conveniente para se formarem e tomarem consistencia as *pennas* maiores das azas e cauda. *Pluma* porém he tambem maior e mais grossa que a simples *pennugem*, porque esta consiste nos primeiros *pellosinhos* que apontão, quando a ave começa a querer *emplumar*. Assim dizemos analogamente a *pennugem* da barba do homem, o primeiro pello fino, tenue, brando, que aponta; e *pennugem* da fructa, v. gr., do pecego, o cotão que elle tem sobre a casca, &c.

467

Tyranno — Despota

Estes vocabulos na sua origem grega significão simplesmente o senhor, o principe, que governa huma provincia, cidade ou reino, com auctoridade e poder absoluto. Mas no uso das linguas modernas tem cada hum delles tomado huma significação propria, que os distingue entre si. Chamâmos *despota* o que governa com poder e auctoridade absoluta, isto he, que se julga superior ás leis e isento dellas; que não tem outras regras, nem outras leis de governo senão o seu entender, ou a sua vontade e o seu querer; que julga poder fazer tudo o que lhe apraz, sem attenção aos merecimentos, direitos, ou justiça dos subditos; emfim *que os governa como hum senhor a seus escravos*, que he propriamente e em rigor o que quer dizer *despota*.

Chamâmos *tyranno* o que ao poder absoluto, e talvez usurpado do despotismo, ajunta hum caracter cruel e san-

guinario; que não faz caso algum, antes faz jogo da vida, da honra e dos bens dos subditos; que os sacrifica aos seus odios, ás suas vinganças, aos seus interesses, aos seus caprichos, ás suas suspeitas e desconfianças, e que tem por nada, ou talvez se compraz, de derramar sangue, ou de atormentar as miseraveis e desgraçadas victimas, que lhe estão sujeitas.

Por aqui se vê a differença que fazemos entre *despota* e *tyranno*, e se conhece tambem que postoque do *despotismo* seja mui facil passar á *tyrannia*, comtudo póde, absolutamente falando, haver hum *despota* que não seja *tyranno*, quando, v. gr., a bondade do coração, e a humanidade e natural brandura do *despota* supprir ao que lhe falta de respeito á auctoridade das leis, e ás santas e invariaveis regras da justiça e do dever.

468

Buscar — Procurar

Muitos vezes se empregão estes dous vocabulos como synonymos; mas ha entre elles huma differença bem notavel.

Buscar he fazer diligencia para achar e descobrir, v. gr., huma cousa ou pessoa que está escondida, que está encoberta, que se perdeo, ou está perdida, ou tambem huma cousa que está ausente para a trazer e fazer presente.

Procurar he curar, tractar com diligencia, com zêlo, talvez com empenho, huma cousa, hum negocio, huma pessoa, &c. He certo que quem *busca* huma cousa tem algum *cuidado* della, e neste sentido se póde dizer que a *buscámos*, ou *procurámos*. Mas esta synonymia não dá lugar a se dizer *buscar* por *procurar*. Assim *procurá-*

mos hum negocio, huma causa; e não a *buscâmos*. *Procurar* a morte a alguem, não he *buscal-a*, nem tambem se diz que *buscâmos* a administração, v. gr., dos bens e da pessoa do pupillo quando a *procurâmos*, e tractâmos della.

469

Reputação — Fama — Celebridade

Reputação parece exprimir precisamente o juizo, opinião, ou conceito que os outros homens fazem, ou tem de nós, com respeito aos costumes e procedimentos. Neste sentido se diz que tal, ou tal pessoa, tem boa ou má *reputação*, isto he, que a opinião dos outros lhe attribue bons ou maus costumes, bons ou maus procedimentos. E d'aqui vem que, quando queremos exprimir outro genero de reputação, acrescentâmos ordinariamente hum vocabulo que determine o nosso pensamento, dizendo, v. gr., que este ou aquelle homem tem boa, ou má *reputação litteraria;* tem grande *reputação de sabio;* tem *reputação de bom militar*, &c.

Fama he o juizo que corre no publico, ou conceito que se faz de nós em consequencia de qualidades, ou acções notaveis boas, ou más, mas que fazem falar de nós, e divulgar-se esse juizo communicando-se de huns a outros por palavras. Hum homem póde adquirir *fama* por suas virtudes eminentes, por algum talento util, por huma empreza difficil, por hum grande crime, e por qualquer acção publica e notavel em bem, ou em mal.

Celebridade he propriamente a fama do homem illustre em virtudes, ou talentos uteis, cujos louvores são exaltados por toda a parte, e em todos os tempos.

Reputação sómente convem ás pessoas: *fama* e *celebridade* tambem se applica ás cousas.

470

Jornada — Viagem — Peregrinação

Jornada parece ser propriamente a que se faz por terra de hum para outro determinado lugar, em que se gasta pelo menos hum dia, ou grande parte delle. Fazemos *jornada* de Lisboa a Coimbra, do Porto a Braga, &c.

Viagem parece que significava entre os antigos mais particularmente a que se fazia por mar. Hoje he tambem usado para significar jornadas continuadas a differentes terras, dentro ou fóra do paiz, ou mesmo jornada dilatada a huma determinada terra. Assim dizemos, fazer *viagem* ao Rio de Janeiro, á India, a Inglaterra; e tambem fazer huma *viagem* a França, a Allemanha; fazer huma *viagem* pela Europa, pelo reino, por huma provincia, &c.

Peregrinação exprime propriamente jornadas repetidas em terras estranhas, sem habitação permanente; andar em paizes estranhos de cidade em cidade, de reino em reino, &c. Hoje adopta-se nesta significação o vocabulo *viagem*; quasi que só empregâmos *peregrinação* para significar a viagem a terras estranhas emprehendida por motivo religioso, e neste sentido dizemos, fazer huma *peregrinação* a Roma, a Compostella, a Jerusalem, &c. Em estilo devoto diz-se que a nossa vida he *peregrinação*, porque em realidade, segundo a expressão de S. Paulo, *ad Hebr.*, v. 13 e 14, não temos no mundo cidade permanente, mas buscâmos a futura, aonde habitaremos para sempre.

471

Imposição — Impostura

Imposição quer dizer o acto de pôr sobre, e toma-se em sentido fysico, ou moral. *Imposição* de hum corpo

sobre outro corpo; *imposição* das mãos sobre o ordidando; *imposição* de hum tributo sobre os vassallos: *imposição* de hum preceito sobre os subditos.

Impostura quer dizer pôr sobre alguem crimes que não commetteo, para o accusar, e tambem pôr sobre si virtudes, ou qualidades, que não tem, para embair os outros.

472

Decencia — Conveniencia

A *decencia* consiste na conformidade das nossas acções, trajos, gestos e maneiras com os sentimentos e opiniões communs dos outros homens.

A *conveniencia* consiste na relação, ou conformidade das acções, trajos, gestos e maneiras de cada hum com a sua propria idade, emprego e condição.

He *decente* não ser porfioso na conversação; não falar sempre; não tomar a mão em qualquer disputa, quando estão pessoas de mais respeito, idade, ou saber, &c.

He *conveniente* á idade viril a sizudeza e reflexão, á mocidade a resolução e valor, ao magistrado a gravidade e sizudeza, &c.

473

Apreçar — Apreciar

São vocabulos que tem a mesma origem, mas a que o uso tem dado differente significação.

Apreçar he pôr preço, informar-se do preço de alguma cousa que entra em commercio, e he objecto de compra e venda.

Apreciar he propriamente dar estimação, ter em grande valor, prezar em muito, fazer apreço.

He do homem de juizo *apreciar* a saude; mas seria

rematada loucura *apreçal-a,* ou pôr-lhe preço, porque o não tem.

474

Preço — Apreço

Preço he o custo da cousa, o que se dá por ella ao vendedor, a somma de dinheiro que se dá em troca de alguma cousa ao proprietario della.

Apreço he a estimação que se faz da cousa ou pessoa; o caso que della se faz; a conta em que se tem.

Põem-se *preço* ás cousas que são objecto de commercio; faz-se *apreço* das cousas e pessoas sem relação alguma ao seu valor commercial.

475

Desgraça — Adversidade — Calamidade — Desastre

Desgraça he accidente infeliz, que mostra o homem decahido da graça de alguma pessoa, ou da fortuna.

Adversidade he *caso adverso,* golpe da fortuna contrario aos nossos projectos, ou esperanças, ou aos meios que buscavamos para nossa felicidade.

Calamidade he propriamente grande accidente infeliz nascido de fenomenos naturaes. Hum terremoto, huma inundação, hum incendio, são *calamidades.*

Desastre he infortunio casual e não esperado, nem presumido, que parece só podia resultar da má estrella do sujeito. A morte do Principe D. Affonso, filho de el-Rei D. João II, foi *desastrada.*

Muitas *desgraças* continuadas fazem o homem *desgraçado.* Huma serie de *adversidades* fazem o homem infeliz, sem prosperidade. Huma *calamidade* faz huma epocha *calamitosa* na historia de hum povo, ou de huma

nação. Hum *desastre* faz *desastrado* o successo, e o momento em que succedeo.

476

Aspecto — Continencia — Catadura

Aspecto he o parecer do semblante, o que vemos, ou se nos representa no semblante de outrem.

Continencia he não só o *semblante,* mas tambem a pessoa, isto he, toda a apparencia do homem, emquanto indica o seu estado da alma. Comprehende a composição do rosto e membros, e a postura do corpo relativa á expressão das paixões, ou affectos de que o homem está possuido: em huma palavra o ar do rosto, e a postura do corpo.

Catadura sempre se usa em mau sentido, e significa o mau aspecto. *Catadura feroz, feia, horrenda, fera, temerosa, &c.*

Vieira, *Sermões,* tom. 6.º, pag. 110: «Mudou tanto de semblante e trajo que a catadura, como verdadeiramente de guerra, era cheia de fereza e de horror, e as roupas não inteiras, mas rasgadas, tintas todas em sangue».

477

Attenção — Reflexão — Contemplação

Attenção he o estado da nossa alma, quando se fixa sobre o objecto presente examinando-o de todos os lados para bem o conhecer e distinguir de qualquer outro.

Reflexão he a operação da nossa alma, quando successivamente, e mais de huma vez, volta ao mesmo objecto com o intento de o examinar novamente, ou mais de espaço.

Contemplação he a attenção fixa por longo tempo,

profunda e não interrompida, sobre hum mesmo objecto, que muito nos agrada, ou nos importa, ou excita por algum motivo o nosso interesse, ou a nossa admiração.

478

Alvoroço — Alvoroto

Não são synonymos. O primeiro significa a *alegria inquieta* que se experimenta em hum bem presente, que muito se desejava, ou com a esperança proxima de o possuir, ou com huma cousa de gosto repentina e não esperada. O segundo significa commoção popular, motim talvez sedicioso por causa publica, revolta de gente por causa de perigo real, ou apprehendido.

479

Ter esperança — Ter confiança em alguem

Ter esperança em alguem he aguardar hum bem que appetecemos, e que presumimos que essa pessoa nos dará.

Ter confiança em alguem he ter esperança nessa pessoa, com seguridade fundada em boas razões.

480

Ser — Estar

Ser refere-se á essencia e prosperidade do sujeito, e ainda ás suas qualidades e modificações habituaes. O homem *he* mortal; o homem *he* dotado de razão; este homem *he* bom, *he* rico; este edificio *he* grande, *he* regular; este livro *he* novo; a edição *he* elegante, &c.

Estar refere-se á posição, ou situação actual do sujeito, ao seu estado. Este edificio *está* velho, *está* acabado; a caza *está* fechada; este homem *está* pobre; aquelle que *era* homem de juizo, *está* louco; este livro que *he* bem escripto, *está* mal impresso, &c.

Ser exprime a existencia intellectual.

Estar refere-se á existencia real e aos seus modos.

Os classicos confundião estes dous verbos enganados talvez pelo latim.

481

Conversar com alguem — Conversar alguem

Conversar com alguem he ter conversação, entreter-se falando por algum tempo com essa pessoa.

Conversar alguem he tractar frequentemente, ou familiarmente com alguem, talvez conviver com essa pessoa.

482

Colher — Colligir

Colher he simplesmente haver a si, ajuntando, pondo em guarda.

Colligir he haver a si, ajuntando e pondo em guarda com escolha.

Colhem-se os fructos da terra no tempo proprio: *colligem-se* raridades, objectos das artes, plantas, moedas, pensamentos de hum ou mais auctores, &c.

Quem *colhe* faz huma *colheita:* quem *collige* faz huma *collecção.*

Quem faz *colheita* de livros, de manuscriptos, &c., forma huma bibliotheca: quem faz huma *collecção* de livros e manuscriptos, forma huma bibliotheca *escolhida.*

483

Demittir — Abdicar — Desistir — Renunciar — Despojar-se
Ceder — Repudiar

Demittir he deixar o officio, cargo, ou emprego publico. A *demissão* póde não ser voluntaria.

Abdicar he demittir voluntariamente, e diz-se com especialidade dos grandes cargos. *Abdicar* o reinado; *abdicar* a corôa, &c.

Desistir he deixar não proseguindo; *desistir* de huma demanda, de huma empreza, da execução de hum projecto, &c.

Renunciar he deixar voluntariamente a posse, o direito, a pretenção, e talvez o desejo e affeição de qualquer cousa.

Despojar-se he deixar os vestidos, tirando-os do corpo, e por ampliação, privar-se voluntariamente de alguma cousa, que nos he conjuncta, a que temos affeição, que nos he cara.

Ceder he deixar não resistindo, entregar a quem demanda, ou disputa, ou pretende isso que se cede.

Repudiar he deixar alguma cousa, cuja posse nos faria vergonha.

484

Penas — Afflicções — Cruz

Penas exprime todos os sentimentos desagradaveis, incommodos, ou dolorosos, que são inseparaveis da natureza humana, e que em maior, ou menor numero, e grão de força, acompanhão a todo o homem emquanto vive sobre a terra.

Afflicções são penas extraordinarias e mais activas,

nascidas dos varios accidentes infelizes, que o homem experimenta, ou pelo concurso de circumstancias casuaes, ou pela maldade dos outros homens, ou pela sua má direcção nos negocios da vida, ou emfim pelos erros graves do seu procedimento civil, ou moral.

Cruz he proprio do estilo devoto, e comprehende todas as penas e afflicções, que o homem padece nesta vida, considerados como meios de que a Providencia se serve com o intuito, ou de nos desprender do amor desordenado dos bens da terra, ou de nos punir e corrigir de nossos maus feitos.

485

Acolher — Agazalhar

Acolher he tomar a si de bom ou mau grado.

Agazalhar he acolher de bom grado; acolher abrigando, favorecendo.

486

Sizudo — Serio — Grave

Sizudo diz tanto como homem de sizo, de juizo; mas refere-se particularmente ao juizo prudencial, que o homem emprega nos procedimentos moraes e nos negocios da vida.

Serio diz particular respeito ao ar e maneiras externas do homem. He serio o que não he jovial, o que não mostra ar de graciosidade, e menos de zombaria.

Grave parece significar o homem sizudo e serio, que em tudo procede com sizudeza, peso e reflexão, e cujas maneiras externas são igualmente serias.

487

Discrição — Reserva

Discrição he dizer, ou fazer quanto he necessario e quanto basta. O discreto contém-se.

Reserva he abster-se de fazer, ou dizer. O reservado abstem-se.

488

Falta — Defeito

Falta he huma acção, ou omissão leve contra as regras do dever, nascida da humana fraqueza. Suppõe sempre culpa.

Defeito indica mais propriamente imperfeição natural, em que não tem parte, ou tem mui pouca parte a vontade do homem.

As *faltas*, que o homem commette no cumprimento de seus deveres, nascem ás vezes de *defeitos*, que a educação e a reflexão devêra ter corrigido.

O animal irracional nunca póde commetter huma *falta*, e póde ter muitos *defeitos*.

489

Historia — Conto

«Essa differença me parece que se deve fazer dos *contos* ás *historias* (diz Lobo, *Côrte na aldeia*. Dial. 10.°), que ellas pedem mais palavras que elles, e dão maior lugar ao ornamento, e concerto das razões, levando-as de maneira, que vão affeiçoando o desejo dos ouvintes: e os *contos* não requerem tanto de rhetorica, porque o princi-

pal, em que consistem, he na graça do que fala, e na que tem de seu a cousa que se conta.»

490

O ceo — Os ceos

Não são synonymos estas expressões, nem se devem usar promiscuamente em todos os casos.

Quando, por exemplo, dizemos *as aves do ceo*, não nos he permittido variar a expressão, e dizer *as aves dos ceos*.

A razão desta differença he que alguns antigos distinguião muitos *ceos*, e davam o nome *ceo*, v. gr., á região da atmosfera, *ao ceo* das estrellas, ao empireo, ou *ceo* altissimo, &c.

D'onde quando entendemos falar da atmosfera da terra, ou do espaço que vai d'ahi aos astros, podemos darlhe o nome de *ceo;* mas quando queremos falar do *ceo* mais elevado, usâmos melhor da palavra *ceos*, com a qual escusâmos o epitheto. Assim dizemos, v. gr., padre nosso que estás nos *ceos*. Outras vezes queremos que se entendão *todos os ceos*, e então usâmos tambem de *ceos* no plural, como quando dizemos Deos creou *os ceos* e a terra, &c.

491

Vergonha — Pudor — Pejo — Modestia

Vergonha quer dizer. perturbação da alma excitada pela idéa de alguma cousa que nos deshonra, ou que merece a desapprovação dos homens sensatos e virtuosos, ou que apprehendemos como tal, seguida ou acompanhada regularmente de côr no rosto.

Pudor he *vergonha honesta*. *vergonha* excitada pela

apprehensão do que offende, ou póde offender a honestidade, hum sentimento de temor e aversão que nos desvia e nos faz corar de tudo o que offende a honestidade e a modestia.

Pjeo he a embaraço do animo, talvez manifestado nas acções externas, causado pela vergonha, ou pudor.

Modestia he a composição externa dos gestos, falas, &c., propria para indicar os sentimentos internos.

492

Mortandade – Matança – Carneceria

Mortandade exprime grande numero de mortos, ou á força de armas na guerra, em tumulto, &c., ou por causas naturaes, como peste, epidemia, contagio, &c.

Matança he mortandade á força de armas.

Carneceria he matança de homens, ou de animaes.

493

Prazer – Delicia – Voluptuosidade

Prazer significa simplesmente qualquer sensação, ou sentimento agradavel.

Delicia he hum prazer mais exquisito, mais vivo, mais forte.

Voluptuosidade he o prazer sensual que resulta dos movimentos agradaveis e delicados, que experimentâmos nos orgãos dos sentidos.

Causa-nos *prazer* a vista de hum objecto formoso, o tacto de hum objecto macio, o descobrimento da verdade, a fortuna dos amigos, a consideração de havermos feito huma boa acção, &c.

Causa-nos *delicia* contemplar hum painel variado em

que a natureza ostenta as suas bellezas; hum edificio ricamente ornado pela arte e opulencia; gozar a conversação de alguns amigos virtuosos e sabios, que com reciproca franqueza e cordialidade se communicão os seus pensamentos; ler huma obra em que a cada passo se descobrem verdades uteis ennunciadas com gosto e eloquencia, &c.

Causa-nos *voluptuosidade* huma musica molle e effeminada; o gosto dos alimentos exquisitos. as sensações do amor, &c.

494

Cansaço – Fadiga – Afan

Cansaço he o effeito do grande trabalho, que quebranta as forças.*

Fadiga he o cansaço excessivo, que opprime e quasi tira as forças.

Afan he o effeito do trabalho penoso, que quasi tira a respiração. (Da raiz *han,* verdadeira onomátopêa que representa a respiração violenta de huma pessoa muito fatigada; som, que empregão os trabalhadores, como para tomarem a respiração e se darem maior esforço, quando querem descarregar hum grande golpe forte, puxar hum grande pezo, &c.)

Por onde se vê que estes tres vocabulos exprimem tres differentes gráos do estado do homem, que tem trabalhado muito.

495

Ignorante – Ignaro

Ignorante he o que não tem conhecimentos, ou o que não tem conhecimento de tal, ou tal objecto. ou sciencia, arte, &c.

Ignaro he o que não sabe nada, nem he capaz de saber.

Dizemos que hum homem he *ignorante*, quando não tem instrucção alguma: dizemos que he *ignorante* em historia, v. gr., quando pouco, ou nada sabe neste ramo de conhecimentos; e damos ao vulgo o epitheto de *ignaro*, porque elle nada sabe, nem he capaz de saber.

496

Onde – Em que – No qual

Todas estas expressões se podem usar indifferentemente, quando se referem ao *lugar*, e por isso dizemos com acerto: *a terra* onde *nasci, ou* em que, *ou* na qual *nasci; o lugar* onde, *ou* em que, *ou* no qual *vos avistei*, &c. Quando porém falâmos do *tempo* não podemos usar de *onde*, e por este motivo he errada esta frase: *nos tempos antigos*, onde *os reis não dedignavão os trabalhos da agricultura*, &c., devendo dizer-se *em que*, ou *nos quaes* os reis, &c.

497

Capaz – Habil – Idoneo

Capaz suppõe que ha da parte da natureza o que he preciso para alguma cousa.

Habil suppõe essa faculdade natural, expedita e facil.

Idoneo suppõe não só a capacidade e habilidade, mas tambem as mais circumstancias, que fazem o sujeito proprio para alguma cousa.

Capacidade refere-se ás faculdades naturaes. *Habilidade* refere-se ás faculdades cultivadas e desenvolvidas. *Idoneidade* refere-se a tudo o que deve concorrer no sujeito, para ser empregado.

O homem he *capaz*, v. gr., de aprender huma sciencia, quando tem os talentos proprios para ella. Está *habil* nessa sciencia, quando tem feito nella os necessarios estudos; e he *idoneo* para a ensinar, quando ajunta á *habilidade* os bons costumes, e caracter de mestre.

498

Pretender — Requestar

Pretender he fazer diligencia por alcançar.

Requestar he pretender com sollicitude, com instancia, com empenho.

499

Verdadeiro — Veridico

Verdadeiro diz-se das pessoas e das cousas, e refere-se: 1.º, á conformidade que ellas tem com as idéas que nós formâmos da sua natureza. Neste sentido dizemos que tal, ou tal substancia he verdadeiro oiro, verdadeiro marmore, verdadeiro porfido, &c., &c. Jesu-Christo he verdadeiro Deos e verdadeiro homem, &c. 2.º Tambem se usa particularmente para exprimir a qualidade moral do homem, que fala sempre a verdade, isto he, que diz o que julga ou sente, que não desmente nas palavras o que tem na sua mente, ou no seu coração. Neste sentido parece que esta expressão comprehende a *veracidade* e a *sinceridade*. E applica-se 3.º, finalmente, aos vocabulos pronunciados ou escriptos, quando elles exprimem os objectos significados, as idéas, juizos, ou factos acontecidos, taes como na realidade são, ou acontecerão.

Veridico, sómente se diz das pessoas quando narrão algum facto com verdade, ou das palavras com que hum facto se acha narrado, v. gr., este historiador he

veridico; esta historia he veridica, esta narração he veridica, &c., &c.

500

Maldade – Malicia – Malignidade – Ruindade

Maldade he a qualidade moral do homem que o inclina a obrar mal.

Malicia he a natural esperteza e astucia do homem para facilmente perceber, ou julgar o mal, ou talvez para pratical-o.

Malignidade he a qualidade moral do homem que se compraz em fazer mal aos outros, que se regosija com o mal alheio, que he inclinado a envenenar as acções dos outros, suppondo-lhes maus fins, ou intenções.

Ruindade exprime a maldade moral, ou fysica; mas he mais propria para exprimir a segunda: assim dizemos a *ruindade* de hum caminho, de huma caza, de hum discurse, &c., e não a *maldade,* &c.

501

Fundar – Instituir – Estabelecer

No sentido rigoroso destes vocabulos, *fundar* he pôr ou lançar os fundamentos; *instituir* he dar estatutos, leis, regulamentos; *estabelecer* he dar firmeza e estabilidade, permanencia, fazer fixo, estavel, duradouro, &c.

Quando pois estes vocabulos se applicão ás instituições sociaes, dizemos que alguem *fundou,* v. gr., hum collegio, quando lançou os primeiros fundamentos delle, traçando o seu plano, e talvez começando a executal-o; que o *instituio,* quando lhe deo leis, regras, estatutos; que o *estabeleceo,* quando lhe consignou rendas e o fez permanente.

Raras vezes acontece que hum estabelecimento publico possa ter este nome sem concorrerem as tres acções de *fundar*, *instituir* e *estabelecer*, e por isso usâmos os tres vocabulos quasi indifferentemente, quando não he necessario especificar cada huma das suas significações.

502

Posição – Situação

Posição, falando em todo o rigor, he a acção de pôr em lugar; mas confunde-se ordinariamente com o effeito desta acção, a que damos o nome de *postura*, e neste sentido differença-se de *situação*, em que *posição* significa precisamente a maneira com que o objecto está em hum lugar, e *situação* significa a *posição* com respeito aos arredores que cercão esse lugar.

Assim *posição* determina o lugar, o posto em que está o objecto; a *situação* determina a scena, a praça.

A *posição* he commoda, geitosa, recta, inclinada, &c.

A *situação* he bella, agradavel ou desagradavel, &c.

503

Causa – Motivo – Razão

São bem differentes em significação estes vocabulos, e comtudo não poucas vezes se confundem e se usão como se forão synonymos, assim na locução vulgar e familiar, como nos escriptos, dizendo-se quasi indifferentemente, v. gr., a *causa*, ou o *motivo* ou *razão* por que assim procedi, ou por que isto succedeo, &c.

Porém *causa* diz relação a effeito: *motivo* a movimento; *razão* a consequencia. A *causa* produz; o *motivo* move, inclina; a *razão* explica, demonstra, conclue.

A *causa* póde ser fysica ou moral, mediata ou immediata, &c. Todos os fenomenos do mundo tem sua *causa* e todas as *causas* tem huma primeira, que deo o ser e as leis ao mundo.

O *motivo* tem especialmente lugar nos fenomenos da vontade, he o que move, inclina, persuade o ser racional e livre a obrar deste ou daquelle modo, a fazer este ou aquelle acto.

A *razão* suppõe principios intellectuaes dos quaes nos servimos para explicar o fenomeno, e concluir que elle devia ser tal.

A *causa* que criou do nada o universo he a omnipotencia do Creador. O *motivo* (se nos he dado examinal-o) por que Deos o criou póde ser a manifestação da sua gloria. A *razão* por que o criou não podemos dar outra, senão a propria vontade e omnipotencia de Deos, porque suppostos estes dous principios, bem e necessariamente se conclue delles a existencia do universo.

He verdade que muitas vezes não só indagâmos a *causa* que produzio o effeito, mas tambem a *causa* por que foi produzido, e a esta chamâmos *causa-motiva;* mas esta denominação he em rigor tão impropria como a de *causa-final*, e ambas ellas sómente tem lugar na linguagem metafysica, quando considerâmos como *causa* tudo o que de qualquer modo concorreo para que existisse o effeito, por cuja razão distinguimos tambem *causa* material, *causa* formal, *causa* instrumental, &c., &c.

Os *motivos* podem viciar a pureza de qualquer obra boa, assim como desculpar e talvez justificar a que parece má. Hum acto de virtude, se tem por *motivo* a vaidade, o interesse, os respeitos humanos, muda de especie, passa a ser vicioso.

Os *motivos* qualificão a acção. A *causa* sómente a produz. A *razão* explica-a.

O juizo condemna ou absolve o reo. A *razão* por que

o faz he porque a lei applicada ao facto assim o ordena; o *motivo* he a consciencia do dever; a *causa* foi o crime do reo, ou à sua innocencia provada.

504

Damno — Detrimento — Dispendio — Jactura

Damno parece ser o mais generico e indeterminado de todos estes vocabulos, e exprime a perda total, ou parcial de qualquer causa que he nossa, que está no nosso dominio.

Detrimento (do Latim *detero)* he (rigorosamente falando) a perda occasionada pelo longo uso, o qual gasta, diminue, arruina o objecto.

Dispendio he propriamente perda de dinheiro proveniente do custo da cousa, que causa esse *dispendio.*

Jactura, finalmente, he perda occasionada por accidente infeliz ou adverso; he como quando, v. gr., se lança a fazenda ao mar por temor do naufragio. (Do Latim *jacio-jactura).*

505

Lingua — Interprete

Damos o nome de *lingua* ao que fala por outrem, ou em nome de outrem; e damos o nome de *interprete* ao que traduz, explica e declara as palavras de duas pessoas que falão, ou escrevem em linguas diversas, e não se entendem.

Assim a significação de *lingua* he, rigorosamente falando, mais extensa que a de *interprete.*

O embaixador, v. gr., he *lingua* do Principe ou da nação que o envia, e não he propriamente *seu interprete.*

O homem que intervem entre dous em algum negocio,

levando e trazendo as proposições, ou respostas de hum para outro, he *lingua* de ambos, e não *interprete.*

O *interprete* he obrigado a verter exactamente e sem alteração as palavras que se pronuncião ou se escrevem. O *lingua* tem mais alguma liberdade, e como se não desvie em ponto notavel do pensamento de quem o emprega póde usar da sua propria frase, e ainda acrescentar o que lhe parecer conveniente para melhor intelligencia de quem o ouve, &c.

FIM DO TOMO VII

INDICE DOS ARTIGOS

INDICE DOS VOCABULOS